

Chelsea
CAIN
KILL
YOU
TWICE

TE MATO DUAS VEZES



ÍNDICE

[Kill You Twice](#)

[Créditos](#)

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)
[CAPÍTULO 33](#)
[CAPÍTULO 34](#)
[CAPÍTULO 35](#)
[CAPÍTULO 36](#)
[CAPÍTULO 37](#)
[CAPÍTULO 38](#)
[CAPÍTULO 39](#)
[CAPÍTULO 40](#)
[CAPÍTULO 41](#)
[CAPÍTULO 42](#)
[CAPÍTULO 43](#)
[CAPÍTULO 44](#)
[CAPÍTULO 45](#)
[CAPÍTULO 46](#)
[CAPÍTULO 47](#)
[CAPÍTULO 48](#)
[CAPÍTULO 49](#)
[CAPÍTULO 50](#)
[CAPÍTULO 51](#)
[CAPÍTULO 52](#)
[CAPÍTULO 53](#)
[CAPÍTULO 54](#)
[CAPÍTULO 55](#)
[CAPÍTULO 56](#)
[CAPÍTULO 57](#)
[CAPÍTULO 58](#)
[CAPÍTULO 59](#)
[CAPÍTULO 60](#)
[CAPÍTULO 61](#)
[CAPÍTULO 62](#)
[CAPÍTULO 63](#)
[CAPÍTULO 64](#)
[CAPÍTULO 65](#)
[CAPÍTULO 66](#)
[CAPÍTULO 67](#)
[CAPÍTULO 68](#)
[CAPÍTULO 69](#)
[CAPÍTULO 70](#)

[CAPÍTULO 71](#)

[CAPÍTULO 72](#)

[CAPÍTULO 73](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Sobre a Autora](#)



Kill You Twice

TE MATO DUAS VEZES

Chelsea Cain

Publicado pela primeira vez em 2012 por Pan Books

Edição eletrônica publicada em 2012 por Pan Books
uma marca da Pan Macmillan, uma divisão da Macmillan Publishers Ltd.
Pan Macmillan, 20 New Wharf Road, London N1 9RR
Basingstoke e Oxford

ISBN 978-0-230-76726-3 EPUB

Copyright © Verite Inc. 2012

O direito de Chelsea Cain de ser identificada como a autora deste trabalho foi afirmado por ela, de acordo com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Você não pode copiar, armazenar, distribuir, transmitir, reproduzir ou disponibilizar esta publicação (ou qualquer parte dela) em qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, digital, óptico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro), sem a permissão prévia por escrito do editor. Qualquer pessoa que faz qualquer ato não autorizado em relação a esta publicação pode ser passível de procedimento criminal e cível de indenização.

Este livro não foi publicado no Brasil
Tradução feita por recreação e sem interesses comerciais.
Prestigie o autor e compre o livro quando houver oportunidade

Sinopse

Archie Sheridan deveria estar curado - mental e fisicamente - de seu passado aterrorizante com a serial killer Gretchen Lowell. Mas, quando parece que ele está fazendo algum progresso, ele se sente tão assombrado como no dia em que ela o libertou. Ele tenta se concentrar em seu trabalho: um ciclista encontrou um cadáver no Mount Tabor Park, no lado leste de Portland. O homem estava amordaçado, com o tronco esfolado e pendurado pelos pulsos em uma árvore. Foi o trabalho brutal de um assassino ousado o suficiente para torturar a vítima por horas em uma manhã ensolarada de verão em um grande parque público. A investigação não está indo muito longe até que Archie recebe um telefonema de uma fonte improvável. Na verdade, depois de meses ignorando as chamadas de um médico do hospital psiquiátrico onde Gretchen deveria ficar trancada para sempre, Archie fica surpreso ao saber que ela afirma ter conhecimento sobre a nova investigação e então ele finalmente concorda em vê-la cara-a-cara. Archie tem certeza que ela está blefando só para chegar perto dele, mas ele não pode correr o risco de perder a sua única pista. Uma coisa é certa: Gretchen Lowell está de volta no emocionante quinto thriller desta série, e Archie deve decidir se para apanhar um assassino valerá a pena enfrentar seus demônios mais uma vez.

Para Carolyn Keene.
Eu me recuso a acreditar que você não é real.

Sweet as sugar
Hard as ice
Hurt me once
I'll kill you twice

*Doce como açúcar
Duro como gelo
Me machuca uma vez
Eu vou matá-lo duas vezes.*

Autor Desconhecido



CAPÍTULO 1

Archie Sheridan dormia com a luz acesa. Os comprimidos em sua cabeceira eram Ambien, para insônia. Um ano atrás eles eram analgésicos. Vicodin. Oxycodona. Uma fileira alegre de frascos de plástico âmbar. Agora, a mesa parecia vazia e sem bagunça. Apenas o Ambien, um telefone celular, um copo com água de torneira, e uma luminária vermelha da IKEA.

Sua arma estava na gaveta. Nas noites em que as crianças não estavam lá ele dormia com ela carregada.

O frasco de Ambien estava intacto. Archie só gostava de saber que estava lá. Comprimidos para dormir deixavam Archie grogue, e este não era um luxo que ele poderia se permitir. Se o telefone tocasse, se alguém morresse, ele precisava ir trabalhar.

Além disso, o problema não era dormir. Ele estava caindo de sono. Ele acordava todos os dias às três horas, e ficava acordado por uma hora. Era assim desde a enchente. Agora ele ia para a cama uma hora mais cedo. Compensando. Ele não se importava com isso. Enquanto ele controlava seus pensamentos, não deixando sua mente vagar por lugares ruins, ele estava bem. Focar o presente. Evitando o escuro.

A luminária estava acesa e seu metal vermelho estava ficando cada vez mais quente.

Três e dez da madrugada, Archie olhou para o teto. O apartamento estava abafado, mesmo com a janela do quarto aberta. Ele podia ouvir o barulho distante da equipe de construção que ainda estava trabalhando no conserto dos danos causados pelas inundações no centro da cidade. Eles estavam trabalhando em turnos há três meses, e a cidade ainda parecia destruída.

Se não era o barulho da construção, eram os trens que ele ouvia na noite: os motores, os apitos, as rodas sobre os trilhos. Eles viajavam pelo Distrito Comercial de Portland o tempo todo.

Archie não se importava com o barulho. Ele o fazia lembrar que não era o único acordado.

Todo mundo tinha uma receita para a insônia. Tomar um banho morno. Exercício. Beber um copo de leite morno. Comer um lanche antes de dormir. Beber chá de ervas. Evitar cafeína. Escutar música. Receber uma massagem.

Nada funcionou.

Sua psiquiatra disse para ele ficar na cama.

Nem sequer leia, ela disse. Isso só tornaria mais difícil voltar a dormir de novo.

Ele só tinha que ficar lá, deitado.

Mas seu travesseiro era muito plano. O colchão usado que ele tinha comprado gemia cada vez que ele se virava.

O calor fazia suas cicatrizes coçarem. A pele nova estava esticada e pinicando, lembrando-o de todos os lugares que a lâmina havia cortado sua carne. Seu peito estava cheio de cicatrizes. Os pelos escuros brotavam em torno dos cortes rosa pálido, incapazes de crescer através da carne dura.

Esse tipo de coceira, no meio da noite, pode deixar uma pessoa louca, e, às vezes, enquanto dormia, ele arranhava suas cicatrizes até sangrarem.

Archie passou a mão ao longo de seu corpo, as cicatrizes em relevo sob seus dedos, e, em seguida, sobre o peito, onde seus dedos encontraram a cicatriz em forma de coração que tinha sido esculpida com um bisturi. Então ele fechou a mão, virou de lado, e prendeu-a sob seu travesseiro.

Quatro e dez da madrugada.

O celular de Archie tocou. Ele virou na cama e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Tinha dormido dez minutos. Parecia mais. Seus olhos parecendo cheios de areia e a língua grossa. Seu cabelo estava molhado de suor. Ele estava de bruços, nu, metade de seu rosto esmagado contra o travesseiro. Quando estendeu a mão e se atrapalhou com o telefone, derrubou o frasco de Ambien, que tombou e caiu da mesa de cabeceira e parou em algum lugar debaixo da cama.

Archie aproximou a tela brilhante de LCD do telefone até o rosto e reconheceu imediatamente o número.

Ele sabia que deveria deixar ir para a caixa postal.

Mas ele não deixou.

“Oi, Patrick,” Archie disse ao telefone.

“Eu não posso dormir”, disse Patrick. Sua voz era um sussurro tenso. Provavelmente tentando não acordar seus pais. “E se ele voltar para me pegar?”.

“Ele está morto”, disse Archie.

Patrick ficou em silêncio. Não convencido.

O relatório oficial era morte por afogamento. Uma meia-verdade. Archie tinha mantido a cabeça do sequestrador de Patrick debaixo d’água, e quando ele estava morto, empurrou seu corpo para a correnteza do rio transbordante.

O cadáver ainda não tinha aparecido.

“Acredite em mim”, disse Archie. *Porque eu o matei.*

“Você vai vir me visitar?”, Patrick perguntou.

“Eu não posso agora”, disse Archie.

“Posso ir visitá-lo?”.

Archie rolou de costas e esfregou a testa com a mão. “Eu acho que seus pais querem manter você por perto agora.”

“Eu os ouvi falando sobre mim. Eles querem me dar remédio.”

“Eles estão tentando ajudá-lo a se sentir melhor.”

“Eu tenho um segredo”, disse Patrick.

“E você quer me dizer o que é?”, Archie perguntou.

“Ainda não.”

Archie não queria forçá-lo. Não depois do que Patrick havia passado. “Tudo bem”, disse.

“Você pode contar comigo?”, pediu Patrick. Era algo que Archie tinha feito com seu próprio filho. Contar respirações para ele conseguir dormir. Patrick e Ben tinham nove anos. Mas a experiência de Patrick o tinha afetado. Ele era maduro sem ser sofisticado.

“Claro”, disse Archie. Ele esperou. Ele podia ouvir Patrick se remexer e imaginou ele enrolado no sofá da sala de estar de sua família, o telefone colado no ouvido. Archie nunca tinha visto aquele sofá, aquela casa, mas ele tinha visto fotografias no arquivo da polícia. Ele podia imaginá-lo.

“Um”, disse Archie. Ele parou e ouviu quando Patrick respirou e exalou. “Dois.” Archie sentou-se na cama. Patrick bocejou. “Três.” Ele colocou os pés no chão. “Quatro”. Levantou-se. “Cinco.” As janelas de seu quarto eram originais, compostas por dezenas de painéis de vidraças retangulares no estilo fábrica. Archie passou os dedos sobre o vidro, ele podia sentir as pequenas ondulações na superfície.

“Seis”.

Ele foi até a janela. “Sete.” A luz do abajur estava acesa, e ainda estava bastante escuro lá fora, Archie viu sua própria imagem no reflexo do vidro. Ao se aproximar, seu reflexo desapareceu e a cidade apareceu. Pela janela via o Willamette fazer uma curva ao norte, cortando a cidade ao meio. Um fio de luz ao longo da silhueta do West Hills marcava o primeiro indício de madrugada. O rio estava quase lilás.

“Oito”.

O alarme de ré de um caminhão chamou sua atenção. A janela do quarto estava aberta, era articulada no topo e abria para fora horizontalmente. Archie olhou para a rua abaixo.

“Nove”.

Os postes ainda estavam acesos. As ruas eram largas o bastante para que os grandes caminhões cheios de maçãs e morangos pudessem passar. Mas, ultimamente, os caminhões não costumavam rodar mais por ali. Os armazéns agora eram ocupados, na sua maioria, por lojas de materiais de escritório, galerias de arte, lojas de antiguidades asiáticas, cafés, e micro cervejarias. Era bem localizado e barato,

contanto que você não se importasse com os trens que passavam pelo bairro a cada hora.

“Dez”.

O caminhão lá embaixo tinha encostado na entrada de carga do edifício de Archie e parou. Um sedan preto parou ao lado dele. Dois homens saíram da cabine do caminhão e deram a volta. Uma mulher saiu do carro preto. Archie sabia que ela era uma mulher da mesma maneira que sabia que os homens no caminhão eram homens. O jeito como ficavam parados em pé, como eles se moviam, as formas escuras de seus corpos sob o brilho amarelo dos postes. A mulher disse alguma coisa para os homens, e, em seguida, deu alguns passos para trás e os homens começaram a descarregar grandes caixas de papelão do caminhão.

Era um caminhão da transportadora U-Haul.

Alguém se mudando para o prédio. Às quatro da manhã.

Archie tinha parado de contar.

“Patrick?”.

A outra extremidade da linha estava silenciosa.

“Boa noite,” Archie sussurrou.

Ele desligou. Eram quatro e dezessete. A cama o chamava. Ele ainda poderia dormir algumas horas antes de ter que ir para o escritório. Quando se afastou da janela ele imaginou ter visto a mulher olhando para ele.



CAPÍTULO 2

Jake Kelly só bebia café com o selo da fundação *Fair Trade*. Era a garantia de um rendimento mínimo para os produtores de café de países pobres, que de outra forma seriam escravizados por um preço inferior ao custo de produção, forçando-os a um ciclo de endividamento e de pobreza além de garantir que crianças não eram forçadas a trabalhar nas lavouras. Jake precisava de uma xícara. Ele precisava da cafeína. Mas no centro só tinha Yuban. Ele podia sentir o aroma de noz do café torrado à francesa flutuando no ar enquanto era preparado. Ele estava tentado? Sim. Mas então ele pensou nos povos indígenas da Guatemala, trabalhando por centavos nos campos de café. Cada escolha que uma pessoa fazia, o que comprar ou não comprar, o que comer e beber tinha o poder de mudar vidas. Você era ou parte da solução ou parte do problema.

Ele se concentrou no trabalho que estava fazendo.

O truque para limpar uma chapa era usar sal grosso. Jake deixou a chapa esfriar e, em seguida, raspou-a com uma espátula de plástico. Os resíduos da massa de panqueca carbonizada se desfizeram em pequenos pedaços. Ele trouxe suas próprias luvas de borracha amarelas. O centro não tinha nenhuma, e não parecia certo lhes pedir que gastassem dinheiro com esse tipo de coisa. Ele trouxe o sal grosso também. Era da Morton, em uma caixa azul com uma garota de vestido amarelo carregando um guarda-chuva no rótulo. Ele polvilhou mais um pouco de sal na chapa. Os grânulos brancos grossos saltaram espalhando-se no ferro fundido como granizo chovendo sobre a calçada. Ele não queria usar sabão ou detergente. Jake esfregou a chapa com um pedaço de pedra-pomes, moendo o sal contra a superfície até seus dedos doerem. Então ele usou um pano úmido para tirar todo o sal e sujeira que havia se soltado. Passou o pano cinco vezes até que a superfície da chapa brilhasse.

Ele ainda não tinha terminado. Abriu a tampa plástica de uma garrafa, tamanho econômico, de óleo vegetal e chuvejou um fio de óleo no ferro fundido. Então, com outro pano espalhou por toda a superfície da chapa. Mais fuligem. Mais trabalho com o pano. Pequenos movimentos circulares. Começando pelo centro. Passando por toda a chapa.

Ele estava curvado, olhando a superfície da chapa, inspecionando seu trabalho, quando Bea, a diretora do centro, entrou na cozinha carregando um cesto plástico de

roupas cheio até a borda com lençóis sujos. Ela era uma mulher robusta, com idade suficiente para ser a mãe de Jake, com o cabelo desgrenhado e os olhos ansiosos como os de alguém que tinha acabado de descer de um conversível após correr em alta velocidade.

“Você ainda está aqui”, disse ela.

Jake olhou para o relógio do forno e percebeu que seu turno havia acabado há mais de uma hora.

“Estou limpando a chapa”, ele explicou.

Ela sorriu. “Você não tem que fazer isso.”

“Eu não me importo.”

“A última voluntária usava apenas toalhas de papel e detergente”, disse ela.

“Tenho certeza que ela fez o que achava ser o melhor.” Antes ele também não sabia como limpar uma chapa. Mas ele a tinha visto durante seu tour de apresentação na cozinha, e depois ele pesquisou. Ele tomou notas, copiando todos os pontos interessantes de vários sites. As pessoas poderiam ficar muito apaixonadas pelo cuidado adequado com as chapas. Depois de ler as coisas que encontrou na Web, Jake começou a se perguntar se não seria mais fácil simplesmente fazer panquecas em uma frigideira. Ele pensou em sugerir isso, mas ele não queria criar confusão.

“Eu gostaria que tivéssemos mais voluntários como você”, disse Bea. Ela soprou alguns fios perdidos do cabelo grisalho da testa, equilibrou a cesta, e se dirigiu para a porta dos fundos.

Jake tirou as luvas amarelas, enfiou-as no bolso do avental e correu atrás dela para ajudar. “O que aconteceu com a lavanderia?”

“A lavadora está quebrada. Eu vou colocar isto no meu carro para não me esquecer de levar para casa esta noite.”

Jake nem sequer hesitou. “Eu levo”, disse ele.

Ela franziu a testa e levantou uma sobrancelha. “Sério?”

Jake pegou o cesto de roupa suja de suas mãos. Era mais pesado do que parecia. Ou talvez ela fosse mais forte do que parecia. “Deixe-me levar para minha casa. Eu tenho que lavar roupa de qualquer maneira esta noite. Eu posso trazê-la de volta amanhã.”

Bea cruzou os braços e balançou a cabeça com um sorriso. “Você é uma bênção, Jake.”

Jake sorriu. “Fico feliz em poder ajudar.”

“Você precisa de ajuda para levar até o seu carro?”, ela perguntou.

“Eu me viro, obrigado.”

Bea abriu a porta traseira para ele de qualquer maneira, e ele carregou a cesta até o seu carro. O centro tinha um pequeno estacionamento, cinco vagas, apenas o suficiente para funcionários e voluntários. Três dos carros no estacionamento eram

Prius prata. Jake levou a cesta para o seu Prius prata e colocou-a no chão para que pudesse abrir o porta-malas. Ele fez uma pausa para olhar para o céu. O sol da manhã em seu rosto estava quente e a brisa fresca de verão fazia cócegas no seu cabelo na nuca. Uma borboleta branca voava preguiçosamente pelo ar, entrando e saindo do seu campo de visão. Nem uma nuvem no céu. Jake fechou os olhos e virou o rosto para o sol. No noroeste do Pacífico, dias como este eram preciosos.

Ele sentiu o cheiro de alguma coisa - sândalo? cravos? - e abriu os olhos. A borboleta tinha ido embora.

Então ele ouviu uma pancada, como um bastão de baseball batendo num melão e sentiu uma dor aguda na cabeça que fez ele cair. Demorou alguns segundos para perceber que as duas sensações estavam relacionadas. Enquanto ele estava lá no concreto, deslizando para a escuridão, a última coisa que ele viu foi o cesto de roupa suja ao lado dele, uma névoa fina de sangue espirrada nos lençóis sujos, como orvalho.



CAPÍTULO 3

Carne humana tinha um cheiro particular. Era sangue e carne, metálico e salgado, fezes e gordura. Como o fedor de um abatedouro de bois, mas diferente.

Azedo.

Era um cheiro que Archie tinha dificuldade em descrever, mas que sempre reconhecia imediatamente.

Os pulsos e os tornozelos do homem morto foram amarrados com uma corda e ele estava pendurado no galho mais baixo de um cedro, com as mãos amarradas no galho para que ficasse pendurado como um enfeite de Natal macabro, seus pés descalços a alguns centímetros do chão. Ele parecia ter sido esfolado do pescoço para baixo. Os músculos vermelhos da parede torácica emitiam um brilho de sangue, e a gordura amarela exposta em fios, parecendo uma renda, era quase bonita contra a carne nua.

O sol de verão do fim de semana estava alto e brilhante, e havia uma brisa fresca que desmentia o final de tarde calorento que estava por vir. Raios de sol perfuravam os ramos dos cedros. Os cabelos claros do cadáver flutuavam suavemente junto das folhas. Ele parecia ter seus trinta e poucos anos, altura e peso médios. Era difícil dizer.

Aos pés do cadáver, já marcado com uma bandeira de provas, havia um lírio branco murcho.

Galhos de cedro cobriam o chão sob o corpo, e onde os pedaços de cedro davam lugar a terra, ela tinha sido limpa com um ramo, apagando qualquer pegada.

Archie inclinou seu ouvido para escutar os sons distantes de crianças brincando através da floresta.

Henry tinha chegado ao local primeiro, e sua cabeça raspada já estava brilhando com pequenas gotas de suor. Ele olhava para longe. “Playground”, explicou.

Archie conhecia o parque. Ben e Sara brincavam lá.

Eles estavam no Mount Tabor, que era menos uma montanha e mais uma colina impressionante, com grandes aspirações. Ele se erguia ao lado leste de Portland, um cone vulcânico adormecido, as suas encostas cobertas com elegantes casas históricas, aninhadas entre antigas florestas de coníferas. O topo do Mount Tabor era um parque arborizado. Havia trilhas. Quadras de tênis. Áreas para piquenique. Um reservatório de água cercado de pedras irregulares. Um parque popular. Todo mês

de agosto centenas de Portlandenses adultos construíam carrinhos de rolimã estilizados e decorados, vestiam fantasias , e desciam desde o topo do parque, pela estrada sinuosa até o pé da colina.

“Eu vou limpar a área”, disse Henry. Virou-se e dirigiu-se em direção a uma das unidades de patrulha na estrada. Ele ainda mancava, mas Archie poderia dizer que ele se esforçava para esconder.

“Como ele está?” Robbins perguntou quando Henry estava fora do alcance da voz. Robbins tinha aberto seu kit de médico legista, e já tinha ensacado as mãos do cadáver. Agora, ele estava com as mãos nos quadris de seu macacão branco de fibra plástica, estudando o corpo como um açougueiro avaliando um corte de carne.

“Ainda fraco”, disse Archie.

“Fazendo fisioterapia?”, Robbins perguntou.

“Sim”, disse Archie. Henry, supostamente, deveria visitar um fisioterapeuta duas vezes por semana. Mas era difícil manter os compromissos sendo um policial. Homicídios sempre aconteciam em horários inconvenientes.

O leito macio de agulhas de cedro no chão sob o corpo estava encharcado de sangue, e quando Archie se aproximou da vítima, teve o cuidado de não pisar nele. O sangue que escorre da vítima, enquanto ainda está viva, coagula. Era o que impedia as pessoas de sangrarem até a morte cada vez que cortavam um dedo descascando batatas. Supondo que você não corte uma artéria, uma ferida aberta não vai jorrar, mas irá derramar algo vermelho, espesso e pegajoso, como mel. Sangue coagulado ainda pendia dos pés do cadáver em fios viscosos.

Ali em pé Archie estava quase olho no olho com o cadáver. O assassino havia suspenso sua vítima intencionalmente, Archie pensava, para que eles pudessem ficar nariz com nariz. O assassino devia ter a altura de Archie, um metro e setenta e oito aproximadamente.

Não havia sido uma morte fácil. A mordaca improvisada tinha sido enfiada na boca do homem morto, forçando o queixo a quase tocar o pescoço e o rosto ficar inchado. A rigidez forçou seus lábios a irem para trás, de modo que seus dentes e gengivas sorriam loucamente ao redor da mordaca, fazendo sua boca parecer maior. Seu rosto estava congelado pela dor, os músculos da testa contraídos, sobrancelhas escuras levantadas, pés de galinha marcando sua testa. Suas pálpebras estavam contraídas, revelando um olhar fixo. Com a exceção de sua cabeça e dos braços, todo o seu corpo estava coberto de sangue.

“Dê uma olhada”, disse Robbins.

Archie se inclinou para a frente. Ele podia ver os pelos marrons nos ombros do corpo do homem morto. Ele deixou seus olhos percorrerem o corpo e viu o mesmo cabelo fino sobre as coxas do homem, mais grossos e encaracolados ao redor de seus órgãos genitais. Andando em um círculo lento em torno do cadáver, os ramos

pontiagudos de cedro sendo esmagados sob seus pés, Archie viu, entre os filetes de sangue, sardas e manchas de pele rodeados de vermelho. O homem não tinha sido apenas esfolado do pescoço para baixo. O assassino tinha retirado a sua libra de carne do tórax e do abdômen do homem. (*1) Depois a vítima tinha sido deixada para sangrar. Muito. Vagarosamente.

Archie estava ciente de Henry estar ao lado dele. Archie tinha que lutar contra o seu instinto de babá agora que Henry estava de volta ao trabalho. Ele não perguntava o que ele estava fazendo a cada dez minutos. Ele não perguntava se ele estava fazendo sua fisioterapia, ou tentava ajudá-lo a sair do carro. Nenhuma atenção especial. Era assim que Henry queria. Archie deu ao seu velho amigo alguns instantes para examinar a cena. Não demorou muito para Henry chegar à mesma conclusão que Archie tinha chegado. Henry coçou a barba por fazer e ajeitou os óculos de sol. O cadáver ensanguentado estava refletido em suas lentes espelhadas. “A quantidade de sangue no chão”, disse Henry. “Ele ainda estava vivo quando foi retalhado.”

“Os ferimentos parecem pré-morte”, Robbins concordou. “Ele foi morto entre quatro a seis horas.”

Archie afastou uma mosca para longe. Pessoas cautelosas não matam em lugares públicos. Pessoas cautelosas matam em apartamentos alugados, em estradas solitárias ou nos fundos de vans roubadas. É necessário um tipo especial de pessoa para cometer um assassinato. É necessário um tipo ainda mais especial de pessoa para cometer um assassinato em um lugar público e dispendar muito tempo fazendo isso. Isto não era um bom presságio. Estas pessoas que não fazem escolhas lógicas eram difíceis de prever, o que as tornava mais difíceis de capturar.

“O parque fecha à meia-noite, abre às cinco da manhã”, disse Henry. “Então, se eles chegaram num veículo foi ontem à noite ou hoje de manhã.”

“Você está achando que eles vieram juntos de carro”, disse Robbins.

“Talvez a vítima tenha vindo de livre e espontânea vontade”, disse Archie. “Talvez eles tenham se encontrado no parque. Talvez eles estivessem caminhando.”

“Ou pedalando”, disse Robbins, “numa bicicleta dupla.”

Henry ignorou. “Ninguém com este perfil foi reportado como desaparecido hoje”, disse Henry.

“Será que eles patrulham o parque durante a noite à procura de carros”, perguntou Archie.

“Eles deveriam”, disse Henry.

Era um parque grande. Um pouco de reconhecimento para descobrir quais áreas do parque não eram cobertas pela ronda noturna, e o assassino poderia ter levado sua vítima, torturado, matado, e depois saído após os portões abrirem de manhã.

Já era uma hora e quarenta e cinco. O corpo fora encontrado há uma hora. Archie

conseguia distinguir as marcas na terra onde o ciclista perdeu o controle e derrapou antes de bater sua bicicleta ao lado do tronco de um cedro. A bicicleta ainda estava ali, de lado, uma roda torta. Um espelho retrovisor tinha rachado e soltado do guidão e estava caído no chão a poucos metros de distância.

Debaixo do dossel escuro formado pelas copas coníferas dos cedros, Archie contou os holofotes montados de, pelo menos, três equipes de reportagem de televisão. As câmeras piscavam, a luz refletindo nas lentes. A fita de perímetro da polícia tinha sido generosa, mas com uma lente de zoom e algum ângulo criativo, as câmeras conseguiriam tirar uma tomada do corpo.

“Precisamos descê-lo”, disse Archie.

“Só esperando a ordem, chefe”, disse Robbins. Ele enfiou a mão no kit médico aberto, pegou dois pares de luvas de látex, e entregou para Archie e Henry.

Archie colocou as luvas em suas mãos. Mesmo depois de um ano, a esquerda ainda parecia errada sem um anel de casamento.

Algumas moscas zumbiam em torno da cabeça do cadáver. Uma pousou em seu olho aberto, agitou as asas por um momento, e depois voou para longe.

Robbins desenrolou um saco de cadáver branco no chão e, em seguida, abriu o zíper. Zíperes de sacos de cadáver não soavam como outros zíperes. O grande zíper de plástico rangia contra todos os dentes de plástico, descendo pelo lado e por toda a parte inferior do saco formando um J, carregando uma ameaça especial. Robbins abriu um bisturi e entregou a Archie. “Você corta”, disse ele. “Eu pego”.

“E eu?” Henry perguntou.

“Você fica lá e se eu reclamar que minhas costas não estão aguentando, me ajude. Caso contrário, tente não contaminar minha cena do crime.”

Havia um banquinho de plástico branco posicionado perto do corpo, e Archie subiu nele com a lâmina na mão. A corda em torno dos pulsos do corpo não parecia forte, e nem a amarração, Archie hesitou.

“Fotografei de todos os ângulos”, disse Robbins.

Robbins era o melhor médico legista que já tinha trabalhado com Archie. Não havia dúvidas. Archie segurou o galho com uma mão e começou a cortar a corda com a outra. Robbins foi para trás do corpo e colocou as palmas das mãos enluvadas nas costas do homem morto. Quando a corda soltou, o corpo caiu alguns centímetros até o chão. Ele não relaxou as costas ou caiu esparramado no chão. Ele caiu reto, como um dardo, com os braços em linha reta acima da cabeça, rígidos, seus dedos apontando. Robbins posicionou-o no saco, como uma peça de mobiliário.

Zip.

Robbins se levantou. Suas luvas de látex e os braços de seu macacão branco estavam manchados de sangue. “As mãos parecem boas”, disse ele. “Eu vou conseguir tirar um bom conjunto de impressões digitais.”

Archie desenrolou a corda do ramo e voltou para o chão.

“Nós olhamos em toda área em volta. Nenhum sinal das roupas dele.”

“Verifiquem as latas de lixo em todo o parque”, disse Archie. “E veja se há alguma coisa flutuando no reservatório.”

Henry estendeu um saco de provas e Archie largou a corda nele.

“Não é exatamente uma infinidade de pistas”, disse Henry.

“Há mais uma pista”, disse Archie. Ele se agachou ao lado do saco com o corpo, e abriu o zíper para expor a cabeça do homem morto. Então ele abriu a boca já escancarada do cadáver, desalojou a mordaca, e puxou-a para fora. Era um emaranhado de borracha branca e amarela, cobertos de saliva seca. Archie teve que usar as duas mãos para puxar cuidadosamente a mordaca, e após separá-la em duas partes, a borracha se revelou um par de luvas de borracha amarela usadas na cozinha.

Archie entregou as luvas para Robbins. “Tire as impressões”, disse Archie.

(*1) *Alusão à peça “O Mercador de Veneza” de Shakespeare.*



CAPÍTULO 4

Susan Ward fazia um excelente *trabalho* com as mãos.

Não foi fácil. Ela leu livros. Ela havia praticado. Tinha sido um trabalho árduo. Mas ela havia superado sua total falta de coordenação motora e dominara a técnica.

Ela pressionou a palma da mão contra a virilha de Leo, e segurou sentindo o calor de seu corpo sob os dedos. Ela soltou o cinto de couro italiano preto que ele usava e abriu suas calças, deslizando a mão por dentro da sua cueca boxer.

Ela adorava esta parte, a expectativa do controle.

Ele começou a dizer alguma coisa. “Shh”, disse Susan.

O corredor que levava ao banheiro estava escuro. Mas Susan tinha se posicionado de modo que pudesse olhar em volta para o bar do restaurante onde eles estavam. Ela podia ver o enorme balcão de madeira escura, a TV acima dele, a multidão almoçando em cadeiras altas, degustando seus petiscos e vinhos. Ela não via ninguém se aproximando. Com seu brilhante cabelo laranja - no tom da Manic Panic chamado Eletric Lava – ninguém deixaria de percebê-la. Isso fazia parte da emoção, a tensão que vinha com a possibilidade de exposição pública. Essa emoção fazia o rosto de Susan ficar quente e arrepiava seus braços.

A respiração de Leo se acelerou.

Deus, como ele era bonito. Ele era o namorado mais bonito que Susan já teve. Ela olhou para seu rosto, sua pele lisa e pálida, seu cabelo escuro, seus cílios. Ela lambeu os lábios e beijou-o de leve no queixo, sentindo uma vibração quente movendo-se através de seus lábios, pelo pescoço e peito, até seu *centro*.

Ela manteve a mão em movimento - unhas verde brilhantes, roídas até a carne - provocando-o. O rosto dele não se alterara. Ela gostava disso, seu autocontrole. Ele a olhou com seus olhos escuros, a boca transformou-se em um leve sorriso, sua expressão registrando apenas o mínimo de surpresa. Mas ele estava vivo debaixo de suas mãos, seu corpo respondendo ao seu toque. Ela usou uma mão para livrá-lo de suas calças, com cuidado para não quebrar o ritmo, ouvindo seu próprio pulsar interno.

A respiração de Leo era longa e lenta agora, como se ele estivesse se concentrando nela, mas sua expressão não se alterou.

Usou as duas mãos para continuar o *trabalho*. Com uma mão ela apertava o polegar e o dedo indicador em torno da base do pênis. Um amigo gay tinha lhe

ensinado isso. Aumentava a ereção. E geralmente, fazia o pênis parecer maior, o que, Susan tinha aprendido, era extremamente importante para cada um dos homens do planeta. A outra mão era mais delicada. Para cima e para baixo, girando e torcendo.

Isto não era uma manobra fácil. As primeiras vezes, que Susan tinha tentado, os músculos do braço se contraíram e ela teve que colocar gelo. Nada como um pacote de gel congelado para quebrar o clima.

Mas ela tinha praticado desde então, e agora podia chacoalhar, girar e torcer como um pianista em um concerto, o que quer dizer, de forma elegante e com a memória do corpo. Na verdade, significava que ela não precisava pensar nisso, bastava deixar a mão apenas chacoalhar, girar e torcer por conta própria.

Ela respirou o cheiro de Leo, a essência de sua loção pós-barba muito cara, o tabaco do cigarro ocasional, o amaciante da camisa. Ela sentiu-se tonta. Leo engoliu em seco e espalmou as mãos na parede atrás dela.

Ela podia sentir o seu ritmo. O objetivo estava em curso. Não havia como voltar atrás. Ele era todo dela.

Susan inclinou a cabeça alegremente em seu peito, os olhos um pouco acima do ombro, olhando em direção ao bar. Fazer um cara *gozar* dava-lhe uma enorme satisfação. Ela estava ponderando o significado psicológico desse ato, quando o logotipo do “Plantão de Notícias” chamou sua atenção para a TV. Fazia apenas três meses que ela tinha sido despedida do *Herald*, e ela ainda tinha uma reação Pavloviana toda vez via essas duas palavras. Suas pupilas dilatavam. Sua frequência cardíaca aumentava. Seus músculos ficavam tensos.

Leo colocou a mão em seu seio.

Susan concentrou-se na palma da mão, ainda mantendo um olho na TV.

Os olhos de Leo estavam fechados, seus lábios abertos. Chacoalhar, girar e torcer. Mas as legendas das notícias rolando na TV continuavam chamando por ela. Assassinato. Tortura. Mount Tabor.

Havia uma imagem de helicóptero de um bosque de árvores. Em seguida, uma imagem do chão, tirada à distância, de um corpo pendurado em um galho. Ela via Lorenzo Robbins ao lado do corpo, reconhecível pela sua pele escura e macacão branco.

Leo *gozou*, pegando-a de surpresa. Os músculos do estômago dele se contraíram e um jorro de sêmen quente jorrou na mão dela.

E naquele exato momento, Susan viu alguém que ela reconheceu na TV. Ele também estava de pé ao lado do corpo. Algo na floresta pareceu chamar sua atenção e ele olhou para cima, direto para a câmera, para o restaurante, para ela, para ela com o pau de Leo Reynolds em suas mãos.

“Archie”, disse ela.



CAPÍTULO 5

Archie estava no estacionamento sentindo o suor congelar na nuca

Era o meio da tarde agora, e o calor estava começando a se irradiar do asfalto. O *Centro Para Moças Life Works* estava localizado em uma velha casa de três andares no Sudeste de Portland, em um bairro cheio de antigas casas de madeira, a maioria delas havia sido convertida em apartamentos. A frente da casa era pintada de rosa pastel, mas nas laterais e traseira estava pintada de amarelo, como se quem tivesse pintado a casa se distraiu, ou simplesmente esqueceu-se de voltar e terminar o trabalho. A casa tinha uma grande varanda coberta na frente, um jardim com vegetais já crescidos, e um lote vizinho, que tinha sido pavimentado com asfalto para ser usado como estacionamento.

A cesta de roupa com sangue respingado estava no estacionamento, entre dois Prius prata. Ou Priuses? Archie não sabia.

Existem três categorias de respingos de sangue: passiva, transferência e projetada. Manchas de sangue passivas eram causadas pela gravidade. Sangue pingando de uma faca de açougueiro, acúmulo de sangue em torno de um corpo, sangue escorrendo da perna da cadeira. Era relativamente limpo e contido.

Transferência de respingos de sangue ocorria quando o sangue molhado era transferido de uma superfície primária para a secundária. Bastava rastrear se haviam ficado pegadas de botas em um lindo tapete limpo, ou se a palma de uma mão manchou uma janela, ou foi limpa na jaqueta de alguém. Transferência de sangue era um serviço feio e confuso, mas significava pistas - impressões digitais, tamanho de sapato, uma peça de roupa manchada de sangue no armário do assassino.

Respingos projetados de sangue eram muito mais interessantes. Eram criados pela força, por um impacto, algo maior do que a gravidade, por exemplo, um punho, um martelo, um taco de beisebol, ou o para-brisa de um carro. Ele jorrava, esguichava, pulverizava e embaçava – criava uma obra de arte.

Contavam uma história.

As manchas de sangue sobre os lençóis brancos na cesta de lavanderia eram respingos projetados. Pequenas gotas de vários tamanhos criavam uma constelação de vermelho nas toalhas brancas, como tinta espirrada por um pincel numa pintura. As gotas eram alongadas, com abas arredondadas, revelando a direção do golpe. Os peritos de cena do crime iriam medir o comprimento e a largura das manchas de

sangue, conectando os resultados como equações trigonométricas, e usando um programa de computador que revelava o ponto de origem e o ângulo exato do impacto. Archie nunca imaginara que a trigonometria que estudou na escola iria ser tão interessante.

Os bambus que formavam uma cobertura entre a casa e uma propriedade adjacente balançavam suavemente com a brisa, e os caules ocos batiam uns nos outros suavemente, como sinos dos 7 ventos. O jardim tinha sido adubado recentemente e o ar carregava um leve cheiro de estrume. Acima, o céu claro estava riscado com rastros dos jatos.

“Nós não tocamos em nada”, disse Bea Adams. “Se é isso que você está pensando.”

Archie ficou quieto por muito tempo. Ele fazia isso algumas vezes. Ele sabia que deixava as pessoas nervosas, mas ele não podia evitar.

“É claro”, disse Archie.

Bea Adams era a diretora do *Centro Life Works*. Cabelos grisalhos surgiam de sua cabeça em espirais elétricos, e ela usava uma blusa de linho com gola, mesmo fazendo trinta e cinco graus. A armação dos óculos era de plástico vermelho com estrelas alaranjadas. Uma pulseira vermelha de Cabala no pulso. “É ele?”, ela perguntou. “Eu ouvi a notícia no rádio. O corpo no parque. Eu pensei que Jake tinha ido para casa. Então eu vim aqui e encontrei isto.” Ela apontou a mão para o cesto e, em seguida, levou-a a boca. “Meu Deus, ele não está morto, não é?”

O espirro de sangue era significativo, um duro golpe, mas não fatal. O corpo, no Mount Tabor tinha danos no crânio. “Quando foi a última vez que viu o Sr. Kelly”, Archie perguntou.

“Um pouco depois das oito”, disse ela. “Ele é voluntário na cozinha no turno do café da manhã. Ele se atrasou na limpeza. Eu disse que ele não precisava fazer aquilo.”

Archie deu uma olhada para Henry, pensando nas luvas de borracha de cozinha que tinham encontrado na cena do crime.

O período de tempo se encaixava. Archie olhou para o relógio. Eram quase três horas “Você não percebeu antes que o carro ainda estava aqui?”, Archie perguntou.

Ela olhou para os três Prius prata no estacionamento.

“Entendi”, disse Archie. Muitos carros em Portland eram um Prius ou um Subaru.

Archie ouviu seu nome e olhou para cima para ver Henry acenando para ele se aproximar. “Com licença”, Archie disse a Bea, e caminhou até onde Henry estava escondido na sombra do bambu. Henry levantou seu telefone celular e disse: “Kelly não está atendendo ao telefone.” Ele acrescentou: “Eu enviei uma unidade até a casa dele, e ele não atende a porta.” Um patrulheiro se aproximou e entregou a Henry

uma foto impressa do Departamento de Trânsito. Eles agora podiam fazer isto - inseriam os dados em um computador portátil e ele imprimia uma foto. Archie e Henry olharam para a imagem da carteira de motorista de Jake Kelly. A qualidade da foto não era boa, mas ele poderia ser o homem no parque.

Archie sondou os beirais do telhado da casa procurando por câmeras. O centro era um lar sem fins lucrativos para meninas adolescentes. Algumas eram encaminhadas pelo tribunal por repetidos crimes de menor importância - crimes como furtos, brigas, danos à propriedade - outras haviam sido expulsas das escolas da cidade, algumas tinham sido expulsas de lares adotivos. Elas eram todas, de uma forma ou de outra, difíceis. O centro oferecia às meninas uma chance de conseguir o seu diploma da escola secundária e a possibilidade de um futuro que não incluía a prisão.

“Alguma vigilância?” Archie perguntou para Bea.

“Não”, ela disse.

Archie não perguntou o por que. Falta de dinheiro? Um gesto de confiança? Isso realmente não importava. Dava no mesmo: sem evidências fotográficas. Robbins estava comparando os dentes do cadáver com os registros dentários de Jake Kelly agora. Mas, com base nas provas até agora, Archie estava bastante confiante de que já tinham uma identidade.

“Você faz verificações de antecedentes?” Archie perguntou para Bea.

“Claro”, ela disse. “Recebemos financiamento estatal. É necessário.” Kelly teve suas impressões digitais registradas, mas o estado destruía os cartões de impressões digitais após os voluntários serem aprovados. Ainda assim, os formulários continham uma riqueza de outras informações. Parentes mais próximos, empregos anteriores.

O telefone de Archie tocou. Era Lorenzo Robbins. “Pode falar”, Archie disse ao telefone.

“Os registros dentários correspondem”, disse Robbins. “É Jake Kelly.”

Archie se voltou para olhar para Bea. Ela estava pálida, com o olhar fixo nele. Ela tinha compreendido totalmente qual era o conteúdo da chamada. “Eu ligo depois”, Archie disse a Robbins. Ele desligou e colocou o telefone de volta no bolso da calça. Não havia nada para dizer neste momento, não havia nada que tornasse as coisas melhores. Ele havia aprendido isto há muito tempo atrás.

“Merda”, disse Bea Adams.



CAPÍTULO 6

“Você está bravo comigo?” Susan perguntou para Leo. Ela tomou um gole do vinho tinto, e deixou o copo descansar contra o lábio inferior. “Não”, disse ele. “Os homens adoram quando alguém diz o nome de outra pessoa quando eles estão ejaculando.”

Susan pousou o copo sobre a mesa de madeira. A meia-lua do batom roxo escuro marcava onde sua boca tinha estado. “Não foi assim”, protestou ela. “Eu o vi na TV.”

Leo ergueu a palma da mão para ela. “Pare de falar.”

O almoço tinha vindo e ido e Leo mal havia dito uma palavra. Ele só falara ao telefone. Ele disse que estava trabalhando, mas Leo era um advogado com apenas um cliente - o seu pai - e, até onde Susan sabia, seus serviços envolviam principalmente fiscalizar os vários clubes de strip que seu pai havia adquirido. Ela tomou outro gole de vinho. Era o vinho mais caro do cardápio - quinze dolares a taça, o que parecia uma loucura, mas Leo estava pagando, e ele podia pagar. A família de Leo era rica. Eles fizeram a sua fortuna vendendo um produto mais viciante do que dançarinas eróticas. Ser um traficante de drogas era uma das poucas profissões piores do que ser um advogado, e Leo estava nas duas. Susan tomou outro gole de vinho. Não tinha gosto diferente de qualquer um que ela comprava por nove dólares a garrafa. Ela queria um drink. Mas parecia muito cedo para vodka. Se eles ficassem naquele bar por muito mais tempo, não seria.

Havia um espelho atrás do bar e Susan viu seu reflexo nele. O cabelo dela estava laranja marca-texto e brilhava no espelho como algo radioativo. Nos últimos dois anos, ela tinha passado por turquesa, violeta e rosa. Mas o laranja era diferente. Parecia accidental, como se ela tivesse ido a um salão pedindo para ficar como Lucille Ball e saíra parecendo um daqueles cones de segurança de trânsito. As pessoas não entendiam porque ela queria o cone de segurança de trânsito, este era o ponto. Ela quase tinha morrido. Ela tinha perdido o emprego no jornal. Ela mal era capaz de ganhar a vida como *freelancer*. Se não fosse seu livro sobre todas as maneiras excêntricas pelas quais as pessoas podiam morrer, ela teria morrido de fome. Mas ela estava viva. Archie Sheridan tinha salvado sua vida há apenas três meses, quando ele a puxou do meio das águas na enchente. Fazia dois anos desde que se conheceram, quando ela recebeu a incumbência de fazer o perfil dele para o

Herald - o policial que tinha prendido a serial killer Gretchen Lowell - e sua vida nunca mais havia sido a mesma desde então. Ela disse a Archie Sheridan coisas que ela nunca disse a ninguém. E ele confiara a ela o segredo que quase destruiu a vida dele. E de alguma forma, cada vez que eles estavam juntos, um deles quase acabava morto. Ela queria que seu cabelo alardeasse: *Perigo à Frente*. Em vez disso, estranhos na rua franziam os lábios com simpatia, assegurando que a cor iria desaparecer. Susan pensou em tingi-lo novamente. Mas isso significava que ela teria que descolorir seu cabelo mais uma vez, e seu cabelo já estava ficando meio estragado com todas essas tinturas. Ela queria esperar pelo menos um mês antes de fazer outra mudança de cor.

“No que você está pensando?”, Leo perguntou.

“No Oriente Médio”, disse Susan.

Ela deixou seus olhos caírem sobre a TV acima do bar. O noticiário local voltara a informar sobre o assassinato no parque, e lá estava o helicóptero filmando novamente a cena do crime do alto. As árvores eram, na sua maioria, do tipo perene, com árvores que perdem folhas no outono polvilhadas entre elas. À medida que a imagem era ampliada, Susan podia ver um pedaço de fita na cena do crime, um punhado de pessoas, e algo mais...

“As árvores”, disse Susan.

“O quê?” Leo disse.

“Eu tenho que fazer uma ligação”, disse Susan.

“Deixe-me adivinhar,” Leo disse. “Archie”.

Susan discou o número de Archie. Foi para a caixa de mensagens. Ia para a caixa de mensagens na maioria das vezes que ela ligava para ele. “Sou eu”, disse ela. “Eu vi você no noticiário.” Ela poderia ter dito o que tinha visto. Mas ela decidiu que não. Se ele quisesse saber, ele que ligasse de volta. “Eu percebi algo sobre a cena do crime”, disse ela. “Pode ser importante. Você sabe como me encontrar.”



CAPÍTULO 7

O telefone de Archie vibrava contra sua coxa. Ele normalmente carregava o celular no bolso da jaqueta, mas estava muito quente nestes dias para usar uma. O telefone fazia cócegas na perna. Ele o ignorou e seguiu Bea Adams pela sala, onde ela reunira as nove adolescentes que atualmente viviam no centro. Como a maioria dos lugares em Portland, a casa não tinha ar-condicionado. Uma variedade de ventiladores antigos soprava o ar quente ruidosamente ao redor da sala. O sol entrava pela janela iluminando um bilhão de partículas de pó que giravam lentamente no ar.

Archie espirrou.

“*Gesundheit*”, uma das meninas disse.

Ele olhou para cima. Uma fina névoa de sua saliva flutuava na frente dele, brilhando na luz. Do outro lado do raio de sol ficava um sofá, onde quatro das meninas estavam sentadas. A menina que tinha falado “saúde” estava sentada no chão em frente ao sofá. Os piercings faciais haviam sido retirados, e seu cabelo havia crescido, com dois centímetros de raízes castanhas e o restante loiro platinado. Uma saia indiana colorida enrolada em torno de suas pernas. Espelhos minúsculos foram costurados no tecido e refletiam o sol, projetando pontos brilhantes acima de suas cabeças no teto de gesso, como um globo de discoteca. Seus ombros magros curvaram-se para a frente e ela sorriu para ele.

Ela o fulminara com uma pistola de choque Taser uma vez. Os cinquenta mil volts de eletricidade derrubaram ele no chão.

“Oi, Pearl”, disse Archie.

Ela deveria estar em Salem, de volta para seus pais adotivos. Archie se perguntou quanto tempo demorou para ela fugir novamente. Um mês? Dois? Tinha dezesseis anos quando eles se conheceram e já era um tremendo pé no saco. Archie achava que o último ano não a tinha feito amadurecer.

“Você parece velho”, disse ela.

Sim, ela ainda é um pé no saco. “Eu me sinto velho”, disse ele. Ele limpou a garganta e olhou em volta para as outras meninas. Elas olhavam indiferentes para ele. Sem marcas de lágrimas nas bochechas. Sem drama. Sem cara de assustadas por causa da morte violenta de alguém que conheciam. Essas meninas já tinha visto o mal que o mundo tinha a oferecer. Então, elas não estavam surpresas. Seria

diferente, Archie pensou, se elas tivessem visto o corpo mutilado de Jake Kelly pendurado naquela árvore.

Pearl estava batendo uma caneta de plástico contra os dentes da frente, toque, toque, toque. Os ventiladores zumbiam e chacoalhavam. Os olhos de Archie estavam secos.

“Eu sou o detetive Archie Sheridan”, disse, para o restante delas. Ele pulou a habitual conversa fiada de *fiquem a vontade*. Estava muito quente lá dentro. “Será que alguma de vocês viu algo fora do normal esta manhã?”, perguntou.

As meninas balançaram a cabeça ou os ombros, ou olharam fixamente, o que significava a mesma coisa.

“Será que alguma de vocês viu ou falou com Jake Kelly?”, perguntou Archie.

Mais cabeças balançaram. “Ele trabalhava na cozinha,” uma menina com um moicano laranja disse, como se significasse algo.

Bea Adams deu um pequeno passo à frente afastando-se da parede e disse: “As meninas não costumam confraternizar com os voluntários.”

Especialmente com os homens, pensou Archie.

Pearl estava mastigando a caneta agora, mordendo-a com os dentes no canto de sua boca como um cão com um osso de borracha.

“Nenhuma de vocês o viu esta manhã?”, perguntou Archie.

“Eu levei os alimentos para dentro e para fora da cozinha”, disse Bea. “As meninas não estavam lá dentro.”

Archie voltou sua atenção para Pearl. Ela o pegou olhando para ela e parou de mastigar a caneta. “O quê foi?”, disse ela. Ela baixou a caneta para seu colo, segurando-a como um substituto para o cigarro que era o que ela realmente queria.

“Posso ver sua mão, Pearl”, perguntou Archie.

Ela olhou para suas mãos e, em seguida, de volta para ele. “Por quê?”, disse ela. Archie sorriu. “Apenas um palpite”.

Pearl considerou isso por um momento e, em seguida, lançou um olhar desafiador ao redor da sala e deu de ombros. “Tudo bem”, disse ela. E estendeu a mão esquerda para Archie. Quando ela se inclinou para frente, os espelhos da saia refletiram ao redor da sala.

Ela estava segurando a caneta em sua mão direita.

“A outra também”, disse Archie.

Pearl hesitou e, depois, estendeu-lhe a mão direita, com a palma para cima.

Archie se levantou, caminhou até onde Pearl estava e ajoelhou-se na frente dela. Então ele pegou a mão dela na sua. Parecia minúscula, as unhas roídas até o sabugo. Sem anéis. A tatuagem na parte interna do pulso consistia em uma única palavra claramente impressa: *sorte*.

“A mídia disse que você salvou aquele menino”, disse Pearl. “Alguém o

sequestrou e você o salvou. Patrick *qualquer coisa*. Eu ouvi sobre isso.”

Archie ergueu a palma da mão até seu rosto. Suas veias pulsavam contra a pele pálida do interior do seu pulso, a tatuagem ainda estava preta, relativamente nova. Podia sentir a mão tensa. Ela puxou a mão. Mas não antes dele sentir o cheiro do que estava procurando.

Era um aroma picante brilhante, e imediatamente reconhecível. “Cravo”, disse ele.

Pearl enfiou a mão direita sob sua axila esquerda. “E daí?”, disse.

“Você não pode comprar cigarros de cravo”, disse Archie. “Eles estão proibidos. Junto com todos os outros cigarros com sabor”.

Pearl sorriu. “Eu conheço um cara.”

O cheiro era fresco. “Você fumou hoje de manhã”, disse Archie.

Bea estava com os braços cruzados. “Não é permitido dentro da casa”, disse.

“Então você saiu,” Archie disse para Pearl.

“Elas não estão autorizadas a fumar na varanda da frente”, disse Bea.

“Nós não somos autorizadas a fazer qualquer coisa”, a menina com o moicano laranja disse.

Archie nivelou seu olhar em Pearl. “Se eu for para o pátio lateral, pelo estacionamento, vou encontrar suas pontas de cigarro. Eu estou supondo que você é a única pessoa aqui que fuma cigarros de cravo. E eu estou achando que vou encontrar as bitucas de hoje de manhã.”

Pearl virou a cabeça. “Eu não vi nada. Só o vi passar com a roupa.”

Uma nuvem de poeira quente e espessa oscilou no ar saindo dos ventiladores, e Archie espirrou novamente. Desta vez, ninguém disse *Gesundheit*. Estavam todas prestando atenção em Pearl.

“E depois?”, perguntou.

“Eu voltei para dentro”, disse ela.

“A que horas?”

Ela tinha a caneta na mão e estava segurando tão forte, que seus dedos finos pareciam que iriam quebrá-la em dois. Seus braços estavam arrepiados. Todo mundo estava suando. “Investigue por aí”, disse ela.

“Pearl”, disse Bea. “Você precisa dizer-lhe o que viu.”

Pearl olhou para longe. “Eu vi Jake”, disse ela. “Eu gostava dele. Eu conversei com ele algumas vezes. Mas eu não queria falar com ele esta manhã, porque ele não gostava quando eu fumava.”

Lágrimas deslizaram por suas bochechas. Ela estendeu a mão e esfregou-as, e quando ela abaixou a mão o rosto estava manchado com tinta. A caneta tinha vazado.

“Você acredita em mim?”, ela perguntou à Archie.

Claro, ela tinha usado uma pistola Taser nele, e quando ele despertou viu que estava pendurado em ganchos de carne, mas depois ela ajudou a resgatá-lo. Bons tempos. “Sim”, disse ele. O rosto de Pearl relaxou. Lágrimas escuras listravam suas bochechas. Quando a filha de Archie tinha quatro anos, ela pegou a maquiagem de sua esposa, e espalhou a sombra para olhos e o rímel por todo o rosto. Ela chorou, também, naquele dia. Era algo que as crianças aprendiam a fazer quando queriam sair de um problema. Archie se inclinou para trás e chamou a atenção de um policial que estava de pé na entrada da casa. “Chame a perícia aqui”, Archie disse a ele.

Os olhos de Pearl ficaram enormes. “Por quê?” ela perguntou.

“Eu quero que você seja verificada a procura de respingos de sangue”, disse Archie.

A fachada dura de Pearl vacilou. Archie tentou não sorrir.



CAPÍTULO 8

A luz estava acesa no apartamento de Archie quando ele chegou em casa.

Ele podia vê-la da rua. Isso o fazia sentir como se estivesse voltando para casa ao invés de um lugar vazio em uma área subdesenvolvida com armazéns e lojas de varejo barato. Eram quase nove horas, e ainda estava claro. No verão a luz do dia era intensa no noroeste do Pacífico. Os curtos dias escuros de inverno tinham acabado e agora o dia começava cedo e ficava claro muito tempo depois do jantar. Ainda estava claro quando as crianças eram colocadas na cama, e já estava claro quando o despertador tocava de manhã. Todo mundo ficava acordado até tarde e levantava-se muito cedo. Todo mundo acabava cansado.

Jake Kelly não tinha família. Archie tinha achado seu parente mais próximo, um primo em Iowa, e dado a notícia. Até agora, estavam sem pistas, sem testemunhas, sem evidências. A única pista que eles tinham era a flor.

Archie olhou para o prédio onde morava do local onde havia estacionado do outro lado da rua. Ele parecia muito com qualquer outro edifício no bairro do Distrito Comercial ao longo do rio: seis andares revestidos de tijolo, com janelas grandes de fábrica e uma antiga doca de carga e descarga na frente. O vidro antigo refletia o anoitecer, o edifício parecia brilhar dentro e fora. Apenas algumas luzes estavam acesas lá dentro. Os construtores estavam criando apartamentos habitáveis dentro da ampla área interna do armazém, um apartamento de cada vez, e apenas alguns estavam ocupados. Quando Archie viu a loira, por um momento ele pensou que ela estava dentro do seu apartamento, em pé na sua janela, olhando para ele. Ele teve que se lembrar de que Gretchen estava presa. Então, depois de um segundo susto, ele percebeu que ela estava na janela do andar abaixo dele. Ela estava cinco andares acima, mas quando ela se afastou de repente, ele estava certo de que ela o viu olhando para ela.

Isso o fez se sentir estranho, como um voyeur, mas na realidade não tinha sido ela quem estava olhando para baixo para ele?

Outra loira. Esta era a última coisa que Archie precisava.

Ele manteve os olhos no chão e atravessou a rua. Fazia três meses que as águas que haviam danificado muito do centro da cidade haviam escoado, mas o cheiro dela ainda permanecia, uma podridão úmida que irritava a garganta de Archie e grudava nas suas roupas. O calor só fazia piorar.

O prédio havia sido construído para um armazém de mercadorias, com escritórios no andar de cima. Na década de trinta distribuíam maçãs das fazendas do Oregon. Caminhoneiros da Califórnia carregavam seus caminhões e, em seguida, voltavam para o sul. No início os carregamentos eram bem pagos. Depois disso, a novidade passou e o preço caiu. Caminhoneiros morriam o tempo todo nessa rota. Eles adormeciam ao volante ou dirigiam muito rápido. Hoje em dia, a maioria das maçãs do mundo vinha da China.

Archie passou pela enorme porta na doca de carga e tomou o velho elevador de carga até o sexto andar.

O celular dele começou a tocar novamente assim que ele abriu a porta do apartamento. Ele puxou o telefone do bolso da calça, mas não atendeu a chamada. Em vez disso, colocou-o sobre a mesinha ao lado da porta. Ele olhou para a tela enquanto se afastava. Havia vinte e duas chamadas não atendidas.

Archie caminhou ao redor do apartamento ligando os ventiladores e abrindo as janelas. Era sua rotina familiar, a mesma ordem toda vez. A sensação da entrada de ar proporcionava pelo menos, a impressão de arejamento e temperatura mais agradável. O mau cheiro decorrente da enchente era suportável dali. Ele desabotoou a camisa e caminhou pelo corredor até a sala, e ficou olhando pela janela. Ele se perguntou se a loira ainda estava de pé junto à janela, um andar abaixo. Lá fora, o céu estava mergulhado em tons pastéis e o rio Willamette parecia quase lilás. Portland era uma cidade pintada em cores ousadas - árvores de um verde intenso e topos de montanhas brancas bem definidas, tijolos vermelhos e água azul. Então você piscava, e todo céu estava pastel, rosa, o rio lilás, a linha do horizonte prata, uma Portland impressionista francesa. Era esta Portland que de alguma forma sempre acabava em cartões postais. Isso não impediu que o segundo edifício mais alto de Portland, com quarenta e dois andares, fosse um grande arranha-céu de vidro rosa.

Archie sorriu. Portland. Conhecida por suas paisagens coloridas, e seus serial killers

Além dos telhados e antigas torres de água de madeira do Distrito Comercial, Archie podia ver as torres de vidro gêmeas do centro de convenções e as pistas da interestadual paralela ao rio. E a frente, depois de tudo, estava o Monte St. Helens, há uma hora ao norte, no Estado de Washington. A montanha havia entrado em erupção em 1980, e matou cinquenta e sete pessoas, e ainda cuspiam uma nuvem de vapor de vez em quando só para lembrar a todos que ela ainda estava lá. Um velho tolo chamado Harry R. Truman se recusou a deixar sua casa na montanha, quando as autoridades foram resgatá-lo. Eles nunca encontraram seu corpo.

O telefone tocou novamente. Archie olhou para ele. Ele não podia evitar as chamadas por tanto tempo. Ele sentiu uma dor sob a cicatriz em seu peito, disse a si mesmo que era apenas em sua cabeça, caminhou até a mesa e pegou o telefone.

“Você não desiste, não é?”, disse Archie.

Houve uma pausa na outra extremidade da linha. “Detetive Sheridan?”, disse uma voz insegura de homem. “Aqui é Jim Prescott do Hospital Mental do Estado do Oregon.”

“Eu sei quem você é”, disse Archie enquanto caminhava de volta para a janela. Ele tinha escutado as primeiras mensagens de voz que Prescott tinha deixado. Archie tinha pensado que, se não ligasse de volta, Prescott iria entender o recado. Ele estava errado.

“Eu estou tentado falar com você”, disse Prescott.

Archie sabia tudo sobre Prescott. Ele tinha se graduado na UC Davis e feito um Mestrado em Harvard. Ele acabou na equipe psiquiátrica do Hospital Estadual do Oregon recém-saído da escola de medicina, e trabalhou muito até se tornar chefe na tenra idade de trinta e cinco anos. Archie tinha lido todos os relatórios de Prescott sobre Gretchen. Esse era o acordo. Continuar tendo acesso. Mas ninguém fora da administração do hospital, incluindo Prescott, deveria saber o quão Archie estava envolvido realmente no tratamento de Gretchen.

“Eu deixei mensagens”, disse Prescott.

Aos trinta e cinco anos, Archie tinha sido o chefe da força-tarefa Beleza Mortal - esmiuçando cenas de crime, entrevistando parentes, observando autópsias.

“Eu sou um dos médicos de Gretchen Lowell,” disse Prescott.

Archie coçou a cicatriz em seu pescoço. O tráfego estava intenso na interestadual. Um desfile de lanternas vermelhas para o norte, até onde ele podia ver. Muito tarde para hora do rush. Devia ter havido um acidente. “Eu não estou nem aí”, disse Archie. “Você pode dizer para ela ir se foder.”

Houve uma pausa. Finalmente Prescott disse: “Ela está fazendo progresso. Ela está muito inflexível sobre a necessidade de falar com você.”

Os faróis brancos que se dirigiam para o sul estavam lentos agora, também. Curiosos. A natureza humana. Todo mundo tinha que olhar. “Ela está brincando com você, doutor”, disse Archie. “Não há vergonha nisso. Eu já caí nesta.” Isso foi um eufemismo. “Impressionante. Mas confie em mim, seja lá o que for que ela estiver dizendo para fazer você pensar que se você me ligar tudo se acertará no universo, ela está mentindo.”

“Ela diz que tem uma criança”, disse Prescott.

O corpo de Archie ficou dormente. Ele engoliu em seco, tentando recuperar sua voz. “Isso é impossível”, disse ele.

“Ela acha que essa criança está em perigo”, disse Prescott. “Que você é a única pessoa que pode ajudar.”

Archie tinha visto os registros médicos de Gretchen. Suas trompas tinham sido ligadas. As cicatrizes eram velhas, os médicos que a tinham examinado achavam que

a cirurgia tinha sido feita quando ela era adolescente. Isto era tudo parte do jogo. O céu estava escurecendo e o tráfego na I-5 parecia bonito, como uma fita festiva vermelha e branca. Archie balançou a cabeça lentamente e riu. “Isso é loucura”, disse. “Isto é o que ela faz. Ela manipula as pessoas. Você sabe disso. Ela convenceu pessoas a matar por ela, pelo amor de Cristo. Ela fode com a cabeça das pessoas por diversão.” Ele não lhe daria essa satisfação. Não desta vez.

“E se for verdade?”, disse Prescott.

“Eu não iria salvar a criança de Gretchen Lowell se ela estivesse morrendo na minha frente”, disse Archie.

“E se você for o pai?”

Pronto. Archie sempre se perguntou por que ela nunca havia dito nada. No início a espera tinha deixado Archie louco. Sabendo que a qualquer momento ela poderia tornar público para um advogado, ou um repórter ou um policial. Archie tinha dito a algumas pessoas um pouco da verdade. Mas ninguém sabia a história toda. Ninguém, só Gretchen. Talvez Prescott não soubesse de nada. Talvez ele estivesse pescando. “Isso é impossível”, disse Archie definitivamente.

“É mesmo?”, disse Prescott.

A boca de Archie ficou seca. “Não me ligue de novo”, disse, e desligou.

O sangue pulsava na garganta de Archie. Seu peito doía. Ácido subiu de seu estômago e o fez engasgar. Ele apertou o telefone na mão, caminhou deliberadamente de volta para o corredor, e, em seguida, socou o telefone com força contra a parede de tijolos expostos. Isto provocou um *crac* sonoro e o telefone se desmembrou em três pedaços que caíram no chão.

A mão de Archie latejava com a dor e ele levou os dedos sangrando até a boca. Mas o impacto tinha extravasado sua ansiedade. Ele estava no controle. Sentia-se bem, na verdade. Ele estava começando a pensar em dar mais um soco, quando ouviu uma batida na porta.



CAPÍTULO 9

A espinha de Archie endureceu. Ele não se mexeu. Cada célula do seu corpo estava dizendo para ele sacar sua arma. Ele não estava esperando ninguém. Mas e daí? Pessoas atendem portas o tempo todo sem ter um enorme sentimento de pavor. Então, já fazia um longo tempo desde que Archie deixara de se comportar desse jeito. Às vezes, ele se esquecia de que havia pessoas que se deslocavam pelo mundo sem saber que alguém poderia lhes bater com um martelo na testa a qualquer momento. O que essas pessoas fariam nesta situação? Elas iriam abrir a porta, ele decidiu. Elas nem sequer hesitariam.

Ele estava chegando à maçaneta da porta, quando se lembrou da sua mão.

Ele olhou para ela. Os nós dos dedos estavam esfolados, as dobras das articulações dos dedos cheias de sangue. Ele se virou e olhou para trás. O telefone estava quebrado no chão.

Outra batida.

Archie enfiou a mão ferida no bolso da calça e abriu a porta.

A mulher no corredor do outro lado da porta estava sorrindo. Mas Archie pode ver seu sorriso vacilar um pouco, quando ela o viu. Ele podia imaginar como se parecia naquele momento: camisa desabotoada, suado, com o rosto vermelho, e desalinhado. Ele nunca deveria ter aberto a porta. Ele queria voltar para dentro. Ele se atrapalhou com o botão de sua camisa com a mão esquerda.

Ela sorriu mais ainda.

Ela parecia estar perto dos trinta anos. Ela estava vestindo um top preto, uma calça de moletom cinza até as canelas e sandálias de borracha azul petróleo. Sua pele era bronzeada. Ela era mais jovem do que ele imaginava quando a viu pela janela.

“Oi”, ela disse. “Sou Rachel.”

Ela estendeu a mão. Archie hesitou. Ele empurrou sua mão direita mais fundo no bolso. Em seguida, ofereceu-lhe a esquerda. Rachel pareceu confusa.

“Desculpe”, disse ele. “Machucada”. Parecia muito vago, e ele procurou uma explicação mais satisfatória. “Eu tenho um gato.” Ele gemeu por dentro. Um gato?

Mas ela pareceu acreditar, e ela estendeu a mão esquerda, também, e eles se cumprimentaram. Seu aperto de mão era firme e amigável. Archie soltou primeiro.

Mesmo à luz da lâmpada fluorescente da sala, seu corpo brilhava. Ela era uma

imagem de saúde e juventude. Bochechas rosadas. Dentes brancos. Olhos azuis enormes e um sorriso largo. Seu cabelo loiro brilhante era natural e muito caro. O sorriso se alargou, com sinceridade. Seu bronzado tinha um tom de mel dourado sem mácula. Mesmo os dentes pareciam caros.

“Você não é daqui”, disse Archie.

O sorriso vacilou novamente. “Eu sou sua nova vizinha”, disse. “Acabei de me mudar para o andar de baixo.”

Ele a deixava nervosa. Ele não queria fazer isso. Sua mão estava começando a doer. Ele se perguntou se ela estava sangrando e manchando suas calças. Ele não queria chamar a atenção olhando para baixo.

“As pessoas aqui não se bronzeiam,” explicou.

Ela viu o cinto e ele viu um enrugamento em sua testa quando ela notou o coldre de arma em seu quadril.

“Eu sou policial”, ele disse rapidamente.

Os olhos de Rachel brilharam. “Oh, é você”, disse ela. “Eu soube que havia um policial no prédio.”

O síndico. Archie se perguntava o que mais ele disse a ela sobre ele.

“Eu vi você chegando em casa”, disse ela. “Então pensei que devia me apresentar.” Ela fez uma pausa, esperando.

Archie se perguntou como alguém consegue um bronzado assim.

Ela disse: “É costume dizer o seu nome neste momento.”

Archie pigarreou. “Desculpe. Archie.” Desculpe Archie. Assim era ele, tudo bem.

Ela olhou para dentro. “Você mora aqui sozinho?”

Seus filhos vinham todos os fins de semana, mas parecia muito complicado entrar no assunto. “Apenas eu”, disse ele.

Rachel parecia estar esperando por algo. Ele deveria convidá-la para um drinque? Oferecer-lhe uma cesta de boas vindas? Archie era ruim nesse tipo de coisa. Ele podia resolver um homicídio, mas obrigações sociais o deixavam perdido.

“As pessoas não fazem isso aqui?”, ela perguntou. “Se apresentar aos vizinhos? Eu sou de San Diego, então se isso é estranho, diga-me, para que eu não continue a fazer papel de idiota”.

“As pessoas fazem isso em San Diego?”, perguntou Archie.

“Não”, disse Rachel. “Mas eu pensei que Portland fosse mais amigável.”

“Somos”, disse Archie. “Mas também somos socialmente desajeitados. Eu acho que uma coisa anula a outra.”

“Então, se eu precisar pedir açúcar ou uma vela de ignição ou algo assim...?”

Archie pensou por um momento. “Eu não tenho nenhuma dessas coisas.”

Seu sorriso desapareceu e ela olhou para trás pelo corredor vazio. “Eu não tenho

visto muitas pessoas por aqui.”

“Poucas pessoas moram aqui”, disse Archie. O golpe duplo da enchente e da economia havia deixado seu prédio no limbo de desenvolvimento. Tanto melhor, ele não estava muito preocupado.

“Bem, vai ser tranquilo, então”, disse Rachel. Ela suspirou e seus seios se levantaram contra a parte superior do top. “Prazer em conhecê-lo”, disse ela. “Eu te vejo por aí.”

Archie tinha o desejo de dizer algo, mas ele não conseguia descobrir o quê. Então, ele apenas disse: “Bem-vinda ao edifício.”

Ela deu-lhe um pequeno aceno desajeitado e saiu pelo corredor em direção ao elevador. Ele a olhou durante todo o tempo que pode sem ela perceber.



CAPÍTULO 10

Os pés de Susan doíam. Ela tinha comprado um par de botas de motociclista vermelhas da Frye com o último cheque do *Herald* e elas a estavam matando, mas ela estava determinada a amacia-las. Era agosto. Ela devia estar de sandálias. Mas sandálias não pareciam tão impressionantes com uma saia preta curta quanto botas de motociclista vermelhas.

Ainda assim, ela precisava tirá-las dos pés. Agora.

Ela bateu na porta do apartamento de Archie. Se ele não respondia às suas chamadas nem respondia suas mensagens, então pelo menos ele poderia dizer na cara dela para não encher mais o saco.

Ela mudou seu peso de um pé para o outro e bateu novamente.

A porta se abriu, e Archie olhou para fora. Ele ergueu as sobrancelhas e piscou para ela, como se estivesse surpreso. Isso não era estranho. Não era como se ele soubesse que ela estava chegando. Mas ele pareceu surpreso de um modo diferente. Como se ele estivesse esperando alguém.

“Oi”, disse ele.

“Quem você estava esperando que fosse”, ela perguntou.

Archie olhou para trás, para o corredor. Susan olhou também. Não havia ninguém lá. Ela não tinha visto ninguém enquanto estava subindo.

“Uma vizinha estava aqui ainda há pouco”, disse Archie.

Que seja. “Agora sou eu”, disse Susan. Ela se inclinou e tirou uma bota.

“Oi”, disse Archie.

Susan não estava no clima para as besteiras de Archie. “Você já disse isso”, disse ela. “Agora, deixe-me entrar” Ela passou por ele para dentro do apartamento, carregando a bota na mão, e imediatamente começou a puxar a outra.

“Deixe-me adivinhar”, disse Archie. “Você estava na vizinhança.”

“Você não retorna minhas ligações”, disse ela. As botas foram tiradas. Ela colocou-as lado a lado perto da porta e mexeu os dedos dos pés no chão. Suas meias eram desparelhadas e fediam a suor e chulé e calor. Não havia muitas pessoas com quem ela se sentisse confortável para revelar aquele nível de mau cheiro pessoal, mas Archie era uma delas.

“Eu tinha um monte de mensagens”, disse Archie.

Ela ainda não tinha ido a nova casa de Archie. Quando eles se conheceram, ele

tinha se divorciado recentemente e estava vivendo em um triste apartamento no norte de Portland, em seguida, ele voltou a morar com sua família numa casa simpática em Hillsboro. Depois, houve a ala psiquiátrica, uma estadia com Henry Sobol, e agora isto. Ele tinha se esquecido de convidá-la para conhecer o novo lar. Com Archie, às vezes ela tinha que fazer as coisas do jeito dela.

Ela circulou pelo ambiente, olhando ao redor, e ele fechou a porta atrás dela. Ela viu o telefone no chão em pedaços e olhou para Archie, mas ele não deu uma explicação.

O apartamento era melhor do que ela esperava. Paredes de tijolos expostos. Janelas originais maciças. Madeira de lei. Teto alto com vigas de madeira expostas. Archie não tinha muitos móveis: algumas estantes, um sofá preto simples que parecia novo, um par de cadeiras que Susan reconheceu da casa em Hillsboro. A cozinha era aberta para a sala, e cheia de utensílios de aço. Ela não conseguia ver os quartos. Ela imaginou que havia pelo menos dois - um para ele, um ou dois para as crianças. Não havia luzes no teto, apenas luminárias de apoiar no chão e abajures de mesa, e era tudo o que havia. Um par de ventiladores tentava furiosamente redistribuir o ar quente do apartamento.

Ela deu um passo para mais perto da janela. Era o crepúsculo e a cidade estava envolta em todos os tipos de tons de cinza. Era uma visão impressionante. Ela podia ver o Monte St. Helens. Não havia nada que os Portlandenses gostassem mais do que madeira antiga e vista para a montanha. Toda esta parte da cidade tinha um cheiro engraçado desde a enchente, mas mesmo assim, ele estava se saindo muito bem.

“Isto é legal”, disse ela.

“Não fique tão surpresa”, disse Archie atrás dela.

Lembrou-se, então, que ela estava brava com ele.

“Será que você podia ouvir minhas mensagens”, ela perguntou, virando-se para encará-lo.

“Meu telefone está quebrado,” Archie disse, olhando para as peças no chão.

Susan percebeu sua mão então. Ela estava no bolso quando ele abriu a porta. Ele tinha enrolado papel higiênico, mas uma mancha de sangue vermelha e brilhante estava ensopando o papel sobre os nós dos dedos.

Ela olhou para o telefone quebrado. Então, talvez a ligação dela não tivesse sido a mais impressionante que ele tinha recebido hoje.

“Você tem um kit de primeiros socorros?”.

“Eu estou bem”, disse ele.

“Você está sangrando”, disse Susan. Ele tinha filhos, ele tinha que ter um kit de primeiros socorros. Onde ele estava guardado? “Banheiro?”, ela perguntou.

Archie assentiu.

Susan foi até um corredor que ela podia ver do outro lado da sala e encontrou o banheiro. Ela abriu o armário sob a pia e pegou uma nécessaire de lona com as palavras kit de primeiros socorros estampadas na lateral. Ainda tinha a etiqueta de preço nela. Susan colocou-a ao lado da pia e olhou-se no espelho. Sua pele brilhava com o suor e sua maquiagem dos olhos estava manchada sob seus olhos. Por que os homens nunca mencionavam isso? Você poderia passar quatro horas com um cara e ter manchas por todo o seu rosto, e ele não diria uma palavra. Então, quando você o confrontava, ele negava ter notado isso. Como você pode olhar para um rosto por quatro horas sem perceber esse tipo de coisa? Os homens eram irritantes às vezes.

Ela rasgou um pedaço de papel higiênico do rolo, dobrou-o, molhou debaixo da torneira, e limpou o delineador líquido de suas bochechas do melhor jeito que pode, o que não dizia muito. Agora ela parecia que tinha chorado. Ela jogou o papel higiênico na bacia, deu descarga, e conferiu novamente no espelho.

Não era apenas um espelho. Era um armário de remédios.

Não bisbilhote, ela disse a si mesma.

Não é da sua conta.

A última vez que ela tinha olhado um dos armários de Archie Sheridan, estava cheio de analgésicos.

Mas isso foi antes dele quase se matar e acabar na reabilitação da ala psiquiátrica.

Uma pequena olhada.

Isto é tudo.

Só uma espiadinha.

Susan deixou a água correndo para abafar o som, e abriu o armário.

Ela prendeu a respiração. As três prateleiras de vidro estavam cheias com frascos âmbar de comprimidos de todos os tamanhos. Ela olhou para a porta do banheiro. Ela não tinha tempo para ler todos eles. Ela teria que ser rápida. Ela começou a virar os frascos, a procura de rótulos, nomes, à procura de medicamentos que ela conhecesse. O que era tudo isso?

A porta do banheiro se abriu. Era culpa dela. Ela não tinha trancado. Por que ela deveria trancar? Ela estava apenas procurando o kit de primeiros socorros.

Archie estava na porta olhando para ela.

Seu armário de remédios estava aberto. Susan tinha o braço estendido, os dedos num dos frascos de comprimidos.

“Eu estou procurando um Advil”, disse.

“Isso é Prilosec”, disse Archie. “Para o meu estômago. Eu estou limpo dos remédios para dor.” Ele coçou a nuca e lhe deu um olhar cansado. “Mas se não estivesse, eu não iria guardá-los aí dentro.”

Susan deslizou sua mão para longe do frasco de comprimidos e fechou o armário

de remédios. Seu reflexo olhou para ela do espelho, seu rosto vermelho. Seu delineador estava começando a escorrer novamente. Susan podia senti-lo escorrer pelo seu rosto. Por que ela se incomodava mesmo? Isso era tão clássico. Ela chegar de repente, suada, com o cabelo laranja armado e olhos de guaxinim, e então é pega fuçando em seu armário de remédios. Este era o seu problema com Archie. Ela não sabia onde estavam os limites. Em um minuto ele estava salvando a sua vida, no próximo ele não retornava as suas ligações. Ela tinha estado morta. Ela tinha estado clinicamente morta. E ele a salvou, e agora ela estava viva. Então, o que ela deveria fazer com isso? Colocar em uma caixa e guardar em algum lugar? Enterrar no quintal?

Susan virou-se para Archie e acenou com a cabeça para sua mão. “Você já lavou isso?”

Ele olhou para a mão cheia de papel higiênico. “Não.”

“Coloque na pia”, disse Susan.

Ele a olhou por um segundo e, em seguida, tirou o papel higiênico encharcado de sangue de sua mão e colocou a mão sob a torneira.

Ela podia ver a extensão de seus ferimentos agora. A pele de seus primeiro e segundo dedos foi arrancada, deixando feridas abertas. Ela segurou sua mão debaixo da torneira, mas cada vez que ela jogava água, sangue escuro saia das feridas e serpenteava em torno de seu pulso e, em seguida, caia na pia. Se estava doendo, ele não estava demonstrando. Devia ter sido um telefonema dos infernos.

“Será que isso ajudou?”, ela perguntou. “Quebrar o telefone e machucar a sua mão?”

“Na verdade, sim”, disse Archie.

“Sente-se”, disse ela, e ela o guiou para o assento da privada ao lado da pia. “Isso vai levar um minuto.” Ela deu-lhe um sorriso rápido. “Eu escrevi um artigo sobre primeiros socorros, uma vez, então eu sou praticamente uma paramédica.”

Ela desligou a torneira e pressionou um pouco o papel higiênico contra a mão ferida de Archie para estancar o sangramento enquanto ela procurava um tubo de Neosporin no kit de primeiros socorros. Então ela tirou o papel higiênico e colocou o Neosporin nos lugares onde a pele estava esfolada.

Ele poderia fazer isso sozinho. Obviamente.

Ela estava surpresa por ele estar deixando ela cuidar dele. Talvez ele se sentisse mal por não ter retornado suas ligações. Talvez ele se sentisse envergonhado, pegando-a bisbilhotando assim. Talvez ele se sentisse mal... no geral. Ela não sabia. Ele parecia distraído, mas isso não era exatamente uma novidade. Ele sempre estava com a cabeça em outro lugar. Além disso, estava muito quente no seu apartamento. Sua testa estava começando a suar. Como é que ele conseguia dormir nesta sauna, ela não sabia.

O Neosporin diminuiu o sangramento um pouco. Susan encontrou um rolo de gaze e pressionou a ponta na palma da mão de Archie e, em seguida, começou a enrolar a gaze em torno de sua mão.

“Eu percebi algo que pode ser importante”, disse ela.

“Certo”, disse Archie. “No Noticiário local.”

Então, ele tinha escutado a sua mensagem. Isso era bom. Pelo menos ele não apagava suas mensagens sem olhar.

“O noticiário é frequentemente muito revelador”, disse Susan.

“O que você percebeu?”, perguntou.

Susan moveu a mão da borda da pia para o seu colo e se ajoelhou em frente a ele, ainda circulando sua mão com gaze.

“As árvores”, disse Susan.

“As árvores no Mount Tabor”, disse Archie.

O rolo de gaze estava menor agora, a maior parte formando uma luva branca disforme na mão de Archie. Susan inclinou o rosto perto do curativo, levou a gaze aos seus dentes, e rasgou-a. “O cara, sua vítima, ele foi amarrado na árvore mais alta.”

“Na árvore mais alta.”

“Não *na* árvore mais alta. Pois a árvore mais alta é uma sequoia chamada Hyperion no Redwood National Park. Tem mais de 115 metros.” Susan se conteve. “Sinto muito.” Ela tinha sido uma jornalista de amenidades e curiosidades por tanto tempo que, por vezes, esses fatos simplesmente borbulhavam para fora dela. “Sim. Na árvore mais alta do parque. Na área da cena do crime. No Mount Tabor.”

“E como você sabe disso?”

Susan pegou o fim da gaze, onde havia rasgado, e enfiou-o dentro do resto da bandagem. “Porque eu vi no noticiário local. Eles mostraram imagens aéreas da cena. Reveja a fita. É mais alta do que qualquer uma das outras árvores em torno dela. É a árvore mais alta ali.”

Archie estava quieto.

“Então, isso poderia ser uma pista, certo?” disse Susan.

“Talvez”, disse Archie. “Ou pode ser uma coincidência.” Ele estava sentado desleixadamente no assento do vaso sanitário. Susan estava sentada no chão. De repente ela estava ciente de quão pequeno o banheiro era, e quão perto os seus corpos estavam. A camisa dele estava abotoada errada. Ela achou que era estranhamente encantador. Realmente, estava muito quente lá dentro. Archie levou a sua mão boa para o rosto, e coçou a bochecha com as pontas dos dedos. Susan não podia se mover. “A sua maquiagem dos olhos está um pouco manchada”, disse ele.

Ela tocou seu rosto. “Oh,” ela disse. Ela podia sentir seu rosto quente. “Obrigada.”

Archie ficou parado.

“Por que você nunca me liga de volta”, perguntou Susan.

“Eu estou com muito trabalho, Susan”, disse Archie.

“É por causa do Leo?”, ela perguntou.

“Esta muito quente aqui”, disse Archie. Ele saiu do banheiro. Susan ficou chocada por um segundo e, em seguida, se levantou e saiu atrás dele. Encontrou-o sentado no sofá preto, a mão enfaixada no colo.

“E então”, ela disse, em pé.

“Obrigado pela visita”, disse Archie.

Era noite e agora o apartamento parecia estranhamente iluminado em comparação com o céu escuro lá fora.

“Eu sei que você não gosta dele”, disse Susan.

“Eu gosto dele”, disse Archie. “Nós temos uma história.”

Ela sabia tudo sobre isso. “Você ajudou a capturar o assassino de sua irmã”, disse ela. Ela se sentou ao lado dele no sofá, tomando cuidado para deixar uns respeitáveis quarenta e cinco centímetros entre eles. “Mas esta não é a forma ideal de se conhecer alguém”, disse ela. “Mas você, entre todas as pessoas sabe pelo que ele passou. Ele acha você o máximo.” Era mais complicado do que isso, Susan sabia. Archie e o pai de Leo se conheciam de longas datas, e Archie sabia exatamente como Jack Reynolds ganhava o seu dinheiro. “O pai dele é barra pesada”, disse com um suspiro. E por barra pesada ela queria dizer traficante. “Ok. Você está certo. Mas,” - e ela levantou o dedo para dar ênfase - “ele não é como o pai.” Ela reconsiderou isso. “Quero dizer, ele não é perfeito. Mas ele não é o Scarface”.

“Você não precisa de minha permissão para namorar Leo Reynolds”, disse Archie.

Ela não precisava. Certamente. Isso era ridículo. Por que ela precisaria?

Embora. . .

“E se eu quisesse”, perguntou Susan.

Archie olhou para ela por um momento, e, em seguida, esfregou os olhos com a mão boa. “Há coisas que eu não posso te dizer.”

“Sem merdas”, disse Susan. “Você é como um cofre ambulante cheio de coisas que não quer dizer às pessoas. As pessoas que têm segredos deveriam pagar para você guardá-los. Você poderia ser como um banco de segredos”. Ela revirou os olhos. “Há coisas que você não pode me dizer?”, ela perguntou. “Coisas piores do que as coisas que eu já sei? Como isso é possível?”

Archie não respondeu.

Ela queria lembrá-lo de que não estava mais fazendo reportagens, que ele podia confiar nela, que ela era sua amiga. Ela queria dizer a ele que ela não iria traí-lo.

Mas, principalmente, ela queria que ele soubesse, sem precisar dizer.

“Então, você não vai conseguir jantar com a gente?” disse Susan.

“Susan.” Ele poderia fazer o seu nome soar tão longo, às vezes.

“Nós poderíamos simplesmente parar em um carrinho de comida”, disse ela rapidamente. “Sem pressão. Algumas batatas fritas e um taco coreano ou dois.”

Archie cruzou os braços e olhou para ela. “Eu vi Pearl hoje.”

Susan imediatamente perdeu sua linha de pensamento e colocou seus pés sob o sofá. Pearl? Aqui? Se Archie estava mentindo, isso era kung fu verbal por excelência. “Sério?” disse Susan.

“Ela mora na casa de recuperação, onde a vítima era voluntário. Ela pode ter sido a última pessoa a vê-lo vivo, além do assassino.”

Já se passara um ano desde que tinha visto Pearl. “Eu pensei que ela tinha voltado para sua mãe, em Salem,” disse Susan.

“Mãe adotiva. Eu verifiquei. Ela fugiu de novo. O estado a colocou nesta casa, enquanto eles procuram por uma nova colocação.”

“Como ela está?”

“Como uma espertinha defensiva e marrenta”, disse Archie.

“Isso se chama ter dezessete anos”, disse Susan. Ela gostava de Pearl. Pearl não tinha a intenção de usar a pistola Taser em Archie. Bem, ela o enganara, mas como ela ia saber que seu então namorado ia arrastar Archie, suspendê-lo nu em ganchos de carne, e tentar mata-lo com um machado?

Quem não teve um namorado ruim em algum momento?

Pearl tinha feito algumas escolhas ruins, mas tinha um bom coração.

“Ela mentiu para mim hoje”, disse Archie.

“Uma adolescente?” Susan disse com uma falsa surpresa. “Mentindo para uma figura de autoridade? Impossível.”

“Ela me disse que estava fumando lá fora, e que se escondeu quando viu Jake Kelly passar, porque ele não gostava que ela fumasse”, disse Archie. “Claire foi com uma equipe à casa dele esta tarde. Disse que cheirava como um cinzeiro”.

Susan estava se sentindo autoconsciente sobre o pacote de American Spirit em sua bolsa. “Então ele fumava”, disse ela. “Isso significa que ele foi legal com ela fazendo isso. Talvez ele pensasse que ela era muito jovem.”

“Ou talvez ela tenha mentido para mim”, disse Archie.

“Você quer que eu fale com ela?”, Susan perguntou. “Usar minhas habilidades em interrogar adolescentes?”

Archie sorriu. “Vocês duas têm muito em comum.”

Susan suspeitava que isso não era um elogio. “Talvez possamos ir no shopping para colocar uns piercing”, disse.

“Eu vou te buscar amanhã de manhã, às dez.”

Susan o estudou. Ele parecia cansado. “Você esta me mandando embora, né?”

“Sim”.

“Tudo bem”, disse ela.

Ela se levantou, e seu telefone tocou. Ele estava em sua bolsa, que era mais um saco de veludo com alças muito longas, e que Susan usava pendurada no ombro. Ela procurou o telefone e olhou para o número. Era aquele cara do Hospital Estadual de Oregon novamente. Eles estavam ligando o dia inteiro. Ela se perguntava se Archie tinha recebido um telefonema deles, também. Então, ela olhou para as peças do telefone de Archie e isto respondeu à sua própria pergunta.

“Não precisa atender isso?”, perguntou Archie.

Ela sabia que deveria contar que havia aceitado o convite de Gretchen para se encontrar com ela para uma entrevista. Ele deveria saber. Susan gostaria de falar com ele antes.

Que nada. Ele iria querer proibi-la.

E, então, Susan teria que ir vê-la de qualquer maneira e, em seguida, Archie ficaria decepcionado e preocupado.

Essa era a coisa que Archie não sabia sobre Susan. Ele estava sempre trabalhando tão duro para protegê-la e ele não sabia que ela estava tão interessada em protegê-lo. Archie quase se matou para escapar de qualquer feitiço que Gretchen tinha sobre ele.

Ela não iria contar para ele. Ainda não.

Susan desligou o telefone celular, já olhando para suas lindas e dolorosas botas. “Isso pode esperar”, disse para Archie. “Por enquanto”.

Archie Sheridan não era o único que podia guardar segredos.



CAPÍTULO 11

Agora era o barulho da equipe de construção.

Parte da passarella a beira do Willamette tinha sido destruída pela água da enchente e eles estavam usando escavadeiras para finalmente retirar o que restou do concreto quebrado. Pareciam dentes gigantes de metal mastigando pedras. Archie desistiu de tentar dormir e sentou-se na cama.

Ele olhou para o relógio. Eram 02h59min da madrugada.

Seu pescoço estava rígido e, por reflexo, ele estendeu a mão para esfregá-lo. Seus dedos encontraram a cicatriz, onde Gretchen, com um golpe de seu bisturi tinha cortado sua garganta.

Essa era a única coisa que Henry e os outros não entendiam. Por que Archie se colocaria em suas mãos de novo e de novo depois do que ela tinha feito com ele. Ele sabia que ela não iria matá-lo.

Não de propósito.

Mesmo que ele estivesse caído de joelhos, o sangue escorrendo em seu peito, ele sabia que não seria uma ferida fatal.

Archie sentou-se na beirada da cama. O ventilador fazia cócegas no pelos de seu corpo nu. Suor escorria pelas suas costas abaixo. O ar era espesso e quente, concentrado, como se estivesse pressionando sobre ele.

Ele manteve a mão na garganta, a cicatriz uma fissura sob seus dedos. Eles haviam costurado o corte, e cada ponto tinha deixado a sua própria cicatriz, tipo Frankenstein. Ele podia sentir o sangue pulsando sob seus dedos. Ela também sentiu sua pulsação quando tinha lhe cortado, fez isso para encontrar a localização da artéria carótida, cuidadosamente, para evitá-la enquanto ela riscava com a lâmina através da carne dele.

A vida era uma série de quase acidentes. Acidentes de carro evitados por reflexos rápidos. Trilhos que se rompiam. Antibióticos. Cintos de segurança. Capacetes. Deveríamos estar todos mortos mais de cem vezes.

Archie tinha tentado o suicídio com comprimidos. Os psiquiatras tinham chamado de suicídio lento. Archie não tinha certeza se acreditava neles. Ele tinha uma arma. Ele sabia como colocar uma bala no cérebro.

Ele não tinha tomado os comprimidos para morrer, ele os tinha tomado porque era a única maneira dele poder permanecer vivo.

Sua artéria pulsava.

Ele podia sentir a cicatriz sob seus dedos.

Ela tinha desviado de sua carótida por um centímetro. A largura de um botão médio de camisa.

Sorte, eles tinham dito.

Mas sangrar de uma artéria não era um mau caminho a percorrer. Ele tinha visto isso. A morte vinha rapidamente. Ele tinha visto um jovem morrer após Gretchen cortar sua artéria femoral. Sem desviar centímetros daquela vez. Ela fez um corte limpo através dela. A vida daquele homem tinha se esvaído em poucos minutos.

Outra pessoa que Archie não tinha salvado.

O rangido de metal contra concreto ecoou pelas janelas abertas e Archie esticou a cabeça contra seu ombro até que ouviu um estalo satisfatório. Então ele abaixou a mão de seu pescoço e a inspecionou. Sua palma estava molhada de suor onde Susan tinha envolvido a gaze. Ele desenrolou o curativo, agora salpicado de sangue seco, e depois se levantou e caminhou até o banheiro. Jogou a gaze no lixo e deixou a mão debaixo da torneira fria por alguns minutos, até que parasse de latejar, e então ele jogou um pouco de água no rosto.

Quando ele olhou para cima, ele foi confrontado com o seu reflexo no espelho do armário de remédios. Seu cabelo castanho encaracolado, com manchas cinza nas têmporas. Nariz torto. Pele repleta de vasos sanguíneos danificados. Ele ganhou de volta o peso que tinha perdido durante os dois anos que passou em licença médica após Gretchen haver lhe torturado, mas ele nunca seria o mesmo de antes. As rugas profundas na testa e nos cantos dos olhos faziam-no parecer dez anos mais velho do que seus quarenta e um anos. Mesmo seus pelos pubianos estavam grisalhos.

Pearl tinha razão. Ele parecia velho.

Archie sorriu.

Ele se perguntou como Gretchen estaria. Neste momento. Trancada no Hospital Estadual.

Ele esperava que ela tivesse um espelho também.

Archie permaneceu nesse pensamento. A água da pia correu em regatos pelo seu rosto e ao longo de seu pescoço. Seu cabelo estava úmido com água e suor.

O sequestrador de Patrick tinha se afogado - seu cabelo emaranhado com sangue - nos últimos momentos, enquanto lutavam na enchente.

Archie afastou-se do espelho, puxou uma toalha do cabide, e secou seu rosto e cabelo. Ele ainda podia sentir a resistência da cabeça do homem, enquanto Archie o mantinha embaixo da água, com a mão agarrada no cabelo do moribundo.

Archie atirou a toalha ao redor de seu pescoço e apalpou procurando sua pulsação na garganta. Quando ele a achou, cravou seus dedos no pescoço e os manteve ali. Ele contou até dez.

Havia algo de reconfortante nesse latejar. Seu coração ainda estava batendo. Seu corpo não tinha desistido dele ainda.

Depois de alguns minutos, ele foi capaz de olhar no espelho e ver apenas a si mesmo, o cabelo despenteado, o rosto um pouco vermelho de esfregar a toalha, mas ainda Archie. Ele ainda estava lá, não estava? Ela marcou-o com suas impressões digitais, as cicatrizes, literal e figurativamente, mas ele ainda era ele mesmo, ele ainda estava no controle.

Ele abriu o armário de remédios e pegou quatro grandes frascos de comprimidos.

Nos rótulos dos frascos lia-se Prilosec e Prozac. Ele abriu um dos frascos e deixou cair alguns comprimidos ovais brancos na palma da mão. O som dos comprimidos que caíram do frasco de plástico davam água na boca. Cada comprimido era estampado com a letra V.

Vicodin.

Quando Archie tinha concordado em ir para a reabilitação, Henry tinha passado no seu apartamento, juntado todos os últimos analgésicos que pôde encontrar, e jogado todos eles no vaso sanitário.

Henry conhecia Archie, sabia que tinha que revistar tudo, os bolsos das calças de Archie, suas jaquetas. Mas Henry nunca tinha pensado em procurar Vicodin em outros frascos de comprimidos de Archie. Qual lugar melhor para escondê-los?

Agora Archie olhava para o Vicodin na sua mão. Ele ainda morria por eles, pelo amargo sabor calcário, pela descarga de prazer que vinha dez minutos depois.

Ele gostava de tirá-los e olhar para eles. Às vezes ele os alinhava sobre a pia do toalete, contando-os. Ele gostava de saber que eles estavam lá. Mas ele já estava deixando os comprimidos caírem da sua mão de volta no frasco de Prilosec quando ouviu seu telefone.

Ele fechou a tampa do frasco, guardou tudo no armário de remédios, e voltou para seu quarto, onde o telefone tocava insistentemente na mesa de cabeceira.

Quando ele o tinha quebrado, o aparelho dividiu-se em duas partes e a bateria voou. Ele colocou a bateria de volta e prendeu tudo junto com fita adesiva.

Aparentemente, ele ainda funcionava. Havia algumas vantagens em não ter um smartphone.

Ele o pegou e sentou-se na cama.

“Olá, Patrick”, disse ele.

“Eu te acordei?”, perguntou Patrick.

“Não”, Archie disse, esfregando os olhos. “Eu já estava de pé.”

“Eu estou vendo aquele conselheiro de novo”, disse Patrick.

“Estou feliz”, disse Archie.

“Posso ir visitá-lo?”, perguntou Patrick, e Archie podia ouvir a súplica em sua voz.

“Não agora”, disse Archie.

“Você está bravo comigo?”.

Isso quebrou o coração de Archie. “Olha”, disse ele, “mesmo se os seus pais concordarem, não posso cuidar de uma criança agora.” Ele não conseguia sequer cuidar de seus próprios filhos com sua agenda. Se ele recebesse um telefonema de homicídio no meio da noite em um fim de semana que estava com as crianças, ele tinha que arrumá-los e levá-los de volta à sua mãe. Eles iam para a cama na sua casa e acordavam na dela, o que não era ideal para ninguém.

“Archie?”, perguntou Patrick.

“O quê?”

Archie podia ouvir Patrick respirar.

“Eu acho que meus pais estão com medo de mim”, disse Patrick.

“Eles estão com medo”, disse Archie. “Não de você. Apenas no geral. Eles estão preocupados com você. E eles estão preocupados em dizer ou fazer a coisa errada.”

“Sério?” Patrick disse.

“Sim”, disse Archie.

Archie ouviu Patrick bocejar. “Estou cansado,” disse Patrick. “Eu vou dizer adeus agora.”

“Converse com seu conselheiro, Patrick”, disse Archie. “Tudo bem? Diga a ele o que você me disse. Está tudo bem. Ele pode ajudá-lo.”

“Hã-hã”, disse Patrick, e então desligou.

Archie colocou o telefone de volta na mesa de cabeceira.

Seus dedos ainda estavam em carne viva, as novas crostas cercadas de rosa. Sua mão estava molhada quando ele derramou o Vicodin sobre ela, e as pílulas tinham derretido um pouco, deixando um resíduo de giz branco.

Archie ergueu a palma da mão até a boca e lambeu.

Na próxima vez que o telefone de Archie tocou, seu quarto estava cheio com a luz leitosa do início manhã. Ele ainda estava meio dormindo quando pegou o telefone.

“Olhe pela janela”, disse Henry.

Archie sentou-se e colocou um lençol em torno de sua cintura. “Qual delas?”

“Oeste”.

Ele caminhou para a janela do seu quarto virada para o oeste. Uma brisa quente entrava pela janela aberta, junto com o cheiro azedo de podridão resultante da enchente. O lado oeste estava em chamas com a manhã. A linha de árvores irregulares do West Hills estava brilhante contra o céu. Janelas piscaram para ele. O rio brilhou. Demorou um minuto para Archie registrar a mancha cinza contra o céu ao norte, e depois seguiu-a para trás, para o lado oeste da Ponte Burnside, onde

vários caminhões de bombeiros e pelo menos cinco carros de patrulha estavam estacionados, luzes de emergência piscando. O tráfego através da ponte estava interrompido.

“Você pode ver?” Henry perguntou.

Portland não tem muitos marcos visuais. O horizonte avermelhado. O Monte Hood. As torres gêmeas do centro de convenções. E depois havia o luminoso de quinze metros em neon com as palavras ‘*Portland, Oregon*’ erguido num telhado do distrito Old Town, a área mais antiga da cidade. Durante a maior parte de sua existência, a placa tinha anunciado as roupas esportivas White Stag. Archie se lembrava de suas viagens na infância até o centro, o contorno do estado de Oregon com um veado branco saltando, sobre o nome da empresa. Nos anos cinquenta, alguém teve a ideia de adicionar o nariz vermelho da rena do Papai Noel, Rudolph, no veado a cada Natal. O luminoso foi comprado e vendido, e o produto anunciado foi trocado. Mas toda vez que alguém falava em desmontá-lo, os moradores de Portland se mobilizavam. Eles amavam fazer sua compostagem, energia renovável e reciclagem, com certeza, mas também amavam aquele sinal de neon berrante. A prefeitura tinha, finalmente, adquirido o luminoso há alguns anos, e mudado as letras, deixando o desenho do veado e o do estado intactos, garantindo que Rudolph iria visitar as crianças de Portland nas gerações vindouras.

Agora, o sinal estava em chamas.

“Há um corpo”, disse Henry. “E outro lírio”.

“Eu estarei lá em 15 minutos”, disse Archie. Ele ergueu o rosto para o sol por um momento antes de se virar e se dirigir para o chuveiro.



CAPÍTULO 12

Susan Ward estacionou seu Saab no estacionamento de visitantes do Hospital Estadual de Oregon. Ela sentia um nó no estômago, e o início de uma dor de cabeça. A viagem de uma hora de duração até Salem tinha sido brutal. Ela pensou que poderia vencer o calor, saindo bem cedo, no início da manhã. Não teve essa sorte. Seu ar-condicionado estava quebrado há anos, e mesmo com as janelas abertas ela suava dentro da sua camiseta. A garrafa térmica de café quente que ela bebeu no caminho provavelmente não ajudou. Ela virou para baixo o quebra-sol e inspecionou seu reflexo no espelho. O vento tinha feito um espetáculo com o seu cabelo. Ela tentou passar seus dedos através da touceira emaranhada de cor tangerina, estremecendo enquanto desfiava os cabelos entrançados. Seu batom tinha passado para a boca da garrafa de água que ela vinha tomando para se manter hidratada, por isso limpou o resto com a mão e reaplicou um tom de laranja que quase combinava com seu cabelo. Depois acrescentou rímel. Ela inspecionou seu reflexo novamente. Melhor. Ela viu um pequeno pelo grosso entre as sobrancelhas, segurou-o entre o polegar e o indicador, tirou-o e jogou-o pela janela.

Ela olhou pela janela do carro para o prédio principal. Ele foi inaugurado em 1883, e parecia um asilo de um filme de horror gótico. Eles filmaram *Um estranho no ninho* aqui, o que praticamente dizia tudo. O estado tinha dado uma demão de tinta de cor creme, desde então, e remodelado algumas das estruturas. Durante a remodelação eles tropeçaram em um depósito com o que pareciam ser latas de cobre de sopa empilhadas. Descobriu-se que elas eram os restos cremados de mais de cinco mil ex-pacientes.

O responsável pelas Relações Públicas do hospital teve que fazer muita ginástica, num esforço para explicar aquela situação.

Susan estava satisfeita porque havia apenas algumas pessoas em volta, perambulando pelas vias pavimentadas entre os prédios do campus do hospital, e ninguém estava olhando para ela, então ela tirou sua camiseta ali mesmo no carro. Foi agradável, a sensação do ar fresco sobre a pele umedecida de suor, e ela ficou sentada ali por um momento, do lado de fora do manicômio, em topless, exceto pelo sutiã roxo, antes de jogar a camiseta suada no banco de trás e vestir uma limpa que ela tinha trazido para trocar. Ela passou uma nova camada de desodorante nas axilas e olhou para seu reflexo mais uma vez.

Ela estava pronta agora.

Ela saiu do carro e se arrastou até o caminho curvo para a entrada principal do hospital. Uma rajada fria de ar condicionado bateu nela quando abriu a porta, e Susan estremeceu. A porta abria para um hall. O tapete era de um tom alarmante de azul elétrico. As paredes eram incrivelmente brancas. Todos os frisos e outros detalhes arquitetônicos originais pareciam ter sido há muito tempo arrancados ou pintados. À frente, um grande conjunto de grossas portas duplas de madeira dava para a área principal. Ao se abrir as portas avistava-se um formidável balcão em forma de L. Duas mulheres estavam sentadas atrás dele. Uma estava ao telefone. A outra olhou para Susan com o entediado sorriso forçado endêmico das recepcionistas em geral.

“Estou aqui para ver Gretchen Lowell,” disse Susan.



CAPÍTULO 13

Archie, no curso de seu trabalho, tinha se acostumado com um monte de coisas. O cheiro de corpos em decomposição não o incomodava mais. Ele poderia assistir um médico legista usar uma serra elétrica para remover o cérebro de um cadáver, a lâmina serrando o osso, o pó branco e fino no ar parecendo mármore, mas que era realmente pó de um crânio. Isso, ele podia suportar. Mas ele nunca tinha se acostumado com o cheiro de carne humana queimada. Era nauseante e doce, repulsivo e sólido, pútrido e metálico. Era o cheiro de algo errado, algo que não deveria ter acontecido, algo que causava perturbação em um nível primitivo.

Uma vez que você sentisse aquele cheiro, você jamais esqueceria.

O teto do edifício do velho White Stag estava molhado, não de chuva, mas da água das mangueiras de incêndio. Alguns dos bombeiros ainda estavam recolhendo seus equipamentos, suas jaquetas pesadas e seus capacetes colocados em uma linha elegante, perto da porta de acesso à escada. O sol da manhã já estava quente, mas havia uma brisa promissora vindo do rio. O West Hills era exuberante e verde ao oeste, as montanhas eram cristal claro ao leste, e do telhado do edifício do White Stag a cidade não poderia parecer mais bonita.

O corpo, ou melhor, a crosta queimada do que restou do corpo, estava em uma poça de água suja na sombra do luminoso. O luminoso, mais maciço de perto do que parecia de baixo - as letras tão altas quanto Archie - estava encharcado de água das mangueiras de incêndio. Mas parecia ter escapado do impacto do fogo.

O corpo tinha sido a origem do fogo. O luminoso tinha sofrido os danos colaterais.

O cadáver ainda estava fumegando. Finas nuvens de cinza subiam do torso cozido e, em seguida, rapidamente dissipavam-se no calor da manhã clara.

Era impossível para Archie dizer se eles estavam olhando para um homem ou uma mulher. As mãos e os pés tinham se desintegrado em cinzas, deixando o cadáver com tocos de carvão irregulares nos cotovelos e joelhos. O cabelo e as características faciais tinham derretido, restando apenas um buraco aberto de dentes brancos perfeitos onde tinha sido a boca. Quaisquer roupas agora eram cinza. O corpo estava enrolado de lado, os ombros encolhidos, braços e pernas horrivelmente torcidos. A carne parecia piche, com algo cru e vermelho por baixo, como um bife mal cozido, maculado com manchas brilhantes de gordura derretida. O lírio estava a

poucos metros de distância, embebido em água e, em seguida, esmagado, provavelmente achatado pelo calcanhar de um bombeiro.

Com o corpo nessa posição fetal, a boca aberta, qualquer um pensaria que a vítima morreu em agonia. Archie tinha que se lembrar de que o fogo faz com que os músculos se contraíam e assim o corpo vai para a posição fetal. Isso não significa que a pessoa sentiu uma dor excruciante. Não necessariamente.

A brisa do rio já tinha começado a corroer os restos, levantando pequenas partículas de cinzas no ar. Todo mundo lá em cima provavelmente tinha respirado uma porção, algum pontinho de uma mão queimada, um pouco de um polegar. Se um helicóptero da TV local chegasse muito perto, metade do corpo subiria em uma tempestade de poeira arenosa e todos estariam escovando cinzas de seus dentes por alguns dias.

“Onde está Robbins?” Archie perguntou para Henry.

“Está chegando”, disse Henry, seus óculos de aviador refletindo o céu. “Telefonemas começaram a chegar lá pelas seis. Os primeiros transeuntes viram o fogo e pensaram que o luminoso tinha curto circuitado. Bombeiros chegaram. O fogo se alastrou rápido. Eles nem sequer sabiam que havia um corpo até encontrá-lo. Algum tipo de combustível deve ter sido usado.”

Archie deu um passo para trás e olhou para o luminoso 'Portland, Oregon'.

“Pode ser suicídio”, disse Henry. “Uma autoimolação”.

“Que tal combustão espontânea?”, disse Archie. “Poderia ser isso.”

“Relâmpago”.

“Adormeceu com um cigarro aceso?”

“Poderia ser um assassinato.”

“Eu acho que não devemos descartá-lo”, disse Archie.

Henry enfiou a mão no bolso da calça, tirou um pacote de chicletes, e ofereceu-o a Archie. Ele pegou um. Um grande número de policiais mascava chiclete em cenas de assassinato. Isso ajudava a amenizar o cheiro. Não era um hábito que Archie já tinha adquirido. Algo sobre isso sempre lhe pareceu desrespeitoso. Policiais que não sonhariam em mascar chiclete na igreja colocavam um maço de chicletes entre os dentes ao primeiro cheiro de decomposição.

Enfrentando o cheiro de carne humana assada, Archie podia ver a sabedoria nisso. Ele colocou o chiclete na boca. Era de hortelã, e perturbadoramente quente por estar no bolso de Henry.

Henry também tinha pegado um chiclete, e os dois homens estavam juntos analisando a cena do crime, enquanto os restos humanos continuavam a arder aos seus pés.

Apenas o centro do luminoso estava enegrecido, algumas das letras parcialmente derretidas, parte do apoio dos andaimes de metal fora chamuscado. Archie adivinhou

que a vítima tinha sido amarrada ao luminoso. O fogo deve ter queimado a corda que a prendia, e o corpo, em seguida, caiu no chão. Ele redirecionou sua atenção para os restos mortais.

Henry, que deve ter pensado a mesma coisa, apontou uma cobra de cinzas que poderiam ter sido os restos da corda queimada. “Bem ali”, disse ele.

Preocupações com o ozônio à parte, o luminoso Portland, Oregon era um tesouro da cidade. Comerciantes vendiam cartões postais com aquele luminoso, e canecas silkscreenadas. Isto não era um bosque de árvores num canto fora do caminho do Mount Tabor Park. Isto era público. O que tornava arriscado.

“Por que a mudança de local?” perguntou Henry. “A natureza não era seu cenário?”

Archie ouviu um barulho e ele e Henry se viraram para ver Robbins, que tinha acabado de sair da escada pela porta e, aparentemente por acidente, chutado vários capacetes dos bombeiros, que ele agora estava tentando recolher.

Robbins estava vestindo um novo macacão branco, que, sob o sol brilhante, era tão imaculado, tão brilhante e tão branco que era quase ofuscante. Depois de alguns gestos apologeticos ao restante dos bombeiros, ele andou até Archie e Henry, carregando sua maleta de perito. Se o cheiro incomodava, ele não demonstrava, mas ele deu um olhar atrás de si desconfiado. “Eu não gosto de alturas”, disse ele.

“Eu pensei que você escalava rochas”, disse Henry.

“Quando eu escalo rochas”, disse Robbins, “Eu não olho para baixo.”

Outra rajada de vento soprou sobre o telhado, e mais cinza rodou no ar e parecia pairar acima deles.

“Alturas”, Archie repetiu baixinho para si mesmo. Ele olhou atrás de Henry e Robbins, sobre a borda, onde o Willamette, a fonte de uma inundação tão feia poucos meses antes, brilhava luminoso, azul e tranquilo. Ele podia ver o Mount Tabor de lá, e os verdes bairros residenciais do lado leste. Um cargueiro seguindo pelo rio parecia um brinquedo. Um quilômetro ao sul, Archie percebeu que a Ponte Hawthorne estava elevada, deixando um navio de cruzeiro chamado *Portland Spirit* passar por ela, enquanto algumas dezenas de carros esperavam. Lá de cima a cidade parecia vasta, bonita, brilhante e pequena. Archie pensou em Susan e o que ela tinha dito sobre a árvore. Esse foi o denominador comum. Ele limpou uma fina névoa de cinzas que se instalara em seus ombros. “Jake Kelly foi amarrado a uma árvore”, disse ele. “Não apenas uma árvore - a árvore mais alta.” Ele olhou para Henry e Robbins. “Tudo isto tem a ver com alturas.”



CAPÍTULO 14

A bolsa de Susan ficou em um armário no hall de entrada. Sem telefones celulares. Sem cigarros. Sem isqueiros. Basicamente tudo na sua bolsa foi confiscado. Eles haviam retirado seu cinto fino vermelho cravejado, seus colares longos, e seus brincos enormes. Agora ela não tinha qualquer acessório. Ela passou a mão nos bolsos das calças e sentiu a chave do armário que tinham dado a ela. Ela sentiu que a chave ainda estava lá. Mas ela sentia falta do peso reconfortante da alça da bolsa no ombro.

Ela olhou para Jim Prescott. Ele encontrou-a na recepção e acompanhou-a pela ala psiquiátrica judiciária que atualmente abrigava a Beleza Mortal. Não parecia um hospital. Não havia avisos pelo sistema de alto falantes. Nenhum cartaz alegre na parede, ou placas celebrando doadores. Nenhuma máquina automática de café ou loja de presentes. E nenhum sinal de pacientes. Se houvesse um psicótico gritando ou uma conversa num grupo de aconselhamento, tudo estava acontecendo por trás de portas fechadas com isolamento acústico.

Susan passou as mãos sobre os braços arrepiados.

“Você está bem?”, perguntou Prescott.

“Estou bem”, disse Susan. Seus chinelos batendo no linóleo.

Quando eles entraram na área de segurança máxima, Prescott passou o crachá preso num cordão sobre scanners eletrônicos, e pesadas portas se abriram para eles.

Ele não se parecia em nada com o que ela imaginara. Ela tinha imaginado alguém mais velho, aristocrático, barbeado, com cabelos prateados, rugas distintas, e aqueles meio-óculos que algumas pessoas usam em torno de seus pescoços em correntes. Prescott estava nos seus quarenta e poucos anos, e não havia nada nobre nele. Ele tinha uma barba espessa e cabelos encaracolados selvagens, e usava um casaco esportivo bege amassado, em vez de um jaleco branco. Ele usava sapatos mocassim, ela notou. Sem cadarços. Cadarços eram para psiquiatras que não tinham que se preocupar com a hipótese de que seus pacientes pudessem estrangulá-los até a morte caso olhassem para eles de forma errada.

Susan estava feliz por estar usando chinelos.

“Você vai ficar na sala?”, ela perguntou.

Ele passou seu crachá novamente. “Só se você quiser que eu fique.”

Susan se indignou. “Não, eu posso lidar com isso.”

Ela o seguiu pela porta. Eles estavam em uma ala para pacientes. Um homem vestindo um uniforme de enfermeiro estava sentado em um balcão de fórmica escrevendo um relatório. Ele não olhou para cima.

Prescott levou-a para uma porta no final do corredor.

“Este é o quarto”, disse Prescott. “Ela está esperando por você.”

“Espere um minuto”, Susan disse, sentindo as palmas das mãos começarem a suar. Ela tinha imaginado Gretchen amarrada a uma mesa, do outro lado de barras, com um tubo intra venoso de tranquilizantes em seu braço, cercada por cinco guardas armados e alguns pastores alemães rosnando. “Só isso? Eu apenas devo entrar e conversar com ela? E se ela decidir me estripar com uma fivela ou algo assim?”

Prescott deu a ela um condescendente sorriso simpático. “Você não está em perigo”, disse ele.

Susan praticamente sufocou. “É de Gretchen Lowell que estamos falando aqui. Ela matou mais de duas centenas de pessoas.”

“Ela *diz* que matou mais de duas centenas de pessoas”, disse Prescott. “Ela é delirante.”

“Eu vi o trabalho dela”, disse Susan. “Eu vi o que ela fez.”

“Ela é perturbada.”

“Você está errado, você sabe”, disse Susan. “Ela não deveria estar aqui. Eu sou contra a pena de morte. Eu não acho que o negócio de matar pessoas deveria ser responsabilidade do Estado. Eu acho que é errado. É hipocrisia. Principalmente, eu acho que isso é cruel. Mas Gretchen Lowell? Ela é a exceção. Ela merece morrer. Se pudéssemos matar uma pessoa, um criminoso na história do mundo, deveria ser ela.” Susan fez uma pausa, reconsiderando. “E Hitler. Ela e Hitler.” Prescott tinha aquele olhar de psiquiatra no rosto novamente, passivo e indiferente e, ainda de alguma forma, crítico ao mesmo tempo. Susan continuou. “Ela tirou o baço de um detetive sem anestesia. Ela colocou um fio através do globo ocular de uma mulher de idade e, em seguida, enfiou atrás do nariz dela e encaixou pelo outro olho e, em seguida, ela enfiou o fio em uma tomada.”

Prescott levantou uma sobrancelha. “E você está argumentando que ela é *sã*?”

Susan decidiu que não gostava dele. “Ela sabe a diferença entre certo e errado”, disse.

“Você não está qualificada para fazer essa avaliação”, disse ele. Ele olhou para o relógio e, em seguida, projetou o queixo desalinhado na direção de um interruptor de metal na parede ao lado da porta. “É aqui que você fica”, disse. Ele já estava se movendo, já se encaminhando para seu próximo psicopata. Eles provavelmente não gostavam de ser deixados esperando. “Chame uma enfermeira quando você tiver acabado”, disse por cima do ombro. “Ela poderá mostrar a saída.”

“Espere”, disse Susan, não gostando de não conseguir disfarçar a ansiedade em sua voz.

Ele parou e voltou-se para ela, e ela queria apagar o sorriso sabe-tudo do rosto dele.

“Eu menti”, disse Susan. Ela olhou para a porta, imaginando o que encontraria do outro lado. Não havia guardas. Não havia pastores alemães. Apenas Gretchen Lowell. Ela estaria algemada a uma parede de masmorra, ou talvez enrolada no canto amarrada em uma camisa de força? Haveria barras entre elas? Era uma sala iluminada e limpa, ou uma cela escura? Susan tinha visto o lado mais vil de Gretchen, e seu lado mais sedutor. E ambas as personalidades assustaram-na terrivelmente. “Por favor, não me faça ficar a sós com ela”, disse Susan.



CAPÍTULO 15

O quarto de Gretchen era pintado de amarelo pálido, a cor de um berçário, ou de um comprimido de tranquilizante. Era grande, quase grande demais, e vazio, exceto por um colchão de solteiro em uma cama com armação de metal, uma cadeira de plástico moldado, e uma cômoda. A cama ficava perto da única janela do quarto. A janela estava coberta com barras que eram pintadas com tinta espessa, branca e brilhante. Não tinha cortina. O chão era de linóleo laranja-queimado, com bolhas nos locais onde havia umidade e salpicado de manchas com aparência desagradável.

Gretchen estava na cama, com a cabeça virada de costas para a porta, de modo que tudo o que Susan podia ver eram tufo de cabelo loiro escuro e um cobertor cinza com a forma vaga de um corpo.

“Gretchen?” Prescott disse gentilmente. “Sua visita está aqui.”

Gretchen não se mexeu.

Susan podia sentir os pelos dos seus braços se arrepiando. Sem querer, estendeu a mão para ajeitar seu próprio cabelo laranja desganhado. Ninguém podia competir com Gretchen Lowell no departamento de aparência, mas ela ainda se encontrava querendo pelo menos fazer um esforço. Ali estava ela, prestes a se encontrar com uma serial killer megalomaniaca, e sentia que ainda era aquela garota nerd se aproximando da líder de torcida popular sentada à mesa na cafeteria. Ela pensou fugazmente em recuar através da porta, de volta para o corredor, de volta para o seu Saab, onde até mesmo o pior calor seria melhor do que isto. Ela podia sentir seu próprio suor. Ela podia sentir o cheiro do aroma floral opressivo do desodorante Lady Speed que tinha passado quando se arrumou no carro. Ela não conseguia discernir qual cheiro era mais desagradável.

Prescott caminhou pelo quarto, dirigindo-se para a cama e para o emaranhado louro, acenando para Susan segui-lo. Ela o fez. Ela pensou: *Assim é como se sentem os cordeiros sendo levados para o celeiro na véspera do dia de Páscoa.*

“Gretchen?”, disse Prescott.

Gretchen agitou-se neste momento, e em seguida, rolou de costas e lentamente virou o rosto para eles.

Susan recuou assustada.

Por um segundo, ela pensou que tinha havido um erro. Que ela havia sido levada para o quarto errado. Que Prescott tinha entendido mal de alguma forma.

Esta não era Gretchen Lowell.

Gretchen sempre foi uma beleza. Ela era o tipo de mulher que poderia silenciar uma sala quando entrava pela porta. Essa não foi a única razão pela qual chamou a atenção do público - seus horríveis crimes teriam sido suficientes - mas isso ajudou para que aquele lindo rosto vendesse revistas. Ninguém conseguia entender como alguém tão deslumbrante pudesse ser capaz de tais atos de brutalidade. Eles não entendiam que seu interior não correspondia ao exterior.

Agora estavam mais parecidos.

As feições simétricas e perfeitas de Gretchen estavam borradas e inchadas. Sua pele de alabastro, outrora imaculada, estava agora pálida e salpicada com manchas de aspecto doloroso. Remelas entupiam os cantos dos olhos. Seus lábios estavam rachados, e uma crosta de saliva seca havia grudado nos cantos da sua boca. Seu cabelo, que parecia loiro do outro lado da sala, estava sem brilho e quebradiço, quase incolor. E o mais notável, aquela coisa, a qualidade inominável que a iluminava de dentro, mesmo na prisão, tinha ido embora. Ela parecia inexpressiva e apagada. Susan não a teria reconhecido.

Ela estava feia.

Gretchen lambeu os lábios secos. “É a medicação”, disse ela em uma voz grossa.

“É um investimento na sua recuperação”, disse Prescott.

Gretchen revirou os olhos.

Susan não sabia o que dizer. Tudo o que ela pode fazer foi acenar a cabeça tristemente. Claro que Gretchen estava sendo medicada. Mas Susan não estava preparada para a forma como ela se encontrava. Ela se perguntou se Gretchen podia ler a surpresa em seu rosto. Mas é claro que ela podia. Gretchen poderia ler todo mundo.

Os olhos injetados de Gretchen foram para a cadeira de plástico ao lado de sua cama. “Vamos começar”, disse ela.

Susan sentou-se na cadeira. Prescott encostou-se à parede e cruzou os braços.

“O que você quer me dizer?” perguntou Susan.

“Ligue-o”, disse Gretchen.

Demorou um segundo para Susan descobrir do que ela estava falando, e então percebeu o que Gretchen queria dizer e pescou o pequeno gravador digital do bolso da calça. Um momento embaraçoso se seguiu quando Susan percebeu que não havia mesa de cabeceira para colocá-lo, por isso ela teria de segurá-lo, o que significava ficar mais perto de Gretchen. Susan arrastou a cadeira para frente, apenas perto o suficiente para que ela pudesse pegar a voz de Gretchen no gravador, e nem um centímetro a mais.

Gretchen levantou-se para cima com os cotovelos até ficar sentada na cama, com

as costas apoiadas na parede. Ela se movia lentamente, como se sua cabeça estivesse mais pesada do que o normal. O puído pijama de algodão cinza com gola em V a fazia parecer ainda mais fraca.

Se Gretchen Lowell não tivesse assassinado tantas pessoas Susan poderia ter sentido pena dela.

“Quando eu tinha dezesseis anos,” Gretchen disse: “Eu matei um homem chamado James Beaton.”

Susan se inclinou para a frente. Gretchen estava com o olhar a meia distância. Susan olhou para Prescott. Ele estava encostado na parede ao lado da janela, observando Gretchen com seus redondos olhos de psicólogo. Susan olhou para baixo para certificar-se de que a luz vermelha estava piscando no gravador.

“Ele era casado,” disse, “e eu pedi para ele me encontrar em um quarto de motel. O Hamlet Inn, em St. Helens.”

St. Helens ficava há uma hora a oeste de Portland ao longo de uma rodovia popular entre ciclistas, apesar do fato deles serem rotineiramente achatados na pista por caminhões. Era uma cidade pequena. Eles a batizaram St. Helens, porque havia um vulcão no estado de Washington chamado St. Helens e, durante algumas semanas por ano, quando a cobertura de nuvens se levantava, você podia vê-lo da cidade. Isso sempre pareceu um pouco triste para Susan - nomear uma cidade por algo que nem ficava nela.

“Foi a primeira vez que usei um bisturi”, disse Gretchen. Ela pronunciava as palavras indistintamente e Susan teve que se concentrar para ouvir e se certificar de que estava fazendo tudo de forma correta. “Eu levava tudo que precisava numa mochila de lona. Eu algemei os pulsos na cabeceira e os pés nas pernas da cama, de modo que ele estava de braços abertos.” Uma erupção de raiva se alastrou do maxilar de Gretchen até seu rosto. “Ele pensou que íamos ter relações sexuais”, disse Gretchen. “Mesmo depois que eu coloquei a fita adesiva sobre sua boca, ele não estava com medo. Ele gostou. Eu estava nua. Eu poderia ter feito qualquer coisa com ele. Ele estava muito excitado e rebolava os quadris contra o lençol. Algumas pessoas gostam de sexo forte e selvagem.” As pálpebras de Gretchen estavam pesadas. Ela sorriu para si mesma. “Às vezes, as pessoas não são o que você imagina”, disse ela.

Ela levantou os olhos vermelhos e turvos para Susan.

Archie. Era nele que Gretchen queria que a mente de Susan imaginasse. Mas, independentemente do relacionamento fodido de Archie e Gretchen ter ou não ter acontecido, não havia nenhuma maneira de Susan imaginá-lo. “Continue”, disse Susan.

Gretchen sorriu maliciosamente. “Como o meu conhecido, James Beaton. Ele era casado, mas você e eu sabemos como é isso.” Ela ergueu o queixo em direção a

Prescott. “Susan tem problemas com o pai, Jim”, disse Gretchen. “Ela gosta de homens casados. Homens indisponíveis.”

Susan cortou-a. “Ele entendeu”, disse ela.

Prescott não se moveu. Ele manteve sua vigília silenciosa encostado na parede, com os braços cruzados, expressão impassível. Susan não podia decidir se ele era realmente um bom psiquiatra ou um espetacularmente ruim.

O olhar de Gretchen viajou de volta para Susan. “Ele não tinha um bom coração”, disse ela. Ela endireitou-se e dobrou as pernas sobre a cama. Havia um pouco de cor em seu rosto agora. “Ele estava vermelho e suando, como um porco. Seu corpo inteiro estava escorrendo. Suor. Ejaculação. Como veneno borbulhando para fora dele. Ele fedia a desejo. O cheiro de pau sujo.” Suas palavras saiam mais fácil agora. Ela limpou o canto da boca. “Lembro-me do suor escorrendo em suas orelhas peludas, do brilho oleoso em sua testa, suor escorrendo dos lados do seu ventre inchado. Ele pensou que eu iria querer aquilo? Ele? Peguei minha bolsa debaixo da cama e puxei-a para fora e tirei o lençol plástico. Estava dobrado, prensado em um quadrado, e eu tive que dar uma boa sacudida para desfraldar a coisa. O plástico era grosso e ruidoso e me tomou um tempo para esticá-lo no tapete. Foi só depois que eu comecei a coloca-lo debaixo dele, entre ele e o lençol da cama, que seus olhos mudaram.” Ela olhou para o cobertor sobre as coxas e alisou-o com a mão. “Ansiedade naquele momento, não medo. O plástico já estava no lugar e eu mostrei-lhe o bisturi. Sua ereção foi embora.” Ela se inclinou para frente e pôs a boca perto do gravador nas mãos de Susan, enquanto Susan se apoiava. “Apenas um pau mole e pequeno como um polegar em seu lugar, pulando para trás e para frente enquanto ele lutava,” Gretchen disse ao microfone. Ela sentou-se na cama.

Susan olhou para Prescott. Ele ainda estava encostado na parede.

As mãos de Gretchen reajustaram o cobertor sobre o colo. “Ele estava tentando falar comigo através da fita presa na sua boca, balançando a cabeça negativamente, forçando as algemas”, disse ela. “Eu cortei o nariz em primeiro lugar.” Ela olhou para Susan, como se quisesse certificar-se de que Susan havia entendido. Susan tentou manter uma expressão de aço, mas ela deve ter ficado verde porque Gretchen sorriu. “Eu montei nele e encostei a lâmina em uma narina e pressionei bastante”, continuou ela. “Foi fácil. Como cortar um abacate. Você sabe, aquele pouco de resistência antes da casca de um abacate se romper e a faca afundar na carne espessa e lisa da fruta? Enquanto eu cortava, eu puxava seu nariz com a outra mão, cortando ao longo da dobra nasal, de um lado, sobre a ponte, do outro lado e, finalmente, a cartilagem entre as narinas. Ele estava gritando. O tanto que ele podia, considerando a fita. Era mais como um gemido agudo, um carro com uma correia da ventoinha ruim. Ele veio na minha mão. O nariz. Não se parecia com um nariz. A

carne sempre parece muito menor depois de ser desmembrada. A pele se contrai. Parecia pequeno e inofensivo. Como nada. Mas sem ele, seu rosto era um buraco sangrento. Mas ele ainda estava produzindo muco. Borbulhava de sua abertura nasal, aquela meleca perolada borbulhante ensopada de sangue “.

O conteúdo do estômago de Susan pressionava contra sua garganta. Ela olhou para trás, à procura de alguma reação de Prescott, e não teve nada. Susan estava começando a pensar que ele estava drogado também.

Gretchen sorriu sombriamente para si mesma. “Agora ele estava com medo”, disse ela. “Quando as pessoas estão realmente com medo, realmente com medo por suas vidas, o branco dos seus olhos fica rosa. Eu não sei o porquê. Talvez tenha algo a ver com a elevação da pressão arterial, os vasos próximos à superfície dos olhos se dilatando. Eu sempre vi isso, nesses últimos momentos, sempre.”

Gretchen olhou para Susan, e Susan sentia frio por todo o corpo, até os ossos.

“Mas eu não queria que ele morresse”, disse Gretchen. “Eu queria que ele ficasse vivo, para ver o que eu estava fazendo com ele pelo maior tempo possível.” Gretchen deu um lento e longo suspiro. “Mas eu o machuquei muito, e muito rápido. Eu ainda não tinha o controle que iria desenvolver mais tarde. Eu ainda não adquirira o meu ritmo.”

Como quando ela torturou Archie por dez dias consecutivos.

Gretchen continuou. “Eu o abri. A partir do xifoide cortei até a sínfise púbica, ou seja, da junção do osso das costelas até o osso púbico, só que eu não conhecia as palavras ainda. Não foi uma incisão muito limpa. Ele era gordo e minha lâmina ficou sem fio. Eu me lamentei pelo lençol plástico. Ele cagou e mijou e tudo ficou debaixo dele, no plástico, de modo que eu estava ajoelhada no sangue e na urina e na merda. Eu tive que arregaçar as laterais da folha de plástico e usar toalhas de banho para manter o sangue longe do tapete.”

Gretchen virou as mãos e olhou para elas. “As pessoas simplesmente se abrem quando você as corta. Como um grande sorriso. Uma vez que eu atravessasse toda a gordura e músculos, ele mostrou tudo o que tinha na minha frente: intestinos, estômago, fígado, baço. Eu coloquei a minha luva antes de empurrar minha mão dentro dele. Eu queria penetrá-lo, senti-lo por dentro. Ele estava em choque naquele momento, cadavérico, olhos vidrados, tremendo. Ele estava sufocando, se afogando em seu próprio sangue. Mas quando eu cheguei mais perto, eu ainda podia ouvi-lo guinchar”.

Ela ficou em silêncio, um leve sorriso nos lábios, e Susan se perguntou se ela estava ouvindo os gritos naquele momento. “Eu coloquei meus dedos e torci minha mão sob seu intestino delgado”, disse ela, mostrando o movimento. “Seu corpo estava tão quente que enviou um arrepio através de mim. Minha mão em sua barriga fez um som de sucção. Ele era sólido. Eu pensei que suas entranhas seriam mais

macias, escorregadias, como colocar a mão em uma tigela de gelatina.”

Susan pensou que poderia vomitar. Mesmo Prescott desviou o olhar e engoliu em seco.

“Foi fascinante”, disse Gretchen. “Eu fui além.” Então, seu olhar virou-se para Susan. “Alguma vez você já preparou o recheio de um peru de Ação de Graças?” perguntou.

“Não”, disse Susan. Ela nunca mais comeria recheio de peru novamente. Ela não conseguiria comer novamente, ponto.

“Eu nem sequer percebi o momento exato em que ele morreu. Eu estava muito ocupada. Eu sempre fui assim. Super focada.” Ela disse, “é engraçado, quando eu percebi que ele se foi, eu perdi o interesse por ele. Dobrei o plástico em volta dele, arrastei-o para a banheira, e o esquartejei nas articulações. Não foi nada divertido. Apenas trabalho.”

Seu rosto estava desprovido de qualquer emoção agora. Ela disse: “Levou duas horas para limpar o quarto, e mais quatro horas e cinco viagens para retirar os pedaços dele de lá. Com toda aquela bagagem, eu precisava de um carregador de malas.”

Ela fez uma pausa. Perdida em seus pensamentos, Susan imaginou. Revivendo os bons tempos. Em seguida, Gretchen olhou para Susan e encolheu os ombros. “Mas o quarto era barato”, disse ela. “Vinte e nove dólares por noite. E isso incluía HBO. Então, eu acho que valeu a pena.” Ela inclinou-se para Susan, como uma confidente. Susan preparou-se, lutando contra o impulso de recuar. “Você sabe, eles nunca encontraram o corpo dele”, disse Gretchen. “Ou o carro dele. Sua esposa pensou que ele tivesse fugido.” Havia algo de perverso em seus olhos. Ela disse: “Acho que ela ainda o odeia por isso.”

Ela se esticou e se acomodou contra a parede, como um réptil relaxando ao sol. “Sr. James Beaton,” ela disse suavemente. “Ele foi a primeira pessoa que eu matei.” Ela levantou uma mão do seu colo e deu um curto aceno de desprezo para Susan. “Você deve ser capaz de vender isso. Agora vá embora.”

Susan paralisou, nervosa. “Por que contar essa história agora?”, perguntou.

“Troca de favores, pombinha”, disse Gretchen.

“Eu não estou fazendo nada por você”, disse Susan.

“Simmm”, Gretchen assobiou. Ela olhava para a frente, sem olhar para Susan. Susan podia distinguir uma boa penugem de pelos que tinha crescido acima dos lábios e na bochecha. “Sim. Você está. Ele vai saber que você esteve aqui, e ele virá. Ele virá em breve.”

Archie.

O estômago de Susan endureceu. “Eu vou pedir-lhe que não venha”, disse ela. “Eu vou prometer a ele que eu nunca mais virei visita-la novamente.”

Os olhos de Gretchen se transformaram em fendas preguiçosas. “Mas isso seria uma mentira, não é?”

Susan sentou-se na cadeira de plástico. Ela sabia que Gretchen estava certa. A primeira vítima de Gretchen Lowell? Uma exclusiva? Susan iria vender essa história. E ela poderia vender outras, todas que Gretchen quisesse contar para ela. Ela não seria capaz de ficar longe.

Susan odiava Gretchen por isso. Ela desligou o gravador com o polegar e se levantou. “Algum dia”, disse, “alguém vai surpreender você.”

“Só mais uma coisa”, disse Gretchen.

O nome de um bom dermatologista?

“Sim?” Disse Susan.

“Eu quero que você pergunte a Archie por que ele não está procurando Ryan Motley”, disse ela.

“Quem é Ryan Motley”, perguntou Susan.

“Nós devemos ir”, disse Prescott.

Susan tinha finalmente se acostumando com a posição de estátua dele. Agora ele estava correndo ela para fora da sala?

“Crianças vão morrer”, disse Gretchen. Ela estendeu a mão e passou os dedos pelo cabelo. “Ele está deixando que seus sentimentos pessoais interfiram no seu julgamento profissional.” Ela disse: “Você tem que encontrar o pen drive.” Ela puxou sua mão e examinou, um punhado de cabelos entre seus dedos, pequenos pedaços de folículos ainda agarrado às raízes.

Susan se encolheu.

Gretchen riu.

“Você não é louca”, disse Susan. Ela virou-se para Prescott. “Ela não é louca.”

Prescott se colocou entre elas. “Terminamos aqui”, disse ele.

“Procure o pen drive, Susan”, disse Gretchen.

O rosto de Gretchen parecia pálido, suas bochechas inchadas. Seu lábio inferior rachado tinha começado a sangrar, ou talvez ela o tivesse mordido.

“Fora, agora”, disse Prescott.

Susan seguiu-o para fora da sala amarelo-tranquilizante. Tranquilizante. Susan teria dado qualquer coisa por um comprimido deles agora.



CAPÍTULO 16

Cigarros nunca eram saborosos no calor. Havia algo de contraditório sobre sugar fumaça quente quando você estava suando. Era como tomar uma xícara de café quente em uma sauna.

Isso não impedia Susan.

Ela sentou-se no seu Saab, uma mão trêmula agarrada em torno do volante, a outra apertando um maço de American Spirit. Ela havia deixado o carro no sol, e o banco estava tão quente que ela não podia se inclinar para trás, sem se arriscar a sofrer uma queimadura de segundo grau. Ela tinha certeza que poderia fazer um crepe no painel. Então, ela abaixou todas as janelas e abriu as portas da frente, para deixar o calor sair antes de voltar para a estrada.

A nicotina tinha ajudado. Ela já não estava tremendo tanto quanto quando ela correu do hospital.

Ela deu uma última tragada no cigarro, jogou-o para fora da janela para o chão do estacionamento, e pisou-o com a ponta da sandália.

Então, ela olhou para o sol até que seus olhos queimaram e lágrimas se formaram. Não havia como negar isso.

Ela tinha fodido tudo.

Havia apenas uma coisa a fazer.

Encarar as consequências de seus atos.

Sua bolsa estava no banco do passageiro. Ela enfiou a mão e tirou seu telefone.

O telefone tocou quatro vezes antes de Archie atender.

“O que foi?”, perguntou.

Susan fechou os olhos e afundou a cabeça na mão. “Eu acabei de ver Gretchen”.

Houve uma longa pausa. Finalmente Archie disse, “Fale-me sobre isso.”

“Um de seus psiquiatras me chamou”, disse Susan, falando rápido. “Ela disse que queria me dar uma entrevista. Ela me contou sobre como assassinou um homem, Archie. Não é uma das vítimas que conhecemos. Eu tenho tudo gravado. Mas não é realmente sobre isso. Ela me usou para tentar fazer você visitá-la. Ela acha que quando você descobrir que eu fui, você vai vê-la. Você não pode ir vê-la.”

“O que mais ela disse para você?”

Susan deu um longo suspiro. “Ela me pediu para lhe perguntar sobre um cara chamado Ryan Motley.”

“Onde você está agora?”, perguntou Archie. Ele não entregava nada na sua voz. Ele era todo negócios.

“Ainda em Salem.”

“Traga-me a fita”, disse ele.

Susan olhou para o relógio no painel do Saab. Eram onze horas. Ela poderia estar de volta em Portland dentro de uma hora. E então ela chutou-se mentalmente. Ela tinha, supostamente, que ter se encontrado com Archie às dez. “Merda”, disse ela. “Nossa entrevista com Pearl. Eu me esqueci completamente.”

Houve uma pausa.

Apenas o tempo suficiente para Susan perceber que ele tinha esquecido também. Archie não esquece as coisas assim. Ele estava distraído. Alguma coisa tinha acontecido.

“Talvez amanhã”, disse Archie.

“Eu sinto muito”, disse Susan. “Sobre tudo.”

“Eu sei”, disse ele com um suspiro. “Nós vamos dar um jeito.”

Susan terminou a ligação e deixou o telefone cair de volta na bolsa. Então ela acendeu outro cigarro.

Perguntou-se, algumas vezes, o que iria matá-la primeiro – o câncer ou Gretchen Lowell. Hoje, as chances pareciam iguais.



CAPÍTULO 17

“O que foi?” Henry perguntou. “Desculpe”, disse Archie. Ele virou o pulso e olhou para o relógio, dando um tempo até que pudesse ter certeza que sua voz não trairia suas emoções.

Ele estava sentado em sua mesa, no seu escritório na sede da Força-Tarefa. Henry estava sentado em uma cadeira em frente à mesa, com os pés apoiados em cima da mesa.

Archie sabia como Henry iria reagir ao telefonema de Susan. Henry odiava Gretchen Lowell. Mais ainda, ele odiava o que ela tinha feito com Archie. Ele se envolveria. E Gretchen sabia exatamente como irritar Henry. Ela o deixaria louco. Henry não precisava disso, ele precisava se concentrar em sua recuperação.

Henry sempre tinha protegido Archie. Agora era a vez de Archie.

Ele iria cuidar de Henry sem a necessidade dele saber.

Archie deu um toque afável nas botas de cowboy de Henry. “Por que os seus pés estão na minha mesa?”, disse. “É para a circulação”, disse Henry, sem se mover. “Ordens do médico.” “Então eu vou precisar de um atestado médico”, disse Archie. Os escritórios da força-tarefa ficavam em um antigo edifício de um banco que a prefeitura tinha comprado e reutilizado durante as investigações da Beleza Mortal. No passado os Bancos haviam sido construídos com grandiosidade, com pisos de mármore e frisos dourados, para convencer os clientes que os banqueiros sabiam como lidar com dinheiro. Então, depois de alguns colapsos econômicos, os bancos passaram a ser construídos de forma mais simples, sem frescura, muito carpete, para convencer os clientes que os banqueiros eram exatamente como você. O banco da força-tarefa se enquadrava na segunda categoria.

Era uma construção térrea, quadrada, com uma área de estacionamento que a cercava por todos os lados. A antiga área pública do banco estava cheia de mesas. Eles usaram o antigo cofre como uma sala de entrevista/interrogatório. Vestígios do banco permaneceram: mesas e cadeiras de verniz, estofados malva, um *caminho* no carpete maltratado que levava da porta até onde tinha ficado o balcão de atendimento. Num relógio na parede estava impresso um slogan que dizia *tempo para contar com os amigos*.

Archie tinha sido alojado no antigo escritório do gerente do banco. Era despojado – uma mesa, três cadeiras e uma estante. Ele tinha uma fotografia de sua

ex-esposa e filhos numa moldura sobre a mesa. Mas nada mais pessoal. Certa vez, ele havia trazido alguns dos desenhos dos seus filhos para pendurar, mas não parecia direito manter desenhos infantis de seus filhos compartilhando o mesmo espaço com fotografias de cenas de crimes e relatórios de autópsia.

Henry tinha o relatório do Departamento de Assistência Social de Pearl Clinton aberto no colo, óculos de leitura retangulares comprados na farmácia empoleirado na ponta do nariz. “Essa garota fugiu onze vezes”, disse ele.

O telefone de Archie tocou novamente.

Era o fixo agora. Outra relíquia do banco - era bege, sem fio e com um monte de botões. Sem identificador de chamadas.

“Você vai atender?” Henry perguntou.

Archie hesitou. Mas Archie não poderia evitar receber chamadas, e não no trabalho, e não durante uma investigação de homicídio. Ele pegou o telefone, esperando que fosse Robbins com uma identificação positiva da segunda vítima.

Não era.

“Aqui é o Dr. Prescott novamente, do Hospital Estadual”, disse uma voz familiar.

Archie olhou de relance para Henry. Henry estava olhando para ele, a testa franzida com preocupação. “Hã-hã”, Archie disse ao telefone.

“Eu sei que você disse para não ligar novamente”, disse Prescott.

Archie encontrou um pedaço de papel sobre a mesa e pegou uma caneta, onde poderia anotar informações. “Hã-hã”, Archie disse novamente.

“Ela disse que era urgente”, disse Prescott. “Em relação ao corpo no parque e no telhado. Ryan Motley. Será que esse nome significa alguma coisa para você?”

Ryan Motley, novamente.

Archie olhou para Henry, temendo que ele de alguma forma ouvisse o nome através do telefone, mas Henry parecia estar envolvido no relatório de Pearl.

Susan apenas disse que um dos psiquiatras de Gretchen agendou uma pequena entrevista com Gretchen, mas Archie sabia exatamente o que tinha sido. “Uma amiga minha disse que esbarrou em você esta manhã”, disse ele. Se Henry não estivesse sentado ali, Archie teria colocado muito mais cor na conversa.

Prescott fez uma pausa. “Durante sua reunião com a Sra. Lowell, sim.”

“Você e eu”, disse Archie entre os dentes no telefone, “vamos conversar mais tarde.”

Archie colocou o aparelho no receptor. Seu rosto estava quente.

“Quem era?” Henry murmurou, não olhando para cima.

Archie não podia dizer, não sem dizer-lhe tudo. Era assim que tudo começava. Primeiro, a omissão - então a mentira. Mas valia a pena, se isso significasse manter Henry fora da briga. “Sua ex-esposa”, disse Archie. “Ela quer que voltem a ficar

juntos.”

“Qual delas?” Henry disse com um rolar de olhos.

Houve duas rápidas batidas na porta do escritório de Archie e, em seguida, a detetive Claire Masland entrou. Ela era pequena, com cabelo escuro curto, e um guarda-roupa que consistia principalmente de jeans, tênis e camisetas. Archie perguntava, às vezes, se ela escondia sua feminilidade para garantir que fosse levada a sério como detetive. Não era necessário. Todo mundo sabia que ela era um dos detetives mais durões da força-tarefa. Todos esses anos caçando a Beleza Mortal, e a única vez em que a vira quebrar foi quando Henry estava perto da morte no hospital.

Claire colocou uma fotografia sobre a mesa e tanto Archie quanto Henry se inclinaram para olhar para ela. Parecia um retrato corporativo. Uma jovem mulher bonita em um blazer sob medida sorrindo com confiança para a câmera. Seu cabelo castanho era brilhante sob as luzes do estúdio do fotógrafo. Sua pele tinha a qualidade cremosa irradiada do retoque do photoshop.

“Esta é Gabby Meester,” Claire disse, pegando a cadeira ao lado de Henry. “Ela trabalha em uma empresa de relações públicas no Distrito Pearl. Eles encontraram o carro dela no estacionamento onde costuma estacionar. A porta do carro foi deixada aberta. Eu acabei de enviar seus registros dentários por e-mail para Robbins.”

Archie olhou para o rosto ainda jovem, cujos macabros restos carbonizados provavelmente estavam no necrotério. “Ela chegou no trabalho mais cedo”, disse ele.

“Eles estavam trabalhando para conseguir o contrato com uma grande fábrica de bebidas”, disse Claire. “A empresa dela é especializada na promoção de alimentos e bebidas.”

Henry ajeitou os óculos de leitura e pegou a foto. Archie estava espantado com quanto esforço Henry e Claire colocavam para permanecerem profissionais no trabalho. Isso não importava. Todos sabiam que os dois estavam dormindo juntos. Mas eles permaneciam comprometidos com a farsa.

“Nós vamos precisar de uma lista de todos os seus clientes, passado e presente”, disse Henry. “O que o marido dela faz?”

“Belo anel, hein?”, disse Claire.

“É um diamante”, disse Henry, entregando a foto a Archie.

Archie estudou a imagem. Gabby Meester tinha os braços cruzados, uma mão dobrada sobre o cotovelo oposto. O diamante em seu dedo anelar era do tamanho de uma bola de gude e, a julgar pela pose, Gabby gostava de mostrá-lo.

“Advogado”, disse Claire com um encolher de ombros.

Não estava batendo. Archie olhou para as notas em sua mesa. “Você disse que Kelly ganhou dinheiro há alguns anos vendendo uma start-up de software?”

“Sim”, disse Claire. “Ele doou a maior parte do dinheiro. Todos com quem nós

conversamos afirmaram que ele era um santo”.

“De quanto estamos falando?”, perguntou Archie.

“Dez milhões”, disse Claire. “Uma bela grana.”

Henry sorriu. “Uma Relações Públicas agressiva e um filantropo.”

“As câmeras de segurança no estacionamento são falsas. Mas eu estou tentando encontrar qualquer registro dos caixas eletrônicos ou de outras câmeras que cobrem a área entre o estacionamento e seu escritório.”

“Filhos?” Henry perguntou.

Claire levantou dois dedos. Archie olhou para a foto novamente. Eles ficaram quietos. Era sempre mais difícil quando havia crianças. Não deveria ser, mas era.

“Talvez não seja ela”, disse Claire. “Pode não ser ela.”

Mas todos eles sabiam.

Dois cadáveres. Nenhuma pista.

“E quanto à flor?”, perguntou Archie.

Isso trouxe um sorriso ao rosto de Claire. “Eu estava esperando que você fizesse essa pergunta”, disse ela.



CAPÍTULO 18

Quando eles não estavam comendo burritos de micro-ondas nas mesas de fórmica, a força-tarefa juntava as mesas e usavam a antiga sala de descanso do banco, como sua sala de conferências. No momento ela cheirava como se alguém tivesse feito pipoca de micro-ondas e tivesse deixado queimar.

Martin Ngyun e Mike Flannigan sentavam-se à mesa. Claire estava ao lado de uma lousa pendurada na parede. Henry estava ao lado de Archie, a cadeira empurrada para trás para que ele pudesse colocar os pés em cima da mesa.

Era em momentos como este, com todos sentados ao redor da mesa, que Archie mais sentia o peso da morte de Jeff Heil. Ele sabia que Flannigan o culpava pela morte de seu parceiro. Archie tinha enviado Heil para os braços de um serial killer, sem apoio. A segurança de Heil era responsabilidade de Archie, e ele falhou. Sua culpa era agravada pelo fato dele ser muito grato por Susan ter sobrevivido, o que, de alguma forma, o fazia se sentir ainda mais culpado pelo assassinato de Heil. Se um deles tinha de morrer, ele estava feliz que tivesse sido Heil. E Flannigan sabia disso.

Claire limpou a garganta.

Archie olhou por cima de seus pensamentos. Eles estavam todos olhando para ele, esperando.

“Desculpe”, disse ele. “Estou ouvindo”.

Uma fotografia de um lírio tinha sido impressa da Internet e presa à lousa com um ímã. Seis pétalas brancas, com um toque de cor vinho no centro da flor em forma de trombeta. A tonalidade vinho era tão delicada e precisa que parecia que alguém tinha esfregado pigmento na base de cada pétala e desenhado à mão linhas finas exteriores, e depois repetido o processo tantas vezes que as linhas juntas formaram uma cor que parecia quase sólida.

Parecia com os lírios encontrados nas cenas de crime.

Claire destampou um marcador e virou as costas para eles, e escreveu algo sobre a lousa.

Quando ela deu um passo atrás, havia uma palavra ao lado da foto.

Centerfold. (*2)

Archie endureceu.

Henry olhou para ele, e então olhou para Claire. “Sério?” Henry perguntou.

“Centerfold. É assim que a flor é chamada”, disse Claire.

“Eu acho que se esqueceram da *Garota do Mês*,” Flannigan disse com uma risada.

Gretchen tinha sido chamada de um monte de coisas. Beleza Mortal. Rainha de Copas. A serial killer dos pôsteres. Mas Archie estava se sentindo culpado por mentir para Henry e Gretchen não saía da sua cabeça.

Claire continuou. “Este é um lírio asiático. Ao contrário de um híbrido oriental.”

“O que isso significa?”, perguntou Archie. Quanto mais tempo ele estudava o lírio na fotografia, mais a cor vinho parecia sangue.

“As asiáticas florescem cerca de um mês mais cedo do que as orientais”, disse Claire. “Estamos em Agosto. Essas coisas florescem na primavera ou no mais tardar no meio do verão. Estes são bulbos especiais. Você não vai encontrá-los para venda em hastes nas floriculturas. Nós estamos procurando por viveiros licenciados locais e eu estive em contato com a Oregon Growers Association Flower”.

As cicatrizes no peito de Archie coçavam. Ele esfregou a camisa com a mão.

Ngyun disse: “Eu estou investigando com os fornecedores on-line para ver se esse bulbo especial foi enviado para qualquer local desta região.”

“Nós já estamos providenciando mandados?”, perguntou Archie.

Ngyun encolheu os ombros. “Ninguém pediu um.”

“Devemos liberar uma imagem?” Claire perguntou a mesa. “Pedir à população para ajudar?”

Até agora, eles mantiveram o lírio fora do conhecimento da imprensa. Era importante que eles retivessem um detalhe, algo que só fosse conhecido pelo assassino e pela polícia.

“Ainda não”, disse Archie.

Henry se encolheu e ajustou a perna. Fazia algumas semanas ele não ia à fisioterapia, e Archie sabia disso.

“O quê?” disse Henry.

“Você está bem?”, perguntou Archie. A sala estava quieta.

Henry coçou o queixo e sorriu. “Claro”, disse. Ele olhou para Archie um momento e, em seguida, virou-se para o grupo. “Os lírios simbolizam pureza e castidade”, disse.

Houve um momento de silêncio nervoso, e depois Ngyun disse: “Olha quem esteve na Wikipédia.”

“É a linguagem das flores”, disse Henry. “Diferentes flores simbolizam diferentes coisas.” Ele sorriu. “Você aprende essas coisas quando você já foi casado cinco vezes.”

Uma flor chamada “Centerfold” simbolizando a castidade.

“Interessante”, disse Archie.

Archie percebeu Flannigan olhando para ele de forma estranha do outro lado da mesa. “Você está bem?”, perguntou Flannigan.

“Sim”, disse Archie. “Por quê?”

Flannigan hesitou.

“Você está sangrando”, disse Claire.

Archie olhou para seu peito. Pontos vermelhos manchando sua camisa branca.

Suas cicatrizes estavam sangrando de novo.

“Jesus, Archie”, disse Henry.

“Não é nada”, Archie disse rapidamente, cobrindo o sangue com a mão. “É o calor.” Ele empurrou a cadeira e se levantou. “Continuem trabalhando.”

*(*2) Centerfold: Página Central de uma revista que forma um pôster (a página central da PLAYBOY é um bom exemplo).*



CAPÍTULO 19

Archie parou em uma zona de estacionamento proibido em frente ao seu prédio e colocou o cartão de veículo oficial da polícia no painel. Seu escritório ficava apenas a meia dúzia de quarteirões do seu apartamento e ele poderia ter caminhado, se não estivesse quarenta graus, se ele não estivesse esperando Susan, e se ele não tivesse manchas de sangue na camisa.

Ele saiu de seu Taurus e subiu as velhas escadas até a porta de entrada do edifício. O corredor estava abafado e escuro e Archie apertou o botão do elevador seis vezes, mesmo sabendo que isso não faria o elevador vir mais rápido.

Gotas de suor escorriam dentro de sua camisa, misturando-se com o sangue.

As portas do velho elevador de carga se abriram e Archie entrou e apertou o botão para o seu andar. Foi um processo lento, uma subida rangente. As paredes de metal do elevador eram revestidas com uma vida inteira de sujeira. Archie poderia sentir a sujeira no ar. Mas ainda era preferível a ter que usar as escadas.

O elevador parou provocando o seu habitual tranco na coluna cervical.

E quando as portas se abriram Archie encontrou-se face a face com a sua vizinha de baixo. Ela estava usando um biquíni cor de tangerina. Nada mais. Até mesmo os seus pés estavam descalços.

Archie recuou para dentro do elevador. “Este não é o meu andar”, disse ele.

O biquíni deixava pouco para a imaginação. Seus seios pressionados contra os triângulos laranja, revelando os contornos de seus mamilos. Seu estômago era bronzeado e plano

Archie engoliu em seco e olhou para o chão, tentando encontrar algo, qualquer coisa, para distraí-lo daquele corpo jovem e bronzeado.

“Oi”, ela disse.

Suas unhas estavam pintadas de azul claro. Ela usava um pequeno anel de prata no dedo mindinho do pé esquerdo.

Ela entrou no elevador ao lado dele. As portas rangeram ao fechar. Ela não pressionou nenhum botão.

“Quer que marque um andar para você?” Archie perguntou para os pés dela.

“Você já fez”, disse ela. “Eu vou descer no seis.”

O andar dele.

O elevador gemeu e começou a se mover.

Ele olhou para ela. Ela estava carregando uma toalha e um vaporizador de plástico rosa.

“Será que abriu um salão de bronzeamento no meu andar?”, ele perguntou.

“Acesso ao telhado”, disse ela. Seus olhos percorreram a camisa. As sobancelhas dela pularam quando ela registrou o sangue. “Seu gato é muito feroz”, disse.

O elevador parou e as portas se abriram. Archie lhe permitiu sair em primeiro lugar, tentando evitar que sua atenção desviasse para o traseiro quase nu.

A porta que dava para o telhado estava no corredor à esquerda, mas ela não se dirigiu para lá. Ela esperou por ele, e, em seguida, virou-se e disse: “você amarra isto para mim?”.

Ela estava segurando os triângulos sobre seu peito e ela virou-se para mostrar-lhe que as tiras laranja amarradas em suas costas tinham se soltado. Não havia como evitar olhar agora. Suas costas eram da cor de caramelo, e a parte inferior do maiô abraçava o traseiro firme dela, uma leve sombra marcando a fenda de seu traseiro. Acima da fenda, sobre o cóccix, estava uma tatuagem, aproximadamente do tamanho de um torrão de açúcar. Desenhada em tinta preta simples, um esboço de coração.

Archie sentiu uma onda de calor em sua virilha. Ele desviou o olhar, para longe dela, para o corredor escuro onde a porta do seu apartamento estava a apenas dez metros de distância.

“Eu não sou muito bom nisso”, disse ele.

Ela virou-se para encará-lo. “É apenas um traje de piscina”, disse, sorrindo. Seus olhos eram azuis. Sua bochecha tinha covinhas de um lado.

Archie pigarreou. “É um traje de piscina extraordinário”.

Seu sorriso se alargou. “Obrigada por perceber.”

Sua mão ainda estava segurando a parte de cima do biquíni no lugar. As unhas pintadas com desenhos em listras. Entre os cuidados com as unhas e os acessórios caros, ela estava gastando um monte de dinheiro, muito para uma estudante universitária.

“Qual a faculdade onde você disse que estudava?”, Archie perguntou.

Ela olhou para ele por um momento, e então caminhou para frente com seus pés descalços, até que estivesse bem na frente dele. Ele podia sentir o cheiro do coco de seu óleo de bronzear e a doçura de seu perfume. Seus seios estavam a centímetros de seu peito. Ela olhou para ele, os lábios entreabertos, e por um segundo Archie pensou que ela iria levantar a boca para a dele. Eles estavam tão perto que podia sentir o calor de sua respiração no queixo. “Você é o detetive”, disse ela.

Archie tentou pensar sobre beisebol, mas nada relacionado a beisebol veio à mente. Ela não se moveu, não recuou. A temperatura do ar nos poucos centímetros de espaço entre eles parecia que tinha subido dez graus. Archie sentiu uma gota de

suor escorrer pela fronte, por trás da orelha e para baixo, pela nuca.

“Eu não tenho um gato”, disse. “Eu tenho algumas cicatrizes antigas que ficam irritadas com o calor. Eu as coço, e elas sangram. Voltei para casa para trocar de camisa”.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente. Ela tinha as orelhas furadas, mas não estava usando brincos. “Você deve colocar uma azul”, disse ela. “Você ficaria bem de azul.” Ela deu um passo para trás, e então caminhou na direção da porta de acesso ao telhado, as alças laranja de seu biquíni soltas balançando atrás dela.

Archie exalou.

A tatuagem ainda estava muito preta, ele notou. Tinha sido feita recentemente.



CAPÍTULO 20

Quando Susan chegou no escritório da força-tarefa, ela tinha passado uma hora e meia no tráfego pesado da I-5, sem ar condicionado, e o dia estava muito quente. Ela estava tão suada que brilhava, e seu braço esquerdo estava bronzeado por ela ter ficado com o cotovelo para fora da janela aberta. Ela olhou no banco de trás procurando por um chapéu para cobrir os cabelos suados e emaranhados, e depois de esparramar a bagunça do carro encontrou um Panamá branco com uma faixa preta. Era por isso que não pagava para limpar seu carro.

Ela ainda não estava pronta para entrar.

Archie estava lá, e ele não estaria feliz com ela. Ele estaria todo decepcionado e paternal. Ele era apenas 12 anos mais velho que ela, mas tinha um jeito de fazer os 12 anos parecerem um século. Ela já podia ouvir sua voz, dizendo - *Eu não estou com raiva de você, apenas decepcionado.*

“Reunindo coragem?”, ela ouviu Archie perguntar.

Ela deu um salto.

Archie estava parado do lado de fora de sua janela. Ele estava vestindo uma camisa azul e calças de veludo cotelê. Homens não sabem como se vestir de acordo com o clima.

“Há quanto tempo está aí?”, ela perguntou.

“Eu acabei de voltar de uma missão”, disse ele. “Você precisa consertar o seu AC”, acrescentou, olhando para o céu incrivelmente azul. “Vai ficar mais quente.”

Ele não parecia tão bravo com ela.

Um casal de policiais fardados que ela não conhecia passou e acenou para Archie. Ele bateu no teto de seu carro com a palma da mão. “Vamos conversar no meu escritório”, disse ele. “Agora”.

O coração de Susan afundou. Ele só queria ficar sozinho com ela, antes de cair em cima dela.

Tudo bem, então. Ela merecia isso.

Ela saiu do carro. Sua pele fez um som de velcro, pois grudara no assento de vinil.

Sua camiseta estava encharcada de suor e seu couro cabeludo coçava sob o chapéu, mas ela seguiu Archie para dentro do banco, passando pelo policial uniformizado na recepção, passando pelas mesas dos detetives. Ela teve o cuidado

de manter os olhos à frente, cuidando para não ver a mesa onde Heil ficava. Ela não tinha certeza se seria pior vê-la vazia ou ver alguém sentado nela. Até alguns anos antes, ela só tinha visto um cadáver – o do seu pai. E ele tinha morrido de câncer. Trabalhando nas cenas de crime para o *Herald*, seguindo Archie, é que ela tinha visto mais deles. Mas a morte de Jeff Heil era a que mais a assombrava. Talvez porque eles estivessem juntos, e ela sabia que poderia ter sido ela.

Não tinha sido fácil. Ela teve pesadelos durante dois meses após a enchente: águas escuras, criaturas que não podia ver, o cadáver mole de Heil afundando abaixo da superfície. Bliss a tinha tratado com seu chá de gengibre, tocado os áudio-livros de Deepak Chopra dia e noite, e convencido Susan a flutuar em um tanque de privação sensorial [\(*3\)](#) durante três horas por semana. Agora, mesmo que a ansiedade tenha passado, Susan ainda evitava aquele trecho da Division Street. Ela ainda mantinha os olhos na ponte quando atravessava o rio, cuidando para não deixar os olhos vagarem até a água lá embaixo.

Archie não falava sobre isso. Ela não o tinha ouvido mencionar o nome de Heil desde o funeral. Ela se perguntou se isso o incomodava, vivendo naquele apartamento, com todas aquelas janelas com vista sobre o rio que quase os matou.

Ela ficou aliviada quando chegaram ao gabinete de Archie e ele fechou a porta. Susan podia suportar uma bronca, mas nunca gostou dos minutos que antecederiam uma. Ela sentou-se com as costas eretas em uma das cadeiras de frente para a mesa e se preparou.

Archie levou algum tempo andando pela sala antes de sentar-se em sua cadeira. Ele recostou-se e cruzou as mãos sobre o peito. Ele olhou para ela. “Então você viu Gretchen”, disse com um sorriso lento. “Como é que ela está?”

Havia algo sobre o prazer que ele demonstrava na questão que fez Susan achar que ele sabia exatamente como ela estava.

“Ela parecia estar bem”, disse Susan.

As mãos de Archie levantavam e desciam enquanto ele respirava. Ele retirara a bandagem da noite anterior. Ela mal podia ver as cicatrizes. Ele estava olhando para ela. Parecia que queria ouvir mais, mas Susan não ofereceu. E Archie não perguntou.

Depois de um momento ele estendeu uma mão sobre a mesa, com a palma para cima. O sorriso desapareceu. “A fita”.

“Não há nenhuma fita”, Susan disse, remexendo na sua bolsa procurando o gravador. “É um arquivo digital.” Ela encontrou o gravador e segurou-o para Archie. “Bem-vindo ao século XXI”, disse. Ela desviou o olhar, então, os olhos voltaram para a bolsa, de repente certa de que tinha dado algo mais do que pretendia. Ela tentou fazer sua pergunta em tom casual. Soou bastante razoável. “Você tem um pen drive?”

“Não”, disse Archie.

Susan olhou para a porta fechada. “Talvez um de seus subalternos?”

Archie olhou para ela por um longo momento. Então disse: “Tudo bem.” Ele agarrou os braços da cadeira e se levantou. “Eu posso achar um.” Caminhou ao redor da mesa, por trás de Susan, e deixou o escritório, provavelmente para uma sala comum onde guardavam o material de escritório.

Ele havia deixado a porta entreaberta. As persianas da janela dentro do escritório estavam abertas em um ângulo de três quartos. Susan já estava ensaiando desculpas caso ela fosse pega: *Eu estou no meu período e eu estava à procura de um lenço de papel para encher minha calcinha*. Os homens não questionam histórias de menstruação. Nunca. Você provavelmente poderia entrar na Casa Branca, se você dissesse que precisava de um tampão o mais rápido possível.

Susan correu para o outro lado da mesa e abriu a gaveta. Ela estava cheia de porcaria. Canetas. Papéis. Elásticos. Fichas. Líquido corretivo. (Quem ainda usa essa coisa?) Havia grampos soltos e tachinhas. Isso era tão parecido com Archie, ordem à primeira vista, mas uma confusão logo abaixo da superfície. Fazia três meses que Susan tinha acidentalmente se deparado com a elegante unidade de pen drive prata escondida sob uma foto de Gretchen, entre alguns papéis na mesa de Archie. Agora Susan enfiou os dedos por baixo da desordem, até que tocou em algo duro e liso, do tamanho de um pacote de goma de mascar. Puxou-o para fora.

O pen drive ainda estava lá.

Susan verificou a porta e, em seguida, apalpou o pen drive e colocou-o na bolsa. Ela já estava de volta na sua cadeira instantes antes de Archie retornar com um novo pen drive na mão. Era um daqueles de plástico preto barato, nada como aquele guardado na mesa.

Archie lhe entregou o pen drive preto e Susan focou sua atenção em fazer o download do arquivo de áudio, com o coração batendo no peito. Ela não se atreveu sequer a olhar para a bolsa. Sentia-se mais culpada do que pensou que ficaria. Teria sido mais fácil se ele estivesse bravo com ela.

“Ela fala sobre a morte de um cara chamado James Beaton em St. Helens, quando tinha dezesseis anos”, disse Susan. “Eu pesquisei sobre ele.” Ela decidiu não mencionar que tinha feito essa pesquisa na Internet, enquanto estava dirigindo pela I-5. “Houve um James Beaton em St. Helens que desapareceu há 18 anos. Eles nunca encontraram o corpo.”

“O que você vai fazer com a entrevista?”, perguntou Archie.

Não era óbvio? “Escrever um artigo”, disse Susan. Publicá-la. Ganhar dinheiro. Ser famosa. “A revista *Times* está interessada.”

Archie sentou-se na cadeira ao lado dela. Ele nunca tinha feito isso. Ele sempre se sentava em sua cadeira, com a mesa entre eles. Susan empurrou a bolsa para

baixo da cadeira com o pé.

“Prescott sabe disso?”, perguntou Archie.

Susan olhou para os lados. “Sim”.

Seus joelhos estavam quase se tocando.

“Ele estava na sala?”, perguntou Archie.

“Ele insistiu em ficar”, Susan mentiu.

Archie recostou-se no encosto da cadeira. “Isso é abuso”, disse ele.

“O quê?”

“Ela pode alegar que é abuso. Ela estava conversando com seu psiquiatra. Você apenas estava na sala.”

“Ela estava conversando comigo”, Susan insistiu. “Ele apenas estava na sala. Além disso, eu não vou usar isto como evidência no tribunal.”

“Eu estava falando de mim”, disse Archie. “Eu não posso usar a confissão.”

Susan piscou algumas vezes, absorvendo isso. “Oh”.

Ele se levantou e caminhou por trás dela, de volta para sua cadeira. “Eu preciso que você espere alguns dias antes de fazer qualquer coisa com isso”, disse enquanto se sentava.

Levaria alguns dias para escrever o artigo de qualquer maneira. “Ok”, ela concordou. Ela franziu a testa, como se tivesse acabado de pensar em algo. E, tentando parecer o mais indiferente possível, perguntou: “Quem é Ryan Motley?”

Archie estendeu a mão e ajustou a fotografia emoldurada da sua família que mantinha sobre a mesa. Susan conhecia a imagem: Debbie, as duas crianças sorridentes de cabelos escuros, Archie não estava na foto. Archie deu de ombros, como se o nome não significasse nada para ele. “Uma invenção da imaginação de Gretchen”, respondeu.

*(*3) tanque de privação sensorial: É um tanque com tampa e sem luz, com isolamento acústico, no interior no qual as pessoas flutuam em água salgada à temperatura da pele. Eles foram usados pela primeira vez por John C. Lilly em 1954 para testar os efeitos da privação sensorial. Esses reservatórios agora estão também sendo usados para meditação e relaxamento e na medicina alternativa.*



CAPÍTULO 21

Bliss estava esperando na sala de estar quando Susan chegou em casa, seus pés estavam descalços e apoiados no grande carretel de fio elétrico industrial que tinham reaproveitado como uma mesa de café, um copo de pote de geleia cheio de vinho tinto na mão, e nua como um bebe. Seus dreadlocks loiros até o cotovelo estavam enrolados em cima de sua cabeça como um grande ninho de pássaro. Ela estava chegando aos sessenta, mas seus trinta anos de yoga tinham mantido seu corpo magro, e a praia de nudismo na ilha Sauvie lhe dera um bronzeado de verão atrasado. Bliss colocou o copo de geleia com vinho entre as pernas para que pudesse virar a página do livro que estava lendo, e Susan teve um vislumbre de algo que ela tinha certeza que iria passar os próximos dez anos tentando apagar de sua mente: sua mãe tinha depilado artisticamente seus pelos pubianos.

“O que você fez aí?”, Susan perguntou, acenando com o dedo para a região inferior da mãe. Alguém no salão em que Bliss trabalhava, tinha começado uma indústria de “novidades” em depilação. Bliss, que até poucos anos atrás era orgulhosa de seu indomável estilo anos-setenta e tinha um arbusto do tamanho de um prato de salada, agora era uma entusiasta da depilação artística.

“É o perfil de Mick Jagger”, disse Bliss.

Às vezes, Susan desejava ter nascido entre os pentecostais. “Claro”, disse.

O notebook de Susan estava na mesa de café, debaixo dos pés de Bliss. “Com licença”, Susan disse, ajoelhando-se diante dele. Sua mãe levantou os pés e Susan deslizou o notebook para uma área limpa entre um copo de crânio tibetano cheio de nozes e uma cópia de dez anos do *Whole Earth Catalog*. (*4)

A mudança para casa de sua mãe tinha sido temporária, até por que Susan tinha perdido o emprego. Agora, com o rendimento de freelancer, ela não tinha muitas opções.

Ela tirou o pen drive de sua bolsa, abriu seu notebook, e inseriu na entrada USB.

“O que é isso?”, perguntou Bliss.

“Você tem que estar nua?” disse Susan. “Quero dizer, e se o cara da transportadora UPS passar por aqui?”

Bliss abanou a mão na frente do peito. “Está quente”.

Na verdade, a casa Vitoriana na qual Susan tinha crescido era relativamente suportável no verão. Contando que elas se lembrassem de manter todas as janelas e

cortinas fechadas durante o dia - e em seguida abrir as janelas, pelo menos as que não estavam travadas após terem sido pintadas fechadas, durante a noite. Claro, todas as plantas no interior morriam em agosto, e as janelas abertas atraíam moscas e traças e, ocasionalmente, um pássaro em pânico, mas funcionava. A casa era só intoleravelmente quente, por talvez, uma semana por ano. E aconteceu de ser nesta semana.

“Procure um lugar com ar condicionado”, disse Bliss. “Se você está tão incomodada.”

Susan mal ouviu.

O pen drive tinha sete arquivos dentro, todos em PDF.

Sete arquivos, todos com o mesmo nome:

Ryan Motley1.

Ryan Motley2.

Ryan Motley3.

Etc.

“Merda”, Susan disse baixinho.

O que ela estava esperando? Fotografias de família? Um romance secreto em que Archie estivesse trabalhando? (Deveria ser um romance altamente secreto.)

Bliss tirou os pés de cima da mesa e sentou-se para a frente, ombro a ombro com Susan. Ela cheirava a Patchuli, óleo de eucalipto e vinho tinto, combinado com um leve toque de maconha.

“Quem é Ryan Motley?”, perguntou.

Susan abriu seu navegador da Web e digitou “*Ryan Motley*” no campo de pesquisa. Mais de onze mil resultados surgiram.

“Eu não tenho a mínima ideia”, disse Susan.

Mas ela ia descobrir.

(*4) *Whole Earth Catalog: Catálogo americano de contracultura publicado entre 1968 e 1972, e ocasionalmente até 1998. Listava vários produtos que estiveram na moda durante este período de tempo, apesar de que o próprio catálogo não fornecia ou vendia tais produtos. O foco editorial foi sobre a autossuficiência, ecologia, educação alternativa, 'faça você mesmo' e holística.*

Um dos leitores assíduos foi Steve Jobs, de onde ele tirou a frase "stay hungry, stay foolish" - Fique com fome, seja um tolo.



CAPÍTULO 22

O necrotério Multnomah County tinha sido reaberto recentemente após ficar fechado por quase três meses devido aos danos causados pelas inundações. Na superfície, parecia o mesmo de antes, porém limpo, ainda não houvera tempo suficiente para acumular lixo. Mas tinham colocado no chão um novo e reluzente piso de linóleo branco e as paredes de concreto receberam uma nova camada de tinta branca. O efeito fez as instalações do porão parecerem mais brilhantes, embora Archie não tivesse certeza de que isso fosse bom. Archie também tinha ouvido falar que a prefeitura tinha substituído o sistema de armazenamento de cadáveres em gavetas por uma sala refrigerada, melhor para armazenar mais corpos.

Era hora do jantar, e o necrotério tinha uma equipe mínima, mas Archie e Robbins encontravam-se na sala de autópsia, de pé sobre as ruínas carbonizadas de Gabby Meester. Robbins estava quase que totalmente encoberto por trás de seu equipamento de proteção individual: bata cirúrgica impermeável, protetor de sapatos, touca de cabelo, protetor facial sobre uma máscara cirúrgica e luvas cirúrgicas.

“Como você entrou aqui?” Robbins perguntou, olhando-o da mesa de autópsia de aço. Gabby era apenas cabeça e torso. Com apenas tocos onde as pernas e braços deveriam estar, ela parecia pequena como uma criança.

Archie caminhou até a mesa acenando com um cartão magnético. “Eu tenho um cartão de acesso”, disse.

“Você conseguiu quando lhe deram a chave da cidade?”, perguntou Robbins.

Robbins tinha aberto Gabby de cima abaixo. Sua pele queimada foi afastada, e suas costelas foram removidas. Seu interior estava rosa, como um bife que tinha sido queimado em fogo alto, mas ficou cru no meio. Seu intestino grosso estava abaulado, onde sua barriga fora cortada.

“É uma das minhas regalias”, Archie disse, colocando o cartão de volta na carteira. “Eles também pagaram pela reabilitação.”

Robbins deu uma risadinha. “Eu deveria me demitir do meu emprego e começar a caçar serial killers.” Ele removeu o coração de Gabby ensacando-o, então rapidamente removeu um de seus pulmões. Archie ficava sempre espantado com a rapidez desta operação. Uma lâmina afiada e alguns movimentos do punho. Levava apenas 10 minutos para cortar um cadáver deixando-o aberto e estripado.

“Você faz a sua parte”, disse Archie. Ele enfiou a mão na sacola que carregava e tirou um saco de papel marrom com o jantar. “Se importa se eu comer?”, perguntou.

Robbins ergueu as sobrancelhas. “Cara, você vem fazendo isso há muito tempo.”

Archie tirou o burrito de frango frio que Claire tinha comprado para ele num carrinho de lanches. Principalmente por que ele só queria outro gosto na boca além do de carne queimada. Ele deu uma mordida e mastigou.

“Você avisou a família?”, perguntou Robbins, cortando o outro pulmão.

Robbins havia confirmado a identidade de Gabby Meester através dos registros dentários, pouco antes do almoço. Archie tinha estado na casa da vítima há meia hora. “O marido e a irmã,” Archie disse, engolindo em seco. “As crianças estavam no andar de cima.”

Robbins parou o que estava fazendo. “Difícil?”, perguntou.

Archie ouviu as crianças brincando no andar de cima, duas meninas, com idade inferior a de Sara. Elas não tinham ideia que seu mundo estava prestes a cair em cima delas. “É sempre difícil”, disse.

“Alguma pista?”, perguntou Robbins, voltando para sua tarefa.

“Passamos o dia entrevistando seus colegas de trabalho, seu marido, seus clientes, convocando testemunhas”, disse Archie. “Nós já rastreamos os ex-namorados. Investigamos seu celular, registros bancários, cartões de crédito. Ela saiu de casa no início desta manhã. Ninguém a viu depois disso.” Archie jogou o resto do burrito de volta na embalagem e jogou-o em um saco plástico vermelho para descarte de material biológico que estava em cima da mesa. “Ela não conhecia o seu assassino”, disse ele.

“Eu não vou ter nada para você até amanhã”, disse Robbins.

“Eu sei”, disse Archie. Ele olhou para Gabby Meester, seus membros com flocos de carvão saindo do osso, viu os cortes através de sua caixa torácica carbonizada, a carne de seu pescoço separada do músculo e rebatida ao longo do queixo. Isso não revirou seu estômago. Isso o fez sentir mais carinho por ela. No impulso caótico de uma investigação de homicídio, as vítimas, por vezes, ficavam esquecidas. Archie gostava de lembrar-se de que elas eram mais do que fotografias. Elas eram de carne e osso. Ele esfregou o rosto. “Eu só precisava vê-la”, disse.

“Vá para casa”, disse Robbins.

Archie olhou para o relógio. “Há algo que eu preciso fazer em primeiro lugar.”

Ele deixou Robbins fazendo seu trabalho, parou em frente de um dispensador de álcool gel na parede da saída para a escada e bombeou um esguicho em suas mãos.

Ele ligou para Debbie enquanto caminhava até o primeiro andar.

“Ei, sou eu”, disse ele.

“Eu vi a notícia”, disse a ex-esposa. Ela fez uma pausa. “Eu ia ligar. Dia difícil?”

“Sim”, disse. Ele não entrou em detalhes. Ela não perguntou. “Posso apenas dizer oi?”, perguntou.

“Espere”, disse ela. “Vou chamá-los.” Ouviu a movimentação através do apartamento. “Crianças”, ela chamou, “papai está no telefone.”

Archie ouviu os gritos animados de Sara. Ele ainda amava aquele som mais do que qualquer outra coisa no mundo.



CAPÍTULO 23

“Você está preocupado com ele novamente”, disse Claire. Henry olhou para o ventilador de teto. Eles estavam em sua cama, nus e exaustos, Claire estava de lado apoiada no peito dele.

O sexo exigia mais dele atualmente. Suava muito mais. Seu coração trabalhava mais. Ele tentava esconder dela, mas é claro que ela percebia.

Ainda mais agora, que ela percebera que a mente dele estava em outro lugar. Ele entrelaçou sua mão na dela. “Desculpe”, disse ele.

Claire suspirou, deitou-se de costas e olhou para o ventilador de teto como ele. Tinha lâminas de metal branco e uma luminária que nunca tinha funcionado. Henry tinha instalado há dez anos, no primeiro verão depois que comprou a casa. A correntinha de ligar girava em círculos lentos. “Basta falar com ele”, disse Claire.

O gato de Henry pulou em cima da cama, caminhou ao redor, e, em seguida, se deitou e começou a ronronar.

Henry tinha pensado em ligar para Debbie. Mas só por um segundo. Archie não iria querer isso. Ele queria que sua ex-esposa tivesse uma vida. E ela não poderia ter uma se continuasse sendo envolvida nas besteiras dele. De qualquer maneira, era assim que Archie via isso.

Claire colocou sua mão livre espalmada sobre seu estômago plano olhando para a pequena saliência quase imperceptível. “Você acha que ele percebeu?”

“Não”, disse Henry.

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar. “Não é estranho. Homens são lentos para essas coisas.”

O ventilador de teto vinha se afrouxando ao longo dos anos e fazia um toc toc suave por causa da pancada que dava quando balançava contra o teto. “Archie não”, disse Henry.

Ficaram em silêncio por um momento, ouvindo as pás do ventilador, o vento levantando as páginas de uma revista que Henry tinha deixado em cima da mesinha-de-cabeceira de madeira, a batida do ventilador contra o teto, o gato ronronando.

“Eu odeio o seu futon”, disse Claire.

Henry rolou para o lado e levou a mão dela à boca e beijou-lhe os dedos. “Futons são uma antiguidade, a cama mais popular, a cama dos imperadores”, disse.

O cabelo curto e castanho de Claire estava espetado com o suor. Seus seios

eram pêssegos perfeitos, os mamilos pequenos e escuros. Tudo nela era tamanho pequeno. Ela tinha que mostrar a identidade cada vez que comprava cerveja. Mas ela podia correr mais que um criminoso e praticava judô toda sexta-feira. Eles iam ter um garoto extraordinário.

Às vezes, Henry desejava ter conhecido Claire vinte anos antes.

“Provavelmente ele só está focado no caso”, disse Claire.

Era verdade. Eles trabalharam o dia todo e não deu em nada. Nenhuma conexão entre as vítimas, em absoluto. Nenhuma evidência deixada para trás na cena do crime. Sem testemunhas. Mas Archie parecia distanciado do caso, distraído.

Era outra coisa.

E como se Claire tivesse lido sua mente, ela disse: “O quê é, então?”

O gato levantou-se, espreguiçou-se e em seguida, esfregou-se contra a perna de Claire, deixando um rastro de pelos cinza em sua pele suada. Ela coçou a cabeça do gato distraidamente.

Henry algumas vezes se perguntava o quanto Claire tinha descoberto sobre a relação de Archie com Gretchen Lowell. Era um dos assuntos que eles não comentavam.

“Você viu o celular dele?”, Claire perguntou.

Henry tinha visto. A fita adesiva.

“E a sua mão?”, disse Claire.

Parecia que ele tinha socado uma parede. Henry somou dois mais dois. Archie tinha recebido um telefonema e não tinha gostado.

“Talvez ele esteja tomando comprimidos novamente”, disse Claire.

“Talvez”, disse Henry.

Mas ele conhecia o seu amigo há muito tempo, e ele tinha a sensação de que era algo pior. Havia apenas uma pessoa que poderia deixar Archie com os nervos a flor da pele dessa forma, e ela estava presa no Hospital Estadual.

Claire se aninhou contra o braço de Henry, o gato entre eles. Henry olhou para o ventilador de teto e tentou não pensar no fato de que, enquanto ele estava suando pra caramba, Gretchen Lowell estava deleitando-se no ar condicionado pago pelos impostos dos contribuintes.



CAPÍTULO 24

Archie observava Gretchen Lowell dormir, admirando cada centímetro dela.

Ela estava deitada de costas, na cama dela. Seu pijama hospitalar de algodão cinza era da mesma cor que o cobertor que a cobria do peito para baixo. O cobertor era fino e horrível e Archie podia distinguir a forma de seu corpo debaixo dele. Archie deixou seus olhos passearem sobre as coxas largas, o ventre roliço, a aspereza da pele de seus braços. O ganho de peso em seu rosto tinha deixado suas bochechas pesadas. Sua pele estava amarelada, exceto onde as acnes haviam surgido, uma erupção vermelha nas bochechas. Mesmo fechados, seus olhos pareciam fundos. Sangue seco havia se acumulado nos cantos da boca, onde a pele rachara formando uma ferida.

Seu cabelo estava sujo, desleixado, embaraçado em tufo com algo parecido com uma crosta. Seu rosto estava relaxado. Sua respiração era silenciosa e constante. Ela estava tão perfeitamente imóvel – sem contrações musculares e pequenas mudanças durante o sono – que Archie pensou que ela poderia estar acordada.

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

Ele estava sentado no parapeito da janela, inclinado contra as grades, e teve que conscientemente se manter tão quieto quanto ela estava, para não permitir que ela pudesse lê-lo. Agora ele só queria que ela visse uma expressão em seu rosto: a satisfação.

“Olá, querida”, disse ele.

Ela tentou mudar sua posição, e, em seguida, levantou a cabeça e olhou para as tiras de couro que prendiam seus pulsos nos lados da sua cama. Ela deixou a cabeça cair sobre o travesseiro e sorriu para ele. “O que é isso?”, disse. “Medo de que eu possa machucá-lo?”

Archie levantou-se da janela e caminhou lentamente até sua cabeceira. Ele manteve as mãos nos bolsos para que pudesse deixar seus dedos em contato com os três Vicodin que ele tinha escondido lá. Ele se inclinou para ela, lentamente. Ele tinha que fazer tudo lentamente com Gretchen, porque se não o fizesse, ele podia cometer um erro, mostrar-se demais.

“Não”, ele disse, em um sussurro. “É só porque gosto de vê-la amarrada.”

Suas narinas se alargaram e ela sorriu de novo, os dentes, antes brancos, agora

eram uma pálida sombra cinza. “Eis o meu garoto”, disse ela. Seus olhos estavam vermelhos, mas eles ainda eram muitos azuis. Ela percorreu o seu corpo com os olhos. “Eu pensei que você ia chegar mais cedo, para que pudesse ver o que você me fez”, disse ela.

“Você já usou sua beleza para manipular as pessoas. É menos uma coisa em sua caixa de truques.”

Gretchen deu um risinho cínico. “Foi isso que você disse a eles?”

Não tinha sido difícil para Archie convencer os administradores do hospital a deixá-lo interferir nas medicações especiais de Gretchen. Ela havia matado tantas pessoas. Ela merecia o pior. Prescott era arrogante, mas era jovem e inseguro na sua posição e seguia ordens. Ele aceitou que o regime medicamentoso de Gretchen fosse determinado por seus chefes. Só que ele não tinha ideia de que Archie estava envolvido.

Archie tocou as pílulas no bolso. “Eu não quero que você volte a ver Susan”, disse. “É preciso deixá-la fora disso.”

“Fora de quê, querido?”, disse Gretchen.

Ele sabia o que ela queria ouvir. Mas ele odiava dizer. “Nós”.

Ela olhou para ele com um ar fingido. “Você não estava retornando minhas ligações.”

“Eu tenho me encontrado com outros serial killers”, disse Archie. “Eu sabia que você ia ficar com ciúmes.”

Gretchen levantou uma sobrancelha presunçosa. “Eu tenho visto alguém, também.”

“Prescott”, disse Archie.

Ela deu uma olhada para trás, para além da janela na noite. Não havia relógio no quarto, e ele percebeu que ela estava tentando adivinhar a hora. “Eu pensei que ele estaria aqui quando você viesse”, disse. “Eu queria que você o conhecesse.”

Para que ela pudesse manipulá-los, jogá-los um contra o outro. Archie estava familiarizado com a tática. “Eu não disse a ele que estava vindo”, disse. “Sinto muito. Ele fazia parte do seu plano?”

“Quem está com ciúmes agora?”, disse Gretchen.

Não havia nada no quarto. Não havia fotos de família nas paredes. Não tinha toalete. Sem livros. Nenhuma das distrações permitidas aos outros pacientes. Prescott tinha feito pressão para que isso mudasse. Archie tinha lido seu relatório. Prescott considerava que itens pessoais seriam terapêuticos. Prescott nunca tinha recolhido os fragmentos de uma das vítimas de Gretchen do chão.

“Você não se importa com Prescott”, disse ele. “Mas você fez um bom trabalho com ele. Surpreendente.” Ele estudou seu rosto. “Calculado”. Archie rolou o Vicodin no bolso entre os dedos. “Ele quer reduzir os seus remédios.” Ele deu um

passo para mais perto dela e viu os tendões de seus braços apertarem enquanto ela se esforçava contra as pulseiras. “Você gostaria disso, não é?”, perguntou. “A questão é, querida, eu gosto de ver você assim, que seu cérebro perspicaz esteja nebuloso, fisicamente impotente.” Ele estava perto o suficiente, e agora podia sentir o cheiro de sua pele e cabelo. Ele fechou os olhos e respirou profundamente pelo nariz, aspirando seu doce cheiro. “Eu gosto muito disto para desistir”, disse ele, abrindo os olhos. “Eu nunca vou deixá-los tirar-lhe as drogas.” Ela não deu nenhuma resposta, nenhuma reação. “Eu tenho que dizer, eu não me importo de você estar aqui tanto quanto eu pensei que me importaria. Você pertence à prisão. Todos nós estamos muito mais seguros com você algemada e em segurança máxima. Mas os administradores deste lugar não sabem bem o que fazer com você aqui. E você sabe para quem eles perguntam?” Ela o olhou fixamente. “Para mim”, disse. “Prescott e o resto de sua equipe de psiquiatras podem fazer todas as recomendações que eles quiserem. Mas no final, eles dependem da pessoa que mais conhece você para decidir com quais privilégios você pode lidar, que livros você está autorizada a ler, quantas horas por dia você poderá gastar sem restrições.”

“Você gosta disso, não é?”, disse Gretchen.

Archie sorriu. “Mais do que você imagina.”

“Isso é uma coisa muito cruel para se dizer.” Gretchen disse, “para alguém que está sofrendo de uma doença mental.”

“Eu sou mais louco que você”, Archie disse, sem rodeios.

“Prescott diz que eu tenho que ser insana, para fazer as coisas que fiz.”

Archie assentiu, pausando um momento. Então ele disse: “Eu consegui um novo médico para você. Eu não mencionei isso? Porque eu sei que você gosta de jogar e eu acho que Prescott não é desafio suficiente para você.”

O sorriso de Gretchen desapareceu por um segundo, um ínfimo golpe em sua fachada. “Ryan Motley está de volta.”

Ela era um gênio em desviar o assunto.

“Deixe-me adivinhar”, disse Archie. “É ele que está procurando a sua criança?”

“Ele está perto”, Gretchen disse sem emoção. “Se você me tirar daqui, eu posso impedi-lo.”

As drogas estavam fazendo-a delirar.

“Você acha que a maternidade pode lhe ajudar a sair daqui mais cedo?” Ele não podia sequer imaginar isso. “Você. Uma mãe. Isso é uma imagem bizarra. Boa sorte com isso. Você acha que vai convencê-los de que está curada? Você sabe o que funcionaria melhor?”. Archie praticamente cuspiu: “Encontre Deus”.

Gretchen estava olhando para ele; com aqueles seus olhos azuis, ela sempre parecia estar vendo algo que as outras pessoas não viam. “O nome da minha filha era Lily”, disse ela.

O peito de Archie apertou.

Ela não podia ter conhecimento sobre os lírios deixados nas cenas dos crimes.

“Estou cansada”, disse ela, rolando. “Eles me dão sedativos à noite.”

Ela estava jogando verde. Ela estava se comportando como um psíquico de auditório, experimentando coisas diferentes, vendo o que o abalava. “Eu já estava saindo de qualquer maneira,” Archie disse, indo em direção à porta.

“Como é que Henry está se recuperando?”, ele a ouviu perguntar.

Ele parou. Suas mãos estavam nos bolsos. Ele apertou os comprimidos com força.

“Dê a ele os meus cumprimentos”, disse ela, sonolenta. “É difícil para homens como ele perder a força física. Eu ficaria de olho nele, se eu fosse você”.

Archie virou-se, tirou as mãos dos bolsos, e caminhou para o lado de sua cama. Ela ainda tinha a cabeça virada para longe dele quando ele deslizou a mão ao longo de sua cabeça e agarrou seu cabelo, puxando seu couro cabeludo. Ele se inclinou para perto dela. Podia senti-la lutando contra ele, lutando contra o seu aperto, o cabelo dela puxado pelas raízes, sua respiração difícil. “Não diga o nome dele”, disse Archie. Ele inalou-a novamente, o mesmo cheiro, mas agora mais forte, mais intenso. Ele viu seus olhos vagarem para o bolso esquerdo da frente de sua calça e, em seguida, alargarem-se em compreensão. Ela sabia que ele tinha os comprimidos. Ela reconheceu a forma, ou viu-o tocando nelas, ou ela o lia muito bem o suficiente para reconhecer o quanto ele era frágil.

Ele esperou que ela dissesse alguma coisa, para provocá-lo.

Mas ela permaneceu em silêncio, olhando para ele enquanto a segurava.

Archie soltou-a. “Descanse um pouco”, disse ele. Sua voz era rouca. “Ouvi dizer que o seu novo médico é um filho da puta.”



CAPÍTULO 25

Susan imprimiu todos os PDF e estava sentada cercada por eles na sala de estar. Quando ela os espalhou na primeira vez, o ventilador tinha jogado todas as páginas para a cozinha, então agora ela prendera cada página com um peso de papel adaptado: uma xícara de café, um incensário, uma pequena estátua de Shiva, uma saladeira, sua tigela de sorvete, a metade de um pacote de salgadinhos que ela tinha saído para comprar como um lanchinho pós-sobremesa. As páginas estavam em cima do carretel de fio transformado em mesa de café, no chão e até no sofá. Os cantos dos papéis levantavam toda vez que o ventilador completava seu giro.

Bliss tinha levado uma edição da *Mother Jones* para a cama horas atrás. (*5)

Mas Susan estava muito concentrada. Cada PDF era um artigo de jornal sobre um assassinato diferente. Todos sem solução. As vítimas descritas nos artigos tinham sido todas torturadas até à morte. E todas elas eram crianças. Todos os assassinatos ocorreram ao longo de um período de seis anos. Em diferentes estados.

Ela leu e releu os artigos, e não conseguia encontrar conexões óbvias entre eles além da tortura. Então, ela estudou-os novamente, e desta vez tentava pensar como Archie. Foi só depois de ler os artigos várias vezes, e de superar a tragédia e o choque, que ela começou a ver outras semelhanças. As crianças tinham desaparecido e foram encontradas mortas antes de completar vinte e quatro horas. Nenhuma havia sido abusada sexualmente. Todas estavam sozinhas quando foram sequestradas - em um quarto, andando na rua, em um parque - mas sempre sozinhas, sem testemunhas.

Não havia ninguém chamado Ryan Motley em qualquer um dos artigos. Ela pesquisou cada assassinato on-line, leu dezenas de artigos adicionais. Ela pesquisou o nome de Ryan Motley em conjunto com todos os outros nomes e lugares que estavam conectados com cada investigação. Nada. Os casos foram todos arquivados. Foram plantadas árvores em escolas de ensino fundamental em Memória das vítimas. Diplomas honorários foram apresentados aos pais. Ninguém mantinha sites em homenagem às vítimas.

Gretchen deu o pen-drive para Archie que o deixou esquecido em uma gaveta cheia de líquido corretivo. Ele tinha suas razões. Ele deve ter visto alguma coisa nos PDF que o convenceram de que as informações de Gretchen não valiam a pena serem seguidas. Susan não tinha sido capaz de desvendar nem uma única menção a Ryan

Motley, e ela era uma pesquisadora muito superior a Archie. Além disso, Archie tinha acesso aos arquivos da polícia sobre todos esses casos, todos os tipos de informação que não estavam na internet. O que ele disse? Ryan Motley foi uma invenção da imaginação de Gretchen.

Então, por que Gretchen queria ver Susan? *Encontre o pen-drive*, ela havia dito uma e outra vez.

Se Gretchen queria usar Susan para chegar a Archie, ela poderia ter feito isso sem a confissão de um crime desconhecido. Ela não precisava mencionar James Beaton ou Ryan Motley. Mas ela mencionara.

Susan virou-se para seu notebook no chão. Com as palavras *James Beaton, St. Helens, Oregon*, ela tinha encontrado algumas velhas notícias do jornal *St. Helens Chronicle* quando voltava de Salem. Lê-los em sua tela do Iphone com o carro indo a 120 km por hora na I-5 estava fora de cogitação. Agora ela abrira os artigos em sua tela de quatorze polegadas. O *Chronicle* não era disponibilizado on-line há 18 anos, mas a sociedade histórica de St. Helens tinham digitado as antigas edições em papel e colocado tudo na internet.

Ela pegou um punhado de salgadinhos e enfiou na boca.

James Beaton, marido de Dinah “Dusty” Beaton e pai de dois filhos, tinha sido dado como desaparecido um dia antes. Qualquer pessoa que tivesse informações era para ligar para o Departamento de Polícia de St. Helens. Ele foi visto pela última vez num Oldsmobile preto. Sua igreja estava planejando uma vigília, blá, blá, blá. Havia uma fotografia pequena em preto-e-branco de um homem forte de gravata. Parecia que ele estava na casa dos cinquenta anos. Sua gravata tinha marcas estranhas, e Susan ampliou e reduziu a imagem na tela várias vezes, antes de conseguir uma imagem que lhe permitisse decifrar os desenhos.

Susan riu, e quase se engasgou com os salgadinhos.

A gravata estava coberta com imagens de cães de pequeno porte.

Se ela desaparecesse, ela esperava que disponibilizassem uma foto dela com roupas mais sérias.

Ela fez uma cópia do artigo e salvou-o, e então pesquisou o Hamlet Inn Motel em St. Helens. O site tinha apenas uma página, com um número de telefone para reservas. As fotos no site mostravam um motel de beira de estrada de dois andares, cuja melhor característica parecia ser a sua grande área de estacionamento.

Susan copiou o endereço para mais tarde.

Colocou o misterioso Ryan Motley de lado, ela ainda tinha um artigo para escrever para o jornal, e um pouco de notícia local não faria mal.

(*5) *Mother Jones* (abreviado *MoJo*) é uma revista americana de esquerda de caráter investigativo sobre política, meio ambiente, direitos humanos e cultura. O

nome refere-se a Mary Harris Jones, conhecida adversária do trabalho infantil. A missão da MoJo é produzir jornalismo que informe e inspire um mundo mais justo e democrático.



CAPÍTULO 26

O quinto andar do prédio de Archie era muito parecido com o sexto andar, com exceção do corredor, que tinha sido pintado, inexplicavelmente, de ameixa. A pintura tinha um brilho que refletia as luzes fluorescentes do teto de forma que todo o corredor parecia piscar dos três lados.

Archie bateu na porta do apartamento de sua vizinha.

Quando Rachel abriu, ele levantou o saco plástico que tinha encontrado preso com fita adesiva na sua porta quando chegou em casa.

“Velas de ignição?”, disse.

Ela sorriu. “Agora você tem algumas”, disse. “No caso de eu precisar pedir uma emprestada.”

Ele colocou o saco no bolso e bateu com o dedo. “Eu vou guarda-las em algum lugar seguro, até você precisar de uma”.

Ela encostou-se ao batente da porta. Já passava das onze. Muito tarde para uma visita social. Ela parecia não se importar.

“Você quer um copo de água”, ela perguntou.

“Eu tenho água lá em cima”, ele respondeu.

“Eu comprei um filtro novo, com carvão ativado”, ela insistiu.

Archie coçou a nuca. “Ok”.

Ela abriu a porta e ele a seguiu para dentro. Ela estava vestindo um short de pijama de cetim rosa pálido e um top branco. Sem sutiã. Seu apartamento tinha o mesmo layout que o dele, mas sua parede de tijolos expostos foi pintada de branco. Todos os seus móveis combinavam como se tivessem sido comprados de uma só vez. O sofá era de couro cor de manteiga. A mesinha de centro era de laca preta e vidro. As duas poltronas combinavam com o sofá e a pequena mesa de canto de vidro combinava com a mesinha de centro. Uma luminária esférica do tamanho de um globo escolar pairava sobre a sala de estar. Aqui e ali, ela incorporou toques asiáticos. Pergaminhos, pinturas em seda bordada. Ela tinha um baú de casamento coreano contra uma parede e uma impressão de um robe chinês de 1,50 metros pendurado na parede de tijolo ao lado da porta. Banquetas de laca vermelha estavam alinhadas na bancada da cozinha. O abajur com a cúpula de papel em tons de vermelho dava à sala um brilho carmesim.

Quando Archie estava na faculdade, ele tinha um sofá barato das lojas Goodwill

e uma estante construída com blocos de concreto.

Rachel estava na pia do outro lado da bancada da cozinha.

“Sente-se”, disse ela. Ele ouviu gelo tilintando contra o copo.

Sua bolsa estava no chão ao lado de uma das poltronas de couro. Ele foi até lá e sentou-se. Ele podia vê-la, do outro lado da bancada, pondo algumas coisas num prato.

Ele disfarçadamente baixou a mão em sua bolsa e tateou procurando pela carteira dela.

Quando ele a pegou, ele se inclinou sobre o braço da poltrona, abriu-a, e examinou sua carteira de motorista. Seu nome estava como Rachel Walker. A imagem correspondia. Era uma licença da Califórnia. Archie puxou-a para fora do plástico e inclinou-a para ver se o holograma era real.

Se fosse falsa, era muito bem feita.

Ele ouviu o que parecia ser uma bandeja de laca deslizando no balcão de granito e rapidamente colocou a identidade de volta na carteira e deixou a carteira cair de volta na bolsa aberta.

Ela colocou a bandeja em cima da mesa de vidro entre as poltronas e sentou-se na outra. Os shorts de cetim penduravam-se em seus quadris, e ele podia ver uma faixa de pele que o top quase não cobria. Havia um robe branco de cetim no encosto da poltrona. Ela não o colocou.

“Estudos asiáticos?”, disse Archie.

Rachel sentou em cima de suas pernas na poltrona. “Desculpe-me?”

“A sua área de estudo”, disse Archie.

“Não”, ela disse. “Mas foi um bom palpite.”

“Dança?”

Ela inclinou a cabeça.

“Você anda com os dedos dos pés virados para fora, como alguém que teve aulas de ballet”, disse Archie.

“Errado de novo”, disse ela.

Archie inclinou-se e pegou um copo de água e bebeu metade do copo. Ela tinha servido biscoitos, e um pouco de queijo.

Quem se mudava às quatro da manhã?

Ele pousou o copo e limpou a boca. “Você deveria ter mais cuidado”, disse. “Não se convida homens estranhos para seu apartamento durante a noite.”

Rachel cruzou os braços, seu olhar avaliando-o. Seus seios moveram-se sob o tecido com nervuras de seu top enquanto ela se mexia. “É isso que você é”, disse ela, “um homem estranho?” Seu cabelo estava solto e despenteado, como se ela estivesse dormindo quando ele bateu, mas então por que toda a iluminação?

“Eu não tenho medo de você”, ela acrescentou com um sorriso malicioso. “Você

é um policial.”

“Isso não significa que eu não seja perigoso”, disse Archie.

Ela piscou para ele. Suas pernas e braços pareciam escuros e lisos com o brilho vermelho das lâmpadas.

A pele dele coçava.

“Quem é você?”, ele perguntou.

“Você viu o meu nome”, disse ela. “Está na minha carteira de motorista.”

Ela o tinha visto. Archie se acomodou na poltrona, agitado. Ela o pegou mexendo em suas coisas. Isso não era o que o incomodava. O que o incomodava era que ela deveria ter ficado mais irritada. “Pode ser falsa”, disse Archie.

“Por que eu teria identidade falsa, Archie?”

“Se mudou no meio da noite. Para um apartamento logo abaixo do meu. Você parece viver acima das posses de uma estudante universitária. Você parece...” Ele procurou as palavras certas. “Como alguém que eu conheço. A tatuagem.” Isso parecia ridículo quando ele disse em voz alta, paranoico. “Nós continuamos nos esbarrando um no outro.”

“Nós moramos no mesmo prédio”, disse ela.

Ela o confundia. O jeito como ela olhava para ele. A forma como ela se movia. Ele pegou o copo de água novamente, deu um último gole, e pousou-o. Talvez ele estivesse acostumado a Gretchen, talvez ele procurasse por jogos onde não havia nada.

“Eu só quero ser sociável”, disse ela.

Ele riu e balançou a cabeça.

“Você quer mais um copo de água?”, perguntou ela.

Ele queria algo mais forte.

“Estou flertando com você, Archie”, ela disse. “Isto,” disse acenando com a mão na frente de si mesma, “é flertar”. Não há nenhuma conspiração. Eu procurei por você. Eu entendo que você já passou por algumas coisas. Mas você está à procura de motivos obscuros, onde não há nenhum. É tão improvável um cenário onde eu esteja interessada em você?”

“Sim”, disse Archie.

“O que você quer que eu faça?”, ela perguntou com um sorriso. “Quer referências?”

“Eu preciso olhar as suas coisas”, disse Archie.

Rachel inclinou a cabeça. “Você não namora muito, não é?”

Archie reformulou o que havia dito. “Eu vou olhar as suas coisas”, disse ele.

Ela estava muito quieta. Ele esperava que ela o colocasse para fora do apartamento. Ela tinha todo o direito. Ele meio que esperava que ela o fizesse. Seria a coisa mais razoável a se fazer. Mas ela não o fez.

“Depois, coloque tudo de volta onde estava”, disse ela.

“Você tem whisky?”, Archie perguntou.

Ela descruzou as pernas e deslizou sobre o braço da poltrona. “Eu preparo.”

Quando ela entrou na cozinha, Archie se levantou e foi para o quarto dela.

A cama estava feita. Ele foi até a cômoda e abriu cada gaveta. Tudo estava cuidadosamente dobrado. Ele abriu o armário dela. Vários vestidos pendurados em cabides. Sapatos estavam alinhados no chão do closet.

Não havia nenhuma sujeira. Não havia recibos amassados na cômoda. Nem trocados perdidos. As três revistas de moda em cima da mesa de cabeceira foi tudo o que ele achou.

Era como um cenário pronto para ser fotografado.

Ele olhou no armário novamente.

Quatro vestidos, algumas blusas, uma única saia.

“Onde está o resto de suas roupas?”, ele perguntou.

“Elas foram enviadas”, ela gritou de volta. “Por quê? Você precisa pegar alguma coisa emprestada?”

Ele entrou no banheiro. As toalhas eram todas do mesmo tom amarelo do sofá. Ele abriu o armário de remédios. Não havia nenhum. Nenhum frasco. Apenas cosméticos e produtos de beleza. Uma escova de dente dentro de um copo na borda da pia.

Rachel apareceu na porta do banheiro e entregou-lhe um copo de whisky. Sem gelo, sem soda, como ele gostava.

“Encontrou alguma coisa?”, ela perguntou.

Archie tomou um gole de uísque. Tinha um gosto melhor do que ele estava acostumado.

Ela esperou que ele dissesse alguma coisa.

“Onde estão os seus livros?”, ele perguntou.

Ela suspirou. “Sério?”

“Você disse que era estudante”, disse Archie. “Onde estão os seus livros?”

“Você sabe, eu poderia chamar a polícia”, disse ela. “Dizer-lhes que um homem estranho estava no meu banheiro.”

Ele passou por ela, para fora do banheiro, e examinou o quarto, procurando pelos livros. Nada. Ele entrou na sala e não os viu ali também.

“Hey,” ela disse atrás dele. “Sherlock”.

Ele virou-se. Ela inclinou a cabeça na direção de uma mochila ao lado da porta.

Ele caminhou até a mochila e abriu-a. Dentro havia textos de história, antologias, livros de teoria.

Ele folheou um. Em seguida, outro.

“Eu ouço você à noite, sabe”, disse ela por trás dele. “Ouço você andando pelo

apartamento. Escuto você falando com alguém no telefone.”

Archie guardou os livros levantou-se e virou-se para ela. “Ainda não tenho certeza de que você é realmente uma estudante.”, disse ele.

“Eu *sou* estudante.”

“Os alunos tomam notas”, disse Archie. “Eles destacam frases importantes.”

Ela deu um passo em direção a ele. “As aulas começam na próxima semana”, disse.

Era plausível, tudo aquilo. Todas as explicações. Ele imaginou o que sua psiquiatra teria a dizer sobre tudo isso, o que Henry poderia pensar. Ele estava se comportando como um louco perturbado.

Então por que ela não estava com medo?

Ela deveria estar com medo.

Qualquer pessoa racional teria insistido para que ele saísse há muito tempo.

Ele olhou para ela. Ela olhou para ele.

“Tire a roupa”, disse Archie.

Ela ergueu as sobrancelhas, como se não tivesse ouvido corretamente.

Ele não iria repetir.

Ele esperou imóvel, para ver o que ela faria.

E então ele observou enquanto ela tirava sua blusa por cima da cabeça, estendeu o braço e deixou-a cair no chão. Ela não tinha nem uma falha no bronzado. Sua pele era um mel escuro perfeito, a cor interrompida apenas pelos círculos rosa suave de seus mamilos. Então ela empurrou os shorts para baixo, saiu deles, e se pôs diante dele, completamente nua. Seu abdômen liso e bronzado terminava num punhado de pelos púbicos loiro escuros.

Sua postura não mudou. Ela não estava envergonhada, ela não tentou se cobrir.

Ela parecia perfeitamente confortável.

“Tudo bem”, disse Archie.

Ele podia sentir o suor se formando no seu lábio superior.

Ele não tinha imaginado que ela faria isso.

Ela abaixou o queixo e sorriu para ele. Ele reconheceu isso como flertar.

“Bonita camisa”, disse ela.

Ele olhou para baixo. A camisa azul que ele tinha colocado fora sugestão dela. Ele podia sentir o sangue invadindo seu rosto.

Não era assim que deveria ser.

Ela deu mais um passo em direção a ele, colocou a mão em seu peito, virou-o de costas e empurrou-o para fora. Ele cambaleou para fora do apartamento, no corredor. Ela sorriu para ele e suspirou, antes de fechar a porta na cara dele.



CAPÍTULO 27

Susan estava com um pé descalço sobre o painel do seu Saab, e um cigarro na mão para fora da janela. Ela estava no seu primeiro cigarro do dia, e na sua segunda xícara de café. Ela recolheu as migalhas de pão do colo, comendo algumas delas e jogando as outras para fora da janela. Todas as janelas estavam abertas. Nada ajudava. Seu couro cabeludo estava suado. As unhas do seu pé estavam muito compridas. Uma pequena borboleta branca bateu contra o para-brisa, tentando sair, aparentemente alheia as quatro rotas alternativas de fuga.

Archie tinha dito especificamente para esperá-lo na frente do *Centro Para Moças Life Works*. Eles deveriam se encontrar lá e depois entrar juntos. Ele dissera a ela para não ir sem ele quatro vezes. Mas ela chegou cedo, ele estava atrasado e estava quente.

Archie não era alguém que se atrasava. Ele era alguém que tinha imprevistos. Mas quando essas coisas - geralmente pessoas mortas ou maníacos homicidas - interferiam na sua agenda, ele sempre telefonava. Ele tinha consciência disso. Susan não. Quando as coisas surgiam na vida dela - em geral, um bom livro que estava lendo e não queria deixar de lado, ou a manicure - ela não ligava, ela só se apressava.

Não havia dúvidas. Archie tinha descoberto que ela pegara o pen drive.

Susan vasculhou no chão do banco de trás até que encontrou uma garrafa plástica de água que ainda tinha um pouco de água, e tomou um gole. Estava quente e tinha gosto de câncer. Ela fechou a tampa e jogou-a de volta no chão.

A bateria do iPod estava descarregada e ela não trouxera o carregador. Não havia nada no rádio.

Ela olhou para o relógio no painel. Ela só estava esperando há cinco minutos. Parecia mais. Ela terminou seu cigarro e jogou fora. Ela se perguntou quantos casos de enfisema poderiam ter sido evitados pela pontualidade.

Dane-se.

Ela calçou novamente seus sapatos e saiu do carro. A calçada em frente da casa estava rachada por conta das raízes das árvores. Ela caminhou ao lado da cerca, e em seguida, pelo caminho até a porta da frente. Um jardim, em ambos os lados do caminho, parecia estar inteiramente cheio de tomates. Susan estava na metade dos degraus da porta descascada da varanda quando ouviu Archie atrás dela.

“Eu lhe disse para esperar por mim”, disse ele.

Susan se encolheu e virou-se. “Olá”.

Archie olhou para o relógio. “Você não pode esperar dez minutos?”

Ele passou por ela na escada. Ele parecia bem. Ele não sabia nada sobre o pen drive. Eles iriam fingir que estava tudo bem. Ela podia fazer isso. Ela havia passado a maior parte do ensino médio fazendo isso.

“Quem ainda usa relógio?” Susan disse, emparelhando-se com ele. “Eu aposto que você ainda tem internet discada.”

Ele estava usando uma camisa branca sobre calças cinza e um par de sapatos de camurça com sola de borracha. Um caderno espiral pequeno, dobrado aberto, aparecia para fora do bolso da calça. O coldre de couro na cintura combinava com seu cinto de couro marrom. Susan sabia que Archie normalmente usava um casaco para cobrir a arma, mas como estava quente demais, ela achou que ele tinha desistido do sacrifício. Ele não lhe deu nenhuma explicação pelo atraso. Mas, ele estava investigando dois assassinatos.

“Então, você ouviu a entrevista com Gretchen?”, ela perguntou.

“Sim.” Archie disse.

Ela estava morrendo de vontade de saber o que Archie pensava sobre sua entrevista com Gretchen. Tinha centenas de perguntas sobre as circunstâncias do desaparecimento de Beaton, as coisas que não estavam nos registros. Mas antes que Susan pudesse perguntar sobre qualquer uma delas, uma mulher de cabelos encaracolados e grisalhos irrompeu pela porta da frente, deixando a tela se fechar estrondosamente atrás dela.

Ela estava usando uma saia longa cinza, uma camisa de manga comprida de algodão branco e brincos de argola do tamanho de pulseiras. “Ela foi embora”, a mulher disse para Archie. “Pearl.”

Archie endureceu. “O quê?”. Ele passou as mãos pelo cabelo e entrou, Susan seguiu atrás.

Não houve apresentações.

A mulher parecia angustiada; seus brincos estavam balançando.

“Há quanto tempo ela se foi?”, perguntou Archie.

“Há uma hora”, disse a mulher. “Quero dizer, isso foi quando ela foi vista pela última vez. Eu fui procurá-la para dizer-lhe para descer para a sua entrevista e ela tinha sumido.”

Ninguém estava olhando para Susan. Ela estava tentando se lembrar se tinha visto alguém sair da casa, enquanto estava esperando no carro. Será que ela ainda reconheceria Pearl novamente se a visse?

“Ela não levou nada?”, perguntou Archie.

A mulher torceu as mãos. “Sua mochila sumiu.”

“Ela tem um telefone celular?”, perguntou Susan.

Archie e a mulher viraram e olharam para ela.

“Esta é Susan Ward,” Archie disse para a mulher. “Bea Adams, diretora do centro”, disse Archie.

“Sim”, disse a mulher. “E como qualquer adolescente, ela vive e morre por ele.” A mulher enfiou a mão no bolso de sua saia e levantou um telefone celular. “Eu encontrei-o sobre sua cama.”

“Eu preciso ver o quarto dela”, disse Archie.



CAPÍTULO 28

O quarto de Pearl parecia um dormitório de faculdade que era três partes Holly Hobbie, a garota certinha e uma parte Emily The Strange, a garota gótica. Duas camas de solteiro foram empurradas contra as paredes opostas, e uma garota magra com um moicano laranja e uma expressão sombria, estava sentada em uma delas ouvindo um iPod. As cortinas e as colchas eram de tecido de algodão xadrez. Uma velha cômoda de madeira tinha sido pintada de azul claro e, em seguida, carinhosamente desbotada. Uma faixa com desenhos de morangos e flores havia sido estampada no nível dos olhos em toda a volta do quarto. Se Susan tivesse sido forçada a dormir aqui, ela teria fugido também.

“Nossos membros da diretoria ajudaram na decoração”, explicou Bea.

“É... bonito”, disse Susan.

As meninas tinham tentado criar um estilo gótico também. O quadro de cortiça na porta do armário estava coberto com imagens de músicos gritando, uma banda de Death Metal que Susan não reconheceu. A lâmpada no abajur da escrivaninha era de luz azul para baladas. Todas as roupas espalhadas no chão eram pretas.

A garota com o moicano laranja tinha um piercing de prata no nariz, quatro piercings de prata sobre cada sobrancelha, outro piercing no centro do lábio inferior e seis pequenas estrelas tatuadas em conjunto na têmpora direita. Ela estava usando um top preto que havia sido cortado pela metade nas costuras e remontado com alfinetes de segurança, jeans rasgados e desgastadas botas de motociclista. Seus olhos estavam delineados em preto e seus lábios estavam pintados de roxo escuro.

Ela tinha, talvez, o que, catorze anos?

Susan olhou mais de perto. O moicano da menina era liso e espetado com a altura de uns quinze centímetros, sua cabeça era raspada em ambos os lados. Os cabelos foram tingidos de laranja. Mas não um laranja comum. Era um laranja neon brilhante. Manic Panic Electric Lava, para ser mais preciso, na fórmula original.

Susan sabia, porque o cabelo dela era exatamente da mesma cor.

Archie começou a se mover, mas Susan estendeu a mão. “Deixa comigo”, disse. Então se aproximou e sentou-se na extremidade da cama da menina antes que Archie pudesse protestar. Não era para isso que Susan estava lá afinal de contas? Porque ela falava a mesma língua das “adolescentes rebeldes”?

A menina revirou os olhos quase imperceptivelmente, uma jogada de olho que

dizia que ela não estava nem sequer se incomodando em revirá-los completamente.

Susan arrancou os fones de ouvido da menina.

A menina disse: “Hey!”

“Eu gosto do seu cabelo”, disse Susan.

A menina olhou para Susan lentamente uma vez mais, terminando nos flamejantes cabelos elétricos de Susan. “Você precisa hidratá-los”, disse a garota.

Susan pensou ter ouvido uma meia risada atrás dela onde Archie e Bea estavam.

“Você é colega de quarto de Pearl?” disse Susan.

“Não, eu sou o seu gato”, disse a garota.

“O nome dela é Allison”, disse Bea.

“Quando você viu Pearl pela última vez, Allison”, Susan perguntou.

“Eu não sei. Há uma hora? Ela entrou, fez as malas e partiu. Não disse uma palavra.”

Susan olhou para os fones de ouvido sobre a colcha de algodão. “Talvez você só não a ouvisse”, disse Susan.

“Eu não sei para onde ela foi”, disse Allison, estreitando os olhos. “E se eu soubesse, eu não diria.”

“Ela pode estar em perigo”, disse Archie.

Allison olhou para Archie. Susan se lembrou daquele olhar. Significava, *Pessoas como você mentem*. “Que seja”, disse Allison. Ela cravou os fones de volta nos ouvidos e aumentou o volume.

Susan tinha escrito uma matéria sobre o perigo dos fones de ouvido, e naquele nível de decibéis, as células do ouvido de Allison estavam metabolicamente esgotadas, o que levaria à morte das células ciliadas e eventual perda da capacidade funcional do ouvido interno. Mas Allison não parecia querer uma palestra.

“Ela não será útil”, disse Bea. Ela baixou a voz. “Ela tem problemas de confiança.”

“Posso dar uma olhada por aí?” Archie perguntou a Bea.

Susan viu Bea hesitar.

Archie deu um passo mais perto de Bea. “Deixe-me ser claro”, disse. “Esta propriedade pertence a sua organização. Para que eu possa fazer uma busca nesse quarto sem um mandado, você tem que me dar permissão. Então, eu posso dar uma olhada?”

“Sim”, disse Bea. “É claro.”

Susan já estava examinando a sala em busca de pistas. “Quer ajuda?”, perguntou.

“Não toque em nada”, disse Archie.

Então Susan viu como Archie se movia metodicamente ao redor da sala, abrindo gavetas e analisando superfícies. Quando ele passou pelo armário e pela cômoda ele

chamou Bea e perguntou se ela podia dizer o que estava faltando. Ela não podia.

Susan avançou até a mesa ao lado da cama vazia de Pearl. A superfície da mesa estava salpicada com marcas coloridas, como marcadores de ponta fina deslizando para fora da borda da página. Susan andou até Allison e arrancou seus fones de ouvido.

“Hey!” Allison disse novamente.

“Será que Pearl tinha um diário”.

Allison revirou os olhos, desta vez uma volta completa. “Ninguém mais tem diário”, disse ela. “Usamos o Facebook.” Ela voltou a sua atenção para a tela de seu iPod. “Mas ela tinha um bloco de desenho e estava sempre desenhando nele.”

“Onde ela o guardava?”, perguntou Archie.

“Eu não sei”, disse Allison. “Ela sempre desenhava nele na cama.”

Susan, Archie, e Bea se voltaram para a cama de Pearl. Allison voltou a matar suas células ciliadas do ouvido interno.

“Quando eu era adolescente”, Susan disse, “eu tinha um diário que guardava em um saco plástico lacrado dentro de uma caixa de nuggets de peixe congelado em nosso freezer,” disse Susan. Ela se virou para Bea. “Minha mãe iria comer a comida do gato antes que comesse um pedaço de palito de peixe”, explicou. Ela caminhou até a cama. “Posso?”, perguntou para Archie.

“Por favor”, disse Archie.

Susan deitou-se de costas na cama de Pearl. A cama pulou e quicou. A escrivaninha estava aos seus pés. A parede estava a sua esquerda. Ela inspecionou o quarto de lá, procurando pelo esconderijo ideal, em algum lugar seguro do companheiro de quarto e dos funcionários, mas perto o suficiente para fácil acesso. A escrivaninha era muito pública. Idem a cômoda. Então Susan deslizou a mão entre a parede e o colchão e tateou ao redor. “Ajude-me”, disse para Archie, ela se levantou e ela, Archie e Bea puxaram a cama da parede.

Os três espiaram por cima da cama. Arranhões pretos marcavam a tinta azul da parede, onde um bloco de desenho capa dura preta tinha sido enfiado e tirado de novo e de novo.

Susan disse: “Não está mais aqui.” E então ela acrescentou, para ser completamente clara, “Ela não está pensando em voltar.”



CAPÍTULO 29

Susan inclinou a cabeça contra a porta do apartamento de Leo e tocou. Seu notebook estava debaixo de um braço, o fio branco atrás dela pelo corredor como uma cauda.

Ela estava atraída por Leo Reynolds por uma série de razões. Ele era bonito, tipo um vampiro: pálido e de cabelos escuros com olhos claros e o tipo de nariz que costumavam colocar nas moedas romanas. Ele se vestia bem, e comprava roupas que valiam mais do que o carro de Susan. Ele era evasivo e discreto, que de alguma forma o fazia parecer misterioso e enigmático. As pessoas achavam que ele era um canalha. Seus encontros, antes de Susan, consistiam principalmente em strippers e prostitutas. Ele teve conquistas, não namoradas. A história sexual de Susan parecia positivamente puritana, em comparação. Ela era uma flor virginal. Esta era uma mudança para melhor; Susan costumava ser má influência. Leo foi o primeiro namorado que ela já teve que pensava que ela era melhor do que ele. Ele também era rico. Pelo menos seu pai era rico.

Mas agora a única coisa que a atraía mais em Leo era o seu ar condicionado.

Ela apertou sua bochecha contra a porta - mesmo a porta era fria. Imaginava o ar perfeito de vinte graus do outro lado dela, e tocou novamente. Sua entrevista com Gretchen Lowell sairia em dois dias. E se ela pudesse sair do calor, ela poderia escrevê-la.

Leo pareceu surpreso quando abriu a porta.

“Eu segui algumas pessoas do andar de baixo”, explicou Susan, acotovelando Leo e passando por ele com o seu notebook.

Leo morava em um apartamento de cobertura em um dos novos edifícios de uso misto no Distrito Pearl. Havia uma loja de tênis de estilista no primeiro andar, ao lado de uma loja que vendia luminárias de dez mil dólares. O prédio era o maior do bairro e sua vista pelas janelas da sala de estar que iam do chão ao teto faziam a agitação urbana do Distrito Pearl parecer distante e irrelevante. Você podia ver carros lá embaixo disputando educadamente a passagem num cruzamento, o metro de superfície deslizando, pessoas andando com sorvete, ciclistas, homens andando com cachorros pug e funcionários dos escritórios almoçando, sentados em bancos na calçada, comendo saladas em caixinhas, mas você não conseguia ouvir nada. Isso é o que o dinheiro comprava: o silêncio.

Antes de Susan voltar a morar com sua mãe, ela tinha sublocado um loft no Pearl de seu ex-orientador de Mestrado. Ela tinha tido relações sexuais com ele, também. Mas não por causa do seu sistema de ar condicionado.

Ela deixou sua bolsa cair atrás da porta e atirou-se no sofá de couro preto de Leo. “Você sabia? Pessoas que morrem de hipertermia param de suar”, disse. “Elas se sentem quentes, mas seu mecanismo de refrigeração interno falha. Elas não conseguem suar. Sua pele fica seca ao toque. Seu corpo não consegue se resfriar.” Ela puxou sua pegajosa camisa suada. “Então, eu sei que não estou com hipertermia”.

“Eu estava saindo,” Leo disse ainda de pé na porta.

“Por favor, não me faça sair”, Susan implorou. “Eu dirigi durante duas horas, sem ar condicionado, à procura de uma garota que não é totalmente problema meu, mas eu sinto que é porque ela me faz lembrar de mim. Eu quero dizer, ela é um caso raro total. Ela deixa Archie louco. Ela deu um choque com Taser nele uma vez, mas isso é uma longa história. Ela vive num centro de acolhimento onde aquele cara que foi esfolado no Monte Tabor trabalhava, e eles acham que ela o viu naquela manhã. De qualquer forma, ela provavelmente foi embora para evitar o aborrecimento de ter que falar com a polícia e tudo mais, mas quem sabe, né? Talvez ela tenha visto algo mais do que disse que viu. E ela é uma idiota, mas ela tem dezessete anos e quem não é idiota nessa idade, certo? E Archie diz que é um problema da divisão de pessoas desaparecidas agora, mas nós dois sabemos que não irão encontrá-la se ela não quiser ser encontrada.” Susan estendeu a mão e tocou seu couro cabeludo. “Você acha que meu cabelo precisa de hidratação?”

Leo não se mexeu. “Eu realmente tenho que ir”.

Susan pôs as mãos atrás dela e esticou-se no sofá. Até o couro estava frio. Leo tinha um daqueles refrigeradores com uma unidade na porta que dispensa gelo e água gelada. “Então, vou te ver quando você voltar”, disse ela. “Você tem coisas para sanduíche?”

“Você não pode ficar aqui”.

“Por quê?”

“Porque você vai bisbilhotar”, disse ele.

Susan olhou para ele por cima do encosto do sofá. “Por favor. Eu tenho que trabalhar. Eu trabalho melhor com ar condicionado e sofá de couro preto.”

“Você é inacreditável”, disse Leo.

Sua camisa branca de abotoar tinha acabado de chegar da lavanderia, mas ainda tinha vincos nas costuras. Suas calças pretas pareciam que nunca tinham sido usadas. Cada pedaço de seu cabelo escuro estava em ordem. Ele era a única pessoa que Susan sabia que mandava engraxar seus sapatos regularmente.

Ela tirou a blusa úmida, desabotoou o sutiã vermelho e jogou os dois ao lado de

seu notebook no chão ao lado do sofá.

“O que você está fazendo?”, perguntou Leo.

Susan levantou-se, descalçou seus chinelos, e deslizou a saia e a calcinha pelas pernas abaixo. “Ficando confortável”, disse ela. Ela foi de encontro a ele, na esperança de não estar cheirando tão ruim quanto pensava que poderia estar.

“Sério?” Leo disse. “Você está disposta a trocar sexo por ar-condicionado?”

Susan sorriu. Em seguida, ela enganchou os dedos no cinto de Leo e levou-o para o quarto.



CAPÍTULO 30

O box do banheiro de Leo era de mármore e vidro e o chuveiro tinha a sua própria fonte de luz, de modo que você podia tomar banho com iluminação mesmo com o banheiro totalmente escuro. Havia uma bancada de mármore e dois chuveiros, e sabão que cheirava, de alguma forma, exatamente como pão de banana. Susan era uma pessoa que gostava de banho. Ela sempre foi uma pessoa que gostou de banho. Seu maior recorde no banho foi de três horas e 12 minutos. Susan derrubou mais livros na banheira do que a maioria das pessoas iria ler em toda a sua vida. Mas ela tinha que admitir, ela amava aquele box. A configuração do box lembrava as cabines dos programas de jogos da TV onde o dinheiro voava ao redor e você tinha que pegar o máximo que conseguisse colocar dentro dos bolsos.

Ela desligou o registro, saiu, e secou-se com uma das grandes toalhas pretas de Leo. Ela espremeu a água do cabelo e, em seguida, enrolou a toalha ao redor do peito. A toalha cobria até a altura das canelas. Olhou-se no enorme espelho que cobria a parede da pia dupla de mármore até o teto. O sol tirara suas sardas. Seu cabelo laranja molhado parecia embalagem de palha. Peito reto. Membros magros. Se usasse *maria chiquinha* ela se pareceria com uma menininha meio punk.

Ela tocou os cabelos quebradiços.

Leo tinha um cabelo bonito. Ele tinha um cabelo sedoso, brilhante e saudável, cabelo que fazia você querer experimentar seus shampoos.

Ele não tinha um condicionador no banheiro. Ele devia ter algum segredo, um spray ou creme. Susan foi até a pia que ele sempre usava e abriu algumas gavetas do armário. Um homem que gostava de produtos de beleza. Ele usava mais hidratante e produtos de limpeza para o rosto que ela. Ela encontrou um kit de unhas que tinha umas ferramentas que ela nunca tinha visto antes. Ela puxou um pequeno par de tesouras de prata para fora do kit e os usou para aparar seus pelos pubianos. Na última gaveta, encontrou velhas placas de clareamento de dentes, um aparador de pelos do nariz e um saco plástico cheio de mil bolas de algodão, mas ela não encontrou nada para tratamento de cabelo. Ela ainda tentou as outras gavetas embaixo da outra pia, mas elas estavam vazias, exceto por uma caixa de absorventes, uma escova de dente, e um pouco de removedor de esmaltes, presumivelmente o *Kit do Leo* para as emergências das garotas.

Agora, ela estava em uma missão.

Ela olhou ao redor do banheiro e seus olhos pousaram no armário onde Leo guardava as toalhas. Ela abriu. As toalhas estavam cuidadosamente dobradas e empilhadas em prateleiras. A escova de vaso sanitário e um desentupidor no chão do armário. Atrás deles havia uma grande sacola de ginástica.

Será que ela realmente encontraria um spray condicionador do Leo nessa mala? Talvez. Quem sabe ele usasse depois de se exercitar. Ao menos é o que ela diria a ele caso ele descobrisse que ela abriu a sacola.

Você vai bisbilhotar.

Ela ajoelhou-se e abriu o zíper da mala. Fez isso lentamente, como se fosse alguém que revela o clímax de um truque de mágica. Agora você está vendo. Agora você não vê nada.

Aberto o zíper, a mala se abriu como uma boca. No seu interior, em cima, havia uma arma.

Seu cérebro processou isso em pedaços. Um cano. Um tambor. Um gatilho. Foi a cocaína sobre a qual a arma estava descansando que realmente chamou sua atenção, uma porra de um tijolo enorme de cocaína envolto em plástico e fita adesiva. Uma vez Susan comprou um par de botas, que veio em uma caixa que era do mesmo tamanho. Essas botas iam até os joelhos.

Era uma grande quantidade de cocaína.

Susan se sentou sobre os calcanhares. Sua garganta parecia apertada.

Ela pensou nas possíveis explicações. *Ele estava apenas guardando para um amigo! Ele encontrou em um banco do parque e só não havia tido tempo de chamar a polícia ainda!* Mas a explicação mais provável era a que ela menos gostava: Leo estava mais envolvido no negócio do seu pai do que ele deixava transparecer.

Então Susan fez algo fora do seu caráter, ela decidiu que não era da sua conta. Ela fechou o zíper da sacola de ginástica e empurrou-a de volta para onde tinha encontrado.



CAPÍTULO 31

Archie não estava onde deveria estar. Mas ele esperava que o telefonema fosse curto o suficiente, para Henry não perguntar onde ele estava.

“Não há nenhum sinal dela”, disse Henry.

“A esta altura ela provavelmente está em Seattle,” Archie disse ao telefone.

Pearl tinha fugido há seis horas.

“Como foi o encontro com o prefeito?” Henry perguntou.

“Brilhante”, Archie disse com um suspiro. Ele não tinha nada para apresentar ao prefeito ou ao chefe de polícia de Portland. Eles não encontraram nenhuma evidência ou vestígio no estacionamento ou no telhado. Nenhuma evidência sobre o corpo de Jake Kelly na cena ou no estacionamento do Centro. “Apure em ambas as áreas de novo”, Archie disse, “onde eles foram apanhados e onde foram encontrados. Ele tem que ter um carro. Veja se as câmeras de trânsito pegaram alguém ultrapassando o farol vermelho”.

Escapar de um assassinato era sorte. Escapar de dois precisava de talento.

“Você esta pensando o que eu estou pensando?” disse Henry.

Archie olhou para o céu do meio-dia. Nuvens brancas se afastavam. “Ele conseguiu raptar adultos em áreas públicas à luz do dia, matá-los, e montou cenas de crimes espetaculares, tudo sem deixar evidências para trás”, disse Archie. Ele não era um novato. “Esse cara já matou antes.”

“Assassinatos não resolvidos feitos de modo similar não aparecem no banco de dados nacional”, disse Henry.

“Vamos tentar olhar nos registros internacionais”, disse Archie. Ele estava de pé na calçada, a poucos metros de seu carro.

“Posso ir para Paris?” Henry perguntou.

“Não.”

“*C'est dommage*”, disse Henry com um sotaque perfeito – *é uma pena*. “Onde você está?”

Archie olhou para a delegacia de polícia de St. Helens. “Estou rastreando uma pista”, disse. “Chame-me se alguma coisa acontecer.” E desligou.

Ele tinha ouvido a gravação de Susan na noite anterior. E hoje de manhã novamente. A voz doce de Gretchen soava rouca e sedada. Seu discurso era todo para ele. Ele havia ouvido varias vezes e tentado decifrar os detalhes. Por que

confessar ter matado Beaton agora? Por que trazer a tona os lírios? Gretchen não fazia nada por acaso. Archie fez um acordo com ele mesmo. Não valia a pena desviar o foco da investigação, mas ele iria ver o que podia descobrir em poucas horas, e se não encontrasse nada, ele deixaria de lado.

Caminhou para dentro da pequena delegacia e pegou seu distintivo.

“Estou sendo aguardado”, disse.



CAPÍTULO 32

O arquivo do desaparecimento de James Beaton não era nada revelador.

Archie examinou o relatório.

“Posso tirar uma cópia?”, questionou.

Samantha Huffington, a chefe de polícia da delegacia de polícia de St. Helens, levantou os olhos do computador. “Eu posso lhe enviar o arquivo digital”. Ela tinha sido mais do que útil, encontrando o arquivo, deixando-o usar seu escritório, não fazendo muitas perguntas.

“Vocês digitalizaram seus arquivos”, disse ele. “Estou impressionado”.

“Temos armas, também.”

Eles estavam em seu escritório, que era o dobro do de Archie e dez vezes mais alegre. As paredes estavam forradas com notícias do jornal local sobre várias detenções que o departamento tinha feito, e desenhos de um grupo de crianças da escola primária que tinha, evidentemente, feito uma visita. Uma prateleira exibia fotos emolduradas da equipe de softball da polícia. Huffington estava nas fotos dos últimos cinco anos da equipe. Ela era alguns anos mais jovem do que Archie, constituição robusta, com braços grossos e ombros redondos. Archie imaginava que ela era a melhor jogadora.

Ela pegou uma caneta de uma caneca dos Giants sobre a mesa e estendeu-a para ele com um papel de anotações, e ele anotou o seu e-mail para ela. Ela pegou e colocou-o ao lado de seu monitor, e ele observou enquanto ela enviava um arquivo em PDF.

Chefes de pequenas localidades podiam usar qualquer insígnia que quisessem, até cinco estrelas em cada colarinho. Huffington só usava uma. Archie gostava disso nela.

“Você leu isso?”, ele perguntou, colocando a mão sobre o relatório da pessoa desaparecida.

Ela teclou enviar. “Na mesma hora que você me pediu pra vê-lo.”

Isso era o que ele teria feito.

“Alguma ideia?”, ele perguntou.

Ela franziu a testa e olhou para o arquivo. “Parece muito superficial”.

“É o que eu estou pensando”, disse Archie.

Huffington colocou os cotovelos sobre a mesa. As mangas de seu uniforme

estavam dobradas. O emblema de bronze por cima do bolso esquerdo brilhava sob as luzes fluorescentes. Ela tinha um rosto amigável, amplo, sem maquiagem. “O cara deixou a esposa e dois filhos”, disse ela. “Somos uma equipe pequena. Meu palpite é que eles investigaram um pouco e decidiram que ele não queria ser encontrado.”

Por trás de sua cabeça, gravado na parede, havia uma citação manuscrita por Robert Louis Stevenson. “Todo aquele que chegou aonde está teve que começar de onde estava.”

“Caneta”, disse ela, estendendo a palma da mão.

Ele olhou em sua mão e então percebeu que inadvertidamente havia colocado a caneta que ela lhe emprestou no bolso da calça. Ele devolveu. “Desculpe”, disse. Ela colocou-a de volta na caneca do Giants.

“Há uma diferença”, disse ela, “entre estar desaparecido e sentirem a sua falta.”

Archie se levantou. “Obrigado pela ajuda”, disse ele.

“Só me mantenha informada”, disse ela.

Ele deu um passo, e depois se virou. “Você não perguntou por que eu estou interessado”.

Huffington estava olhando para a tela de seu computador, os dedos batendo no teclado. “Eu sei quem você é, detetive”, disse. Ela olhou por cima do monitor para ele. “Eu posso imaginar.”



CAPÍTULO 33

A Sra. James Beaton morava numa casa térrea, de madeira, pintada na cor do Caribe, com guarnição branca e uma porta de tela de alumínio. O quintal estava morto, a grama seca parecia feno. Um canteiro de bocas-de-leão brancas e murchas margeava o caminho de concreto rachado até a varanda.

Archie mal tinha pisado na varanda quando um latido explodiu dentro da casa. Ele ouviu uma mulher gritar e, em seguida, a porta se abriu, e uma voz rouca do outro lado da porta de tela disse: “Foi você que ligou?”

Archie olhou para a sombra encurvada da mulher. “Eu sou o detetive Sheridan”, disse Archie.

A porta de tela rangeu quando ela a abriu. “Cuidado com o cão”, disse ela, conduzindo-o para dentro. “Essa maldita coisa me fez tropeçar no ano passado e quebrou meu quadril.” Archie entrou cuidadosamente no interior da casa. O cão, um corgi marrom e branco, olhou para ele com desconfiança. “Vamos lá, então”, disse a Sra. Beaton. “Antes que você perca a inspiração.” Ela era pequena, 1,50mts na melhor das hipóteses, embora fosse difícil dizer, porque ela estava debruçada sobre um andador. Archie imaginava que ela estivesse na casa dos setenta, o marido teria a mesma faixa de idade. Seu rosto estava vincado, e a pele em torno de seus braços pareciam feita de papel crepe. Ela estava usando uma peruca. Uma peruca loira. Archie podia ver os cabelos naturais brancos e macios brotando em torno de suas orelhas.

“Obrigado por me receber”, disse Archie.

Ela riu, mostrando os dentes amarelados. “Certo, eu não estava fazendo qualquer merda mesmo”, disse ela. “Bebida?”

“Não, obrigado”, disse Archie. Não eram nem quatro horas.

“Achava que não”, disse ela. Ela se arrastou para trás, puxando o andador com ela, o cão rodando em torno de seus pés, até que ela chegou perto de uma cadeira reclinável, mas antes que ela pudesse se sentar, o cachorro pulou em seu lugar. Ela resmungou e o cão olhou para cima, colocou as orelhas para trás, e então saltou da cadeira e sentou de lado no chão. Então a Sra. Beaton lentamente se abaixou. “Maldito cão, toma o meu lugar cada vez que eu me levanto”, disse.

Archie procurou um lugar para sentar-se e sentou-se em um sofá rebaixado. Uma tempestade de pelo de cachorro decolou das almofadas e grudou nas calças de

Archie.

A casa não estava quente. Archie podia ouvir um ar condicionado fazendo barulho em algum lugar. Uma cópia de uma pintura de Jesus Cristo orando em um raio de luz divina estava pendurada na parede atrás da cadeira. Uma tapeçaria de vários corgis enrolados uns ao lado dos outros numa paisagem campestre pendurada ao lado dele.

A Sra. Beaton pegou um copo de vinho de cima de uma bandeja de metal. “Vinho Branco”, explicou ela com uma piscadela. “Não conta.” Ela puxou uma alavanca e a cadeira reclinou com um barulho. Ela era tão pequena e a cadeira era tão grande que ela parecia uma criança. “Se você quiser alguma coisa, você vai ter que pegar. Levo cinco minutos para me levantar desta cadeira”.

“Eu estou bem”, disse Archie.

Ela colocou seu olhar escuro nele. “Então, você encontrou o filho da puta?” ela perguntou.

“Não”, disse Archie. “Não. Nada disso. Eu só tenho algumas perguntas.”

Sua mandíbula se enrijeceu e seus olhos se focaram em algum ponto acima da cabeça de Archie, mas, depois, no instante seguinte, sua postura suavizou. Ela tomou um gole e sacudiu a cabeça. “Mande”, disse ela. “Eu não dou uma merda por isso”.

O corgi começou a roncar.

“Você poderia falar sobre o dia que seu marido desapareceu?”, perguntou Archie.

“Isso foi há quase vinte anos, filho”, disse ela. “Eu disse à polícia tudo o que eu sabia naquela época. Está tudo no relatório. Nada a acrescentar.” Seus olhos pousaram acima da cabeça de Archie novamente. Mesmo local.

Ele se virou e seguiu seu olhar para trás, onde havia uma meia dúzia de fotografias emolduradas penduradas na parede acima do sofá. Algumas imagens de bebês. De graduação do ensino secundário. O tipo de fotografias que tinha uma marca dourada de estúdio de fotografia no canto. Algumas fotos sombrias em preto-e-branco dos antepassados. E uma fotografia de uma mulher com uma cabeleira loira de pé ao lado de um homem pesado, com uma gravata amarela na frente da casa em que Archie estava. Duas adolescentes magrelas com vestidos sem manga combinando entre si sentadas entre eles. Dois corgi estavam sentados a seus pés.

“O filho da puta fugiu. Me deixou com duas crianças e sem renda. Tive que voltar a trabalhar.”

“Conte-me sobre esse dia”, disse Archie.

Ela franziu a testa e olhou para suas mãos. Os dedos estavam inchados de artrite. Ela não estava usando aliança. “Há dezoito anos. Ele deixou o escritório para o almoço. Não disse para onde ia. Nunca mais voltou. O filho da puta nunca ligou ou escreveu durante todos esses anos.”

“Ele levou alguma coisa?”

Ela bufou. “O carro”.

Archie procurou uma maneira de perguntar o óbvio. “Será que ele levou uma mala?”

“Não.” Ela se inclinou em direção a ele. “Mas ele retirou cinco mil dólares da nossa conta poupança naquela manhã.”

Aquilo não estava no relatório.

“Sacou da filial local”, continuou ela. “Eu percebi quando vi que o dinheiro tinha sido sacado, falei com a atendente. Ela nos conhecia de vista. Disse que ele entrou e fez a retirada. Sozinho. Assinou e tudo mais. Nenhuma dúvida, ele nos roubou, o filho da puta.”

“Você contou à polícia”, perguntou Archie.

“Por que deveria? Era o dinheiro dele. Ele tinha direito a ele”.

Archie tirou alguns pelos de cachorro de sua calça. Isso não estava levando a lugar nenhum. “Você conheceu alguém chamada Gretchen Lowell?”

Ela riu e apontou o dedo para ele. “Eu sabia”, ela disse, apontando o dedo no ar em triunfo. “Eu o reconheci. Daquela antiga força tarefa. Pensei que isto poderia ter algo a ver com aquilo. Você estar aqui.” Ela tomou um gole do vinho e, em seguida, colocou-o de volta ruidosamente sobre a mesa. “Não. Eu nunca a conheci”.

“Você já viu a foto dela?”, perguntou Archie. Todo mundo já tinha visto a foto dela, não dava pra evitar, mas ele tinha que ter certeza.

“Claro”, disse a Sra. Beaton. “Ela esteve na capa da revista Guia da TV quatro vezes. Eu teria me lembrado de alguém que se parecesse com ela.”

Archie estava quieto, pensando. O ar condicionado zumbia. O cão roncava. A Sra. Beaton apertava os nós dos dedos.

Archie disse, “Você tem alguma razão para pensar que o seu marido pode ter sido infiel?”.

Outro grunhido. “Você quer dizer antes dele ter limpado a nossa conta bancária e ter fugido?”

Archie assentiu.

“Ele era muito leal a sua família”, disse ela. “Ele não tinha nenhuma razão para ir embora.” Ela fixou os olhos em Archie. “Ele está morto?”

“Eu não tenho ideia”, disse Archie. Ele realmente não tinha. Ele não sabia o que Gretchen estava inventando. Teria ela realmente matado esse homem? Ou teria ela apenas lido sobre ele em algum recorte de jornal antigo e enviado Archie para andar as voltas atrás do próprio rabo? Ela sabia que Susan iria mostrar a gravação para ele. Ela sabia que ele ia investigar sua confissão. Mas, até onde Archie via, o caso estava frio como gelo.

“Suas crianças ainda estão na cidade?”, perguntou.

A Sra. Beaton ergueu os ombros de uma maneira triste.

“Você ficaria por perto se tivesse crescido aqui?”

Archie não tinha posto os pés na cidade em que cresceu desde o dia em que foi para a faculdade. “Eu vou deixar você continuar com o seu dia”, disse ele, levantando-se e batendo o pelo do cão das suas calças.

Os olhos da Sra. Beaton estreitaram-se e sua boca formou um sorriso torto. “Por que você está aqui, de verdade?”.

“Apenas seguindo uma pista”, disse Archie. “Provavelmente não é nada.”

Ela não se mexeu. Ela estava sentada encolhida na cadeira, a taça de vinho ainda na mão. O andador ainda estava posicionado em frente da cadeira. Duas bolas de tênis rosa tinham sido fixadas nos pés da frente do andador.

“Não precisa me acompanhar”, disse Archie. Ele passou por cima do cão. Ele grunhiu e deu patadas em algo no seu sono.



CAPÍTULO 34

Archie reconheceu imediatamente o Saab decrépito ocupando duas vagas no estacionamento do Hamlet Inn. Ele estacionou ao lado dele. Susan estava sentada sobre o capô comendo um sanduíche.

“Pensei que poderia encontrar você aqui”, disse ela com a boca cheia. “Eu conversei com o gerente.” Ela engoliu e lambeu os dedos. “A mulher que era gerente quando Beaton desapareceu, está morta. Este cara não sabe de nada. Ele usava fraldas naquela época.”

Ela ergueu a metade do sanduíche. “Quer um pouco?”

Archie pegou o sanduíche e sentou-se ao lado de Susan. O capô do carro estava quente. Veículos seguiam ao longo da Rodovia 30, o último suspiro da hora do rush. Do outro lado da estrada havia os trilhos de trem e alguns prédios em ruínas.

“Bela vista, certo?” Susan disse secamente. “Como foi com a esposa?”

Susan tinha um jeito de aparecer em todos os lugares errados. “Você tá me seguindo?”, perguntou Archie.

“Eu fui até lá quando cheguei à cidade, e eu vi o seu carro em frente da casa dela”, disse com um encolher de ombros. “Qual o motivo daquela cor, a propósito?”

Archie deu uma mordida no sanduíche e mastigou-o. “Não me pergunte”.

“Você conseguiu alguma coisa?”, perguntou Susan.

Ela estava descalça, seus chinelos na calçada, os pés sujos sobre o capô do carro, e estava vestindo uma camiseta da *Igreja das Últimas 24 horas de Elvis em Portland*. O sol do fim do dia fazia o cabelo laranja parecer uma espécie de auréola radioativa.

“Conseguiu?”, ela perguntou novamente.

“Nós somos parceiros agora?”, perguntou Archie.

“Eu lhe dei a gravação”.

Archie não a queria assediando os idosos. “Deixe a mulher em paz”, Archie disse com um suspiro. “Ela não sabe de nada.”

“Acha que Gretchen fez aquilo?”, perguntou Susan.

Archie olhou para o sanduíche em sua mão. “O que é isto?”

“Soja fermentada, mostarda e sementes de cereais integrais.”

Archie estava tentando tirar com a língua uma semente presa entre os dentes.

“Eu não entendo”, disse Susan. “Por que passar pela dificuldade de cortar o

corpo? Porque não encontrar algum lugar no meio do nada e, em seguida, deixá-lo lá? Se ele acreditava que ia transar, ela poderia ter pedido para levá-la para qualquer lugar. Por que este lugar? Não foi pelo ambiente romântico, acredite em mim.”

Era uma boa observação. Gretchen disse que tinha feito cinco viagens para tirar o corpo de Beaton de lá. Onde? Para o carro dele? O carro havia desaparecido com ele. Ela trouxera os equipamentos. Ela tinha planejado o assassinato. Ela teria planejado a desova do corpo.

Archie ouviu o apito antes de ver o trem. Os trilhos acompanhavam a Rodovia 30. Eles estavam lá antes das autoestradas, ligando as cidades portuárias que haviam crescido ao longo do Rio Columbia. Os trens levavam suprimentos, madeira. Eram as linhas da vida.

Toda aquela bagagem, eu precisava de um carregador.

O trem avançava passando, um borrão de vagões pintados com cores vivas.

“Eu acho que sei como ela se livrou do corpo”, Archie falou.



CAPÍTULO 35

Susan escutava enquanto Archie contava tudo para Henry e Claire. A entrevista de Susan com Gretchen. Sua história sobre a morte de James Beaton. Sua visita a St. Helens. Os quatro estavam amontoados no escritório de Archie. Archie estava na cadeira atrás de sua mesa, Henry e Claire estavam sentados nas cadeiras em frente. Não havia mais cadeiras, de modo que Susan empoleirou-se no canto da mesa. A porta do escritório estava fechada. As persianas estavam fechadas. O assunto era sério.

Henry esfregou o rosto. Então ele abaixou a mão e olhou para Archie. Ele coçou a barba lentamente perto da orelha.

Ele não parecia satisfeito.

Susan se contorcia. Ela podia sentir sementes presas entre os dentes.

Ela viu Claire olhar para Henry.

Então Henry esfregou o rosto novamente, e se inclinou em direção a Archie. “O que você está fazendo?”, ele perguntou. Sua voz era baixa, totalmente calma, totalmente controlada. Susan mal podia ouvi-lo. Era um mau sinal. Susan tinha a sensação de que quanto mais calmo Henry parecia, mais furioso estava. “Você sabe que nós temos outro caso,” Henry disse a Archie. “Dois assassinatos. Um... serial... killer.”

“Está relacionado”, Archie disse rapidamente. Ele acenou para Susan. “Diga a ele o nome que ela lhe deu.”

Todos olharam para ela. Ela estava tentando tirar uma semente com a língua. Agora, ela sentiu as maçãs do rosto se esquentarem. A semente teria que esperar. “Ryan Motley”, disse ela.

Ela viu as sobrancelhas de Henry se contraindo.

“Dê a ele o pen drive”, disse Archie.

Susan congelou. Todo o seu rosto estava fervendo agora. Ela estava suando. *Suando em bicas*. Ela usava o termo, mas nunca tinha realmente experimentado.

Archie estava impassível, olhando para ela, esperando.

“O quê?”, disse ela.

“Eu não sou estúpido, Susan,” Archie disse com naturalidade. “Dê a ele.”

Ela podia negar. Mas uma olhada para o rosto de Archie confirmou que ela não iria muito longe. Ela abaixou e cavoucou em sua bolsa, em seguida, estendeu o pen

drive prata que tinha roubado da mesa de Archie. “Aqui,” ela disse, baixando a cabeça.

Henry o pegou dela. “Você mostrou-lhe o pen drive?”, perguntou para Archie.

“Eu peguei”, Susan murmurou.

“O quê?” Henry disse.

Ela endireitou-se e disse, em voz alta: “Eu peguei da mesa dele.”

“Então você o abriu?” Archie perguntou a ela.

Susan hesitou, confusa.

“O que tem nele?” Henry perguntou.

“O que você quer dizer com, *eu peguei da mesa dele?*”, disse Claire.

Susan não estava entendendo. Por que eles estavam perguntando o que havia no pen drive? Ela tinha tomado o pen drive deles. A coisa estava na gaveta de Archie há pelo menos três meses. Então ela percebeu que estava completamente enganada. Archie não tinha decidido que não valia a pena investigar as crianças assassinadas. Ele nem sabia delas. “Vocês dois, não olharam”, disse ela com espanto. “Vocês ainda não abriram os arquivos do pen drive.”

Henry olhou para Archie. “Você abriu?”, ele perguntou a Archie.

“Não”, disse Archie.

“Volta tudo!”, disse Claire. “Alguém pode me explicar o que diabos está acontecendo.”

Pelo menos Susan não era a única no escuro.

Archie inspirou lentamente, e, em seguida, dobrou-se para a frente e cruzou as mãos sobre a mesa. Estava tranquilo. Archie manteve os olhos em suas mãos. “Gretchen me deu o pen drive há um ano. Ela disse que não tinha matado qualquer uma das crianças de cujo assassinato a tinham acusado, que ela teve um aprendiz que foi desonesto. Ele agiu sozinho. Ela disse que seu nome era Ryan Motley e que eu precisava encontrá-lo e, em seguida, me deu isso.” Ele lançou um olhar furtivo para Henry. “Henry e eu concordamos em não seguir suas dicas, nem mesmo abrir o pen drive. Henry disse, e eu concordei, que ela estava tentando me manipular. Nós. Que era um jogo. Nós concordamos que ela estava mentindo.”

Claire atirou a Henry um olhar de *'vamos falar sobre isso mais tarde'*.

O pen drive prata brilhava sobre a mesa.

“Ela *está* mentindo”, disse Claire.

“Isso é o que nós pensávamos”, disse Archie.

“Não”, disse Claire. Ela se endireitou na cadeira, e manteve os ombros para trás. “Eu estive em algumas destas cenas de crime, lembra?”, disse ela. Sua voz tinha um limite que Susan nunca tinha ouvido antes. “Eu vi o que ela fez com as crianças.”

“Ela nunca foi condenada pelo assassinato de uma única criança”, disse Archie. Ele deu a Henry um olhar de *'Você poderia me ajudar um pouco'*, mas Henry apenas

deu de ombros.

Claire estava sentada na beirada da cadeira agora. “Ela nunca foi condenada pela morte um monte de pessoas, vocês sabem muito bem,” ela disse. “Ela foi condenada pelos casos que conseguimos mostrar as evidências.” Ela apontou para Archie. “Isso foi ideia sua. Levá-la para trás das grades e, em seguida, levá-la a confessar a outros assassinatos.” Archie olhou para ela, sereno. Susan conhecia aquele rosto. Ele podia ligá-lo e desligá-lo à vontade. Claire cruzou os braços. “Se alguém tivesse me perguntado, eu teria dito para sacrificar a cadela”.

Henry estava estudando alguma coisa no chão. Susan estava esperando que Claire não gritasse com ela.

Archie desdobrou suas mãos e colocou-as sobre a mesa. “Ela confessou ter mais de vinte e um assassinatos”, Archie disse calmamente. “Nenhum deles foram de crianças.”

Claire se inclinou para frente. “Isso é besteira”.

Archie olhou para cima. Henry olhou para cima. Susan tentou ocupar menos espaço na mesa.

“A velha cantilena de advogado”, disse Claire. “*Ela não matou crianças. Ela é doente mental. Não pode ser responsabilizada pelas suas ações.*” Ela apertou as mãos de Archie. “Então, o quê mais? Nós devemos acreditar? De repente não é grande coisa? Não existe nenhum Ryan Motley.”

Henry deu a Susan um olhar *você-deve-sair*, mas ela o ignorou.

“Podemos analisar melhor tudo isto?”, perguntou Archie.

Claire suspirou e voltou para Henry. “Por que você só fica sentado aí?”, ela perguntou. “Nós não podemos confiar no julgamento dele quando se trata dela.”

Susan achou que Henry parecia cansado. Ele cruzou as pernas, levantando a perna que ainda lhe dava problemas para colocá-la em cima do outro joelho. “O que há no pen drive?”, perguntou para Susan.

Finalmente.

Susan abriu a bolsa, tirou um maço de papéis, e começou a espalhá-los sobre a mesa. “As notícias dos jornais”, ela disse, tentando não parecer animada. “Sete assassinatos em seis anos. Todas são crianças. Estados diferentes. Tudo sem solução”.

Todo mundo se inclinou para a frente e estudou os artigos sobre a mesa de Archie, com exceção de Susan, que não podia ver por cima de todas as cabeças, mas ela já conhecia os artigos de cor e salteado de qualquer maneira. Ela cutucou a semente entre os dentes com a unha.

Archie sentou-se e procurou por um número de telefone em seu computador. Então pegou o telefone e discou. “Aqui é o detetive Archie Sheridan do Departamento de Polícia de Portland. Eu tenho uma pergunta sobre um caso antigo.

O detetive encarregado era” - ele olhou para o artigo – “Lew Ellis.”

Ele manteve o telefone na curva de seu ombro enquanto continuava a olhar as páginas sobre a escrivania.

Depois de alguns minutos, disse, “Detetive Ellis? Olá.” Ele fez uma pausa. “Sim. Sou eu.” Assentiu. “Obrigado.” Ele pegou um dos artigos. “Eu tenho uma pergunta sobre um caso antigo de vocês”, disse ele. Seus olhos procuraram o artigo e depois parou em um nome. “Calvin Long. Eu estou querendo saber se havia algum detalhe que você não divulgou para a imprensa”.

Todos na sala se inclinaram mais perto um milímetro.

“Sério?” disse Archie. Ele olhou para cima, encarando Claire. “Que tipo de flor?”



CAPÍTULO 36

Archie ouviu quando a voz de Gretchen encheu a sala de reuniões. Ele estava acostumado com a sua voz. Por um longo tempo, depois que ela quase o matou, ele a tinha ouvido em sua cabeça, tranquilizando-o, confortando-o, como se sua voz interior tivesse se tornado a dela. Ele poderia evocar aquela voz em um instante, ele a conhecia muito bem. Mesmo dopado por medicamentos, ele reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Ela estava detalhando como tinha eviscerado e esquartejado James Beaton. Ele já ouvira esta parte sete ou oito vezes, mas aquilo ainda fazia os pelos de seus braços se levantarem. Não era o conteúdo ou a brutalidade de suas palavras - ele tinha ouvido e visto coisa pior - era o jeito como ela falava sobre isso, com determinação e sem remorso.

Archie olhou ao redor da mesa de reuniões. Todos eles tinham ficado até tarde.

Michael Flannigan, com o boné puxado para baixo, os dedos puxando a barba recém-crescida, Josh Levy, de volta depois um ano trabalhando na equipe dos Narcóticos, onde ganhou dez quilos e deixou de usar gravata; Greg Fremont, que vinha de bicicleta para o trabalho e um *bóton* na lapela - o contorno do estado de Oregon com um coração verde dentro; Martin Ngyun, com seu onipresente boné dos Blazers, tão confortável com um computador que, quando ele não estava usando um, batia os dedos em um teclado fantasma.

Em seguida, estavam Henry e Claire, que, apesar do fato de não haver ninguém que não soubesse que eles eram um casal, ainda sentavam o mais longe possível um do outro.

Todos na sala estiveram na Força Tarefa da Beleza Mortal, exceto Mike Flannigan, e ele os havia ajudado a pegar quatro assassinos desde então. Essas pessoas conheciam Gretchen. Eles se conheceram quando ela tinha se infiltrado na força-tarefa como uma psicóloga que se ofereceu voluntariamente para trabalhar com eles. Eles conheciam sua obra assassina através das dezenas de cenas de crimes. Eles tinham visto Archie consumido por ela, quase morto por ela.

Eles ouviram em silêncio.

Henry riu quando Gretchen citou os problemas de Susan com o pai. Archie viu Claire chutar Henry debaixo da mesa.

Em seguida, a gravação terminou.

Ninguém disse nada por um tempo. O único som era Flannigan coçando seu queixo.

Archie pigarreou. “O que vocês não ouvem na gravação é o que Gretchen disse depois que foi desligado. Ela disse a Susan que um homem chamado Ryan Motley está por trás dos assassinatos de Jake Kelly e Gabby Meester”, disse Archie. “Gretchen afirma que ele era parceiro dela até certo ponto, e ela nos *entregou* isto.” Ele espalhou a pilha de artigos que Susan tinha imprimido. “Nós sabemos que lírios foram deixados no local de pelo menos três destes assassinatos. Variedades diferentes, mas todas asiáticas.”

Os outros olharam para os artigos, suas cabeças abaixadas, escaneando-os.

Depois de alguns minutos, Flannigan olhou para Archie. Ele tocou a aba do seu boné. “Como isso se relaciona com James Beaton?”, perguntou.

Os outros levantaram a cabeça. Claire deu a Archie um olhar como se dissesse, “*viu*”?

“Eu não tenho ideia”, Archie disse honestamente. “Beaton desapareceu há 18 anos. Sua esposa acha que ele fugiu, e há evidências para apoiar isso. Eu não tenho ideia se ele está realmente morto, ou, em caso afirmativo, se foi Gretchen. Não se concentrem nisso. Concentrem-se em Ryan Motley. Se todas estas são suas vítimas, isso nos deixa muito mais perto de pegá-lo.”

“Mas qual é o jogo dela?”, perguntou Levy. “Por que confessar ter matado Beaton?”

“Ela quer que ele seja pego”, disse Archie. “O desaparecimento de James Beaton está ligado a Ryan Motley de alguma forma.” Ele olhou para Levy. “Você está certo”, disse. “Isto é um jogo para ela. Ela quer nos fazer trabalhar. Mas ela nos deu as peças. Nós apenas temos que montar o quebra-cabeça.”

Eles não pareciam convencidos.

Henry tirou seus pés da mesa. “Escute”, disse. “Archie pode ler Gretchen. Se ele diz que sua informação é sólida, ela é. Quem matou essas crianças, matou nossas vítimas, ou pelo menos está tentando fazer parecer que matou. Nós seguimos a sua orientação. Vocês não precisam entender.”

Archie teclou no notebook que estava com a gravação, e mostrou uma imagem do Google Earth. Ele virou o notebook para os outros. “Este é o Hamlet Inn. Estes são os trilhos do trem. Eu acho que ela cortou Beaton e carregou seus pedaços até lá, e quando o trem passou, ela jogou as partes do corpo dentro.” Ele olhou para Ngyun. “Martin, eu quero que você rastreie as linhas que passaram naquele dia para ver se foram encontrados quaisquer vestígios nos vagões ou ao longo dos trilhos. Essas linhas cruzam todo o país, então os restos poderiam ter sido descobertos em vários estados distantes uns dos outros e nunca rastreados.”

“Tudo bem”, disse Ngyun.

“Precisamos determinar se estes assassinatos antigos foram cometidos pelo nosso assassino. Contatem todos os investigadores que trabalharam nestes casos, e revejam todos os processos. Talvez encontremos um suspeito em comum, ou um nome que apareça como testemunha. Você não mata tantas pessoas, sem cometer um erro.”

“Tô dentro”, disse Levy.

“Talvez”, Flannigan disse, “Gretchen soubesse sobre os lírios porque ela matou essas crianças.”

Archie pegou uma das folhas da mesa e deslizou-a para Flannigan. “A mais recente”, disse ele. “Olhe para a data.” Uma criança tinha sido assassinada e deixada num parque em Illinois em novembro, quase quatro anos antes. “Ela estava ocupada me cortando”, disse ele. Ele balançou a cabeça para a ironia da situação. “Eu sou seu álibi.” Ela quase nunca saiu do seu lado durante os dez dias que ele passou amarrado numa maca sob seu bisturi. Ela certamente não tinha saído pelo tempo necessário para ir até Illinois e voltar. “Vejam”, disse Archie. “Ela é uma mentirosa. Ela está mentindo sobre alguma coisa. Mas não sobre tudo. Ela não matou Kelly ou Meester. Eu acho que ela sabe quem fez isso.”

“Ela deve ter uma carta na manga”, disse Flannigan.

Archie olhou para suas mãos. Claro que tinha. Gretchen sempre tinha. “Ela diz que não matou nenhuma das crianças que nós afirmamos que assassinou”, disse Archie. “Ela diz que nunca matou uma criança, e que Ryan Motley está por trás de todos esses assassinatos”. “Esta”, disse ele, “é sua carta na manga.”

Flannigan assentiu. “Tudo bem”, disse.

“Tudo bem”, disse Archie.

“Eu só queria confirmar”, disse Flannigan. “Para que eu pudesse ter certeza de que você sabia.” Ele começou a empilhar os papéis sobre a mesa. “Eu vou trabalhar com Levy revendo os processos.”

Todos, menos Archie e Henry, começaram a empurrar suas cadeiras e se levantar.

“Quero a mídia fora disso”, disse Archie. “Até que saibamos com o que estamos lidando.”

Archie assistiu-os sair. Com exceção de Henry. Henry ainda estava sentado à mesa, com as mãos cruzadas sobre o ventre, seu olhar nivelado em Archie. Seus olhos azuis estavam muito nublados. Os fios de cabelo na cabeça raspada estavam ficando brancos. Ele parecia com um homem velho.

Archie tirou um fio de pelo de cachorro de suas calças e esperou Henry perguntar.

“Você a viu, não é?” disse Henry.

Archie exalou lentamente. “Susan me ligou depois da entrevista”, disse. “Eu

sabia que você não ia gostar, então eu menti para você sobre isso. Eu fui ver Gretchen para dizer a ela para ficar longe de Susan”.

O rosto de Henry se avermelhou. Ele moveu a mandíbula e, em seguida, empurrou a cadeira e se levantou. Ele andou para trás e para frente por alguns instantes e, em seguida, pegou a cadeira e empurrou-a através do linóleo. A cadeira derrapou e caiu de lado. “Besteira”, disse Henry.

Archie tinha visto Henry perder a paciência apenas algumas vezes. Ele tinha um jeito de tirar todo o oxigênio de uma sala. Archie manteve os olhos sobre a mesa. “Eu queria vê-la”, disse ele. “Eu sabia que você não ia deixar.”

Henry inclinou-se para Archie, o rosto corado a centímetros do nariz de Archie. “Melhor”, disse Henry.

“Ela está em péssima forma”, disse Archie. Ele quis dizer isso como um relatório objetivo, mas não pôde reprimir um leve sorriso.

Henry notou. Ele balançou a cabeça e apontou o dedo no rosto de Archie. “Eu não vou aceitar isso de novo”, disse ele. “Você e ela.” Seus olhos foram para o teto, exasperado. “Seu *caso*. Eu não vou aceitar isso.”

Archie não sabia o que dizer. Ele tinha mentido. Mas ele tinha mentido sobre coisas muito piores, e Henry sabia. Isto era sobre outra coisa.

“Eu não posso cuidar de você agora”, disse Henry. “Eu tenho outras responsabilidades.” Ele baixou o queixo para indicar sua perna. “Eu não estou cem por cento.”

Archie queria falar a coisa certa. “Posso te ajudar?”, perguntou.

Henry riu. “Você quer me ajudar?”, perguntou. “Aqui vai uma dica. Cada mentira que você já me disse tem algo a ver com Gretchen Lowell. Algum dia, eu quero que você minta para ela, e diga-me a verdade. Vamos começar por aí.”

“Combinado” disse Archie.

Henry colocou os punhos sobre a mesa e inclinou-se sobre os nós dos dedos. “As coisas são diferentes agora”, disse Henry. “Eu tenho uma pessoa. Tenho Claire”.

“Eu sei”, disse Archie.

“Eu ainda pularia na frente de um ônibus por você”, disse Henry.

“Eu sei”, disse Archie.

“Um micro-ônibus”, disse Henry.

“Certo”.

Henry olhou para trás para a cadeira no chão.

Archie hesitou. A cadeira de plástico preta estava de lado, as pernas de metal no ar. Isso era um teste? “Você quer que eu pegue?”, perguntou.

“Eu posso pegar minha própria maldita cadeira”, disse Henry. Ele não se mexeu. “Mas, se isso faz você se sentir melhor.”

Archie levantou-se, foi até a cadeira, pegou-a e levou-a de volta até a mesa.

Henry sentou-se com um gemido, e começou a esfregar a perna. “Você ainda tem os arquivos da Beleza Mortal em casa?” Henry perguntou.

“Não tudo”, disse Archie. “Só o que eu preciso.”

Henry levantou as sobrancelhas para ele.

Archie não disse nada.

“Ela matou aquelas crianças, Archie”, disse Henry.

Archie sentiu seu estômago apertar. Ele não podia acreditar que ia dizer aquilo em voz alta. “E se ela não matou?”



CAPÍTULO 37

Eram quase oito horas e Susan estava em seu quarto cigarro quando Archie saiu do edifício da força-tarefa. Ela estava esperando à uma hora, ensaiando o que ia dizer, quando ele saiu pela porta da frente e, sem sequer dar um olhar para ela, foi direto para seu carro.

“Oi!”, disse ela, correndo atrás dele no estacionamento. Ele parou, e ela viu seus ombros caírem, e então ele se virou. “Susan”, disse ele, fazendo com que seu nome soasse como um suspiro.

O discurso que ela estava ensaiando saiu pela janela. “Você mostrou minha gravação para eles”, disse ela.

“Você deu para mim”, disse ele.

Deus, ele era estúpido, às vezes. “Eu dei para *você*”, disse Susan. “*Meu amigo*. Não para o Departamento de Polícia de Portland. Você passou as minhas cópias impressas. Eu não dei aquelas cópias para você. *Mostrei-as* a você. Há uma grande diferença.”

“Vou imprimir mais”, disse Archie. “É um começo”, Susan disse, exasperada. “Eu não posso entregar o material de investigação para a polícia. Eles me chamaram de jornalista”.

Archie não se mostrou impressionado pelo seu ato de repórter indignada. Ele pegou as chaves do carro no bolso. “Ela ligou para você, porque ela não conseguia chegar até mim”, disse ele. “Ela sabia que você ia me dar à informação, e ela sabia que eu iria usá-la. Ela sabia que eu iria fundo nisso. Você executou o seu papel.”

Susan sabia que ele estava certo, mas ela não gostava de ouvi-lo. Ela deu uma tragada no cigarro. “Estou escrevendo o artigo”, disse ela.

Archie balançou a cabeça. “Nada sobre Ryan Motley. Você precisa deixá-lo de fora. Escreva sobre o encontro. Imprima cada palavra da gravação. Mas não mencione Motley. Você está lidando com pais de crianças assassinadas. Nós não podemos trazer isto a público até que estejamos certos. Até agora, ele é um fantasma. Tudo o que temos é a palavra dela. E é muito provável que esteja contaminada por algum plano demente que você não entende.”

E você entende? Susan pensou.

Archie confirmou que Gretchen havia lhe dado o pen drive um ano atrás. Ele teve 365 dias para dar atenção a ele. Mas tinha sido Susan quem finalmente tinha

conectado a coisa em uma porta USB. Se não fosse por ela, Archie ainda estaria sentado na sua mesa com sua coleção de corretivos. E agora ela estava sendo discriminada. Às vezes, Susan sentia como se Archie não gostasse dela. “Por que você esperou tanto tempo para olhar o pen drive?”, ela perguntou.

“Nós sabíamos que não poderíamos confiar na informação”, disse Archie. “Henry e eu concordamos em não jogar o jogo dela.”

Exceto que Archie tinha demonstrado impaciência para saber o que estava no pen drive, depois que Susan o tinha visto. Ele sabia que Susan tinha pegado o pen drive de sua mesa. Mas ele não estava zangado. Ele não tinha gritado com ela nem uma vez. “Você queria que eu o roubasse”, disse Susan. “Você tinha prometido a Henry que você não iria olhá-lo. Você havia prometido. Mas se eu o abrisse, se eu visse o que estava no pen drive, então você poderia descobrir o que tinha nele, sem quebrar sua promessa. Você me deixou sozinha no seu escritório. Você sabe que eu sou bisbilhoteira. Eu lhe disse por telefone que a Gretchen tinha mencionado Ryan Motley. Você sabia que eu tinha visto o pen drive, e você sabia que eu ia pegá-lo. Você armou para mim. Você se recusou a jogar os jogos de Gretchen. Mas você jogou comigo.”

Archie baixou os olhos, como se estivesse envergonhado ou talvez apenas olhando para seus sapatos ou o piso ou uma formiga particularmente interessante. Então, ele levantou a cabeça e olhou diretamente para ela. “Nós não somos amigos, Susan,” ele disse. “Nós não saímos juntos. Eu sou um policial. Eu não sou seu amigo.”

Susan gaguejou. Seu rosto queimou. Ela deu uma tragada no seu cigarro, enquanto tentava descobrir o que dizer. Ela sabia o que ele estava fazendo. Ele estava tentando afastá-la. Ele estava sendo cruel com ela para que ela parasse de persegui-lo e o deixasse chafurdar em qualquer armadilha que Gretchen tivesse armado para ele.

Sem chance.

Ele não estava dizendo tudo. Ele não estava dizendo-lhe nem a metade de tudo.

“Você foi vê-la, não é?”, disse ela.

Se ela estava procurando uma reação, ela não conseguiu nenhuma. Archie não vacilou, não moveu um músculo. Quando você já tinha visto muitas pessoas mortas e conversava com psicopatas para ganhar a vida, você provavelmente ficava muito bom em mascarar suas emoções. Ela ficou olhando quando ele tomou delicadamente o cigarro dos dedos dela, deu uma longa e lenta tragada, depois o deixou cair no chão e pisou nele. “Você devia parar”, disse. “Antes disto te matar”.



CAPÍTULO 38

Archie estudou a fotografia do menino morto.

Suas janelas estavam abertas e o ar quente da noite tinha se fixado no seu apartamento, junto com um leve cheiro de folhagem podre. Archie se esticou e tentou encontrar uma posição mais confortável no chão. Só encontrou uma um pouco menos desconfortável.

O menino morto se chamava Thomas, e os detalhes relevantes de sua morte poderiam ser armazenados numa caixa de arquivo de papelão.

Thomas morava na Forest Street em Bellingham, Estado de Washington, uma cidade universitária em Bellingham Bay, ao norte de Seattle. Era uma pequena cidade idílica, emoldurada por colinas cobertas de grossas coníferas com muitas falhas devido décadas de desmatamento.

Archie se lembrava do caso. Lembrava-se de todos os casos.

Thomas tinha ido até o Forest & Cedar Park num certo dia, depois da escola. Era uma caminhada de duas quadras ao longo de uma rua onde as pessoas não trancavam as portas. Só naquele ano a força-tarefa havia atribuído dezenove corpos à Beleza Mortal. Mas a área de assassinatos dela era mais ao sul, e leste: Seattle, Olympia, Spokane, Yakima. Mas ao Norte de Seattle, perto da fronteira com o Canadá, o público se sentia mais seguro.

Archie pegou a fotografia de uma pasta e olhou para ela, tentando ver o que ainda não tinha visto nas primeiras mil vezes que olhou para ela, algum detalhe, alguma pista que dissesse que aquilo não era obra de Gretchen.

Qualquer evidência física ficava armazenada na central. Gigabytes de dados - fotografias digitais, relatórios, documentos digitalizados, - protegidos por senha, estavam num arquivo em algum lugar. Mas ao longo dos anos, Archie tinha criado um sistema próprio de arquivo espelho - cópias dos originais. Gretchen confessou algumas dezenas das centenas de assassinatos que suspeitavam que ela houvesse cometido. Agora, com sua prisão, a maioria de suas supostas vítimas descansava no purgatório dos casos não resolvidos, casos em aberto, porém meio resolvidos, para sempre atribuídos à Beleza Mortal.

Na mão de Archie, na fotografia, Thomas estava morto, aninhado entre samambaias e veludos de musgo de uma área arborizada no campus da faculdade, a cerca de quatro quilômetros de sua casa. Ele havia sido colocado de costas, braços

ao lado do corpo, pernas juntas, como uma boneca perdida.

Ele estava usando a mesma roupa que vestira quando saiu de casa na tarde anterior: calças jeans, uma camiseta verde, tênis.

De longe, ele parecia estar vivo.

Mas a intimidade da fotografia colorida contava outra história: o cabo de telefone, nó duplo tão apertado que cortou a carne, o sangue escorrido pelo peito na camiseta verde, os lábios pálidos, olhos fundos fechados, a pele da cor de carne cozida.

Um estudante havia encontrado o corpo. O Departamento de Polícia de Bellingham tinha telefonado para a força-tarefa, e Archie estava no ar em uma hora. Foi um voo de duas horas num avião particular fornecido pelo pai de uma das vítimas de Gretchen. Os policiais locais estavam esperando por Archie quando ele chegou no aeroporto de Bellingham. Eles tinham preservado a cena do crime. Trinta minutos mais tarde, Archie estava de pé olhando o corpo do menino, sua mala de viagem, de um conjunto de malas de Debbie, estava no porta-malas de um carro de polícia.

Não havia lírios.

Somente formigas e decomposição e, debaixo da camiseta, esculpida no centro do peito subdesenvolvido do menino, uma ferida na forma de um coração.

As pessoas em Bellingham passaram a trancar as portas depois disso.

A mídia entrou na histeria da Beleza Mortal. A força-tarefa teve o seu orçamento dobrado. O FBI enviou uma nova rodada de especialistas em levantamento de perfil de criminosos. O assassinato de crianças era chocante. Mas ninguém achava que fosse dela. Todos os assassinatos de Gretchen eram diferentes. Ela não tinha um perfil ou um *modus operandi*. Isso era a chave para a capacidade dela de aterrorizar. Quando serial killers só vão atrás de adolescentes ruivas magras, então todo mundo que não fosse uma ruiva adolescente magra não se preocupava. Mas Gretchen matava de várias maneiras e em todos os segmentos da sociedade, qualquer idade, todas as raças - ela era uma serial killer que respeitava os direitos de igualdade.

Ela também era criativa. Ela gostava do seu trabalho. Ela sempre procurava novas maneiras de causar dor: agulhas, fios elétricos, bisturis, veneno, ferramentas de jardinagem, líquido desentupidor de pia. Cada ferimento das vítimas tinha um novo relevo perverso. Mas ela também tinha garroteado suas vítimas, sufocado, estrangulado, sangrado, atirou nelas, esfaqueou-as, e envenenou-as.

Mas, enquanto o *modus operandi* e os perfis das vítimas variavam, Gretchen sempre tinha deixado a mesma assinatura: um coração.

Sempre, um coração.

Era como ela assinava seu trabalho. E como qualquer artista megalomaniaco, ela sempre, sempre assinava seu trabalho.

Archie pegou uma cópia de uma segunda fotografia do arquivo do garoto e a estudou. Esta mostrava um Thomas Vernon disposto sobre a superfície de aço escovado de uma mesa de autópsia, a câmera focada no seu peito frágil, a crua ferida em forma de coração. A foto tinha sido tirada momentos antes do médico legista ter cortado o peito do garoto, começando no topo de cada ombro, encontrando-se no esterno, e se estendendo através da caixa torácica, através da parede abdominal. O retalho triangular superior de carne foi, em seguida, puxado por sobre o rosto de Thomas, e o médico legista teria usado uma tesoura para rasgar através da cavidade torácica, e uma serra de osso para cortar as costelas do menino.

Archie desabotoou a camisa e sentiu a cicatriz em forma de coração em seu próprio peito. Ele traçou com as pontas dos dedos, tentando sentir se era igual ao ferimento no menino.

Ele se levantou do chão e foi até o banheiro e segurou a foto do peito do garoto morto ao lado de seu próprio reflexo no espelho.

“Pronto, querido,” Gretchen havia dito após esculpir a sua assinatura em Archie, *“Eu te dei meu coração.”*

O cabelo de Archie estava empapado de suor, seu rosto brilhante. A cicatriz em seu torso fazia seu cabelo no peito parecer áspero e desigual. Na luz do banheiro, ele podia ver cada entalhe da pequena marca que ela tinha deixado nele.

Os corações se pareciam. A marca de Thomas havia sido cortada com um bisturi, com a mão direita, o lado esquerdo do coração em primeiro lugar, de cima para baixo, em seguida o direito.

Estava tudo no relatório do médico legista. Detalhado.

O coração em Archie tinha sido cortado da mesma maneira.

Archie coçou a nuca e olhou para a fotografia um pouco mais. Fotos de investigação e homicídio eram descaradas em sua crueza. Na morte, não havia momentos privados. Corpos eram examinados meticulosamente para a coleta de evidências, despídos, cortados, os órgãos eram pesados e ensacados. Fotografias eram tiradas na cena do crime, na autópsia. O corpo era fragmentado - uma fotografia de uma ferida no peito, o peso de um fígado, as fibras do tapete recolhidos das roupas.

Era mais fácil ver as peças do que ver o todo.

Archie olhou para o seu reflexo. Ele pensou por um minuto.

Então ele caminhou rapidamente de volta para o quarto e sentou-se no chão e começou nova triagem através do arquivo de Thomas Vernon. Quando ele descobriu o mapa da cidade de Bellingham, ele desdobrou-o e encontrou o X que tinha feito para marcar o local onde o corpo de Thomas Vernon tinha sido encontrado. Então ele procurou e encontrou as outras marcas que tinha feito no mapa: a casa do menino, a rota que ele tinha feito em direção ao parque. Archie passou o dedo desde o parque

até a área arborizada onde o corpo havia sido despejado. Para cima. Thomas havia desaparecido na Forest Street. Seu corpo foi encontrado na manhã seguinte, no terreno da Universidade de Western Washington, várias centenas de metros de altitude colina acima em relação a Forest Street.

Ele tinha sido assassinado, e, em seguida, levado para cima.

Archie procurou habilmente através das caixas, separando as outras pastas de crianças assassinadas. Ele olhou para mapas, notas digitalizadas.

O ventilador no quarto fez as páginas voarem pelo chão.

Cada criança tinha sido deixada em uma altitude maior do que o lugar onde ele ou ela tinha desaparecido. Era sutil, algumas vezes. Uma criança encontrada no segundo andar de uma casa abandonada, outro desapareceu de um shopping, e, em seguida, achado no quarto andar do estacionamento do shopping. A polícia não tinha notado isso. Eles não estavam procurando pontos em comum entre as vítimas. Eles tinham focado nas vítimas como um todo, e as vítimas de Gretchen eram principalmente adultos.

Archie começou a curvar-se para pegar uma fotografia, então parou. Sua pele se arrepiou.

Havia outra pessoa no quarto. Quer fosse um som que tinha ouvido ao longe, ou uma sombra na sua visão periférica, Archie não sabia. Ele estava sozinho, de repente sabia que não estava mais.

A mão de Archie foi para sua arma. Foi um reflexo, como levantar a mão para parar um espirro. Ele desabotoou o coldre no momento em que percebeu que era ela. Ela estava parada na porta do quarto, uma xícara de café na mão, olhando para ele. Desta vez, ela estava vestindo o roupão.

Rachel deu um passo para trás. “Calma”, disse ela.

Archie tirou a mão da arma. Ele tentou fazê-lo casualmente, e não como se quase tivesse atirado nela. Ele deu um suspiro longo e cuidadoso, e passou a mão sobre o rosto. “O que você está fazendo aqui?”, perguntou.

“São cinco horas da manhã”, disse ela. “Eu vim aqui para dizer-lhe para acalmar seu inferno interior. Eu estou ouvindo você aqui andando em volta, arrastando coisas pelo chão. Eu bati. Você não me ouviu. Sua porta da frente estava aberta.”

Archie olhou para fora da janela norte de seu quarto. O céu era de um rosa suave. Havia caixas por todo o quarto, os arquivos espalhados por todo o chão. Ele tinha passado metade da noite debruçado sobre a papelada, a outra metade dormindo no chão.

Os olhos de Rachel se fixaram nos arquivos. “Vejo que você trouxe seu trabalho para casa”, disse ela.

“Você não deve se aproximar furtivamente de pessoas que têm armas”, Archie disse, ainda abalado.

“Seu pequeno projeto aqui me deixou acordada metade da noite”, disse Rachel. Seus olhos o olharam de cima a baixo. “Você dormiu um pouco?”

“Cochilei de vez em quando”, disse Archie. Ele reconheceu que isso não era normal. Seu quarto era um furacão de arquivos, no chão, na cama. Ele sentou-se na cama e começou a juntar os papéis.

Rachel estendeu sua xícara de café para ele e colocou-a em sua mão. “Você precisa disso mais do que eu”, disse ela. Sua cabeça se moveu ao redor da sala. “São todas vítimas da Beleza Mortal?”

Archie tomou um gole do café. Era preto e forte, e ele manteve seu nariz na boca da xícara por instantes, deixando o aroma limpar seus sentidos.

Quando ele olhou para cima, Rachel estava sentada na cama ao lado dele. Ela pegou uma pilha de fotos de evidências e estava folheando. O roupão era curto e tinha deslizado para cima, expondo suas coxas bronzeadas. “Eu esperei por você na outra noite”, disse ela. “Eu pensei que você fosse voltar.”

Archie tentou concentrar-se no café.

Ela olhou para a fotografia em seu colo. “O que é isto?”

Ele tirou a fotografia dela. Era uma imagem microscópica de um cabelo castanho claro. Ele colocou a foto de volta em sua pasta apropriada e colocou a pasta na caixa.

“Pelo de cão”, disse ele. Eles tinham encontrado vários pelos de cães no jeans de Thomas Vernon. Ele não tinha um cão. Isso os fez pensar que ele poderia ter conseguido isso no parque, antes de ter sido agarrado. Eles pediram ao público para ajudar, pensando que poderia ter havido uma testemunha potencial, o dono de um cão que poderia ter entrado em contato com o garoto antes que ele desaparecesse. Ninguém apareceu. Mas poderia ter sido qualquer coisa. Como se o pelo tivesse viajado. Ele saiu do cão, foi passado de pessoa em pessoa.

“Que tipo de cão?”, perguntou Rachel.

“Corgi galês”, disse Archie.

“Eles são uma graça”, disse Rachel.

Archie mal ouviu o que ela dizia. “Merda”, ele disse.



CAPÍTULO 39

“Um monte de gente tem corgis”, disse Henry.

Era um ponto que ele tinha levantado várias vezes naquela manhã no caminho para St. Helens. Archie não estava ouvindo nada. Ele bateu novamente na porta da casa de cor azul marinho. A pintura descascada desmoronou sob seus dedos e caiu como pó de chumbo contaminado na varanda. “Não é uma coincidência”, disse Archie.

Henry se inclinou conspiratório e disse: “Você acha que a rainha da Inglaterra está envolvida?”

Archie o ignorou, preferindo ouvir algum som de movimento vindo de dentro. Os Beatonos tinham um corgi. A julgar pela fotografia da família sobre o sofá, eles tiveram corgis durante anos. Gretchen sabia que se ela confessasse ter matado James Beaton que Archie iria olhar para isso. Ela sabia que ele ia ligar os pontos até chegar a Thomas Vernon. Ela o estava dirigindo . . . para algum lugar. “Sra. Beaton?” Archie chamou pela quarta vez. “É o Detetive Sheridan novamente. Eu preciso fazer mais algumas perguntas.” Ele imaginou-a levantando da cadeira agora, arrastando-se em direção à porta, seu peso sobre o andador, o cão correndo para trás e para frente das suas pernas. Ele desejou que ela se movesse mais rápido.

“Você ligou primeiro, certo?” disse Henry. Uma mosca pousou em seu braço e ele golpeou-a fora.

“Ela nem sempre atende”, disse Archie.

“Talvez ela não esteja em casa”, disse Henry.

Archie se lembrou das bolas de tênis cor-de-rosa-chiclete enfiadas nos pés do andador, em estado de novas. Essas bolas de tênis nunca tinham tocado uma calçada. “Eu tenho a impressão de que ela não sai muito”, disse.

“Talvez ela esteja cochilando”, disse Henry. “Talvez ela esteja assistindo TV.” Henry trocou o peso nas pernas - Archie poderia dizer que a perna dele estava começando a incomodá-lo. “Ou talvez”, disse Henry “ela esteja cansada de pessoas revirando um monte de merda que aconteceu há quase vinte anos.”

Archie bateu mais forte e, em seguida, deixou a porta de tela fechar rapidamente e deu um passo para trás. Alguma coisa o estava incomodando. Agora, ela deveria ter atendido a porta, ou gritado uma resposta. O Lincoln dourado ainda estava na garagem. A grama no quintal estava tão morta que ele podia sentir o cheiro. “Algo

está errado”, disse.

Ele podia ouvir o barulho áspero do aparelho de ar condicionado dentro da casa. Uma leve brisa sussurrava por entre as árvores. O piso de madeira rangeu sob o peso de seus pés. Uma dúzia de moscas zumbia em círculos na frente da porta.

Archie disse, “Eu não ouço o cão.”

Não havia nenhum latido. Na sua primeira visita o cão tinha latido imediatamente no instante em que Archie tinha pisado na varanda. Outra mosca tentou pousar em Henry. Desta vez, Henry bateu no braço e, em seguida, sacudiu as asas e a carcaça achatada da mosca no chão.

A mão direita de Archie encontrou a coronha da arma. Com a esquerda, ele abriu a porta de tela novamente, e segurou com o pé, e tentou a maçaneta. A casa estava destrancada. Ele olhou para Henry.

“Você está voltando ao corgi de novo?” disse Henry. “Sério?”

“Cuidado com as moscas”, disse Archie. Ele manteve sua mão na arma. As moscas continuavam a enxamear ao redor da varanda. Archie girou a maçaneta e empurrou a porta entreaberta.

“Que diabos?” disse Henry.

“Espere”, disse Archie.

Nada aconteceu.

Depois, uma por uma, as moscas voaram para dentro da casa.

Henry levantou as sobrancelhas para Archie. “Sra. Beaton?” Henry chamou pela fresta da porta. “É a polícia. Tudo bem aí?”

O ar frio de dentro da casa saiu para o calor de fora.

“Sra. Beaton?” Archie chamou. “É o Detetive Sheridan.” Ele olhou para Henry. “Estou aqui com o detetive Sobol. Nós estamos entrando para verificar, ok?”

Archie abriu a porta e entrou. Henry o seguiu. Não houve resposta. Eles iriam descobrir a causa provável em breve.

Agora Archie piscava, tentando ajustar-se à luz artificial fraca e a queda de dez graus na temperatura. Não estava tão frio na primeira vez que Archie esteve na casa dos Beaton. Arrepios subiram pelos seus antebraços. Ele estendeu a mão na parede e acendeu um interruptor de luz. A mudança na iluminação mal foi registrada.

Seus olhos doíam enquanto se esforçava para focá-los.

A cadeira na sala de estar estava vazia. O andador da Sra. Beaton estava largado do outro lado da mesa, fora do alcance de qualquer cadeira.

Dentro da casa, o zumbido do ar condicionado estava mais fraco do que do lado de fora. Archie escutou. E então lá estava: o som de moscas. Com sua visão finalmente acostumada, ele podia vê-las, uma nuvem de pontos negros, as moscas estavam reunidas na sala de estar da Sra. Beaton.

As moscas pairaram brevemente, e então, como se por algum processo de

tomada de decisão coletiva, elas penderam para esquerda e desapareceram pelo corredor em direção à parte de trás da casa.

A boca do estômago de Archie retorceu.

“Sra. Beaton?” chamou novamente. Archie olhou para Henry. O rosto de Henry estava severo, sua arma na mão. Manchas de suor já escureciam sua camiseta cor de carvão onde o coldre atravessava sua parte superior das costas. Ele não estava mancando agora, muita adrenalina.

Archie olhou através da sala para o final do corredor. O corredor tinha uma porta de cada lado, e terminava em um armário. Uma das portas estava entreaberta e Archie podia ver, por trás dela, parte do armário do banheiro e uma caixa de medicamentos.

As moscas foram para a frente da segunda porta.

O quarto.

“Polícia”, Archie chamou. “Alguém aí?”

Ele viu Henry desbloquear a trava de segurança de sua arma.

Os lugares mais perigosos em um edifício eram chamados de “funis fatais.” Entradas, corredores estreitos, janelas em lugares que limitavam a capacidade de se mover ou de se esconder.

Eles podiam fazer uma ligação e esperar por reforços. Archie imaginava como essa ligação seria. Causa provável? “Moscas”, Archie diria. “E está muito quieto”.

Não.

Ele e Henry moveram-se para frente, para o funil fatal, grudados nas paredes opostas. Quando chegaram ao banheiro, Archie deu um empurrão na porta e, em seguida, deu um passo para trás. A porta rangeu, ricocheteou um batente, e então permaneceu aberta. Ele ouviu o farfalhar de uma toalha escorregar de um armário de toalhas para o chão. Eles esperaram um momento. Archie ouviu sua pulsação.

Então, com as armas levantadas, ele e Henry moveram-se para a frente da porta aberta.

O banheiro era pequeno: um vaso sanitário, pia com espelho e chuveiro. Corrimãos de metal foram instalados ao lado do vaso sanitário e no chuveiro. Alguém tinha coberto o papel de parede antigo com uma demão de tinta amarela alegre, mas o papel tinha começado a empolar onde a água tinha vazado do teto. A bancada do lavatório e o armário com espelho estavam repletos com dezenas de frascos de perfume de vidro colorido e embalagens de maquiagem. Uma toalha verde escura estava amontoada no chão de madeira.

Eles seguiram pelo corredor e pararam perto da maçaneta da outra porta. Archie viu quando Henry suavemente checou-a. A porta estava destrancada. As moscas voavam ao redor da cabeça de Archie.

Archie acenou para Henry ir em frente, e Henry bateu na porta. Focado assim, os

músculos tensos, o rosto corado de adrenalina, Henry parecia como antigamente.

“Sra. Beaton?” Archie chamou novamente. “Aqui é a polícia. Estamos entrando.”

Se ela estivesse lá dentro tirando uma soneca, teria uma surpresa.

Archie preparou sua arma quando Henry virou a maçaneta da porta e deu um forte empurrão. A porta se abriu, bateu contra a parede, e depois parou.

As paredes estavam cobertas com fotografias emolduradas, impressões de paisagens imponentes, montanhas paint-by-numbers ^(*6) e tapeçarias com retratos de corgis de aparência estoica. Roupas espalhadas pelo tapete. As mesas de cabeceira estavam atulhadas com copos de água gordurosos, brochuras, revistas e caixas recobertas de tecido vazias. Duas camas de solteiro estavam lado a lado. Uma delas estava bem arrumada, sua superfície a coisa mais imaculada do quarto – a outra com um alvoroço furioso de moscas felizes, malditamente esvoaçando sobre os ensanguentados e esquartejados restos mortais da Sra. James Beaton.

Toda ela, exceto por seu nariz, que, tanto quanto Archie poderia dizer, era o pequeno pedaço de carne no tapete no meio do quarto, ao lado de uma peruca platinada emaranhada com sangue.

*^(*6) paint-by-numbers: ou pintura por números é como são chamados kits com um cartão em que linhas azul claro ou cinza indicam áreas para pintar, cada área tem um número e uma tinta correspondente para usar (com o mesmo número). A mesma técnica é usada em livros de atividades para crianças. Obviamente o resultado é tosco.*



CAPÍTULO 40

Archie afastou-se do flash da câmera digital. O Condado de Columbia tinha enviado dois técnicos de cena do crime, que estavam documentando o ambiente ativamente. Archie estava assistindo o trabalho.

As moscas estavam se multiplicando.

St. Helens tinha em média um homicídio a cada dez anos, o que significava que, estatisticamente, os Beaton cumpriram a quota da cidade em quase um quarto de século. Um assassinato era uma grande notícia, e todos queriam saber de tudo. Toda a polícia de St. Helens - todos os dezenove oficiais, além de cinco voluntários apresentaram-se, e cada vez que um deles entrava ou saía da casa mais moscas entravam. A casa estava cheia de tiras, bisbilhotando com luvas de látex e colocando marcadores de evidência ao lado das pegadas. Ele não tinha encontrado a chefe Huffington a tempo de afastar todos que não eram essenciais para longe da casa. Agora, a maioria de sua equipe estava no quintal queimando o pescoço no sol, enquanto a imprensa local tirava fotos.

Archie permaneceu no quarto. Este caso não era dele, mas os velhos hábitos persistiam. Huffington não pediu para ele sair. Ela ficou no quarto, também. Ele não tinha certeza se ela estava mantendo o olho sobre os peritos ou se estava de olho nele.

O flash estourou novamente.

Huffington balançava para frente e para trás sobre os calcanhares. Se o cheiro de decomposição a estava incomodando, ela não estava mostrando isso. “Engraçado, você aparece fazendo perguntas sobre o marido dela e ela acaba aparecendo morta no dia seguinte”, disse para Archie.

Uma mosca vagou pela visão periférica de Archie.

“Sim”, disse Archie.

Huffington pegou um elástico de cabelo do bolso da calça do uniforme e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo com alguns movimentos rápidos. Ela ajeitou seu boné da polícia de St. Helens. Em seguida, ela pegou uma lanterna do bolso e apontou-a sobre as mãos de Dusty Beaton. “Nenhum ferimento defensivo”, disse ela para Archie. Sua boca estava apertada. Ela mudou o ponto de luz para o abdômen da mulher morta, onde as entranhas, como conchas rosadas, derramavam-se da borda irregular do ferimento do tamanho de um punho. “O último grande crime que tivemos

por aqui”, disse ela, “foi quando Troy Schmiedeknecht entrou com a camionete F-150 do seu pai na livraria em Columbia.”

Archie olhou para ela. A expressão de Huffington parecia tensa, mas não particularmente angustiada. Archie tinha visto dezenas de policiais vomitarem o almoço em cenas de crime como esta. Huffington não estava pálida. Sua boca estava definida, com o olhar focado. Archie conhecia a expressão. Era a máscara que as pessoas em posição de autoridade usavam quando precisavam estar no controle. Archie usava uma máscara igual.

Huffington continuou sua turnê com a lanterna pelo cadáver: a caverna sangrenta no meio do rosto empoeirado de Beaton, onde seu nariz havia sido arrancado, os ombros e os quadris, onde braços e pernas haviam sido parcialmente cortados, revelando rótulas e ossos. A cama estava encharcada de sangue. Manchas de sangue projetadas estavam espalhadas pelas paredes.

“Esse tipo de intensidade”, disse Huffington. “É pessoal”.

“Sim.” Archie disse.

“Ajude-me aqui”, disse ela. Ela largou a lanterna e deu uma fita métrica para Archie. Então ela pegou o final da fita e andou por todo o comprimento da sala, evitando o nariz de Dusty Beaton. Ela verificou a medição e gravou em seu bloco de anotações, e então ela e Archie repetiram o processo em toda a largura da sala.

Quando terminou de medir, ela soltou a fita métrica que se retraiu de volta para a mão de Archie com um estalo metálico.

Huffington disse: “Conte-me sobre essa coisa com Gretchen Lowell.”

A câmera brilhou novamente quando os peritos tiraram outra foto. Huffington esperou. Com seu cabelo castanho para trás, seu rosto parecia especialmente amplo. Havia algo sobre o arredondamento do seu rosto e seu corpo robusto, que lhe dava certa aparência de coruja. Archie tinha a sensação de que ela descobria muita coisa simplesmente observando e ficando quieta.

“Eu nunca disse que havia uma coisa com Gretchen Lowell”, disse Archie.

“Por que mais você viria aqui, sondando um caso não resolvido?” Huffington continuou. “Ou isso ou você acha que Dusty está ligada aos dois assassinatos em Portland, e eu não estou vendo como ela conseguiria sequestrar e matar aquelas pessoas, com seu andador e tudo mais.”

Ela estendeu a mão e Archie jogou-lhe a fita métrica. Ela pegou facilmente.

“Recentemente, Gretchen Lowell fez um relato muito detalhado do assassinato de James Beaton”, disse Archie. “Ela disse que o amarrou a uma cama, o estripou, cortou seu nariz e, em seguida, cortou os braços e as pernas antes de descartar o corpo.”

A expressão de Huffington não se alterou. “Gretchen Lowell está presa”, disse ela.

“Sim, ela está.”

Um dos técnicos de cena do crime se agachou e colocou o nariz de Dusty Beaton em um saco plástico de evidências. Ele balançou o saco e uma mosca voou para fora antes dele fechá-lo.

“Então, se ela matou James Beaton, quem fez isto?”, perguntou Huffington.

Archie avaliou as possibilidades em sua cabeça. Talvez Gretchen tivesse ajuda quando matou James Beaton. Ela usou homens antes, os homens que ela chamava de “aprendizes.” Ela era uma especialista em manipular certo tipo de homem para fazer o que ela queria. Ou ela tinha matado Beaton sozinha, e mais tarde contou a alguém como ela tinha feito isso, e essa pessoa matou a viúva de Beaton. Ou ela tinha arranjado um assassino no Hospital Estadual, instruindo-o a fazer da mesma maneira como ela tinha matado James Beaton, ou pelo menos como ela dissera que tinha feito. Ela poderia ter mentido sobre a morte dele, e, de alguma forma, organizado este assassinato para dar suporte à sua história. Mas, em seguida, houve o pelo do cão. O caminho para a verdade estava de alguma forma envolvido com aquela família, naquela casa. Se Archie quisesse descobrir alguma coisa, ele ia ter de desvendar o que havia acontecido há 18 anos.

“Onde estão as filhas, agora?”, perguntou a Huffington.

“Ela só tinha uma filha”, disse Huffington.

Mas isso não estava certo. A fotografia acima do sofá mostrava os Beatons com dois cães e duas adolescentes. “O arquivo informa que eram duas crianças”, disse Archie.

“Duas crianças”, disse Huffington. “Uma menina, um menino.”

Não havia quaisquer fotografias de um menino.

Archie saiu correndo para fora do quarto.

“O quê foi?” Huffington disse, seguindo-o.

Archie passou empurrando três policiais no corredor e correu para a sala de estar. Henry estava no seu telefone celular no sofá, sua perna machucada em cima da mesinha do café. Archie foi direto para ele. Henry olhou para cima e viu-o e disse: “O que?”

As fotos ainda estavam lá, em seus porta-retratos baratos, dispostos em alturas e intervalos aparentemente aleatórios. Mas, quando Archie chegou perto, ele percebeu que algo estava diferente.

Ele pegou uma das fotos da parede e examinou. Não era a mesma imagem que tinha visto ontem dos Beatons com duas adolescentes.

De longe, parecia a mesma. Estava pendurada no mesmo local. Foi tirada na mesma época, cerca de 20 anos atrás. Era a mesma composição. O Sr. e a Sra. Beaton estavam na frente da casa. Eles estavam usando as mesmas roupas. Ela estava com o mesmo vestido amarelo. Ele estava vestindo um terno. Os cães se

sentavam a seus pés. Dois adolescentes estavam lado a lado entre os adultos. Mas nesta fotografia, um dos adolescentes era um menino. Ele estava vestindo calças marrom com cinto e uma camisa branca, enfiada nas calças. Uma franja de cabelos castanhos caindo em seus olhos. Ele era tão magro como a menina, a mesma altura, eles tinham os mesmos cotovelos afiados e ombros curvados. Todos estavam olhando para a câmera. Dusty Beaton era a única que estava sorrindo.

Archie piscou, confuso. Ele disse: “Esta não é a foto que estava aqui ontem.”

Ninguém respondeu. Archie levantou a cabeça. Todos na sala estavam olhando para ele com uma espécie de desconfiança complacente. Archie reconheceu a expressão da época que ele tinha voltado de sua primeira licença médica. Ela dizia, *Nós achamos que você pode estar um pouco louco.*

Huffington estava olhando sobre o ombro dele. Ela pegou a foto e olhou para ele. Archie apontou para a foto. “Esta não é a foto que estava aqui ontem”, disse ele novamente. Ele olhou para Henry pedindo apoio.

Henry coçou seu pescoço. “Você tem certeza?”, disse ele do sofá.

“Sim, eu tenho certeza”, Archie disse, tentando soar sério, tentando não soar um pouco louco. “Havia outra foto”, disse ele a Huffington. “Era parecida, era da mesma série. Mas os Beatons estavam com duas adolescentes. O menino não estava nela.”

Huffington fez uma careta. “Então você está dizendo que havia outra foto que parecia exatamente com esta foto, mas com uma garota, em vez de um menino.”

“Sim”.

“Você viu esta fotografia por quanto tempo?”, perguntou Huffington.

Archie sabia onde ela estava indo. “Eu olhei para ela”, disse ele. “Eu dei uma longa e demorada olhada.”

Ela balançou a cabeça lentamente, ainda franzindo a testa. “Será que você apenas está pensando que viu duas meninas?”

Archie olhou para Henry. Henry encolheu os ombros.

As coisas não estavam acontecendo do jeito que deveriam. “Era uma foto diferente”, disse Archie.

Huffington correu um dedo ao longo da parte superior do quadro. Em seguida, ela inclinou-se sobre Henry e olhou para o topo das outras fotos. “Está empoeirado”, disse ela. “Tal como as outras.”

“Não é um quadro novo”, disse Archie. “É uma nova fotografia.”

“Talvez ela tenha trocado”, Huffington teorizou. “Depois que você partiu.”

Ela estava agradando ele, e ambos sabiam disso.

“Eu preciso falar com o filho e a filha”, disse Archie.

“Os dois deixaram a cidade após o ensino médio”, disse Huffington. “Melissa Beaton mudou para a Califórnia, eu acho. Morreu de câncer cerca de dez anos atrás.

Colin Beaton foi e veio algumas vezes. Mas faz alguns anos que ele esteve aqui. Acho que ele mora em Nebraska. Vamos tentar localizá-lo. Dizer a ele o que aconteceu. Eu vou te avisar quando localizá-lo.”

Ela parecia saber muito sobre os Beatons. Archie perguntou-se onde estava toda esta informação quando ele a visitou no seu escritório.

“Há dez mil pessoas nesta cidade”, disse Huffington, antes que ele pudesse perguntar. “Nós sabemos um do outro. E quando policiais aparecem bisbilhotando por aqui, eu faço um esforço para pesquisar e ajudar rapidamente.”

Archie não tinha certeza de quão longe ele poderia forçar com Huffington, mas ele decidiu tentar. “Eu quero todas as fotografias desta casa”, disse Archie. “E todas as cartas antigas ou diários.”

Os cantos da boca de Huffington se apertaram. “Esta não é sua investigação, detetive”.

Archie esperava que ela não parecesse tão desesperada como ele se sentia. “Por favor”, disse ele. “Eu vou entregar tudo o que parecer estar relacionado com a investigação. Eu preciso saber mais sobre a garota que eu vi na foto.”

Ela olhou para ele por um longo momento. Lá estava a máscara novamente. Alguém espirrou.

Um dos três policiais disse: “Desculpe. Alergia. É do pelo do cão.”

O cão.

Os ombros de Huffington caíram. “Merda”, disse ela, olhando ao redor.

Todos tinham se esquecido do cão.

“Ele deve ter saído quando o assassino entrou ou saiu”, disse Archie.

Huffington levantou a voz. “Precisamos nos espalhar e encontrar o cachorro”, disse. “Vocês três”, disse apontando para os três agentes, “vocês não estão fazendo nada. Procurem pela vizinhança”.

Ela deu alguns passos para longe de Archie e depois voltou. “Se você encontrar alguma coisa nessas fotos, você tem que me dizer”, disse ela.

“Correto”, disse Archie.

“Esta é uma cidade pequena”, disse ela. “Cheia de vizinhos intrometidos. Até agora, ninguém com quem os meus rapazes falaram viram alguma coisa, ou alguém. Costumamos perceber coisas que não pertencem a cidade. Carros estranhos. Pessoas estranhas”.

“É um homem”, disse Archie. “Se isto tem alguma conexão com Gretchen Lowell, você está procurando por um homem.”

Ela entregou o retrato emoldurado de volta para Archie. “Vou reabrir o caso James Beaton”, disse ela. “Eu vou precisar de qualquer informação que você tenha sobre isso.”

Archie hesitou. “Minha força tarefa já está nele”, disse com um aceno de cabeça

na direção de Henry.

Huffington sorriu secamente para ambos. “Então você não vai recusar uma ajuda.”

Era a sua jurisdição. E ela conhecia a cidade. Era possível que ela visse algo diferente. “Tudo bem”, disse Archie.

Huffington disse: “Eu entrarei em contato.”

Ela voltou para o quarto e Archie sentou-se no sofá ao lado de Henry, levantando imediatamente uma nuvem de pelos do corgi. Archie podia ouvir os três policiais chamando o cão do lado de fora. Mais moscas tinham entrado quando eles tinham saído. As moscas flutuavam na sala de estar, tentando orientar-se para a fonte do cheiro de carne podre. Archie olhou para a fotografia que tinha em seu colo. “Eu preciso vê-la novamente”, disse.

Henry suspirou. Mas ele não parecia surpreso. “Eu vou com você então”.

Archie não protestou. Henry não tinha visto Gretchen desde a audiência. Seria uma surpresa agradável.

A família Beaton parecia estranha no retrato de família. Três pessoas na fotografia já estavam mortas. Archie manuseou a foto gentilmente, tomando cuidado para não destruir quaisquer impressões digitais recuperáveis.

Henry curvou-se para a frente e deu um longo olhar na fotografia. “Você acha que a menina que você viu na foto era Gretchen”, disse ele calmamente.

Archie assentiu. Ele mal podia respirar. Ele nunca tinha estado tão perto dela, de quem ela realmente era. O primeiro registro de Gretchen Lowell tinha sido uma prova em que ela foi reprovada quando tinha dezenove anos. Antes disso, nada. Sem certidão de nascimento. Eles não tinham ideia de onde ela vinha, quem era sua família, ou até mesmo quantos anos ela realmente tinha. Ele nem sequer sabia se Gretchen era o seu nome real.

“Então, onde ela está?”, perguntou Henry.

O dedo de Archie pairou sobre a imagem na parte inferior da fotografia – a sombra de uma adolescente na grama segurando uma câmera. Ele disse: “Foi ela que tirou a foto.”



CAPÍTULO 41

Bliss ofereceu o cachimbo d'água para Susan. “Você quer um *tapa* pra sair desta”, perguntou. “É da boa”.

O cachimbo era feito de vidro soprado. Um dos namorados de Bliss tinha feito há alguns anos atrás. Ele chamava a si mesmo de artista do ‘vidro funcional’, mas todo mundo sabia o que ele queria dizer.

“Eu estou trabalhando, mãe”, disse Susan. Bliss esquentou o cachimbo com o isqueiro, deu uma longa tragada, e Susan ouviu o familiar borbulhar da água do cachimbo. Quando Bliss finalmente exalou, a cheirosa fumaça da maconha pairava sobre a sala. “Você não devia colocar isso no seu colo”, disse Bliss. “Vai lhe causar câncer.” Susan olhou para o seu notebook. Ela estava sentada de pernas cruzadas no sofá, o notebook equilibrado sobre suas coxas nuas. “É um laptop”, disse. “Eles não iriam chamá-lo assim se não fosse para acomodá-lo no colo.”

“Deixou de ser chamado de laptop”, disse Bliss. “É chamado de notebook. Eles são cuidadosos, não o chamam de laptop, portanto você não vai poder processá-los quando tiver câncer no colo.”

O sol baixava e estava finalmente esfriando o suficiente para poderem abrir as cortinas, abrir as janelas que não foram pintadas fechadas, e deleitar-se com a corrente do ar fresco noturno que se movia pela casa. Bliss tinha acendido velas, mas o vento insistia em apagá-las.

Susan tirou o notebook do colo e colocou-o ao seu lado no sofá. Ela nunca tinha ouvido falar de câncer de colo, somente de colo do útero, seria desse câncer que Bliss queria dizer, melhor não arriscar.

Bliss se levantou e se espreguiçou. Ela estava vestindo um conjunto de exercício azul-petróleo e vermelho colado ao corpo que ela gostava de usar nas noites que ensinava yoga no clube Arlington. Era um macacão de uma peça única, sem mangas, com um top listrado de azul e branco, uma faixa vermelha na cintura, e as pernas azul-petróleo. Bliss não estava usando sutiã, nem provavelmente uma calcinha. A mãe de Susan não usava um sutiã desde a noite em que Ronald Reagan tinha sido eleito. Algum tipo de protesto pessoal. Susan tinha certeza de que Bliss usava aquele macacão para scandalizar as senhoras da sociedade, no Arlington, mas com Bliss era difícil saber; ela devia pensar nisso enquanto se vestia.

Susan estava usando uma camiseta dos Pixies e calcinhas. Estava muito abafado

para calças. Embora calças, provavelmente seriam alguma proteção contra o câncer no colo.

Sua mãe deu outra tragada no cachimbo, e usou o isqueiro para acender uma vela.

Susan olhou de soslaio para a tela de seu computador.

O editor do *The New York Times Magazine* lhe dera dois dias para ela enviar uma cópia do artigo. Ela transcreveu a entrevista com Gretchen, marcando as citações que ela queria usar em seu artigo. Ela perguntou-se qual parte iriam cortar. Ela imaginava que o guia de estilo do *Times* poderia usar uma ou duas coisas como chamada sobre a entrevista de Gretchen. Entupir os leitores logo no início da manhã com temas fortes, não seria uma coisa boa para os negócios. Mas, eles colocavam bebês famintos na primeira página o tempo todo. . .

“Eu estou pensando em fazer um curso de pedreiro,” Bliss disse, dobrando a perna esquerda, abrindo seus quadris, e descansando o pé esquerdo na parte interna da coxa direita, e, em seguida, equilibrando-se na posição da “árvore”. “Eu gostaria de construir um muro de pedra. Eu sempre fui interessada por pedras.” Ela colocou as mãos em posição de oração em frente ao peito e depois, lentamente, levantou-as acima de sua cabeça até que seus braços estavam em linha reta. “Você se lembra de quando nós costumávamos fazer Boia Cross no Rio White Salmon e eu pegava pedras do rio? Eu conheci um homem que tinha uma coleção de pedras. Ele passava os verões na costa leste quando criança, e ele ia para uma praia em especial, que ele amava, sua praia secreta, e sempre voltava com uma pedra. Ele estava na casa dos sessenta, quando eu o conheci, e ele tinha uma prateleira cheia dessas pedras. Ele tinha parado de viajar anos antes, e não tinha voltado a essa praia desde que era um adolescente, mas sempre guardou estas pedras. Um dia, uma conhecida sua visitou-o e viu as pedras e disse que ela tinha uma coleção similar. Descobriu-se que quando criança ela passava os verões na costa leste, também, na mesma cidade. Ela tinha frequentado a mesma praia, sua praia secreta, e ela também colhia pedras.”

“Você esta chapada”, disse Susan.

Bliss estendeu a mão e agarrou seu dedão do pé esquerdo, e depois se inclinou e ergueu o pé esquerdo para trás de sua cabeça. Ela segurou-o assim.

Susan tinha feito o que Archie queria. Ela havia deixado Ryan Motley fora da história. Quando Archie aparecesse, ela iria dizer a ele que ela tinha feito isso por ele, mas a verdade era que ela não tinha ficado com uma cópia do pen drive antes de ter que devolvê-lo inesperadamente.

Ela se perguntava se tinha sido por acaso que ele havia ficado com todas as suas cópias. Talvez ele soubesse exatamente o que estava fazendo. Agora, sem o pen drive ou as cópias, ela não tinha nada.

Seu telefone tocou. Ele estava ao lado de seu notebook no sofá e Bliss olhou

para ele, seu pé ainda atrás de sua cabeça.

“É o Leo”, disse Bliss.

Susan tinha reconhecido o toque. “Eu vou ligar depois”.

Quem tinha armários no banheiro, afinal? As pessoas ricas, é claro. O que ela esperava? Ela sabia onde estava se metendo. Archie tinha avisado a ela sem rodeios. Disse a ela o que o pai de Leo fazia para viver. Talvez Leo tivesse uma explicação perfeitamente razoável para o motivo dele ter um tijolo de cocaína do tamanho de uma torradeira na sua bolsa de academia.

Ela ficou atenta esperando o toque de alerta de uma mensagem de voz. Mas Leo não deixou nenhuma mensagem.

Archie provavelmente estava trabalhando.

Ela se perguntava se ele ia mesmo ligar se encontrasse alguma coisa. Nos velhos tempos, quando ela trabalhava no *Herald*, ela saberia de imediato quando uma notícia chegasse.

Agora, ela tinha que se esforçar.

Ela abriu a página do site de notícias locais da KGW no seu notebook. A âncora estrela Charlene Wood sorria na foto estampada no banner no topo da página. Os braços de Charlene estavam cruzados alegremente, e ela estava piscando, como se quisesse dizer, *eu sou uma jornalista séria, mas ainda assim muito divertida*.

SEGUNDO ASSASSINATO! Gritava a manchete. O SÍMBOLO DE PORTLAND FOI DANIFICADO! UM SERIAL KILLER ESTÁ EM AÇÃO? VEJA NA KGW ÀS 11!

Esse era o problema das notícias locais: muitos pontos de exclamação. Susan achava que pontos de exclamação só deviam ser usados ironicamente. Ou quando alguém estava realmente gritando.

Se Susan não tivesse olhado para a barra lateral de notícias, ela teria perdido completamente a outra manchete: MULHER ASSASSINADA EM CASA EM ST. HELENS. Ela clicou no link e leu a notícia. Dusty Beaton tinha sido encontrada morta. Sua morte foi atribuída a uma “violência homicida”. Seu corpo foi descoberto pela manhã por dois detetives de Portland. O artigo era de quatro parágrafos. Não havia menção ao seu marido que havia desaparecido há 18 anos. “Violência homicida” não era tão sexy como “queimado até torrar no luminoso Portland, Oregon”.

Susan olhou para a hora na tela. Faltavam alguns minutos para as onze. “Podemos assistir o noticiário?”, ela perguntou para sua mãe.

“Mate sua televisão,” Bliss disse em voz alta. “O meio é a mensagem. A televisão é a goma de mascar para os olhos”.

Às vezes Bliss falava assim, citando slogans idiotas.

“Por favor, mãe”, disse Susan.

Bliss revirou os olhos, suspirou profundamente, e acenou com a mão em uma espécie de grande condescendência, como se ela estivesse apenas permitindo que seus filhos fossem para a guerra.

“Eu vou pegá-la”, disse Susan.

Ela se levantou e foi até a cozinha, abriu o armário sob a pia, e tirou a TV preto-e-branco de nove polegadas que Bliss mantinha atrás do sabão líquido de menta do Dr. Bronner e as toalhas de papel recicláveis. Bliss só mantinha a TV para emergências: audiências do Congresso, ou episódios especiais do *Masterpiece Theater*. Susan a levou para a sala, ligou, e mudou o dial para o canal oito. Mas não importava para onde ela dirigia as antenas, não conseguia receber qualquer sinal.

Certa vez, quando Susan era garota, ela tinha torcido um rolo inteiro de papel alumínio em um elaborado sistema de antenas que lhe tinha permitido assistir a um episódio de Scooby-Doo.

Ela bateu na lateral da TV. “Não está funcionando”.

“É porque não existe mais o sinal analógico de TV aberta”, disse Bliss. Ela havia trocado as pernas enquanto Susan estava pegando a TV, e agora estava de pé com a perna direita esticada para trás dela. “Eles me ofereceram um conversor digital de graça, mas eu disse que não queria.”

Susan tinha se esquecido disso. Fazia realmente tanto tempo assim desde que ela assistiu televisão na casa de Bliss? A transição para a TV digital queria dizer que a TV analógica de Bliss era inútil sem um conversor. “Por que você não pegou o conversor de graça”, Susan perguntou .

“Por princípios”, disse Bliss.

“Por que você ainda tem a TV, se você não pode assistir”, Susan perguntou .

Bliss suspirou e puxou o pé sobre a cabeça mais um centímetro. “Para emergências”.

“O que você vai fazer, jogá-la em alguém?”

Bliss levantou uma sobrancelha. “Eu posso jogá-la em você em um minuto”, disse ela.

Susan soltou um gemido frustrado e caiu de volta no sofá. “Se você tivesse um wi-fi mais rápido eu poderia assistir”, disse ela.

“Se eu tivesse um wi-fi mais rápido, nós duas teríamos tumores cerebrais.”

Susan clicou no botão de vídeo ao vivo na home page da KGW. Começou o download.

“O que há de tão importante?”, perguntou Bliss.

“Eu quero ver uma coisa.”

“O quê?”

“A esposa de alguém sobre quem eu estou escrevendo foi assassinada esta manhã”, disse Susan. “Além disso, tem aquele cara que eles encontraram no parque.

E aquela mulher que foi incendiada no centro da cidade num telhado. Você não costuma se ligar em notícias, não é?”

“Eu não quero pensar sobre esse tipo de coisa”, disse Bliss. “Atrai energia negativa.”

“Aqui”. A imagem de Charlene Wood apareceu na tela. Ela estava em pé no estúdio na frente de um fundo fotográfico da cidade. “Gabrielle Meester. Assassinada.” Uma imagem de uma mulher de cabelos escuros sorrindo apareceu no lado da tela. Não havia mais detalhes. Eles estavam pedindo informações para as pessoas que estava vendo o noticiário.

Susan ouviu uma inspiração de ar, virou-se e viu a mãe perder o equilíbrio. Bliss caiu no sofá, e imediatamente sentou-se e apontou para a tela. “Eu a conheço”, disse ela.

“Ela é Charlene Wood,” disse Susan. “Existem cartazes dela em todos os pontos de ônibus na cidade.”

“Não ela”, disse Bliss. E apontou para a imagem de Gabrielle Meester. “*Ela*”.

“O que você quer dizer, você a conhece?”, Susan perguntou.

“Ela parece familiar”, disse Bliss.

“Ela parece familiar?”, perguntou. “Ou você a *conhece*?”

“Eu já a vi antes”, disse Bliss.

“No salão de beleza, ou nas aulas de yoga?”

Bliss puxou as pernas em posição de lótus. Então pegou o cachimbo e deu outra tragada. A água do cachimbo borbulhou.

Susan esperou.

Bliss exalou uma baforada de fumaça impressionante. “Não”, ela disse. “Em algum outro lugar.”

O vídeo no site travou. “Eu odeio este site,” Susan resmungou.

“Por que você não vai para o site do *Herald*”, perguntou Bliss.

Porque eles me demitiram. “Por princípios”, disse Susan.

Bliss se levantou e se esticou novamente. “Eu vou meditar”, disse ela.

Esse era o código para *indo para a cama*.

“Não deixe os percevejos te morderem”, disse Susan.

Bliss afagou a cabeça de Susan. “Ele virá”, disse ela. Ela deu alguns passos, voltou para pegar o cachimbo, e saiu de novo.

Ele virá.

Susan percebeu que não sabia sobre qual homem da sua vida a sua mãe se referiu - Leo, ou Archie?

Ela fechou o site e procurou informações sobre o assassinato da Sra. Beaton online. Nada de útil surgiu. Archie não estava atendendo o telefone. Então Susan focou no seu artigo, relendo o que tinha escrito até agora e, em seguida, reeditou os

primeiros parágrafos. Ela mencionava o assassinato da Sra. Beaton no final do artigo - daria um grande desfecho. Susan teve que admitir que o artigo estava ficando ainda melhor. Era um prazer especial descrever a deterioração física de Gretchen. Eles colocariam uma foto de Gretchen muito glamurosa como sempre, é claro. Era a sua beleza que atraía as pessoas. Se ela não fosse uma garota *Centerfold*, ela não teria se tornado um ícone da mídia. Pessoas feias matavam pessoas o tempo todo. Mas quando as pessoas bonitas faziam isto, chamavam a atenção.

A cabra estava berrando na porta dos fundos. Bliss deixava a *coisa* andar livremente lá nos fundos. Ela já tinha comido a maior parte de uma roseira de cem anos de idade, e um par de tamancos de couro de crocodilo falso que Susan deixara do lado de fora da porta traseira.

Agora ela carimbava seus cascos na varanda ao redor da casa.

Ela queria algo.

Do que cabras gostam?

Uvas?

Feno?

Antidepressivos?

A cabra berrou novamente.

“Ok”, Susan respondeu. “Estou indo.” Levantou-se e foi pela cozinha para a porta dos fundos. A porta estava aberta para deixar o ar entrar, e a porta de tela de madeira batia suavemente com a brisa.

Ela não viu a cabra.

Talvez ela ouvisse a tela batendo.

“Cabra”, ela chamou.

Acendeu a luz de trás da varanda, e um círculo iluminou o pátio, mas isso só fez a área fora do círculo parecer ainda mais escura.

Susan olhou para a casa da cabra no canto do quintal.

Ela deu alguns passos hesitantes, descendo as escadas da varanda dos fundos, para o gramado. O capim seco era frágil sob seus pés descalços. Ela pisou devagar, tentando evitar bosta de cabra. Uma cerca de bambus altos ao redor do quintal criava uma parede escura contra o céu cheio de estrelas.

Ela vislumbrou a pilha de compostagem e o buraco da fogueira, e quando chegou na casa da cabra, ela olhou para dentro e só viu escuridão.

“Cabra”, ela chamou.

Um sussurro fez os pelos em seus braços se arrepiarem.

Algo surgiu na sua frente, de dentro da escuridão.

Um flash de dois olhos brilhantes. E, em seguida, um focinho branco. Susan deu um suspiro de alívio quando a cabra pulou na sua frente, berrando. Ela fez um carinho na cabeça da cabra. Ela aninhou-se contra ela.

A cabra estava solitária. Isto era tudo. Era um caso de solidão, e Susan resolveria isso.

Ela acariciou a cabra por mais alguns minutos e então refez seus passos de volta para dentro. Estava um pouco frio do lado de fora para ficar com as pernas nuas.

Ela entrou em casa e fechou a porta de tela atrás de si, desta vez ela a trancou a porta.



CAPÍTULO 42

“De volta tão cedo”, perguntou Gretchen.

Ela estava fora da cama, sentada em uma cadeira de rodas, com os pulsos e os tornozelos amarrados com correias de couro. Uma tira de couro maior circulava seu peito logo abaixo dos seios, amarrando-a na parte de trás da cadeira. Seus seios pressionados contra o tecido cinza do uniforme institucional. O suor escorria por seu pescoço e escurecia o decote da camisa. Os joelhos dela estavam separados. As calças do uniforme cinza eram muito longas, e continuavam vários centímetros além das tiras de couro nos tornozelos, fazendo com que seus pés descalços parecessem especialmente pequenos.

Era mais fácil ver Gretchen à noite. O hospital era mais silencioso. Havia menos perguntas. Archie perguntou-se se ela tinha sido acordada, tirada da cama e colocada na cadeira quando ele disse à equipe que estava vindo, ou se ela havia sido deixada ereta assim a noite toda.

“Eu trouxe um amigo”, disse Archie.

Gretchen estava sentada reta e quando ela virou a cabeça Archie pode ouvir a mudança de respiração de Henry com a visão de seu rosto inchado.

“Ah, que bom”, disse ela sem rodeios. “Henry”.

“Olá, Gretchen”, disse Henry. O deleite dele pela condição física dela era palpável. Ele caminhou até ela, passo a passo, e olhou de cima a baixo como se ela fosse um carro usado que estava pensando em comprar. Um enorme sorriso se espalhou por seu rosto.

“Você está ótima”, disse ele.

Ele estava se divertindo demais.

Gretchen olhou para Henry.

Henry estava radiante. Ele apertou as mãos na frente do peito. “Gretchen não está parecendo bem esta noite?”, perguntou para Archie. “Ela não está linda?”

“Isto é necessário?” Gretchen perguntou para Archie.

Archie permaneceu de pé ao lado da porta fechada do quarto de Gretchen. Ele observou-os por um momento. Henry, praticamente brilhava de alegria, de rosto rosado e os olhos brilhantes; Gretchen fervia de raiva na cadeira. Henry precisava daquele momento. Ele precisava ver Gretchen sofrendo, sua beleza e poder roubados. Gretchen tinha tomado algo importante de Henry. Ela tinha tomado Archie,

seu melhor amigo, seu parceiro. E havia uma parte de Henry, que nunca poderia perdoar nenhum deles por isso. Então ele precisava deste momento. Archie deixou-o usufruir.

Henry riu dela, e Archie deixou. E depois de um tempo, Henry se levantou e limpou as lágrimas de seus olhos. Ele olhou para Gretchen e chutou a roda de sua cadeira. “Nós precisamos conversar, gostosona”, disse ele.

Ela tentou desviar os olhos para Archie.

“Eu”, Henry disse, inclinando-se sobre ela e segurando os lados da cadeira. Sua voz estava sem nenhum tom de humor agora. “Não ele. Você e eu precisamos ter uma conversa.”

“Eu não te acho muito interessante para conversar”, disse Gretchen.

“A viúva de James Beaton foi assassinada ontem,” Archie disse da porta. Direto ao assunto. Henry e Gretchen iriam ficar dando voltas como um casal de cães territoriais durante todo o dia.

Gretchen concordou. O assassinato de Dusty Beaton estava no noticiário, mas Archie poderia dizer que esta foi a primeira vez que Gretchen tinha ouvido falar disto. Não houve resposta. Ela tinha acabado com o seu jogo.

Até Henry percebeu. “A moça bonita quer que seu namorado venha sentar-se ao lado dela?” Henry perguntou.

Gretchen não se mexeu. “A moça bonita não vai dizer porra nenhuma sem ele”, respondeu.

“É assim que vai funcionar”, disse Henry, girando a cadeira de rodas ao redor para coloca-la ao lado da cama. “Você e eu vamos ter uma conversa, e você vai ser boazinha, e eu vou deixar Archie vir sentar-se na cama.” Henry sentou-se numa cadeira de plástico em frente a Gretchen, e então olhou para Archie e deu um tapinha o colchão. Archie se aproximou e sentou-se na beirada da cama de Gretchen, de modo que os três estavam sentados praticamente joelho com joelho.

“Eu começo a terapia de eletrochoque esta noite”, disse Gretchen. Ela levantou uma sobrancelha cética na direção de Archie. “O novo médico que você arranjou para cuidar de mim acha que é do meu interesse.”

“Puxa, é como a cadeira elétrica”, disse Henry, batendo no seu joelho com um sorriso, “mas em pequenas doses.”

Archie afastou o olhar, para a parede branca atrás da cabeça de Gretchen. Do outro lado do quarto, Archie pode perceber o grafite que havia sido escavado na parede e, em seguida, coberto com camadas de tinta ao longo dos anos. *Mate-me. Eles estão ouvindo.*

Deixe Henry fazer o discurso. Esse era o acordo.

“Eu tenho um álibi”, disse Gretchen. “Eu estava aqui quando a Sra. Beaton foi assassinada.”

“Veja, a coisa foi assim”, disse Henry, “a viúva de Beaton foi eviscerada e mutilada. Parece que alguém arrancou o nariz do seu rosto e deixou-o no tapete.”

Archie olhou para Gretchen.

Ela sorriu para ele. “Isso soa familiar”.

Henry inclinou-se entre eles. “Quem a matou?”, perguntou.

Gretchen se acomodou em sua cadeira. Suas reações eram meio desligadas, como alguém que tivesse bebido três drinques a mais. “Não é o meu dever especular”, disse ela. Ela lambeu um floco de saliva seca no canto da boca. “Esse é o seu trabalho.”

Henry debruçou-se mais para a frente em sua cadeira, os músculos das costas apertavam sob a camisa. “Dê um chute”, disse ele.

Uma mecha de cabelo loiro caiu na frente de um dos olhos azuis de Gretchen. Ela olhou para Archie com o outro. “Se eu fosse arriscar um palpite”, disse ela num sussurro falso, “eu diria que foi Ryan Motley.”

O lábio superior de Henry se apertou. Ele olhou para Archie. Archie deu-lhe um olhar que dizia: *Se você estrangulá-la, ela ganha.*

Henry exalou lentamente, travando sua mandíbula. Então ele fixou seu olhar de volta em Gretchen. “Você quer nos fazer crer que ele está lá fora, matando esse tempo todo e nunca percebemos?”, disse. “Ele é invisível?” Henry agitou com as mãos no ar. “Será que ele se esgueira para os quartos das crianças à noite?”

“Não”, Gretchen disse friamente. “Quem faz isso é a fada do dente”.

As grandes mãos de Henry se fecharam em punhos. Ele estava perto dela, mais perto do que Archie ousaria. As veias pressionadas contra a pele da testa. Ela era a fraqueza de Henry tanto quanto era de Archie. Henry sempre conseguia controlar suas emoções, exceto quando se tratava dela. Archie perguntava-se às vezes o que mais incomodava Henry, o fato de que Gretchen quase tinha matado Archie, ou o fato de que eles tiveram um caso. “Você está dizendo merda”, disse Henry.

Gretchen não vacilou, não pestanejou. Sua beleza podia ter sido prejudicada, mas se comportava, como uma rainha. Henry não gostava disso. Archie podia ver em seu rosto. Ele a queria derrotada.

“Há um monte de gente lá fora matando outras pessoas”, disse ela. “Há serial killers que você não conhece, e que você nunca vai pegar. Eles vão morrer de morte natural, rodeados por seus netos, e nenhum deles nunca vai saber que macabros troféus vovô mantinha nos frascos escondidos no porão”.

“Por que Ryan Motley queria Dusty Beaton morta?” Henry perguntou.

Gretchen virou-se para Archie. “Porque você estava chegando perto, querido”, disse ela.

“Fale comigo”, disse Henry, cutucando o dedo em seu peito. “Eu sou o único que faz as perguntas.”

Archie não podia ajudá-lo. “Perto de quê?”, perguntou.

Gretchen bateu os cílios severamente para ele. “Você está pronto para falar comigo agora?”

Henry levantou-se, deu um passo a frente de Archie, colocou as mãos em torno dos antebraços de Gretchen, e empurrou sua cadeira para trás alguns passos.

Archie estava agora olhando para as costas de Henry.

“Este não foi como os outros, princesa”, disse Henry. “Ele não deixou uma flor. Ele não moveu o corpo para o alto.”

“Ele está me copiando”, disse Gretchen. “Ele me copia às vezes.”

Archie podia ver os cabelos crescendo na parte de trás da cabeça raspada de Henry, e, se ele esticasse o pescoço, ele poderia ver Gretchen por cima dos ombros de Henry. Seu cabelo cobria metade de seu rosto agora. Uma mecha estava colada na crosta no canto de sua boca. Atrás dela, na parede branca, Archie podia ver as mensagens riscadas. *Ela está tentando me matar.*

“Como aconteceu com todas as crianças que você está sendo acusada de matar”, disse Henry. “Está dizendo que ele é o verdadeiro assassino de crianças e você está sendo acusada falsamente.”

“Sim”, disse Gretchen. Ela encolheu os ombros. “Quero dizer, eu matei os outros. Eu só sinto que não é justo eu levar o crédito por ações que não são minhas.”

“Eu entendo”, disse Henry. “Então, ele te copia às vezes, e às vezes ele mata crianças com o seu estilo próprio, com a tortura e os lírios, e então às vezes ele mata adultos com a tortura e os lírios.” Ele esticou a cabeça para trás e olhou para Archie. “Esse cara gosta de variar.”

“Ele sempre foi um autodidata”, disse Gretchen.

“Você o conhece há muito tempo”, disse Archie.

Gretchen desviou-se de Henry e olhou nos olhos de Archie. “Mais do que eu te conheço”.

Henry se inclinou para o lado, bloqueando a visão de Gretchen. “Quando foi a última vez que você o viu?”, perguntou. Ele inclinou seu peso na perna boa. Ele fazia isso no final do dia, quando sua perna o incomodava mais. Archie esperava que Gretchen não percebesse.

“Há apenas alguns dias atrás”, disse Gretchen.

“Agora, veja lá, cara de anjo, você está brincando comigo”, disse Henry. “Isso faz com que seja muito difícil para eu levá-la a sério.”

“Eu ouvi dizer que você quase morreu”, disse Gretchen. “Deve ser difícil para você. Um homem tão forte, reduzido a uma versão menor de si mesmo. Eles disseram-lhe que você se recuperou totalmente?” Ela se inclinou sobre o ombro de Henry novamente e disparou um sorriso diabólico para Archie. “Eles mentiram.”

Henry abaixou a cabeça.

Archie colocou a mão nas costas de seu amigo e ficou de pé. “Isso é o suficiente”, ele disse a Gretchen. Ele deu a volta por trás de cadeira de rodas de Gretchen. A fotografia estava no bolso interno do paletó. Então, ele puxou-a para fora e se agachou ao lado de Gretchen. Mostrando-lhe a foto. “Eu acho que esta é você”, disse.

Os olhos dela percorreram lentamente por seu rosto e peito, e então olhou a fotografia. Ela não se mexeu. Archie podia ouvir sua respiração. “Isso é uma sombra”, disse.

“Eu vi outra fotografia,” Archie disse gentilmente. Ele colocou o dedo sobre o adolescente na imagem. “Uma, onde ele está tirando a foto.” A menina era magra, com um peito liso e cabelo escuro, ombros caídos, tentando não ocupar espaço. Nada parecida com a Serial Killer das páginas centrais e pôsteres. “Você deve ter trabalhado duro para reinventar a si mesma”, disse Archie.

“E olhe para você agora”, Henry disse secamente. “Uma espectadora.”

Archie estudou Gretchen. Examinando-a por respostas, algum indício de reconhecimento, um lampejo de emoção. “O que eles eram para você?”, perguntou.

Seus olhos voltaram-se para os dele. Sua cabeça balançou um pouco. Ele percebeu o quanto de esforço ela estava colocando nisso, tentando parecer funcional com todas as drogas em seu sistema. Mas as pistas estavam lá, pálpebras inchadas, bochechas flácidas, membros pesados. Ela estava exausta. O cabelo preso à crosta no canto de sua boca tremia quando ela exalava.

“Você pode tirar meu cabelo dos meus olhos?”, ela perguntou.

Archie hesitou apenas por um segundo, e então ele estendeu a mão e tocou-lhe o cabelo com os dedos, afastando-o de seu rosto, e em seguida, colocando-o atrás da orelha. Seus dedos roçaram sua orelha e o toque repercutiu-se no braço.

O cabelo se foi, seu rosto foi revelado. Mesmo com o peso, pele inflamada, remela presa às raízes dos cílios, feridas nos cantos da boca, ele ainda poderia encontrar algo agradável nela. Ele se perguntava quanto tempo isso iria durar. Quantos anos neste lugar seriam necessários para que ele pudesse olhá-la e não sentir atração física.

“Dê-nos um minuto,” Archie disse a Henry.

Henry não se mexeu.

Archie virou. Ele poderia fazer isso. Ele só precisava que Henry confiasse nele. “Está tudo bem”, disse Archie. “Ela está amarrada a uma cadeira. Eu acho que posso lidar com isso.”

Henry bufou. Deu um passo, encolhendo-se ligeiramente quando colocou o peso sobre a perna ruim. “Eu estarei lá fora”. Ele fez uma pausa e ficou na frente de Gretchen. “Você está ótima, lábios de mel”, disse. “Continue fazendo o que você

está fazendo.”

Gretchen olhou para frente.

Henry riu. “Isso foi muito divertido”. Ele ainda estava sorrindo quando saiu da sala.

A porta estava fechada, e os dois continuaram sentados. As tiras de couro que prendiam os pulsos de Gretchen aos braços da cadeira eram forradas com pele de carneiro. Elas amarravam como cintos. Seus braços estavam pálidos e manchados com contusões. Archie não sabia quanto peso ela tinha ganhado. Seu corpo tinha mudado. Suas coxas se espalhavam por todo o assento. Seu quadril parecia maior. Sua barriga uma vez lisa agora era arredondada. Mesmo seu pescoço e rosto pareciam cheios. Seus seios estavam mais cheios do que antes. Seus ângulos tinham se suavizado. Mas sua figura ainda estava lá. Ela ainda o atraía.

Ele queria que ela parecesse pior. Ele queria olhar para ela e não sentir nada.

“Pensando em novas maneiras de me machucar?”, disse Gretchen.

“Você é a especialista”, disse Archie. “Você me ensinou tudo que eu sei.”

“Eu acho que você não gostou muito”, disse ela.

Archie não respondeu. Ele olhou para fora, através das grades, na parede de tijolo.

Ela disse: “Se nós apenas vamos ficar sentados aqui, eu gostaria de mais Lorazepam.”

Archie olhou para a porta fechada. Era à prova de som. Ninguém estava ouvindo.

“Eu matei um homem há alguns meses”, disse Archie.

Gretchen olhou para ele.

Ele estudou os sapatos, os cadarços tinham sido confiscados. “O homem que sequestrou o menino e matou aquelas pessoas durante a enchente. Ele matou Jeff Heil, um detetive que trabalhou comigo”.

“Aquele que envenenou Henry.”

Archie assentiu.

“Foi legítima defesa?”, perguntou Gretchen.

Archie coçou a nuca. “No início”. Ele olhou para ela. O rosto dela estava ausente da emoção. “Ele veio até mim”, explicou Archie. “Nós lutamos.” Ele tocou sua testa, acima da sobrancelha. “Ele tinha uma fratura no crânio. Um pedaço do osso foi arrancado. Seu cérebro estava exposto.” Archie esfregou os olhos. “Ele estava subjugado. Ele provavelmente estava morrendo. Ele certamente não era uma ameaça.” Archie olhou para suas mãos novamente. Eram mãos macias, as mãos de um professor escolar, não grandes como as de Henry. Ele não era um lutador. Como sua parede do apartamento poderia atestar. “Eu lhe dei um soco”, disse Archie. “Enfiei minha mão através do buraco no seu crânio.” Estas mãos, suas mãos, tinha

feito isso. Ele ainda não conseguia acreditar. “Os fragmentos de ossos cederam.” Ele virou as mãos para cima, estudando as palmas das mãos. “Seu cérebro estava quente. Ele escorregou entre meus dedos.”

“Você gostou?”, Gretchen perguntou.

Archie cruzou as mãos e olhou para ela. “Eu não sou como você.”

Sua testa franziu. “Mas você não se arrepende.”

“Eu estou feliz por ele estar morto”, disse Archie. “Isso torna as coisas mais fáceis para o menino.”

“Você se saiu bem da situação”, disse Gretchen.

“Eles nunca encontraram o corpo”, Archie disse, com um encolher de ombros.

“Eles aceitaram a minha versão dos acontecimentos.” Ele olhou para a cama de Gretchen, onde havia deixado a fotografia da família Beaton. Ele tinha toda a atenção de Gretchen agora. Se havia uma coisa que ela amava, era ver Archie virar-se do avesso. “Você sabe que foi assim que a minha mãe morreu”.

Gretchen lambeu os lábios. “Num acidente de carro?”.

“Ela teve uma fratura de crânio”, disse Archie. “Sem air bags. Sem cinto de segurança. Sua cabeça bateu no painel.” Fazia quase 25 anos, e seu peito ainda se apertava quando pensava naquele dia. “Demorou dez minutos para morrer. Tentei segurar seu crânio junto, mas quando a ambulância chegou lá já era tarde demais. Eu podia sentir seu cérebro pulsando sob meus dedos, eu achei que ela estava viva. Mas descobri que era apenas o meu próprio pulso que eu estava sentindo.” Suas mãos o traíram novamente. Ele estava sentado perto de Gretchen, seus joelhos quase se tocando. Ele se inclinou para frente, os cotovelos sobre os joelhos. “Eu tinha dezessete anos”. Ele deixou aquilo pairar no ar por um momento, e então balançou a cadeira para trás e agarrou a fotografia da cama atrás dele. Quando ele a pegou, deslizou a cadeira bem na frente dela, os pés da cadeira contra os pés de sua cadeira de rodas. Seus joelhos estavam ligeiramente abertos, e ele sentou-se com os joelhos abertos, também, um pouco mais amplo, de modo que o lado de fora dos joelhos dela encostava contra o dele. Ele colocou a fotografia no colo dela.

Ele a sentiu endurecer. Ele podia não ter notado se não a tivesse tocando. Mas ela reagiu ao contato da fotografia contra o seu corpo. Isso significava algo para ela.

Ele estava no caminho certo.

“A sua idade seria mais ou menos a mesma se você estivesse aqui, não é?”, disse, tocando a sombra da menina. Sua mão estava sobre a fotografia, a fotografia estava sobre as coxas dela. Tocar a garota na foto era como tocar Gretchen. Ele estava ciente de seus seios, subindo e descendo com sua respiração, sua respiração estava acelerada. Ele disse: “Naquele dia, quando eu ultrapassei o sinal, mudou tudo. Minha vida resume-se a antes daquele dia, e depois daquele dia.” Ele podia sentir o calor onde seus joelhos faziam contato. Ela estava apertando os joelhos

contra o dele, ou o contrário. “Assim como há a minha vida antes e depois de você.”

Ele traçou a ponta dos dedos sobre a sombra da menina, seus longos membros exagerados pelo ângulo do sol, os cotovelos, a silhueta de sua saia. “Essa menina”, ele bateu com o dedo na fotografia, “não tinha matado ninguém.” Archie moveu seu dedo para a imagem de James Beaton. “Você disse que foi sua primeira vítima.” Archie segurou a fotografia, mostrando a ela. “O que foi que aconteceu para ela mudar? O que aconteceu com ela?”

“Ela está morta”, disse Gretchen. “Você não poderia tê-la salvo.” Seus dedos se curvaram ao redor dos braços da cadeira de rodas. “Há um riacho que corre ao lado de um celeiro vermelho na Gilman Road em Sauvie Island, passando pela plantação de abobora - eu enterrei o que restava dela lá sob um bosque de carvalhos.”

Ele viu então. Archie teve apenas um vislumbre dela algumas vezes. Ele não sabia quem ela era. Algo mudou em sua postura, por trás de seus olhos. Era como se, por um momento, ela deixasse a máscara cair. Ele não sabia quem estava do outro lado. Mas ele estava disposto a tirar proveito da situação.

Ele apontou para o adolescente na fotografia da família Beaton. “Ryan Motley é ele?”

Gretchen fixou os olhos no menino e acenou com a cabeça lentamente.

“Eu preciso ouvir você falar”, disse Archie.

Ela olhou para Archie. “Sim”.

Archie empurrou a cadeira para trás, juntou os joelhos, e se levantou. Ele já estava junto a porta, pronto para voltar para a investigação, pronto para encontrar Colin Beaton.

Ele ouviu Gretchen perguntar: “Como está o cão?”

Ele virou-se. Ela ainda estava onde ele a deixou. Amarrada à cadeira incapaz de se mover. Sua cabeça estava virada em sua direção.

“O cão está sumido”, disse Archie.

Um cheiro quente e doce encheu o quarto, e Gretchen se encolheu.

“Você pode ir”, disse ela.

Havia algo molhado no chão.

Archie caminhou de volta em torno de sua cadeira. A mancha escura foi crescendo no colo de suas calças de pijama cinza. O assento da cadeira ficou molhado, algo escorreu ao longo da estrutura de metal e para baixo pela perna da calça.

“Você está bem?”, perguntou Archie.

As pálpebras de Gretchen vibraram, suas narinas se alargaram. Seu cabelo estava de volta em seu rosto novamente. “É a medicação”, ela murmurou. Por um momento ele não a entendeu. Ela olhou desamparada. “Eu estou me mijando”, disse.

Um fluxo de urina corria sob sua cadeira e formava um risco amarelo no chão de

linóleo.



CAPÍTULO 43

“Não entre em pânico”, disse Bliss. Ela segurava uma caneca de barro, e estava vestindo calças largas de amarrar com cordão e uma camiseta com o slogan *é assim que uma feminista se parece* no peito. Seus grossos dreadlocks loiros caíam soltos sobre os ombros. A luz do sol entrava por trás dela, iluminando cada fio de cabelo perdido de modo que sua cabeça parecia um feixe de cordas desfiadas.

Susan tinha despertado sozinha. Finalmente ela comprara um futon, então nunca mais teria que dormir na rede que sua mãe tinha instalado no seu antigo quarto quando ela foi para a faculdade. O quarto agora era uma sala de meditação e yoga. A rede era para os hóspedes.

Bliss estava na porta. Seja lá o que ela tinha na xícara cheirava a estrume.

Susan sentou-se no futon. Não era um daqueles futons com estrados de madeira natural. Este futon ficava diretamente no chão. Com futons, você recebe o que você paga.

O pescoço de Susan doía.

“Prometa-me que você não vai surtar”, disse Bliss.

A mãe de Susan tinha o hábito de exagerar. Quando a Verizon havia tentado colocar uma torre de celular no seu bairro, Bliss tinha protestado na porta da frente do prédio onde a torre com a antena deveria ser erguida. Não importava que fosse um lar de idosos. Bliss apareceu no noticiário da noite, e a Verizon cedeu. Susan se lembrava da mãe toda vez que o telefone celular perdia uma chamada por causa da má recepção. “Você anda lendo *The New Yorker* de novo?”, perguntou Susan. O *New Yorker* sempre deixava Bliss aterrorizada. Algumas pessoas cortavam cupons ou liam os quadrinhos engraçados. Bliss cortava notícias sobre a fome ou crianças traficadas ou utensílios domésticos que poderiam matá-la.

Uma vez, depois de ler um artigo sobre os perigos dos produtos de plástico, ela jogou fora todo o plástico da casa, incluindo escovas de dente, prateleiras da geladeira, todos os Tupperware, e o novíssimo secador profissional iônico de Susan.

Bliss ainda usava luvas quando utilizava a máquina de Caixa Automático, para evitar tocar com as mãos nuas no plástico.

Em circunstâncias normais, Susan era a maluca e excêntrica – na presença da sua mãe, Susan era a voz da razão.

“Não faça escândalo”, disse Bliss. “Até que você saiba toda a história.”

“Será que você vai jogar fora algo meu?”, perguntou Susan, sentindo o lábio começar a enrolar.

“Nós temos uma convidada”, disse Bliss. Ela se agachou e colocou a caneca nas mãos de Susan. Estava quente e de perto cheirava mesmo a estrume. “Beba isso.”

Susan segurou a caneca tão longe do rosto quanto possível. “O que é isso?”

“Chá da bondade. É calmante.”

Espere um minuto. Susan estreitou os olhos para a mãe dela. Ela podia ser esperta às vezes. “Uma convidada?”

Bliss estava usando o seu olhar sereno agora, o que ela usava quando estava cobrando cinquenta dólares por hora para ensinar a meditar. Sua testa estava lisa, ela tinha um sorriso aberto no rosto, e seus olhos estavam brilhantes e arregalados, como um coelho anestesiado. “Ela passou a noite no sofá,” Bliss disse em um tom calmante. “Ela está com medo, e eu disse a ela que podia ficar.”

Nada disso fazia sentido para Susan. “O que é? Um gato ou algo assim?”

“Nããão”, disse Bliss. Ela brincava com a faixa do quimono preto que usava como robe. “Não é um gato.”

A porta de tela tinha sido aberta, batendo com o vento. Tinha sido por isso que Susan a trancou horas antes. Ela estava bem acordada agora. “Você encontrou alguém dormindo na nossa sala de estar?”, disse, incrédula.

“Minha sala de estar,” Bliss disse suavemente. “Minha casa. Você é uma hóspede.”

Susan estava olhando ao redor do quarto para achar algo que pudesse usar como uma arma contra um intruso, mas tudo o que havia era porcaria inofensiva. Almofadas macias. Tapeçarias nas paredes. Um cartaz de algum guru indiano maluco.

“O que você está procurando?”, Bliss perguntou.

“Essa pessoa está lá embaixo agora?”, perguntou Susan. Onde estava o seu telefone? No andar de baixo no sofá, onde ela tinha deixado ontem. Quantas pessoas tinham sido assassinadas em suas casas porque não podiam chegar até o quarto onde tinham deixado seu telefone celular? O telefone fixo de Bliss ficava na cozinha.

“Você não está calma,” Bliss afirmou.

Susan olhou para suas mãos. A caneca. Ela bateu a caneca contra a parede. Ela explodiu em pedaços e o chá fedorento espirrou por toda parte. Ele escorria na parede, salpicou seus pés, e esquentou as coxas nuas de Susan.

Bliss balbuciou algo sobre sua cerâmica vintage.

“Fique aqui”, disse Susan.

Ela pegou um pedaço de bom tamanho da cerâmica quebrada e segurou em sua mão como uma faca, ou pelo menos como ela imaginou que as pessoas seguravam uma faca.

Ela tinha um objetivo: chegar ao telefone fixo.

Ela olhou para fora de seu quarto para o corredor. Não havia intrusos. Apenas o piso de madeira e as portas abertas do banheiro e do quarto de sua mãe. George McGovern sorriu para ela de um cartaz de campanha emoldurado do outro lado do corredor de seu quarto. VEM PRA CASA, AMÉRICA, 1972. Ela podia ver seu reflexo no vidro, sobreposta a enorme cabeça de George McGovern quando passou na ponta dos pés para as escadas. Susan podia sentir o cheiro de panquecas de mirtilo.

“Ela não é perigosa,” Bliss disse atrás dela.

Susan saltou e quase esfaqueou sua mãe no intestino. “Shh!”, Disse ela.

Bliss disse, “Ela diz que conhece você.”

Susan parou. Suas coxas picavam onde o chá tinha queimado. *Ela diz que me conhece*. Bliss tinha o hábito de enrolar a história. Susan baixou o caco da cerâmica. George McGovern olhou para ela com sabedoria. Susan gemeu. O telefone fixo. Ela tinha dado o número dele uma vez. Ela tinha escrito na parte de trás de seu cartão de visita. No caso de uma emergência. Se você pesquisar um número de telefone fixo, você pode obter o endereço da rua que ele está instalado muito facilmente. Qualquer adolescente sabe disto.

“Pearl?” Susan chamou.

Estava tudo silencioso.

Então, uma pequena voz lá de baixo respondeu: “Sim?”

“In-fodidamente-crível”, disse Susan.

“Ela me contou tudo”, disse Bliss. “No café da manhã.”

“Você fez panquecas de mirtilo para a nossa invasora de casa?” Elas eram as favoritas de Susan.

“Eu não queria acordá-la”, disse Bliss.

“Eu vou ligar para Archie”, disse Susan. Ela voltou para seu quarto e pegou um par de calças de moletom da pilha na frente do armário. “A polícia está procurando por ela. Ela fugiu de uma casa de recuperação. Ela é testemunha de um assassinato. Nós vamos entregá-la.”

Bliss se ajoelhou e começou a pegar os cacos da caneca. “Basta falar com ela”, disse.

Susan empurrou o cabelo atrás das orelhas e, muito propositadamente não ajudou Bliss juntar os cacos da caneca, saindo pelo corredor. Ela ligaria para Archie, e então ela daria a essa garota um pouco de juízo.

Bliss era fácil de enrolar. Susan sabia disso. Mas se Pearl pensava que poderia vender a Susan uma conversa furada, ia ter uma grande surpresa. Porque ela achava que podia *dizer-mentiras-de-adolescentes-para-sair-dos-problemas*? Susan já tinha usado muito esse conceito.

Mas antes que Susan chegasse lá embaixo, Pearl apareceu no final do corredor, com a boca manchada de *mirtilo*.

Susan congelou, atordoada com a visão dela.

Archie tinha dito a Susan que Pearl parecia diferente. Quando Susan a vira pela última vez, ela era uma fedelha punk pé no saco, irritante. Agora os piercings tinham ido embora. Ela estava mais alta. Mais bonita. Ela parecia uma hippie, cabelo comprido, saia cigana, como aquelas meninas que vendem colares em Hawthorne Boulevard, enquanto seus namorados tocam guitarra por uns trocados.

“Alguém está tentando me matar”, disse Pearl.



CAPÍTULO 44

Susan tomou um gole de café preto orgânico da Stumptown Holler Mountain Blend, organizou as ideias e olhou seriamente para Pearl. A mesa estava bagunçada com os restos do café da manhã que tinham comido sem ela. Bliss começou a limpar os pratos sujos.

“Então me diga o que aconteceu”, disse Susan.

Os lábios de Pearl fizeram uma pequena carranca e seus olhos dardejaram em direção a Bliss.

“Apenas diga a ela o que você me disse,” Bliss disse para Pearl.

Susan tomou outro gole de café. Ela não merecia isso. Pearl tinha sorte que ela ainda não tinha chamado à polícia. Na verdade, ela tinha sorte de Susan não a ter esfaqueado com a alça da caneca.

“Ele disse que era um policial”, disse Pearl.

Susan largou a xícara de café.

Pearl correu o dedo ao longo da borda do copo na mão dela. O copo continha o resto do suco de laranja. Alguns goles permaneciam no fundo do copo. Uma mosca estava se afogando nele. “Ele tinha um crachá”, disse Pearl. “Eu estava fumando do lado de fora, e ele disse que estava lá para me levar para falar com Sheridan.” Suas sobrancelhas se contraíram juntas. “Ele não parecia um policial. Ele estava vestindo jeans e uma camiseta escura. E ele não tinha uma arma ou qualquer coisa.” Ela parou de mover o dedo ao longo da borda do copo, mas manteve-o lá, tocando-a. A mosca tinha parado de voar. “E ele não tinha um rosto de policial.” Ela olhou para Susan para reafirmação. “Você sabe, aquela cara de policiais quando estão pressionando você. Até Archie tem. Eu tive um pai adotivo que era policial, então eu sei.” Ela ficou quieta. Então, o dedo começou novamente, em torno do copo.

“Ele não tinha o rosto de policial,” Pearl disse novamente. “Então, eu disse que tinha que ir perguntar para a senhorita Bea. Ele disse: 'Entra na porra do carro, Margaux.’” Ela olhou para Susan, como se ela esperasse uma reação.

Susan não sabia o que dizer.

Pearl piscou. “Ele me chamou de Margaux”, disse, enfatizando o nome. “Ninguém me chama assim.”

“Oh,” disse Susan.

“Então ele me agarrou pelo braço.” Ela colocou a mão esquerda sobre seu braço

direito para ilustrar, e disse: “Eu chutei as bolas dele”.

“É isso aí, menina,” Bliss disse, com um punho no ar da pia.

“Mãe”, disse Susan. “Deixe-a falar.”

“Eu acho que eu acertei ele direitinho”, Pearl disse, “porque ele me soltou, eu me afastei e corri para dentro. Fui direto lá pra cima, peguei algumas coisas do meu quarto, e saí pela porta lateral.”

“Por que você deixou o seu telefone?”, Susan perguntou.

“Eles podem encontrá-la com aquelas coisas”, disse Pearl. “Eu não queria que ele me achasse”.

Susan não sabia se acreditava em Pearl ou não, mas conhecia o suficiente para saber que, se ela estava dizendo a verdade, isso era sério. “Você tem que ir à polícia, Pearl”, disse Susan. “Você viu esse cara. E se ele é o assassino? Eles podem pegá-lo.”

Pearl parecia em pânico. “Você não entende”, disse ela. “Margaux é o meu nome legal. Mas eu nunca o uso. Eu estou cadastrada no centro como Margaux Clinton. Meu registro juvenil está sob o nome Margaux Clinton. Nos relatórios da polícia deve constar esse nome. Imagine se ele é realmente um policial e sabe o meu nome porque tem acesso a esses registros?”

“Você disse que ele não tinha jeito de policial”, Susan lembrou. Pearl se inclinou para frente, os olhos arregalados, de repente parecendo uma adolescente assustada. “Talvez ele seja um mau policial.”

“Duas pessoas foram assassinadas”, disse Susan, e isso sem contar com a viúva Beaton e sabe-se lá que diabos aconteceu com ela. Então ela percebeu que Pearl podia até não saber sobre Gabby Meester. Susan tentou sentar-se em linha reta, para canalizar sua adulta interior. “Uma mulher foi assassinada após Jake Kelly. Queimada como uma batata frita. Eles acham que é trabalho de um serial killer. Você pode ser capaz de ajudar a encontrar o assassino antes que ele ataque novamente.” *Antes que ele ataque novamente?* Ela realmente disse isso?

“Eu não vi nada, naquela manhã,” Pearl choramingou. “Eu mal conhecia Jake Kelly.”

“Você pode ter visto algo e não sabe”, disse Susan. Parecia algo que Archie poderia dizer. “Você certamente tem um testemunho de sua própria tentativa de sequestro. A menos que,” Susan acrescentou, “você esteja mentindo.”

Pearl parecia autenticamente ofendida. “Eu dormi na rua, na noite de anteontem”, disse ela. “Sob uma ponte.”

Bliss engasgou e deu a volta por trás Pearl e colocou as mãos nos ombros dela. “Coitadinha”, Bliss disse afetadamente.

Isso, de uma mulher que viveu em uma praia durante três meses nos anos sessenta.

“Oh, por favor,” Susan disse, gemendo. “Estava trinta e três graus na noite passada. É como acampar.”

Bliss deu a Susan um olhar mordaz.

“Você acabou de dizer,” Pearl disse a Susan. “Esse cara matou duas pessoas. E agora ele está atrás de mim. Agora não importa se eu vi alguma coisa ou não, não é? Eu já o vi. Agora ele tem que me matar.” Ela olhou para Bliss, seus olhos arregalados com ar desamparado. “Por favor, deixe-me ficar aqui.”

“Mãe”, Susan disse severamente.

Bliss deu um tapinha no ombro de Pearl. Suas mãos molhadas tinham deixado espuma na camiseta de Pearl, mas nenhuma delas parecia notar. “Você vai lá em cima e toma um longo banho,” Bliss disse para Pearl, “e depois vamos escolher algumas das roupas de Susan. Vamos resolver as coisas aqui”.

Pearl acenou com a cabeça e, com um último olhar triste para Susan, levantou-se, pegou um último pedaço de pão, e, em seguida, foi lá para cima.

“Ela não é uma órfã da guerra Bósnia”, Susan disse, cruzando os braços. “Ela é uma adolescente trambiqueira. Ela aplicou um choque em Archie para o namorado dela poder pendurá-lo em ganchos de carne”.

“Ex-namorado,” Pearl disse do meio da escada. “E eu disse que estava arrependida.”

“Você também fez algumas coisas tolas quando tinha essa idade”, disse Bliss.

“Eu nunca sequestrei um policial!” Susan disse, exasperada.

Bliss sentou-se na cadeira que Pearl tinha estado. “Ela está segura aqui”.

“Eu tenho certeza que isso é ilegal”, disse Susan, curvando-se para frente. “Abrigar um fugitivo. Obstrução de investigação.” Ela procurou em seu cérebro outras explicações assustadoras, mas não conseguiu chegar a nenhuma.

“Ela não é uma fugitiva”, disse Bliss. “Ela é procurada como uma testemunha, e não como suspeita. Ela é uma menor emancipada. Foi assim que ela saiu do sistema de assistência social. Ela optou por ficar no centro, como uma transição para a vida independente, e ela pode optar por sair. Ela diz que não viu nada na manhã do assassinado, e eu acredito nela.”

“Ela viu alguma coisa, dois dias depois”, Susan apontou, “quando um homem tentou matá-la. Supondo que a sua história seja mesmo verdade.”

Bliss acenou com a cabeça sabiamente. Susan sabia o que ela estava tentando fazer. Bliss estava tentando ser a adulta responsável. Ela até limpou a boca com o guardanapo de pano, o que ela nunca fazia. “E ela está a salvo deste homem aqui”, disse Bliss. Ela endireitou-se e apertou a faixa do quimono. “Fim da discussão.”

“O que?” Susan disse, mal conseguindo conter a súbita vontade de quebrar outro copo. “Não. Se ela está dizendo a verdade, o cara que foi atrás dela é provavelmente o cara que matou essas pessoas. Os artigos que eu imprimi na outra noite, sobre

todos os assassinatos de crianças, Archie acha que é o mesmo cara” Ela disse mais uma vez, mas claro que Bliss não entendeu: “Archie acha que o cara matou as duas pessoas e todas as crianças. Esse cara é um serial killer e se Pearl esta dizendo a verdade sobre este homem que a atacou, significa que ela pode identificá-lo. Ela precisa testemunhar para fazer um retrato falado. Se a polícia tiver a foto dele, eles podem descobrir quem ele é.”

“E se essa aberração for um policial?”, disse Bliss.

Então, elas tinham um grande problema, um enorme problema. Trocariam Pearl por suas vidas e iriam para a Noruega. “Eu vou resolver isso”, disse Susan.

Bliss olhou para a xícara de café. Ela não a usava para tomar café. Ela só usava para o chá. Tinha uma imagem de um alce nele. “Ela fica aqui”, disse Bliss.

Susan tinha comprado a xícara de alce para a mãe no Dia das Mães a cerca de cem anos atrás. Era uma xícara estúpida, mas Bliss a usava quase todas as manhãs.

“Por enquanto”, disse Susan.

Bliss fechou os olhos, suspirou e balançou a cabeça. Em seguida, ela se levantou e começou a recolher o açúcar mascavo, o mel orgânico e a geleia caseira de framboesa da mesa de café da manhã.

“Eu sei por que você está fazendo isso”, disse Susan.

“Ela me faz lembrar alguém”, disse Bliss.

Susan disse: “Eu nunca fui tão irritante”.

A cozinha ainda cheirava panquecas de mirtilo. Susan pegou uma migalha da mesa e comeu. “Mamãe”, ela chamou. “Você pode me fazer uma panqueca, por favor?”

Bliss estava secando pratos. “Você sabe onde é o fogão”, disse.

Susan levantou-se para usar o telefone. Havia um copo com um pouco de suco de laranja deixado em cima da mesa e ela o levou para o sofá. No momento em que ela percebeu que tinha uma mosca morta em sua garganta, sua única opção foi engolir.



CAPÍTULO 45

Archie olhava todas as fotografias e documentos de Beaton que Huffington tinham embalado e enviado para o seu apartamento. Ele e Henry desempacotaram as caixas sem falar e espalharam o conteúdo pelo chão da sala de Archie.

Os arquivos das crianças mortas estavam no quarto.

Os documentos da mulher morta encheram a sala.

Mais ou menos isso.

“Gretchen poderia estar mentindo”, disse Henry. “Sobre essa coisa toda. Ela poderia estar mentindo sobre tudo isso.”

“Precisamos organizar as fotos por assunto”, disse Archie. “Se você acha que é do garoto, põe aqui.” Ele fez uma pausa. “Eu quero encontrar a foto de uma garota adolescente.”

Houve uma batida na porta, e em seguida a maçaneta imediatamente começou a sacudir. Archie se aproximou, e abriu a porta.

Susan entrou

“Eu preciso de sua ajuda”, disse. Ela passou por ele direto para a cozinha e abriu a geladeira. “Claire disse que você estava aqui”, disse, tirando uma maçã da gaveta de frutas. “Eu não estou mais brava com você.”

“Sirva-se”, disse Archie.

Susan levou a maçã para a sala de estar. “Oh, oi, Henry”.

“Oi”, Henry respondeu.

Susan pegou uma pilha de fotografias que Henry tinha acabado de organizar e empurrou-as para que pudesse sentar no sofá. Henry olhou, estupefato com o que ela tinha feito. Susan pareceu não notar.

“Eu sei onde Pearl está”, disse Susan.

Ela fez uma pausa, como se esperasse uma música de órgão para dar o clímax. Archie não tinha tempo para isso. Ele tinha outras pistas a seguir. Ele permaneceu perto da porta, esperando Susan se mancar. “Pearl não viu nada”, ele disse.

“E se ela viu?” disse Susan.

“Nós estamos trabalhando aqui”, Henry falou do chão. Ele pegou a pilha de fotografias que Susan tinha bagunçado e começou a reclassificar.

Susan deu uma mordida na maçã, mastigou e engoliu. Então, limpou um pouco de suco da boca com as costas da mão. “Ela diz que fugiu porque um policial tentou

pega-la”.

Archie não pode deixar de se interessar e Susan sabia. “Um policial?”.

“Bem”, Susan disse, acenando com a maçã no ar, “um cara fingindo ser um policial.”

Era uma boa história. Mas Archie não acreditou nisso.

“As adolescentes dizem um monte de coisas para sair de um problema”, disse Archie.

Susan arqueou as sobrancelhas para ele. “Você está disposto a dar a um serial killer psicopata o benefício da dúvida e não quer acreditar em uma garota de dezessete anos de idade? E se esse cara tentou sequestra-la, porque ele acha que ela viu algo que poderia ligá-lo ao crime?”

Sequestra-la? De onde é que Susan tirou isso? “Ela pode identificá-lo?”, perguntou Archie.

“Sim”, disse Susan.

Valeu a pena. Pearl era um problema, mas ela também tinha apenas dezessete anos. Ela tinha idade para sair do sistema, em poucos meses, e então ela estaria perdida para eles. Entretanto, o sistema devia a ela todos os esforços.

“Onde ela está?”, Archie perguntou.

“Eu não vou dizer.” Ela deu uma mordida na maçã.

Susan poderia ser um verdadeiro pé no saco, às vezes.

“Ela está na casa da sua mãe?”, perguntou Archie.

Susan olhou para a direita. “Não.”

Pearl estava na casa da mãe de Susan.

“Ela é menor de idade”, disse Archie. “Eu preciso chamar o serviço social. Você sabe disso.”

“Ela é uma menor emancipada”, disse Susan.

Henry soltou uma gargalhada.

“Você sabe mesmo o que isso significa?” Archie perguntou para Susan.

“Ela foi declarada uma adulta”, disse Susan.

“Ela está emancipada de seus guardiões”, disse Archie. “Ela pode assinar contratos comerciais e trabalhar em período integral. Ela ainda é menor de idade, perante a lei.”

Susan mordeu o lábio. “Merda”.

“Você quer chamar o serviço social, ou eu chamo?” perguntou Archie.

Susan apontou para ele. “Você me deve”.

Archie estava com um problema. “Porque você acha que te devo?”

“Você levou o meu pen drive”, disse ela.

“Você levou o *meu* pen drive”, disse Archie. “Eu pedi que você o devolvesse.” Não valia a pena discutir sobre isso. “Se ela foi atacada, precisamos investigar

isso.”

“Envie Claire para falar com ela”, disse Susan. “Envie um desenhista. Mas me dê 24 horas para chamar o serviço social. Nesse meio tempo, ela fica comigo.”

Henry riu um pouco mais do chão. “*Envie Claire*”, disse ele. “Eu vou dizer a ela que você disse isso. Ela adora quando as pessoas fazem isso. Ela gosta de ser enviada a lugares.”

Susan tirou o cabelo do rosto. “Você sabe o que quero dizer”, disse para Henry. “Pearl não vai odiá-la.”

Archie sentiu a necessidade de apontar o óbvio. “E se ela estiver realmente em perigo?”

“Ele não sabe onde ela está”, disse Susan. “Ela está segura.”

Archie olhou para os arquivos no chão. Não era como se ele já não tivesse o suficiente com o que lidar. “Tudo bem”, disse. “Por enquanto”.

Susan olhou para todas as caixas, como se ela tivesse acabado de notá-las. “Você está se mudando?”

“São as evidências da casa dos Beaton”, disse Archie.

Ele tinha recebido quinze e-mails de Susan desde ontem à noite fazendo perguntas sobre o assassinato de Dusty Beaton. Ele dava informações quando podia, e encaminhava os e-mails para as pessoas certas quando não podia. Às vezes, a única maneira de fazer Susan parar era desvia-la.

“Eu vou dizer uma coisa sobre Gretchen, ela sabe como criar uma narrativa”, disse Susan. “Eu não poderia ter pedido um melhor final para o meu artigo do *Times*. Viúva abatida depois de 18 anos de Beleza Mortal matar o marido.” Susan empalideceu e olhou ansiosamente para Archie. “Ei, você não acha que ela matou a mulher para o meu artigo, não é?”

“Não”, disse Archie.

Susan pareceu satisfeita. “Eu tenho que voltar”, disse. Ela passou por cima da pilha das fotos de família Beaton que Henry tinha acabado de classificar, quase as espalhando com seus chinelos. Henry colocou a mão a tempo de protegê-las. Susan olhou para as fotos e fez uma careta. “Me pergunto se lá é assim”, disse.

“Onde?”, Archie perguntou.

“No céu”, Susan disse como se fosse autoexplicativo. “Olhe para isto. Que bando de loucos por Jesus.”

Archie ainda não entendeu.

Susan se abaixou e espalhou algumas das fotos empilhadas ordenadamente por Henry no chão. Foram todas tiradas na casa dos Beaton.

“Olhe”, disse ela. Apontou para as paredes no fundo. Archie notou, pela primeira vez, todos os crucifixos. Ela entregou-lhe o resto da maçã. “Cruzes”, disse ela. “Em cada fotografia.”



CAPÍTULO 46

Pearl estava usando a camiseta favorita da banda *Decemberists* de Susan e uma bermuda vermelha que Susan não conseguia vestir desde o colegial. Susan estava com pressa, mas não conseguia tirar os olhos dela. Pearl tinha mais curvas do que tinha há um ano. Ela preenchia a camiseta nos lugares certos. Susan odiava admitir, mas Pearl tinha se cuidado bem. Enquanto Susan estava com Archie, Bliss tinha aparado e tingido os cabelos de Pearl no lavatório. Quando Bliss fazia o cabelo de Susan, elas usavam cores como Atomic Turquesa e Red Vampiro. A tintura de Pearl parecia mais para “rainha do baile.” Bliss tinha transformado a juba hippie de Pearl em uma mistura brilhante de loiro escuro e amanteigado com nuances dourados. Ele balançava e brilhava. Susan não sabia que Bliss tinha esse tipo de cabelo. Se a mãe de Susan tivesse feito isso nela na época da escola, toda a vida de Susan poderia ter sido diferente.

Pearl estava descansando como um gato, estendida ao longo das costas do sofá. Ela estava de costas, sem perder um movimento em seu videogame portátil.

Uma vez que o sofá estava ocupado, Susan foi relegada a uma cadeira próxima, construída a partir de troncos e pele de carneiro. Tinha sido um presente de um ex-namorado de Bliss que tinha feito um bom lucro fazendo ursos de troncos para turistas em Newport. A cadeira era mais confortável do que parecia, mas ainda não era o ideal.

O jogo de vídeo soava como um alarme de carro que estava a meio quarteirão de distância. Não era exatamente alto, era irritante e persistente.

Susan olhou para Bliss, que estava na cozinha amassando massa de pizza de semente de linhaça para o almoço. Susan não tinha visto Bliss cozinhar desde que ela se ofereceu para prestar serviços na cozinha da produção de *Os Monólogos da Vagina* no teatro da comunidade. Bliss não parecia muito preocupada com o videogame de Pearl. Aparentemente, a mãe de Susan não tinha avisado Pearl sobre sua política de “zona livre de campo magnético”. Ou alertou sobre a correlação entre dispositivos portáteis eletrônicos e câncer de colo.

“Eu estou em cima do prazo”, disse Susan a Pearl. “Você pode fazer isso lá cima ou algo assim?”

Os olhos de Pearl ficaram grudados na tela enquanto seus polegares dançavam furiosamente. “Está muito quente lá em cima.”

Isso era verdade.

Susan voltou a escrever.

Pearl continuou jogando.

Logo o cheiro de pizza encheu a sala. Não era pizza de verdade. Era alguma versão vegan com linhaça. Mas cheirava a pizza.

Depois de um tempo, Pearl pousou o videogame, rolou para o assento do sofá, e lançou os braços e as pernas sobre os braços do sofá. Os adolescentes não têm ossos, Susan concluiu.

Susan esperou. Seu cursor piscava.

Pearl cruzou os braços sobre as pernas e apoiou o queixo sobre o espaço dentro de seus cotovelos. Seu cabelo parecia perfeito. “Então, como é o Archie, como pessoa”, ela perguntou.

Sério? “Você já o conheceu”, disse Susan. “Pouco antes de você eletrocutar ele.”

Pearl deu de ombros. “Ele parecia legal”, disse ela. Ela deu a Susan um sorriso cúmplice. “Você gosta dele?”

“Eu tenho namorado”, Susan disse rapidamente. “Uma pessoa. Uma pessoa interessante. Por quem estou interessada.”

“Onde ele está?”

Quem diabos sabia? Ele não tinha ligado. Ele estava vendendo uma sacola de ginástica cheia de cocaína, em algum lugar, é onde ele devia estar. Traficantes trabalhavam em horas estranhas, como cirurgiões. Eles não têm tempo para ligar para as pessoas. “Ele sabe que eu estou no fim do prazo do meu artigo”, disse Susan.

“Ele é quente?”, perguntou Pearl.

Susan esticou o pescoço. Onde estava sua mãe?

“Eu não tenho namorado”, disse Pearl.

Susan estava achando a Pearl Patricinha muito mais irritante do que a Pearl Punk. “Eu acho que vou trabalhar no andar de cima”, disse.

“Posso ir com você?”, perguntou Pearl, piscando, esperançosa.

“Você não tem um carro para roubar ou algo assim?”, perguntou Susan.

Houve uma batida na porta e Susan saltou para cima para atender. “É Claire”, disse quando viu Claire Masland. “Venha, Claire.”

“Olá, oi”, disse Claire. “Sou eu. Aqui estou. Hurra.” Ela estava com um cara com um cavanhaque e um laptop.

Susan deixou-os entrar quando Bliss veio saltitando da cozinha.

“Este é LB, nosso artista dos retratos,” Claire disse, apontando o polegar na direção do cara com o notebook. Ela parecia irritada, como se tivesse coisa melhor para fazer. Susan sabia qual era o sentimento.

Bliss abraçou Claire, Susan deu um encolher de ombros de desculpas por cima do ombro de sua mãe.

“Pearl está ali”, Susan disse, apontando para onde Pearl tinha se enrolado em uma bola mal-humorada no sofá.

“Tudo bem”, disse Claire. “Nós vamos precisar tomar seu depoimento.” Ela esperou uma deixa. Ninguém se mexeu. “Existe algum lugar onde possamos conversar com ela em particular?”

Susan olhou para Pearl emburrada no sofá e depois, sabendo muito bem que estava uma centena de graus lá em cima, sorriu. “Você pode usar o meu quarto”, disse.



CAPÍTULO 47

A Igreja do Cristo Vivo era um edifício de tijolos de um andar com um letreiro que dizia: café, todos os domingos. Archie deixou o carro na área de estacionamento da igreja. A grama ao redor da igreja era verde escuro, até os limites da propriedade, onde a irrigação parava e a grama ficava da cor do feno. O caminho cimentado saindo do estacionamento era cercado com flores brancas. Boca de leão. Havia uma grande porta dupla no final do caminho. Três metros para o lado sobre outra porta via-se uma placa informando escritório. Archie caminhou até aquela porta e bateu.

Depois de um minuto, uma mulher da idade de Archie abriu a porta.

Ela sorriu. Seu cabelo escuro já manchado de cinza estava preso num coque apertado que parecia exigir uma série de músculos e spray de cabelo. Ela tinha um rosto comprido, com um monte de testa e queixo, e três marcas marrons em uma bochecha. Seus olhos eram alegres, seu sorriso beatífico, e as suas rugas de riso eram profundas. Ela era alguém que sorria muito.

Ela disse: “Estou feliz por você estar aqui.”

Isso deixou Archie desarmado. Ele assumiu que ela achava que ele era outra pessoa. Ele disse: “Desculpe-me?”

Seus lábios eram rosa fosco. Ela disse: “Jesus está em seu coração.”

Archie se atrapalhou com seu distintivo. “Eu não estou aqui por causa de Jesus”, disse. Mostrando-lhe o distintivo. “Estou aqui por causa de Dusty Beaton”.

O sorriso permaneceu preso no lugar, mas a sua postura mudou. Seus olhos corriam para o lado, para dentro do escritório. Em seguida, ela franziu a testa, infeliz. “Nós ficamos muito tristes ao saber de sua morte”, disse ela. Ela encolheu os ombros, impotente. “Mas ela não era um membro da igreja há muitos anos.”

Archie tinha a sensação de que ela não iria deixá-lo entrar “Você a conhecia?”, perguntou Archie.

Ela ajustou o ombro da blusa de seda. “Não, não muito bem. Não para poder falar algo. Lembro-me dela. Mas eu não posso te dizer nada pessoal sobre ela.”

Alguém estava cuidando das coisas na casa dos Beaton. Alguém estava cuidando do exterior da casa, cortando a grama. Alguém plantou bocas de leão brancas no quintal da frente de Dusty Beaton. Archie olhou para trás ao longo do caminho cheio de boca de leão por onde ele tinha acabado de passar.

“Você tem umas flores agradáveis”, disse Archie. “Quem plantou?”

“Os voluntários”, disse ela. “Os membros da Igreja.”

A porta abriu-se mais e um homem idoso apareceu ao lado da mulher. Ele estava usando um colarinho clerical. A mulher imediatamente baixou a cabeça submissamente.

Ele bateu no braço da mulher e disse: “Está tudo bem, Nancy.”

Ela voltou para o escritório, e o reverendo saiu para a luz. Ele tinha cabelos brancos e as sobrancelhas grossas combinando. Seu rosto estava coberto com rugas, e ele tinha as orelhas do tamanho de montanhas-russas. Ele estendeu a mão para Archie.

“Eu sou o reverendo Lewis”, disse ele. “Vamos encontrar um lugar para conversar. Sou todo ouvidos”.

O lugar para falar acabou por ser um banco no parque atrás da igreja. O banco ficava defronte uma lixeira, e mais além um pasto, e além do pasto um parque de trailers. O sol da tarde estava quente, mas o banco estava sob uma árvore, na sombra. Havia um cheiro vago de vinagre na lixeira, e Archie podia ouvir os corvos brigando na árvore.

Quanto tempo você é reverendo aqui?”, perguntou Archie.

“O suficiente para ser quem você está procurando”, disse o reverendo.

“Você conhecia o Sr. Beaton?”, perguntou Archie.

“Eu conhecia toda a família”, disse o reverendo.

Um corvo desceu e pegou algo que estava ao lado da lixeira e voou com ele.

“É um homem religioso?”, perguntou o reverendo.

Archie hesitou. “Será que a minha resposta vai afetar o que você está disposto a me dizer?”.

O reverendo sorriu. “Vou responder às suas perguntas o mais honestamente que eu puder, independentemente de sua salvação eterna.”

“Eu acho que a minha salvação eterna é uma causa perdida”, Archie disse, com um sorriso triste.

“Nós somos todos pecadores”, disse o reverendo. “É por isso que devemos pedir perdão”

“Eu trabalhei em muitos homicídios para conseguir um bom estoque de perdão”, disse Archie.

O reverendo concordou pensativamente. “Os seres humanos são capazes de um grande mal.”

“Essa é a sua palavra, não a minha”, disse Archie.

“Você não acredita em maldade, então?”

“Isso pressupõe uma falta de biologia ou experiência”, disse Archie. “As pessoas não matam, porque são más. Elas costumam matar, porque elas querem

dinheiro ou sexo.”

“Ah, um moralista.” Ele inclinou a cabeça para Archie. “E sobre Gretchen Lowell?”

Archie olhou para o pasto. “Você sabe quem eu sou?”

“Lemos jornais. Mesmo em St. Helens.”

Na pastagem apareciam pontos com ervas daninhas altas e verdes que eram sempre as últimas a morrer no verão. Archie olhou para o reverendo. “Eu ainda não a desvendei”, disse.

O Reverendo Lewis passou a mão por trás do pescoço e afrouxou o colarinho clerical. “Tem sido uns meses quentes ultimamente”, disse ele.

“Sim, tem”, disse Archie.

Ambos olharam para a vista. Mais dois corvos pousaram perto da lixeira.

“Eu tenho uma teoria de que James Beaton foi assassinado”, disse Archie.

O reverendo assentiu solenemente. “Você acha que o assassinato da Sra. Beaton está ligado ao assassinato de seu marido?”

“Bem, é um inferno de uma coincidência”, disse Archie. “Desculpe a minha língua.”

“Oh, nós usamos a palavra inferno aqui um pouco também”, disse o reverendo com um sorriso suave.

“Certo”, disse Archie. “Então, o que você pode me dizer sobre os Beatons?”

“James cresceu em St. Helens, frequentava a igreja”, disse o reverendo. “Ele foi para a faculdade. Ele conheceu Dusty lá e a trouxe para casa quando se formou. Dusty entrou para a igreja, e eu oficializei o casamento. James assumiu o negócio de contabilidade do pai, não muito tempo depois disso. Ele e Dusty tiveram dois filhos. Colin e Melissa eram adolescentes quando James desapareceu.”

“Como é que todos eles reagiram”, perguntou Archie.

“Dusty estava com raiva, principalmente”, disse o reverendo. “Ela realmente o amava.”

“Ele a traiu”, disse Archie.

“Ela o perdoou.”

Havia uma brisa morna. Ela sacudia as folhas. Archie sentiu uma gota de suor descendo do lado do seu pescoço para dentro da camisa.

“As crianças foram em direções opostas após o desaparecimento de seu pai”, o reverendo continuou. “Colin ficou muito focado na igreja, muito devoto. Melissa desviou-se. Ambos deixaram a cidade após o ensino médio. Um monte de jovens o faz. Eu não ouvi nada sobre Melissa por vários anos, até o dia que ela me ligou e disse que tinha sido diagnosticada com câncer. Ela pediu-nos para orar por ela.” Ele puxou uma de suas orelhas enormes. “Ela tinha cerca de vinte e cinco anos. Eu sei que ela era casada. Recebemos uma carta do marido, dizendo que ela tinha

morrido.”

“Você tem uma cópia da carta?”

“Não, eu sinto muito. O endereço era de algum lugar no norte da Califórnia.”

“E quanto a Colin?”, perguntou Archie.

“Sumiu”, disse o reverendo. “Eu sei que a Sra. Beaton recebia dinheiro dele de forma irregular, e um cartão ocasional. Ela dizia que ele mudava muito de cidade. Eu nem tenho certeza do que ele fazia para viver.”

“Você viu alguma fotografia dele, quando adulto?”, perguntou Archie.

Reverendo Lewis sacudiu a cabeça. “Não, eu não vi.”

“A Sra. Beaton deixou a igreja.”

“Isso mesmo”, disse o reverendo. “Ela teve uma crise de fé depois que Melissa morreu. Acreditamos em uma interpretação literal das Escrituras. Confiamos na cura pela fé através da oração e da imposição das mãos.”

“Vocês não precisam ir ao médico?”

“Nós não”, disse o reverendo.

“Mesmo?”

“Isso seria expressar uma dúvida em Deus.”

“Mas você cuidou da Sra. Beaton, mesmo depois que ela saiu da igreja.”

“Só porque ela não fazia mais parte da congregação não significava que ela não era uma filha de Deus.”

Archie tirou a fotografia do envelope e mostrou para o reverendo.

“Quando eu fui à casa dos Beaton alguns dias atrás, havia uma fotografia na parede”, disse Archie. “Era exatamente assim, mas havia uma menina no lugar de Colin. Isso soa familiar?”

“Uma garota?”

“Será que Melissa tinha uma amiga ou prima?”

“Isso foi há quase 20 anos atrás. Você verificou com a escola? Pode haver alguns de seus antigos professores ainda na equipe. Eles podem se lembrar de alguém.”

Archie continuou pressionando. “Havia meninas da idade de Melissa na congregação na época?”

“Somos uma congregação pequena.”

“Há fotografias que eu poderia olhar?”, perguntou Archie. “Piqueniques ou festas da Igreja?”

“Eu posso pedir para Nancy olhar nos arquivos e ver o que podemos reunir. Não posso prometer nada. Estávamos em outro prédio até cerca de cinco anos atrás. Perdemos um monte de nossos registros no fogo”.

Archie manteve a voz firme. “O que causou o incêndio?”

O velho riu. “Eu acho que a companhia de seguros chamou de um “ato de Deus”. Você provavelmente passou pela antiga fundação. Fica a direita na colina.

Na Lowell Street.”



CAPÍTULO 48

“Sabe quantas ruas Lowell existem? Há provavelmente uma em cada cidade.” Huffington estava sentada em sua mesa comendo atum de um pote plástico. Já passava das cinco, mas parecia que Huffington não estava pensando em ir para casa tão cedo.

“Eu sei”, disse Archie.

“E se Gretchen era de St. Helens, você não acha que alguém já a teria reconhecido?” perguntou Huffington. “Seu rosto foi estampado em todos os noticiários durante três anos.”

O cabelo castanho claro de Huffington estava puxado para trás. Havia desenhos infantis novos em seu escritório, Archie notou. Outro passeio devia ter acontecido.

“Eu acho que ela mudou a aparência”, disse Archie.

“As pessoas não mudam tanto assim”, disse Huffington. Ela pegou outro pedaço de atum e colocou na boca. “Você acha que ela era próxima o suficiente dos Beatons para ser incluída em uma foto de família - mas em apenas uma - que desde então desapareceu. Você acha que ela matou papai Beaton. Talvez com a ajuda do filho, Colin. E os dois começaram uma série de assassinatos. Com ele, às vezes usando a assinatura dela. E agora ele matou a mamãe”.

Parecia ainda mais louco quando ela dizia em voz alta. “Eu só preciso que você me ajude a provar isso”, disse Archie.

“Então Gretchen Lowell não está sendo muito clara.”

“Não realmente”, disse Archie.

“Ela conduziu você até aqui,” Huffington apontou.

“Ela quer que Ryan Motley seja pego.”

“E Ryan Motley é Colin”, disse Huffington.

“Essa é a minha teoria”, disse Archie.

Huffington se inclinou sobre alguns papéis na mesa. “Alguém descobriu que Colin recebeu uma multa de trânsito em Boise, há oito anos”, disse, examinando um relatório. “Ele tinha uma carteira de motorista de Nebraska naquele momento, mas já está vencida, e depois disso ele não está mais registrado no sistema.”

Archie copiou a data da multa e o endereço na carteira de motorista. Uma das crianças assassinadas com a assinatura de Gretchen havia sido morta em Boise naquela época.

“E quanto a Melissa”, ele perguntou. “O reverendo disse que ela era casada. Podemos rastrear o seu marido? Talvez ele saiba onde Colin está.”

“Eu vou ver o que posso fazer”, disse Huffington. “E eu vou mandar alguém até a escola. Nesse meio tempo, nós encontramos algo interessante sobre o caso Dusty Beaton”.

“O que você encontrou?”

“Lágrimas”, disse Huffington. “No travesseiro. E elas não são da Sra. Beaton”.

Para testes de DNA são necessárias células. E lágrimas não têm células. “Eu pensei que não se podia obter o DNA com lágrimas”, disse Archie.

“Não é possível realmente. Mas, aparentemente, se você tem herpes ocular eles podem ver o vírus em suas lágrimas. A Sra. Beaton não tinha herpes ocular. Mas o assassino tem.”

Colin tinha chorado quando matou sua mãe. “Bom trabalho, Huffington”, disse Archie.

Ela apontou o pote de atum em cima da mesa. “Atum?”, perguntou.



CAPÍTULO 49

Henry estava na cama no momento em que Claire chegou. Ela havia trabalhado até tarde. Archie tinha toda a equipe seguindo pistas tentando ligar Colin Beaton com Ryan Motley e provar que ele era o responsável pelos assassinatos. Henry tinha deixado Claire no escritório há uma hora, sentada na frente de um computador, apenas um olhar superficial de adeus. Agora, ele ouviu quando ela chegou na sua casa. Um dos gatos saiu da cama para ir cumprimentá-la. Ela não entrou no quarto de imediato. Ela fez um chá. Ele ouviu o som familiar de seu jeito desastrado em torno de sua cozinha, a chaleira enchendo de água, a caneca na bancada, a procura pelas caixas de chá no armário. Ele lia o relatório do desaparecimento de James Beaton, enquanto ela esperava a água do chá ferver. Depois de alguns minutos, ele ouviu o apito, e poucos minutos depois Claire entrou no quarto, seguida pelo gato.

Ela colocou o chá sobre a mesa de cabeceira, sentou-se e começou a tirar os sapatos.

Henry tirou os óculos de leitura e esperou.

Depois de tirar os sapatos ela inclinou-se e beijou-o levemente nos lábios. Ela cheirava a comida tailandesa.

“Eu quase não o vejo desde ontem”, disse ela. Ela dobrou as pernas sob ela na cama. “Eu senti sua falta na noite passada.”

Eles passavam quase todas as noites juntos. Isso já acontecia de forma orgânica, depois dele ter saído do hospital. A quase morte tinha um jeito de colocar uma faísca num relacionamento. “Eu cheguei em casa depois da uma”, disse Henry.

Ela estendeu a mão para o seu chá e soprou sobre ele. “Então você perdeu a fisioterapia?”. O gato enrolou-se ao lado dela e começou a ronronar.

“Eu vou remarcar amanhã”, disse Henry.

Ele gostou que ela não perguntasse onde ele tinha ido. Ela tinha todo o direito de saber. Mesmo Henry sabendo que ela não iria gostar. “Eu fui até Salem com Archie”, disse ele. Salem só podia significar uma coisa nesse contexto. Henry não precisava detalhar.

Ele podia perceber pela sua linguagem corporal que ela já tinha imaginado isso. Não houve choque de surpresa. Ela tomou um gole de chá e levantou uma sobancelha. “Eu pensei que ele concordara em não vê-la nunca mais”, disse ela.

“Eu não podia deixá-lo ir sozinho”, disse Henry. “Ele acha que ela está ligada a

essa coisa dos Beaton de alguma forma.” O que ele deveria dizer? *Que Archie acreditava que podia ver a sombra de Gretchen na grama?*

O rosto de Claire estava sobre o chá, segurava a caneca entre as duas mãos. “Qual é o negócio dele com ela?” perguntou.

Era uma pergunta retórica. Havia coisas que Henry tinha descoberto sobre Archie e Gretchen e que ele nunca iria dizer a Claire, e ela sabia disso. Talvez um dia - quando eles fossem velhos e estivessem morrendo lado a lado em cadeiras reclináveis futuristas - mas não agora, não hoje. “Nós não sabemos pelo que ele passou”, disse Henry.

“Sim, nós sabemos”, disse Claire. “Ela quase o matou. Você sabe a resposta emocional apropriada para isso?” Ela olhou para ele, e ele viu que seus olhos brilharam. “Raiva”.

Henry não sabia de onde isso estava vindo. Claire tinha estado na força táctica da Beleza Mortal. Todos eles trabalharam juntos por anos. “Qual é o seu problema com Archie, assim de repente?”, ele perguntou.

Ela colocou a caneca de volta na mesa e olhou para ele. “Eu te amo”, disse ela. “E Archie também.” Ela exalou um suspiro longo com conturbada sonoridade. “Mas...”

Henry viu, então, onde ela queria chegar. “Ela permanece na cabeça dele”, disse ele. “Mas ele consegue se dissociar, quando é preciso.”

Claire ergueu os joelhos na frente de seu estômago e colocou os braços ao redor deles. “Se ele deixar você ser morto por causa dela, eu vou matá-lo”, disse ela. “Eu realmente vou.”

Henry tinha estado com Archie após o funeral de Heil. Quando tudo estava acabado e eles estavam de volta ao seu apartamento, Archie tinha deixado cair sua máscara.

“Se ele me deixar ser morto”, Henry disse: “ele se mata sozinho.”

Claire colocou as mãos sobre o rosto. “O que há de errado comigo?”, disse ela. Ela espiou por entre os dedos. “Sinto muito”, disse ela. “São os hormônios.”

Henry segurou o arquivo dos Beaton fora da cama e o soltou. Ele caiu no chão de madeira com um baque. Então ele abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou uma página de catálogo dobrado e entregou a Claire.

“O que é isso?”, Ela perguntou.

“Eu encomendei”, disse Henry.

Ela estreitou os olhos para ele por um momento e então lentamente desdobrou o papel. Seus olhos se arregalaram e brilharam quando ela viu a foto de catálogo de uma cama king-size.

“Você está desistindo do futon?”, ela perguntou.

Henry assentiu.

Ela subiu em cima dele, montando-o na sua cintura, e jogou os braços ao redor dele. Por Claire Masland, ele podia se acostumar a dormir em um colchão. Ele beijou seu cabelo. “Você quer ser a minha parceira doméstica?”, perguntou.

Ela levantou a cabeça, olhou para ele e sorriu. E então ela balançou a cabeça, os olhos vidrados de lágrimas. “Mas o apanhador de sonhos tem que ir embora”, disse ela.

Henry olhou para o canto mais distante do teto, onde seu autentico apanhador de sonhos feito por nativos americanos, com cinquenta e cinco centímetros de diâmetro, de bétula do Alasca, forrado com pele de mink estava pendurado, com pendentos de miçangas e penas de águia. Ele deu um tapinha no ombro dela. “Um passo de cada vez”.



CAPÍTULO 50

Archie tinha sido a última pessoa a deixar o escritório. Era tarde, mas ele não queria ir para casa.

Em vez disso, ele saiu do elevador no quinto andar e caminhou pelo corredor cor de ameixa até o apartamento de Rachel. Ele mal tinha batido quando ela abriu a porta.

“Oi”, disse ele. “Eu estava me perguntando se você poderia me emprestar uma chave Allen.” Ela olhou para dentro do seu apartamento. “Eu acho que poderia realmente ter uma chave Allen,” ela disse. “Bem, isso seria estranho, porque eu estava usando isso como uma desculpa para bater na sua porta.” Ela estava usando um vestido de algodão preto curto. Ela sorriu para ele. “Você veio para me interrogar um pouco mais?”

“Não”, disse Archie,

Rachel olhou para ele atentamente. “Eu estou recomeçando”, disse ela. “Essa é a minha história. Isso é tudo que eu vou lhe dizer. Você pode lidar com isso? Ou você precisa me descobrir?”

“Eu posso lidar com isso”, disse Archie.

“Você quer entrar?”, ela perguntou.

A última mulher com quem Archie tinha tido relações sexuais era uma serial killer. Antes, sua esposa. Ele tinha conhecido Debbie na faculdade. Não houve muitas mulheres. “Acho que sim”, disse ele.

Ela sustentou o olhar dele. Ele podia ver o contorno de seus mamilos através do algodão do vestido. Ela moveu a mão para a frente e apertou-a contra o seu abdômen e, em seguida, deslizou seus dedos por dentro de sua camisa contra sua pele. Ele prendeu a respiração e ela sorriu puxando a barra de sua camisa para fora da calça e deslizou os dedos mais profundamente, levando-os até seus pelos pubianos, provocando-o com a ponta dos dedos. Então ela sorriu. Ele já estava duro. Ele já estava duro, antes dela abrir a porta. Ela colocou sua mão ao redor de seu pênis. Ele tentou não gemer quando ela o puxou para dentro.

Archie ouviu seu telefone e procurou por ele no escuro, antes de se lembrar aonde ele estava e que o telefone estava em suas calças no chão ao lado da cama de Rachel. Ele saiu do lençol e procurou em torno no chão. Ele estava nu de joelhos,

quando Rachel acendeu a luz de cabeceira.

“O que você está fazendo?”, ela perguntou, sonolenta.

Ele viu suas calças no pé da cama. “Telefone”, disse ele. Ele puxou o telefone do bolso, olhou para ele, e só hesitou por um segundo antes de leva-lo até sua orelha.

“Olá, Patrick”, disse ele.

“O que você está fazendo?”, perguntou Patrick.

Archie encostou-se ao lado da cama e esticou as pernas nuas no chão. A lâmpada de cabeceira enviava longas sombras através do quarto.

“Apenas dormindo.”

“Você quer assistir TV”, perguntou Patrick.

Archie coçou a nuca. “Agora?”

“Sim. Nós dois ligamos no mesmo canal e assistimos a mesma coisa. Dessa forma, é como se estivéssemos juntos.”

Archie se virou para Rachel. Ela estava apoiada sobre os cotovelos, olhando para ele. “Você tem uma TV”, ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

“Ok”, Archie disse ao telefone. “Dê-me um minuto.”

“Há uma maratona *Simpsons* na Fox”.

“Seus pais deixam você assistir isso?”

“Todo o tempo”, disse Patrick.

Archie estava cansado demais para discutir. “Tudo bem”. O garoto tinha visto pessoas assassinadas. Ele podia lidar com *Os Simpsons*. “Apenas um segundo.” Ele colocou o telefone no mudo e se levantou. “Isso é difícil de explicar”, disse para Rachel. “Mas não posso deixar este garoto. Ele está tendo um momento difícil. E ele não consegue dormir. E eu preciso assistir TV com ele.”

Rachel deslizou para fora da cama. Por um momento, Archie perdeu-se em seu corpo. Ele teve que tomar uma respiração profunda enquanto a seguia até a sala de estar. A sala estava escura, exceto pelo luar entrando pelos vidros das janelas de fábrica que davam para a cidade. Ela pegou um controle remoto na sua mesa de centro e apontou para uma TV de tela plana que estava pendurada na parede. A tela ficou azul, banhando o corpo dela em um brilho aquoso. Então ela pegou um segundo controle remoto e olhou para ele.

“Fox”, disse Archie.

Os Simpsons ganharam vida na tela da TV.

Archie pegou seu telefone. “Eu estou aqui”, disse ele.

Ele se sentou no sofá, o couro macio amanteigado contra as costas.

“Eu já vi esse episódio”, disse Patrick.

“Você quer assistir outra coisa?”

“Não”, disse Patrick. “Eu gosto quando já sei o que acontece.”

“Tudo bem”, disse Archie. “Eu estou aqui. Estarei aqui o tempo que você precisar.”

Rachel ainda estava de pé com o controle remoto na mão. Viu-a abaixa-lo. Ele colocou a mão sobre o telefone. “Você pode ir para a cama”, disse. Ela lhe deu um sorriso estranho e terno. Então ela foi para o sofá ao lado dele e deitou a cabeça no peito dele.

Patrick riu de algo que Bart Simpson disse.

Archie colocou o braço em torno de Rachel.

Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se bem com seu corpo. Segurando-a assim, ele não podia ver suas cicatrizes.



CAPÍTULO 51

Archie trouxera as caixas do seu apartamento para o escritório – todas elas. Os arquivos do caso Beleza Mortal forravam uma parede do chão ao teto, com três caixas de profundidade, ao lado da sala de conferencias. Os documentos pessoais da casa dos Beaton foram desempacotados e dispostos nas mesas. As crianças que eles achavam que Gretchen havia assassinado estavam em uma parede. As crianças que eles achavam que Colin havia assassinado estavam em outra parede. A fotografia dos Beatons em seu quintal estava fixada, com um ímã, na lousa.

Era hora do almoço, mas ninguém estava comendo.

“Você estava certo”, disse Claire. “A multa de trânsito de Colin Beaton o coloca em Boise, ao mesmo tempo em que Taylor King foi assassinado. Ele tinha uma carteira de motorista de Nebraska com um endereço em Lincoln. Hannah Fielding foi morta em Lincoln, Nebraska. A primeira vez que algum registro de Gretchen Lowell apareceu foi em uma prova escrita para Licença de Motorista em Lincoln, Nebraska, poucos meses após a licença de Beaton ser emitida pelo Departamento de Transito de Lincoln. Então Beaton sumiu da face da terra. Acharmos que foi a partir daí que ele começou a se passar por ‘Ryan Motley’.”

“Procuramos por licenças nos EUA emitidas em nome de Ryan Motley que correspondam a sua idade e descrição”, disse Levy. “Mas nada apareceu ainda.”

Archie virou-se para Robbins. “Você já analisou as autópsias”, perguntou.

“Todas elas”, disse Robbins. “Há uma progressão da violência. Os assassinatos se sobrepõem. Mas, se olharmos para as crianças que foram deixadas com lírios e as crianças que ficaram com a assinatura de coração e colocá-las consecutivamente, o padrão se encaixa. Cada assassinato é mais violento que o anterior. Gretchen nunca matou da mesma forma duas vezes. Mas, se pegarmos as vítimas com a assinatura de coração e olharmos como um grupo, há um padrão – sem ferimentos de defesa, nada sob as unhas. Não há sinais de que as crianças foram amarradas. Nossa teoria na época era de que Gretchen as drogasse. Encontramos vestígios de uma droga paralisante em duas delas. As outras foram encontradas muito tarde. A droga já tinha sido eliminada do sistema. Não se vai encontrar droga paralisante, a menos que você esteja procurando especificamente por ela. Ela não iria aparecer em um exame toxicológico padrão. As seis crianças deixadas com lírios se encaixam nesse mesmo padrão. Nenhum ferimento de defesa, sem sinais de contenção. Eu acho que elas

foram drogadas, também.”

“Então, quem as matou, matou as outras”, disse Archie.

Robbins olhou ao redor da mesa. “Parece que sim.”

Archie olhou para frente e para trás de uma parede para outra. Havia outro elemento compartilhado em todos os assassinatos de crianças. “Todas elas foram deixadas em algum lugar mais alto do que o local onde elas foram sequestradas”, disse Archie. “Nós não notamos na época.”

“Talvez Gretchen tenha matado todas elas”, disse Henry.

“Ela não o matou,” Archie disse, apontando para a foto de Calvin Long. “Ela estava comigo.”

“Sem querer ofender”, Robbins disse, “mas você estava morrendo, e eu poderia acrescentar, podia estar com a mesma droga paralisante que nós estamos dizendo que foi usada nessas crianças. Não podemos confiar no seu senso de tempo.”

Mas Archie podia confiar no que ele sabia sobre Gretchen. E ele sabia que ela não o tinha deixado sozinho por muito tempo. Ela gostava de machucá-lo demais. Os olhos de Archie vagaram sobre as fotos da cena do crime na parede. “Ele drogou-as, matou-as lentamente, em seguida, moveu os corpos para um lugar mais alto, sempre um lugar mais alto.” Ele se lembrou da Igreja do Cristo Vivo e os crucifixos por toda a casa da infância de Colin Beaton. E então lhe ocorreu. “Ele queria deixá-los mais perto de Deus”.

“Bem, isso é fodido demais”, disse Claire.

“Agora, ele mudou para os adultos”, disse Archie. “Algum vestígio da droga paralisante neles?”

“Jake Kelly estava fora da janela de tempo de detecção”, disse Robbins. “Gabby Meester deu positivo.”

“E a Sra. Beaton?”, perguntou Archie.

“Bingo”, disse Robbins. “Eu sugeri ao médico legista de Columbia County que talvez ele quisesse executar um exame toxicológico expandido. E deu positivo.”

“Esta teoria está baseada na palavra de uma mulher que está internada em um hospital psiquiátrico estadual”, disse Levy. “Não há nenhuma prova de que James Beaton esteja mesmo morto. Ele poderia estar neste momento em Cancun tomando uma margarita com alguns tamales *quentes* e assistindo seus filhos meio mexicanos surfando.”

Ngyun entrou na sala de conferencias com uma pasta debaixo do braço. “Ele não está em Cancun”, disse Ngyun. “Ele está em New Jersey.”

Ele conseguiu a atenção de todos.

“Eles não conseguiram identificá-lo na época”, disse Ngyun. “O corpo estava muito degradado. Nada como um passeio de trem pelo país em um vagão de carga para acelerar a decomposição. Um andarilho, sabe aqueles caras que viajam pelo

pais de carona nos trens, o encontrou. Mas não os chamem de vagabundos. Andarilho é politicamente correto. Alguns policiais locais pegaram o caso, e não se esforçaram muito. O médico legista manteve os ossos numa caixa”. Ngyun tirou uma fotografia da pasta e a colocou na mesa. “Este é o crânio”, disse. “Alguns anos atrás, alguns estudantes de antropologia na Universidade de Princeton fizeram uma reconstrução do rosto.” Ele tirou outra fotografia da pasta e colocou-a ao lado do crânio. “Parece familiar?”

Um molde de gesso do crânio havia sido preenchido com massa de modelar e olhos protéticos. Parecia com James Beaton.

“Por que ninguém o comparou com o relatório de pessoas desaparecidas?”, perguntou Archie.

“Era uma aula”, Ngyun disse com um encolher de ombros. “Eu acho que eles pensaram que ninguém confiaria no trabalho, porque ninguém pediu uma cópia do projeto finalizado. Eu tive que rastrear o aluno para obter uma cópia. Ele está usando seu diploma de antropologia para trabalhar como barista, em Nova York, só para registrar.” Ngyun olhou para a porta. “Você precisa de alguma coisa?”, perguntou.

Archie se virou para ver um homem parado na porta com um notebook debaixo do braço. Ele tinha seus vinte e poucos anos, cavanhaque, com um rabo de cavalo, vestindo camiseta e calça xadrez justa. Archie achou que ele não era um policial.

“Este é LB”, disse Claire. “O cara dos retratos.”

“Bom”, disse Archie. Ele se inclinou por trás de Ngyun e pegou a foto da família Beaton da lousa e estendeu-a para LB. “Você pode envelhece-lo, para sabermos como se parceria hoje?”, Archie perguntou. LB avançou pela sala e pegou a foto.

Ele olhou para a foto, e então olhou para Archie. “Isto é um teste?”, perguntou.

“O quê?”, disse Archie.

LB abriu seu laptop e clicou em um ícone na tela. Uma montagem digital do rosto de um homem se materializou. “Este é o retrato em que trabalhei com a garota ontem”, disse. A imagem em seu notebook mostrava uma cabeça sem corpo e sem pescoço flutuando no centro de uma tela branca. As imagens eram criadas pela montagem de partes fotográficas de características faciais até a combinação correta com a imagem na mente da testemunha. O efeito era desconcertantemente real. A cabeça na tela de LB era de um homem de trinta e poucos anos, com cabelo escuro e um rosto com o efeito Hollow Face que permitia girar o rosto na tela para visualizá-lo por vários ângulos. LB colocou a fotografia de família ao lado da tela e colocou seu dedo próximo ao rosto do adolescente Colin Beaton. “É o mesmo cara. Olhe para a estrutura óssea.”

A sala ficou em silêncio.

Archie olhou para o adolescente Colin Beaton na foto, e depois na imagem

montada no notebook, o homem que Pearl alegou tentar atacá-la. Ele podia ver a semelhança.

Pearl estava dizendo a verdade sobre o homem que ela havia visto. Se Colin Beaton tentou pegá-la, isso o implicava no assassinato de Jake Kelly, o que levava em seguida ao assassinato de Gabby Meester, e os seis assassinatos de crianças do pen drive, que eram os casos de assassinatos de crianças que tinham sido atribuídos a Gretchen.

Colin Beaton tinha cometido todos aqueles assassinatos.



CAPÍTULO 52

“Ela não pode ficar aqui”, disse Archie.

Susan estava na frente da porta. Archie estava na varanda com uma mulher do Serviço de Proteção a Criança chamada Peggy.

Susan deu de ombros e abriu a porta para eles entrarem. “Tudo bem”.

Archie tinha pensado que ela iria dificultar.

Ele caminhou para dentro da casa. Peggy o seguiu. Peggy tinha uma pele lisa marrom, cabelo escuro tão esticado que parecia molhado, e o equilíbrio de alguém que tinha visto a sua parcela de caos. A casa cheirava a maconha. Peggy arqueou uma sobrancelha para ele. Ele deu de ombros.

“Elas estão lá fora com a cabra”, disse Susan. “Vamos.” Ela os conduziu pela cozinha, passando pela mesa, onde Archie viu seu notebook ao lado de uma coleção de xícaras de café e copos de água vazios, e saindo para o quintal pela porta dos fundos.

O pátio se estendia por mil metros quadrados e era cercado com hera inglesa e bambu que os separava dos vizinhos.

Cada centímetro de espaço era ocupado. Uma enorme árvore, seus galhos enfeitados com bandeiras de oração tibetanas, sombreava a metade de trás do quintal. Um buraco de fogueira estava cercado por cadeiras de sala de jantar de madeira antiga, branqueadas pelas cinzas. Uma horta brilhava, vermelha, com tomates. Lençóis balançavam em um varal de roupa ao lado de um par de calças de cordão. No canto mais distante do quintal, uma pilha de compostagem do tamanho de um colchão cercada por uma malha de arame fixada em toras de madeira cozinhava ao sol sob uma lona preta. Archie contou três comedouros de pássaros.

Além do jardim, debaixo da árvore, perto do muro de hera, havia um barracão de madeira frágil que parecia uma casa grande de cachorro. Entre a varanda dos fundos e o barracão estava uma cabra marrom e branca. Agachadas ao lado da cabra estavam Bliss e Pearl.

Ambas olharam para cima.

Archie caminhou em direção a elas, seguido por Peggy e Susan.

Bliss olhou para a cabra e, em seguida, pra Archie. “Eu tenho uma licença”, disse ela, de uma maneira que fez Archie achar que ela não tinha uma licença.

O focinho de cabra estava manchado de suco de tomate. Ela estava aninhada no

ombro de Pearl.

“Pearl precisa vir comigo”, disse Archie.

Pearl parecia chocada. Ela colocou o braço em volta da cabra. “Não”, ela disse. Seus olhos correram para Peggy, e Archie viu o reconhecimento em seu rosto. Crianças do sistema reconheciam assistentes sociais com uma olhada.

Bliss se levantou, limpou a sujeira de suas mãos, e colocou as mãos nos quadris. Ela estava vestindo uma camiseta onde se lia *‘foda-se o homem’*.

Peggy disse: “Calma, minha senhora.”

“Eu sou um membro da NAACP (*Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor*),” Bliss disse a Peggy.

“Desculpe-me?” Peggy disse, cruzando os braços.

Susan suspirou.

Archie estava focado em Pearl. “O homem que tentou atacá-la, quer saber?”, disse. “Ele matou Jake Kelly. Ele mata crianças. Ele queima pessoas vivas. Ele acha que você pode identificá-lo, e ele quer te matar.”

Bliss limpou a boca com as costas da mão, manchando seu batom vermelho. Então, ela ergueu o queixo desafiadoramente. “Ele não sabe onde ela está”, disse.

“Ela deve ficar em custódia preventiva”, disse Archie.

Pearl balançou a cabeça. “Eu vou fugir.”

“Eu estava pensando em um ambiente mais seguro do que um Centro”, disse Archie.

A mandíbula de Pearl caiu. “Você quer me colocar no reformatório? Eu não fiz nada.”

“Você estará segura lá”, disse Archie.

“Ela está segura *aqui*”, disse Bliss.

“Ela está sob a guarda do Estado. Ela precisa estar em uma instalação sancionada pelo Estado ou com uma mãe adotiva. É a lei.”

“Eu sou uma mãe adotiva registrada. Você pode deixá-la aqui comigo.”

Susan repetiu. “Você é uma mãe adotiva?”

“Lembra-se de Lutero?”, perguntou Bliss.

Archie olhou interrogativamente para Susan. “Lutero?”

“Eles namoraram”, explicou Susan.

“Ele dava seminários de fim de semana para os pais adotivos em potencial”, disse Bliss. “Eu completei minha formação no Eugene Holiday Inn Express. Eu fazia lição de casa e tudo.”

“E você passou?” Susan perguntou, incrédula.

Bliss parecia um pouco ofendida. “Sim. Por que não?”

Peggy baixou o queixo e ergueu as sobrancelhas.

“Eles podem sentir o cheiro, mãe”, disse Susan.

Archie tentou suprimir um sorriso.

“Eu tenho um cartão de maconha medicinal,” Bliss disse, com um encolher de ombros infeliz. “Para a minha ansiedade.”

“Ela está se comportando muito bem aqui”, Susan disse para Archie. “Pearl não eletrocutou ninguém.” Foi uma aprovação relutante.

Archie suspirou. Ele realmente não queria colocar Pearl no reformatório, e ele sabia que o sistema adotivo era um jogo de dados. Ele poderia colocá-la em perigo tentando protegê-la.

Peggy disse: “Se ela completou o treinamento, ela pode ser elegível. Poderíamos fazer uma colocação de emergência. Algo temporário.” Ela se inclinou para perto de Archie. “Ela parece realmente amar a cabra.”

Estavam todas olhando para ele.

Até a cabra.

Archie passou a mão pelo cabelo. Então ele virou-se para Susan. “Você me liga ou me manda mensagem a cada duas horas”, disse.



CAPÍTULO 53

Quando Archie voltou para o escritório, ele foi informado que Huffington tinha ligado, então ele ligou de volta.

“Alguma coisa?”, perguntou.

“Eu mandei meus homens até a escola”, disse Huffington. “Alguns dos professores lembram-se de Melissa. Mas nenhum se lembrava de amigos íntimos dela. Ela era um pouco solitária. Sem sorte em localizar Colin Beaton, também. A igreja está cuidando das despesas de funeral de sua mãe.”

Alguém tinha feito uma cópia colorida da fotografia da família Beaton em pé em seu quintal e deixou-a sobre a mesa de Archie. Ele a pegou e olhou para ela. “Quando é o funeral?”, perguntou.

“Amanhã. 10 horas. Haverá um serviço na igreja e, em seguida, eles a enterrarão no Mountain View Cemetery.”

Colin Beaton havia assassinado sua mãe. Mas ele também tinha chorado em seu travesseiro. Archie se questionava se ele iria encontrar uma maneira de estar no seu funeral. “Eu quero enviar alguns dos meus, para se misturar com os convidados, fazer uma vigília.”

“Você acha que Júnior vai aparecer?”

Archie olhou para o adolescente Colin Beaton, sem sorrir, com os olhos fixos na câmera. “Eu quero estar lá se ele aparecer.”

Depois que desligou o telefone, Archie fez uma pesquisa na Internet sobre a Igreja do Cristo Vivo. Várias crianças da igreja tinham morrido ao longo dos anos, porque seus pais tinham escolhido a sua fé em vez de procurar cuidados médicos. Diabetes juvenil. Infecções. As crianças tinham morrido de doenças tratáveis, enquanto seus pais e outros seguidores do reverendo Lewis ajoelhavam-se em oração em torno de suas camas.

“Como foi com Pearl?”, perguntou Claire.

Archie levantou a cabeça da mesa e viu Claire na porta do escritório.

“Deixei-a ficar”, disse Archie.

“Molenga”.

“Ela pula de orfanato em orfanato há anos”, disse Archie. “Ela merece um descanso.”

“Ela manipulou você. Admita!” disse Claire.

Ela saiu e Archie olhou para a mesa, onde o arquivo de Pearl Clinton estava aberto. Ela tinha rodado por lares adotivos quase a vida inteira. Entrando e saindo da vida das pessoas. Um membro da família, até que não fosse mais.

Então ele pegou a cópia da família Beaton novamente. Colin não estava olhando para a câmera. Ele estava olhando para a pessoa segurando a câmera. A menina que projetava a sombra.

Archie fechou os olhos e tentou evocar a foto alternativa que tinha visto na parede dos Beatons. Colin tinha saído desse enquadramento, estava por trás da câmera. E a menina tinha tomado o seu lugar.

Porque incluir uma adolescente em uma fotografia de família?

A menos que ela fizesse parte da família. Mais ou menos.

Archie abriu os olhos.

Ele tirou um cartão de visitas do bolso e ligou para Peggy do Serviço de Proteção a Criança. Ele podia sentir seu coração se acelerar e apoiou os cotovelos sobre a mesa e apoiou a testa na mão livre. Ele ouviu o telefone tocar. Olhou para o relógio. Ela disse que estava voltando para o escritório, mas isso não significava que ela já estava em sua mesa. Depois de sete toques, ela atendeu.

“Peggy Holbrook” .

“É o Detective Sheridan”, disse Archie. “Você pode me dizer se uma pessoa era pai adotivo registrado a cerca de vinte anos atrás?”

“É sobre Bliss Mountain?”, perguntou Peggy. “Eu a pesquisei. Seu status de mãe adotiva é legítimo.”

“Não”, disse Archie. “James e Dusty Beaton. St. Helens, Oregon.” Ele coçou a cabeça. “Isso é o suficiente?”

“Espere um pouco.”

Ele podia ouvi-la digitando em um teclado. Ela tinha unhas acrílicas e elas produziam um clic nas teclas.

Ele pressionou a testa com mais força na palma da mão.

“Eu tenho o arquivo aqui”, disse Peggy. “Parece que eles fizeram uma adoção. Não durou muito tempo. Alguns meses. Ela fugiu. Acontece às vezes.”

A garganta de Archie estava apertada. “Qual era o nome dela?”

“Gretchen Stevens. Mas isso pode ter sido um pseudônimo. Ela dera entrada em um hospital em St. Helens, Oregon, com algumas costelas quebradas. Diz aqui que ela estava ensanguentada e coberta de lama. Sem identidade. Alegou que seus pais estavam mortos.” Ele ouviu sua digitação novamente. “Isto é estranho. Não há nenhuma foto no arquivo.”

“Eles não tentaram encontrar sua família?”, perguntou Archie.

“O arquivo está incompleto. Eles teriam que pesquisar o seu nome através do

sistema antes de recoloca-la. Mas nem todos os fugitivos são declarados desaparecidos.”

Archie pegou uma caneta. “Quem foi a assistente social?”

“Tena Tahirih.” Houve uma pausa, e Peggy fez um barulho de cacarejo simpático. “Eu a conhecia. Ela morreu há alguns anos.”

“Ótimo”, disse Archie.

“Eu posso enviar o que eu tenho.”

Archie recostou-se na cadeira. *Prazer em conhecê-la, Gretchen Stevens.* “Mande-me por e-mail”, disse ele.

Após desligar, ele ligou imediatamente para Huffington.

“Eu acho que a garota na foto era uma criança adotiva chamada Gretchen Stevens. Vou enviar-lhe o que sabemos sobre ela. Pergunte ao redor. Veja se ela foi registrada na escola. E envie alguém para o hospital. Ela esteve internada lá. Eles podem ter seus registros médicos.”

“Os registros médicos são confidenciais”, disse Huffington.

“Use o seu charme.”

“Posso considerar isso”, disse Huffington.



CAPÍTULO 54

Archie colocou seu único terno escuro para ir ao funeral. Era azul escuro, mas passava por preto. Ele o usava para funerais e julgamentos. Considerando-se o quanto tinha usado o terno seguidamente nos últimos anos, ele ia ter que comprar um segundo muito em breve. Ele afrouxou a gravata. Ele já podia sentir o calor em torno do pescoço, e ele nem sequer tinha colocado o paletó ainda.

Ele bebeu sua segunda xícara de café debruçado sobre a pia para não manchar sua camisa branca.

Henry não bateu. Ele entrou e disse: “Eu me sinto como um idiota.” Ele estava vestindo uma camisa de manga curta cinza e calças cinza escuro com botas de cowboy preto.

Para Henry, era traje de noite.

“Você está bem”, disse Archie, tomando o resto do seu café. Ele colocou a caneca na pia e pegou o paletó das costas da cadeira. Quando voltou-se para Henry, Henry olhava boquiaberto para Rachel, que tinha acabado de sair do quarto de Archie vestindo seu robe e secando o cabelo molhado com uma de suas toalhas.

“Oi”, disse Henry.

“Oh, que bom,” Archie disse a Henry. “Você pode vê-la, também.”

Rachel sorriu.

“Tem café na cafeteira”, disse Archie. “Eu tenho que ir trabalhar.”

Archie teve que praticamente empurrar Henry para fora de apartamento. As bochechas de Henry ainda brilhavam com divertimento quando eles entraram no carro. “Então, quem é ela?” Henry perguntou.

“Minha vizinha”, disse Archie.

Ficaram em silêncio enquanto Henry entrava na I-5 e, em seguida, sobre a ponte Fremont para pegar a Highway 30 até o Distrito Industrial Noroeste.

“Ela se parece com você-sabe-quem”, disse Henry.

Archie olhou para fora da janela para os edifícios sem identidade e hectares de estacionamentos. “Gretchen Stevens”, disse ele. Eles haviam se debruçado sobre o arquivo dela juntos. Henry ainda não estava convencido.

“É apenas sexo”.

Henry olhou para Archie. “E ela nunca matou ninguém?”

“Não que eu saiba.”

“Eu acho que este é um grande passo adiante para você.”

“Obrigado”, disse Archie.

A rodovia se estreitou e as baias de carga e descarga deram lugar a árvores e lojas de ração para todo tipo de animais. Henry ainda estava radiante, tocando uma música sobre o volante que só ele podia ouvir. “Você vai dizer a Claire, não é?”, disse Archie.

O sorriso de Henry ficou mais amplo e ele concordou. “Oh, sim”, disse. Então ele riu alegremente para si mesmo.

“O quê foi?”, disse Archie.

“Susan vai odiá-la”, disse Henry.



CAPÍTULO 55

“Parada”, disse Susan.

“O quê?”, disse Pearl.

“Essa é a minha camiseta dos *Pixies*.”

Pearl enfiou o dedo através da bainha e mexeu-o. “Tem um buraco no meio.”

“Sim”, disse Susan. “Sim, é verdade. Isso porque ela é velha, como eu. Agora tire-a.”

“Eu não tenho nenhuma roupa,” Pearl fez beicinho. “Bliss disse que eu poderia pegar a sua emprestada. O que eu devo fazer? Sair por aí nua?” Ela jogou o cabelo sobre o ombro. “Eu nem sequer gosto de metade das suas roupas.”

Às vezes, Susan podia entender por que as pessoas cometem assassinatos. “Eu tenho roupas incríveis”, disse ela.

Pearl puxou a camiseta sobre seus seios. Susan teve que admitir, a puberdade tinha feito bem pra Pearl. “Elas não me vestem bem”, disse Pearl. “Seus seios são menores.”

“Então pegue algo emprestado de Bliss”, disse Susan.

“Todas as roupas dela tem um cheiro engraçado,” Pearl disse, franzindo o nariz. Patchouli. Era verdade.

Eu vou ser simpática. Isso é o que Susan havia prometido a sua mãe antes dela sair para o trabalho. Susan tinha um prazo. Ela não tinha tempo para discutir com uma adolescente. “Essa é a minha camiseta favorita”, Susan disse, “e se você mancha-la ou danifica-la eu vou te matar.”

Pearl revirou os olhos. “Oooh, eu estou com tanto medo”, disse, dirigindo-se para a porta de trás.

“Aonde você vai?”, Susan perguntou.

“Vou dar uma volta com a Baby”, disse Pearl.

“A cabra não se chama Baby”, disse Susan.

“Eu a chamo assim,” Pearl disse, deixando a porta de tela bater atrás de si a caminho do quintal.

Susan sentou-se com seu notebook na mesa da cozinha. Havia uma nota em seu teclado. Ela sabia que era de Bliss, porque ela tinha escrito na parte de trás de um pedaço de papel de embrulho.

Susan leu a nota: LEMBREI-ME DE ONDE EU CONHECIA AQUELA

MULHER: DA COLUNA HERÓIS.

Que mulher? Susan olhou para a nota por alguns minutos antes de perceber que Bliss deveria estar falando sobre Gabby Meester, a vítima queimada no telhado.

A Coluna Heróis saía no *Portland Tribune*, um jornal suburbano gratuito. Sua mãe se recusava a comprar o *Herald*, o jornal onde Susan trabalhava, mas ela ocasionalmente trazia o *Trib*. Susan abriu o site do *Trib* no seu notebook e, em seguida, procurou o nome de Gabby Meester. Várias notícias surgiram sobre o assassinato, e depois, mais abaixo, com data de cerca de cinco anos atrás, havia outro artigo sobre Gabby Meester e várias outras pessoas participando de uma dessas modalidades de doação de rins, onde se você tem um amigo que precisa de um rim, mas você não é compatível, você pode doar o seu rim para alguém que tem um amigo que não é compatível, mas é compatível com seu amigo e que, em seguida, dá um rim à outra pessoa em troca. Ou algo assim. Esta doação específica exigia seis pessoas, três das quais eram doadores de rins, e três que recebiam novos.

Susan ouviu Pearl chamar o nome dela. Havia um terror em sua voz que fez Susan olhar instantaneamente. Pearl estava de pé na porta de trás, a camisa e as mãos cobertas de sangue. Seu rosto estava pálido. “Alguma coisa aconteceu com Baby”, disse Pearl.

Susan não entendia. Do que Pearl estava falando? Da cabra?

Pearl soluçava e lágrimas escorriam de seus olhos. Ela colocou as mãos sangrentas em seu rosto. “Eu acho que os coiotes a pegaram.”

Coiotes? Não havia coiotes em Portland. Susan saltou e empurrou Pearl de volta para o quintal. Ela examinou o pátio procurando o rosto amigável da cabra, e não o viu. Então ela correu para o barracão. Ajoelhou-se na porta. A cabra estava do lado dela, sua pele cortada e aberta e escurecida pelo sangue. Sua boca estava cheia de sangue ainda mais escuro, quase preto. Moscas já tinham começado a circular e Susan as golpeou pra longe. Ela podia ouvir Pearl atrás dela, chorando, e ela não queria se virar, não queria que Pearl visse suas próprias lágrimas. Susan tocou a pelagem da cabra. Ela ainda estava quente. As feridas eram violentas. Por que não tinham ouvido ela berrar?

Susan olhou em volta do quintal, para a cerca, a parede impenetrável de bambu.

O medo arrepiou sua nuca. “Isto não foi coiole”, disse.

Ela deixara o telefone lá dentro na mesa da cozinha. Pearl ainda estava chorando. Susan colocou suas mãos em cada um de seus ombros. “Quando eu disser 'Vai'”, Susan disse: “Eu quero que você corra para a varanda de trás o mais rápido que você puder.”



CAPÍTULO 56

Eles estavam orando novamente.

O Mountain View Cemetery, de fato, tinha uma visão do Monte St. Helens. Mas nenhum orçamento para regar a grama. O monte de terra ao lado da sepultura aberta de Dusty Beaton parecia duro e seco. A grama estava pálida. Mesmo as árvores pareciam ter sede.

Archie se sentou em uma das cadeiras ao lado da sepultura.

Henry estava do outro lado do túmulo, com as mãos cruzadas, de cabeça baixa.

Josh Levy estava em algum lugar de cócoras atrás de uma lápide com uma lente teleobjetiva.

Alguns fiéis da Igreja do Cristo Vivo tinham aparecido, e Archie viu Huffington encostada na sua viatura. Mas Colin Beaton ainda não tinha feito sua aparição.

Archie tirou o paletó e, em seguida, colocou-o no colo para cobrir a arma presa ao cinto.

Ele podia ver o suor brilhando na cabeça curvada de Henry.

O Reverendo Lewis disse algumas palavras de encerramento e jogou um punhado da terra seca na sepultura aberta, que se espalhou e deslizou sobre o caixão de madeira.

Todo mundo começou a se preparar para ir embora.

Ninguém jogou uma rosa no túmulo ou se desfez em lágrimas.

Archie examinou o cemitério. Algumas das lápides eram velhas, as suas gravuras desgastadas, ervas daninhas cresciam altas em torno delas. As mais recentes, lajes de mármore lisas piscando como espelhos refletindo o sol. As árvores do cemitério eram tão antigas quanto a cidade. Seus galhos cinzentos e pesados, com folhas inclinadas sobre as sepulturas. Archie podia ouvir o zumbido hipnótico das cigarras em seus ramos, cantando alegremente no calor.

Ele virou-se na cadeira e teve uma visão de 360°.

Os fiéis se dirigiam para os seus carros, seus pés esmagando a grama morta. Henry se aproximou e sentou-se ao lado de Archie.

“Estou fodidamente quente com este calor”, disse Henry.

“Aguente mais alguns minutos”, disse Archie.

Henry tirou um lenço do bolso e limpou a testa.

Dois coveiros estavam prontos com pás próximas ao monte de terra seca. O

Reverendo Lewis se aproximou de Archie. “Eles querem enterrá-la o mais rápido possível.” Ele olhou para o céu. “O calor”.

Archie assentiu com a cabeça, e os homens começaram a jogar pás de terra sobre o caixão. Archie assistiu a terra caindo na cova retangular profunda. Eles usaram uma retro escavadeira para cavar a sepultura, mas enchiam com pás. Ninguém queria ver um ente querido morto enterrado por uma John Deere.

Archie se inclinou para a frente. Os lados do túmulo eram escuros. A terra em cima estava mais seca, partida pelo sol.

“Esperem”, disse Archie.

Os homens com as pás pararam e olharam para ele.

“Quando esta sepultura foi cavada?”, perguntou.

Um dos homens disse: “Ontem à noite”.

Archie levantou-se, pôs as mãos atrás do pescoço, e olhou para o lugar do descanso final de Dusty Beaton. Ele podia sentir a mancha de suor encharcando sua camisa. A sepultura estivera vazia a noite toda. Beaton chorou sobre o corpo de sua mãe. Se ele tivesse decidido ficar longe do funeral, ele encontraria outra maneira de dizer seu adeus. Archie afrouxou a gravata. Não poderia ser evitado. “Precisamos desenterrá-la”, disse ele.



CAPÍTULO 57

A porta dos fundos estava aberta, e Susan podia ver seu telefone em cima da mesa da cozinha.

Eram oito passos da porta traseira até aquela mesa.

Pearl estava debruçada na varanda, choramingando.

“Eu vou entrar e pegar meu telefone”, disse Susan.

Pearl agarrou o braço de Susan. “Eu vou com você”, disse.

Susan respirou profundamente algumas vezes. Elas deviam ficar juntas. Susan não deveria deixar Pearl sozinha. Ela assentiu com a cabeça. Pearl segurou o braço de Susan, deixando um conjunto perfeito de impressões digitais sangrentas.

Trazendo Pearl atrás dela Susan se esgueirou pela porta dos fundos para a cozinha. Parecia que estava do jeito como haviam deixado, mas parecia mais quieta de alguma forma, como o ar parado que enche uma casa cujos donos viajaram de férias. Todos os pequenos ruídos eram ampliados. O chinelo de Susan no chão da cozinha. As fungadas de Pearl. O zumbido dos ventiladores. A torneira pingando na pia. Susan pegou o telefone, agarrou-o e sentiu imediatamente que algo estava errado. Ele estava molhado. Ela olhou para o telefone. Ele brilhava com água. A tela estava preta. Havia uma poça d'água em cima da mesa onde o telefone tinha sido deixado.

“O que é isso?”, perguntou Pearl.

Susan virou-se para o telefone fixo. O fio estava cortado. Ela podia vê-lo balançando inutilmente contra a parede.

Ela tentou ligar o iPhone. Ele estava morto. Afogado.

Pearl choramingou. Susan pegou a mão dela. *Porta da frente*, Susan murmurou. Espere.

Susan apertou a mão de Pearl sinalizando para ficar quieta. O tamborilar constante do ventilador na sala de estar foi diminuindo. Susan conhecia aquele som. Era o som que as palhetas faziam quando alguém o desligava.

O homem saiu de trás da porta aberta, como um artista entrando no palco. Ele tinha cerca de quarenta anos, com um rosto bem barbeado amigável e cabelo castanho curto, ele era alto e estava vestido como um missionário, de calça preta e uma camisa branca com o colarinho abotoado. Respingos de sangue na camisa e pingando do facão que ele segurava na mão direita. Seus olhos brilhavam. “Orem

comigo”, disse ele.



CAPÍTULO 58

Susan entrou na frente de Pearl.

O homem com o facão estava entre elas e a porta da frente. O quintal não oferecia nenhuma fuga. Elas tinham que ganhar tempo.

“Você é Colin Beaton”, disse Susan.

Ele sorriu. “Eu sou o cara que veio para matá-las”, disse.

“É ele”, disse Pearl. “Ele é o cara que tentou me agarrar.”

Não *brinca*, pensou Susan. “Ela não o viu”, Susan disse ao homem. “Ela não pode testemunhar que você estava lá. Isto é um erro.”

“Não”, disse ele. “Não é um erro. É o plano de Deus.”

Ele levantou o facão, e Susan puxou Pearl em direção à escada e empurrou-a para cima à frente dela.

Ela podia ouvir Beaton atrás dela, rindo.

Elas subiram as escadas para o corredor e entraram no banheiro, que era o único ambiente no andar com uma fechadura.

Era uma fechadura estúpida, não era adequada para deter um louco com um facão em punho, mas era a única que tinha fechadura.

Pearl se agachou ao lado da cesta guatemalteca que Bliss usava como cesto de roupa suja. O pé em garra de ferro fundido da banheira estava envolto por velas. Bliss tinha pintado o piso de madeira de azul claro e as paredes de anil. A foto emoldurada de Che Guevara pendurada sobre o vaso sanitário. *Hasta la victoria siempre.*

“E agora?”, perguntou Pearl.

A janela coberta de musselina era pequena demais para qualquer uma delas rastejar para fora de lá.

“Que horas são?”, Susan perguntou.

Pearl olhou em volta impotente. “Eu não sei.” Ela agitou a mão para Susan. “O que há de errado com o seu telefone?”

Susan não tinha sequer percebido que ainda o tinha na mão. “Ele o mergulhou na água ou algo assim.” Você podia soltar um iPhone de um prédio e ainda fazer uma ligação. Molhe a coisa, e você tinha um peso de papel muito caro.

A maçaneta moveu-se.

Pearl e Susan congelaram.

Elas o ouviram se movimentando, do outro lado da porta. Então ele disse: “Eu vejo vocês”.

Susan pegou uma toalha, se abaixou, e começou a enfiá-la sob a brecha de tamanho considerável debaixo da porta. Ela viu um brilho de metal e ouviu o choro de Pearl. Ela conseguiu saltar para trás, assim que o facão cortou debaixo da toalha.

Ela correu de volta para Pearl.

“Olha”, Susan sussurrou. “Se eu não ligar, Archie vai ficar preocupado. Eu mandei uma mensagem para ele uma ou duas horas atrás.”

“Uma ou duas horas?” Pearl disse em meio a lágrimas. “Quando foi isso realmente?”

“Minha noção de tempo é ruim”, Susan rosnou.

Pearl soluçou. “Nós vamos ser *machetadas* até a morte”, disse ela.

Susan levantou-se. “Essa palavra nem sequer existe”, disse ela. Ela abriu o armário de remédios em cima da pia e começou a triagem através dele.

“O que você está fazendo?”, perguntou Pearl.

“Estou à procura de qualquer coisa que possamos usar.”

“O quê?”, disse Pearl. “Ataduras para quando ele cortar nossos braços?”

Susan se agachou na frente de Pearl. Ela tocou a cicatriz no seu próprio rosto. “Seu namorado fez isto”.

“Ex-namorado”, disse Pearl. “ex-namorado morto.”

“Ele perfurou a porra do meu rosto com uma agulha enquanto você assistia.”

“Eu disse que estava arrependida.”

“Eu não quero desculpa”, disse Susan. “Eu a quero dura como aço. Eu a quero obstinada. Feroz. Eu quero a putinha que deu um choque num policial. Então se recomponha e me ajude a parar esse filho da puta”.

Pearl estava balançando a cabeça. Seu rosto estava manchado de sangue e lágrimas. Ela fungou.

“Eu não estou ouvindo vocês orarem”, disse Beaton pela porta.

Pearl estendeu a mão e, lentamente, puxou uma toalha da prateleira acima de sua cabeça. Então ela se levantou na pia. Susan pensou que ela ia lavar o rosto, mas não foi o que ela fez. Ela se olhou no espelho.

“Afaste-se”, disse.

Susan deu um passo para trás.

Pearl despejou as escovas de dente para fora do copo de barro, em seguida, bateu o copo com força no centro do espelho.

O espelho estilhaçou, os estilhaços saíram da moldura e caíram na pia. Pearl pegou um pedaço em forma de faca e enrolou a parte inferior do mesmo na toalha. Ela entregou a toalha pelo punho para Susan, e começou a fazer outra.

“Onde você aprendeu isso?”, perguntou Susan.

“Reformatório”, disse Pearl. Ela abriu um dos armários embutidos. “Você tem ácido para desentupir ralos? Se você jogá-lo na cara de alguém, vai queimar bastante.”



CAPÍTULO 59

Quando eles tiraram o caixão para fora da sepultura, Henry já tinha tirado sua camisa e todos eles estavam cobertos de terra, exceto o reverendo Lewis, que inclinou a cabeça em oração no momento em que o primeiro sussurro de pá iniciou a cavação da sepultura inacabada.

Eles usaram cordas para levantar o caixão para fora, junto com alguns esforços de ginástica criativa de Henry e do coveiro mais forte, um homem chamado José.

Henry e José sentaram-se no caixão, respirando com dificuldade. Guillermo, o outro coveiro, fez o sinal da cruz.

José disse: “Tem certeza que isso é legal, cara?”

Archie olhou para Huffington, que veio de seu carro ao primeiro sinal de poeira saindo do túmulo.

“Não é uma exumação”, disse ela. “Estamos apenas enterrando-a um pouco mais devagar.” Seus grandes óculos de aviador tornavam sua expressão difícil de ler. “Isso não vai ser em vão, certo?”, perguntou para Archie.

Archie sentou-se na beira da sepultura e balançou seus pés. Sem o caixão, a cova retangular de quase dois metros de profundidade parecia especialmente profunda e escura. Ele deslizou para dentro. Foi um salto maior do que pensava e ele caiu agachado.

“O que você está fazendo?” Henry perguntou.

“Dê-me um minuto”, disse Archie.

Estava dez graus mais frio lá em baixo e o cheiro de terra úmida acentuou o gosto na boca. Ele se levantou. O topo de sua cabeça estava quase ao nível da superfície. Quando ele esticou o pescoço para trás, ele pode ver os pés de seus amigos.

“Huffington”, disse Archie. “Atire-me uma lanterna.”

Ela ajoelhou-se e estendeu uma lanterna longa e preta e Archie pegou, virou-a, e pesquisou ao longo do fundo da sepultura.

“Vê alguma coisa?” Huffington perguntou lá de cima.

Archie não respondeu. Ele estava curvado, com o foco sobre o solo a seus pés. O calor, o sol e o céu pareciam muito longe agora. Minhocas rosadas se mexeram suavemente no solo. Besouros negros minúsculos rastejaram sobre o seu sapato. Archie fez uma nota mental para sacramentar a sua vontade de ser cremado. Então a

luz captou a ponta de algo branco brilhante. Ele parou e olhou mais de perto. Era a ponta de um papel, metade coberto de terra. Archie se agachou e afastou a terra e, em seguida, com muito cuidado tirou o papel. Era do tamanho de uma ficha de arquivo, arrancado de um pedaço maior.

“Eu preciso de um saco de evidências”, ele pediu.

Huffington abaixou um para ele e ele deslizou o papel no saco plástico zipado e o fechou. Archie entregou o saco até uma mão estendida, e depois mais duas mãos abaixaram-se e então, com um monte de grunhidos, Henry e José puxaram Archie para fora da sepultura.

Archie se virou em uma posição sentada, olhando para o sol. Seu terno estava imundo, tinha sujeira no cabelo, e tinha barro nos sapatos.

Huffington segurou o saco de provas e leu o que estava escrito.

“ ‘O Senhor viu quão grande a maldade da raça humana espalhou-se sobre a terra e a tendência de cada pensamento do coração humano era só pecado o tempo todo.’ ”

O Reverendo Lewis disse: “Gênesis 6:5.”

Archie pegou o saco de provas e estudou a nota. Fora manuscrita em letra de imprensa cuidadosa, difícil de analisar ou igualar. Ele havia usado uma caneta marcadora preta com ponta de feltro.

Abaixo da citação bíblica, com a mesma tinta preta, ele tinha desenhado um coração.

Archie sentiu um calafrio percorrer seus ombros.

O Reverendo Lewis estava de pé ao lado do topo do caixão, sua mão descansando levemente sobre ele, como se estivesse se comunicando com os mortos.

“Gretchen Stevens”, disse Archie.

O reverendo olhou para Archie.

“Ela era uma criança adotiva que os Beatons pegaram antes de James Beaton ser assassinado. Te faz lembrar de algo?”

Huffington deu um passo para ficar ao lado do reverendo e colocou uma mão suave em seu braço. “Se você tem algo a dizer, reverendo, é melhor dizer.”

“Foi há muito tempo atrás”, disse o reverendo. “Ela não ficou com eles muito tempo.”

“Você a conheceu?”, perguntou Archie.

“Eles a teriam trazido para a igreja”, disse o reverendo.

“Eles a trouxeram?”, perguntou Huffington.

Reverendo Lewis olhou para Huffington. “Sim”.

“Por que isso não ocorreu a você quando eu perguntei ontem se lembrava de quaisquer adolescente por perto?”, perguntou Archie.

“Eu mal a conheci”, disse o reverendo.

Havia mais que o reverendo não estava falando a eles. E todos eles sabiam disso. Mas qualquer coisa que tinha sido dita durante o aconselhamento espiritual estava protegida. Quaisquer que fossem os segredos que o reverendo tinha, eles não eram seus para doar. “O que aconteceu com aquela família?”, perguntou Archie.

O Reverendo Lewis olhou para o caixão, então, para Huffington, antes de, finalmente, fixar os olhos azuis em Archie. “Eles foram testados por Deus.”

Archie inspecionou a nota em sua mão.

Beaton havia colocado na sepultura em algum momento durante a noite. Ele chorou quando ele a matou. Ele queria estar no seu funeral. Em vez disso, ele tinha se contentado com uma citação bíblica rabiscada em um pedaço de papel.

“Ele sabia que nós estaríamos aqui”, disse Archie.

“Ele não podia se arriscar, mesmo por sua mãe”, disse Huffington.

Se eles estavam todos aqui, onde *ele* estava?

Archie limpou a sujeira do rosto e do seu relógio. Passava do meio-dia. “Susan deveria ter feito uma ligação há quinze minutos”, disse Archie.

“Ela não é exatamente uma escrava do tempo”, disse Henry.

Archie digitou o número do telefone celular de Susan. Caiu direto na caixa de mensagens. Então, ele ligou para o numero fixo de sua mãe. Ele estava desconectado.



CAPÍTULO 60

A porta balançou na moldura quando Beaton jogou seu corpo contra ela uma e outra vez. As portas antigas eram muito boas, e esta tinha durado muito tempo, mas estava começando a se partir.

“Não vai demorar muito”, disse Susan.

Elas agarraram suas pequenas facas caseiras e esperaram. Bliss não tinha líquido desentupidor de ralos. A coisa mais tóxica que haviam encontrado no banheiro foi óleo de melaleuca. Elas o derramaram em uma bisnaga e Susan espirraria nos olhos dele, na esperança que isso pudesse arder.

“Susan”, disse Pearl.

Ele chocou-se contra a porta novamente e a madeira fez um estalo.

“O quê?” perguntou Susan.

Pearl olhou para a camiseta estampada manchada de sangue. “Sinto muito sobre sua camiseta.”

“Encontre-me outra”, disse Susan.

Mais uma boa batida e ele estaria em cima delas.

Susan olhou para Pearl.

Pearl assentiu.

Susan estendeu a mão para a fechadura da porta, e, o mais silenciosamente que pôde, destravou-a.

Elas se espremeram contra a parede, perto da porta, e esperaram.

“ ‘Porque tudo o que o homem semear, ele também ceifará’ ”, Beaton gritou através da porta. Em seguida, ele se atirou contra a porta, só que desta vez a porta estava destrancada, e abriu-se, enviando Beaton tropeçando para a frente, o facão ao seu lado.

Susan estava pronta com a bisnaga e a apertou e um fluxo de óleo de melaleuca dourado foi direto nos olhos dele.

Ele gritou, fechou os olhos e debateu o facão no ar. Elas não podiam passar por ele para sair do banheiro; o alcance da lâmina era longo demais. Elas tinham uma chance. Susan esperou o facão parar de balançar e, em seguida, golpeou-o na coxa com sua lâmina improvisada. Ele gritou e largou o facão e sua mão foi para a perna, onde o caco de vidro estava preso em sua carne.

Ao mesmo tempo, ela sentiu uma pequena pontada no músculo de sua própria

coxa.

Os olhos de Beaton caíram sobre ela. Suas pálpebras estavam em carne viva e o branco de seus olhos estavam vermelho escuro e molhados de lágrimas. Ela estava encurralada em um canto.

Ela ouviu Pearl dizer: “O que você fez com ela?” Ela pegou o facão e estava segurando-o como um taco de beisebol. “Deixe-a ir.”

Susan olhou para sua perna, onde uma agulha hipodérmica estava enfiada em sua coxa como um termômetro de carne assada. Ela puxou-a para fora e olhou para ela. A seringa estava vazia. O êmbolo todo dentro. Fosse o que fosse, estava agora em seu organismo. Ela estava se sentindo tonta. Ela tropeçou, e se segurou na borda da banheira. Uma vela caiu no chão. A visão de Susan estava ficando manchada. Ela estava morrendo? Ela olhou para Pearl. Ela tinha que ajudar Pearl.

Os olhos de Pearl estavam frenéticos. O facão brilhava e tremia em suas mãos.

“Corta a porra da cabeça dele”, Susan balbuciou.

Beaton ergueu as palmas das mãos. Susan caiu no chão. A tinta azul clara era da cor do céu.

Beaton disse, “Pearl, você aceitou o Senhor?”

Foi a última coisa que Susan ouviu antes do mundo ficar preto.



CAPÍTULO 61

“Ela ainda está inconsciente”, disse Claire. Ela estava sentada na cabeceira de Susan. A ambulância a tinha levado ao Providence, que estava localizado no lado leste. Foi um alívio para Archie. Eles tinham passado muito tempo no Hospital Emanuel ao longo dos últimos anos.

Claire olhou para Archie e Henry andando para cima e para baixo. “O que aconteceu com vocês dois?”

Archie e Henry tinham dirigido direto para lá de St. Helens, quase quebrando a barreira do som ao passar por Scappoose. Ambos estavam ainda cobertos de sujeira. As barras das calças de Archie estavam cobertas de lama. Henry tinha manchas de terra em seus braços e pescoço, e uma marca de mão suja na frente de sua camisa. Eles deixaram suas pegadas sujas ao longo do corredor do hospital. As meias de Archie estavam viscosas. Um dos botões da sua camisa havia caído. Ele havia perdido o paletó.

“Tivemos que fazer uma escavação”, disse Archie.

Susan estava em um quarto privado na Sala de Emergência. Ela estava usando uma camisola de hospital, um cobertor branco de algodão dobrado até o peito. Archie foi até o lado da cama, esfregou uma palma suja nas calças, e pegou a mão de Susan. Sujeira caiu de seus dedos sobre o cobertor e ele escovou para fora, no chão. Isso era culpa dele. Ele nunca deveria ter concordado em deixar Pearl ficar lá.

“Você quer se sentar?”, perguntou Claire, oferecendo seu assento. Archie assentiu com a cabeça e sentou-se, ainda segurando a mão de Susan na sua. Claire foi até Henry, lambeu o dedo e limpou um pouco de lama dos lados de seu nariz.

“Obrigado”, disse Henry.

A pele de Archie coçava da sujeira e do suor. A lama nas calças tinha secado numa crosta dura. Ele podia sentir o cheiro da terra de cemitério, e o cheiro de seu próprio corpo onde o suor escorreu pela camisa.

Susan estava no sono REM, os olhos se mexendo para trás e para frente por baixo das pálpebras. Um lado de sua boca se contorceu.

Beaton a tinha drogado com um forte sedativo. A seringa estava no chão quando Claire a encontrou inconsciente no banheiro.

“Elas realmente lutaram”, disse Claire. “Há sangue e cacos de vidro por todo o banheiro. Sangue dele”, ela esclareceu. “Não de Pearl.”

Susan agitou-se e disse algo em seu sono.

Archie sabia o que tinha que fazer.

“Eu preciso falar com o médico dela”.

“Eu vou procurá-lo”, disse Claire. Ela correu para fora do quarto. Henry inclinou-se contra a parede, sem dizer nada. Susan parecia mais jovem quando dormia, toda a sua postura desaparecia de seu rosto. Cada sarda era visível contra sua pele pálida. Até seu pescoço e ombros tinham sardas, algo que Archie não tinha certeza de já ter notado antes. Archie se orgulhava de perceber detalhes, mas quando se tratava de Susan, por algum motivo, ele perdia as coisas. Havia algo nela que distraía parte de seu cérebro.

Claire voltou com o médico. Ele era jovem, provavelmente um residente. Seus olhos se arregalaram quando viu Henry e Archie. Archie não se incomodou explicando a lama. Ele tirou seu distintivo e abriu-o, e o médico balançou a cabeça algumas vezes demais. Ele estava nervoso. Às vezes, as pessoas que estavam habituadas a estar em posições de autoridade não gostavam quando outro alguém com autoridade aparecia. Isso era bom. Archie poderia usar isso. Com a abordagem certa, o médico poderia ser pressionado.

“Precisamos que você lhe dê algo para acordar”, disse Archie. Ele podia sentir os olhos de Henry e de Claire nele. Eles não iriam gostar disso.

O médico tinha um crachá que dizia DR. CLOOP em seu jaleco branco. A etiqueta com o nome foi gravada em prata - provavelmente um presente pela graduação na faculdade de medicina. Cloop pegou uma caneta no bolso do peito. Ele não fez nada com ela. Ele apenas a segurou em sua mão. “Qual é o seu interesse aqui?”, perguntou.

A mão de Susan estava quente e mole. Archie fechou os dedos em torno dela. “Eu sou seu amigo”, disse. Ele limpou a garganta. “Eu também sou o detetive neste caso. Ela testemunhou um sequestro. A garota ainda está lá fora, em grande perigo”.

“Ela vai acordar naturalmente em algumas horas”, disse Cloop.

“Não temos muito tempo”, disse Archie. “Ela foi drogada com um sedativo.” Ele esperou um momento. “Portanto, dê-lhe uma anfetamina”.

Henry ajeitou-se desencostando da parede, deixando um rastro de sujeira onde seu ombro tinha estado. “Você tem certeza que isso é uma boa ideia?”, perguntou.

Cloop estava inquieto com a caneta na mão e balançou a cabeça. “Não é tão simples assim. Posso dar-lhe Flumazenil. Mas é controverso. Se ela tiver algum problema de saúde, pode causar convulsões, problemas cardíacos, até mesmo a morte. Os riscos superam os potenciais benefícios.”

Susan dormia tranquilamente na cama. Archie tinha arriscado sua vida para salvar a dela em mais de uma ocasião. Agora, ele estava pensando em arriscar a vida dela para salvar Pearl. Ele não sabia se Susan iria entender. Ele tinha certeza de

que a mãe dela não entenderia. “Susan não tem problemas de saúde”, disse Archie. Ele moveu seus olhos para Cloop. “Dê-lhe a dose.”

“Eu preciso conversar com o meu supervisor de residência”, disse Cloop.

“Olha, doutor”, disse Archie. Ele sabia que Cloop gostaria do título honorífico. “Um serial killer pegou uma garota de dezessete anos de idade e ele vai matá-la. Ele provavelmente está machucando-a agora. E Susan pode ter informações que podem nos ajudar a encontrá-los.”

Cloop estava cedendo. Archie podia ver seus olhos se movendo, já calculando a dosagem. “Dependendo de como ela reagir ao benzodiazepínico, ela pode não se lembrar de muita coisa”, disse Cloop.

“Ela vai se lembrar”, disse Archie. Ele apertou a mão de Susan. Ele acreditava nela.

Cloop respirou fundo e exalou lentamente. Ele colocou a caneta no bolso do peito. Foi aí que Archie soube que tinha ganhado. “Eu já volto”, disse Cloop.

“Bliss está a caminho”, disse Claire logo que Cloop tinha ido embora. “O que há de errado com você? Devemos esperar por ela.”

“Se formos esperar por ela, ela não vai nos deixar fazer isso”, Archie disse simplesmente. “Ela vai querer proteger Susan.”

Henry esfregou a testa. “O que *você* quer?”, ele perguntou a Archie.

“Eu quero que Susan ajude a salvar a vida de Pearl”, disse Archie. Ele pensou um momento. E então voltou sua atenção de Susan para Henry e Claire. “Ela pode fazer isso”.

Claire hesitou. Ela estava observando-o. Às vezes ela olhava para Archie como se ele fosse um problema de matemática muito difícil. Então ela enfiou um braço sob o cotovelo de Henry e assentiu.

Cloop voltou com um frasco de líquido claro e uma agulha hipodérmica. Ele perfurou a parte superior da tampa do frasco e aspirou o fluido com a hipodérmica. Em seguida, ele bateu suavemente nela. “Se isso der certo, vai dar certo rápido”, disse ele. E injetou o medicamento na veia de Susan.

Archie segurou a mão dela entre as suas, os olhos fixos em suas pálpebras fechadas. Os sons da Sala de Emergência – os saltos dos enfermeiros no linóleo, a conversa silenciosa, os gritos suaves, e os batimentos cardíacos eletrônicos insistentes das máquinas - tudo desapareceu. Havia apenas Susan.

Eles esperaram.

Archie apertou mais forte a mão dela. *Vamos lá*, pensou. *Você pode fazer isso.*

Suas pálpebras tremularam.

Archie prendeu a respiração.

Então Susan abriu os olhos. Suas sardas desbotaram quando a cor voltou para o seu rosto. Ela olhou para Archie e disse: “Onde Pearl está?”

Archie foi inundado com tal alívio que quase se sentiu mal. Ele teve que olhar para baixo e limpar a garganta antes que pudesse responder. “Ela se foi”, disse.

Claire estava encolhida sob o braço de Henry, uma rara demonstração de afeto público. Archie viu-a afastar-se, quando Susan acordou e a tensão se dissipou, mas ele também viu que Henry ainda tinha uma mão na parte inferior das suas costas.

Os olhos de Susan estavam arregalados, seu olhar correndo ao redor da sala. “Ele tinha um facão”, disse ela. “Ele matou a nossa cabra”.

“Eu sei”, disse Archie.

Susan virou-se para Archie, piscando para conter as lágrimas. “Eu amava aquela cabra. Eu sei que disse coisas terríveis sobre ela. Mas eu juro por Deus, eu realmente a amava. Eu não queria que ela morresse.”

“Eu sei”, disse Archie.

“Ele a levou?” disse Susan. Ela estava segurando a mão de Archie com tanta força que doía, como se pudesse cair, se ela a soltasse.

Archie assentiu. “Você precisa me contar tudo o que aconteceu.”

Ele viu o cérebro de Susan trabalhar, os olhos à procura de informações. “Pearl saiu para brincar com a Baby”, disse ela. “É como ela chamava a cabra. Eu não tenho ideia do porquê. Não é o nome dela”. As narinas de Susan se alargavam e lágrimas escorriam pelo seu rosto. Então, ela deu um suspiro longo e hesitante. “Ela voltou apavorada. Disse que alguma coisa tinha acontecido com a cabra, então eu fui lá fora para ver. Eu acho que ele deve ter entrado pela porta de trás, então.” Ela engoliu em seco. “Aquilo não se parecia coisa de coiotes ou guaxinins.” O rosto de Susan empalideceu com a lembrança. “Eu ia ligar para você”, ela disse para Archie, “mas eu deixei meu telefone lá dentro. Então voltamos para casa, apenas para pegar o telefone. Eu podia vê-lo na mesa da cozinha. Mas quando eu o peguei, ele estava molhado. Ele o mergulhou na água ou algo assim, por isso não funcionou. E o telefone fixo foi cortado.” O estômago de Archie se retorcia, mas ele esforçou-se para manter sua expressão neutra. Ela já estava abalada. Ela não precisava ver o medo dele. “E então ele estava lá”, disse Susan. “Ele tinha um facão. E ele estava coberto com o sangue da cabra. E nós não podíamos passar por ele, então corremos para cima e nos trancamos no banheiro.” Susan limpou o nariz com seu punho livre e murmurou, “Nós realmente precisamos comprar ácido para desentupir o ralo.”

Archie apertou a mão dela. “O que mais você se lembra?”, perguntou.

Susan olhou para seus dedos entrelaçados, e depois para Henry. “Por que você está tão sujo?”, perguntou.

“Jardinagem”, disse Henry.

“Concentre-se em se lembrar”, disse Archie.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para fora para algo que Archie não podia ver. “Ele estava rindo e vomitando citações da Bíblia”, disse ela. “ ‘Nós colhemos o que

semeamos', e coisas assim. Fizemos facas com pedaços de espelhos quebrados e toalhas e ele estava prestes a quebrar a porta, de modo que a destrancamos, e quando ele bateu seu corpo, ele caiu por ela e esguichei óleo de melaleuca em seus olhos e o apunhalei na perna com o espelho. Ele deixou cair o facão e Pearl o pegou. Mas ele já tinha me picado com a hipodérmica." Ela tocou sua perna. "Bem aqui. O que era?"

"Um sedativo," Archie disse, com um olhar para Cloop.

"Funcionou imediatamente", disse Susan. "Eu não podia ajudá-la. Mas ela tinha o facão. Eu disse a ela para usá-lo".

Archie olhou interrogativamente para Claire.

"Nós não encontramos um facão", disse Claire. "E eu não acho que ela o usou. Não há sangue suficiente."

Bliss explodiu na sala e congelou, seus lábios vermelhos formando um círculo.

"Eu não deveria ter saído", ela lamentou.

"Estou bem, mãe", disse Susan quando Bliss chegou ao seu lado, acotovelando Cloop fora do caminho e tomando Susan em seus braços. A mão de Susan escorregou das mãos de Archie quando ela abraçou sua mãe pelos ombros.

A mão de Archie pulsava enquanto sua circulação retornava.

"Eu tentei mantê-la segura", disse Susan.

Bliss agarrou Susan. Quando ela levantou a cabeça, havia um círculo brilhante do batom vermelho no pescoço de Susan.

A boca de Susan estava pequena, do jeito que ficava, quando ela estava perturbada.

"O que foi?" Archie perguntou a ela.

"Ele disse, 'Pearl, você aceitou o Senhor?' ", disse Susan. "Ele a chamou de Margaux, quando tentou agarrá-la no centro."

Henry disse: "Talvez ele tenha ouvido você chamá-la de Pearl".

Susan balançou a cabeça, sua expressão determinada. "Eu não disse o nome dela. Nem uma vez."

Não era a única coisa que incomodava Archie. Se Colin Beaton tinha caçado Pearl, porque pensou que ela tivesse visto a cena do sequestro de Jake Kelly, então por que deixar Susan viva?

Ele precisava sair de lá, para pensar. Mas quando ele se levantou, Susan pegou sua mão.

"Você tem que encontrá-la", disse ela. "Prometa-me."

"Todo mundo está mobilizado", disse Archie. "Nós já emitimos um Alerta Amber - *Alerta de Emergência para Crianças desaparecidas* - em três estados. O FBI está vindo. Policiais do Estado. Todos. Nós vamos pegá-lo."

"Prometa-me", disse Susan. Ela olhou-o nos olhos. "Porque se você me

prometer, eu vou acreditar em você.”

Archie hesitou. Ele olhou para suas mãos. Sua mão estava suja, com terra preta sob as unhas e endurecida em seus dedos. A mão de Susan. O cobertor branco. Estava tudo sujo. Tudo o que ele tinha tocado. Susan trouxe a outra mão e dobrou-a em torno da primeira, de modo que a mão dele ficou escondida na dela.

Ele olhou para ela. E ele teve que lutar contra o desejo de se inclinar para a frente e pôr os lábios em sua testa. Porque se ele fizesse isso, ele iria querer mais. “Vou encontrá-la”, disse ele. “Eu prometo a você.”

Os olhos dela correram para a esquerda, por cima de seu ombro, na direção da porta do quarto. “Leo”, disse ela. “Quem te chamou?”

Archie olhou por cima do ombro enquanto Leo Reynolds entrava na sala.

“Eu chamei”, disse Archie. Ele tirou a mão de Susan. “Você e sua mãe precisam de um lugar seguro para ficar.”



CAPÍTULO 62

A cocaína sumira. Tinha sido a primeira coisa que Susan verificou, sob o pretexto de tomar uma ducha. A bolsa de ginástica sumira também. Como se nunca tivesse existido.

Agora, cabelos úmidos, sentada no sofá de Leo, vestindo seu roupão, refletindo sobre a ironia de Archie enviar Bliss e ela para ficarem com um traficante de drogas para mantê-las seguras.

Bliss tinha a TV ligada. Todos os canais locais estavam com a cobertura ao vivo. Bliss rodou-os, como se pudessem oferecer alguma informação nova, algum vislumbre de esperança, mas eram as mesmas imagens, uma e outra vez. Pearl, representada por uma série de imagens fotográficas, a imagem digital de Colin Beaton, e o vídeo de uma conferência de imprensa ocorrida mais cedo - o chefe de polícia, o prefeito, e Archie, limpo e em um terno impecável. Filmagens da casa delas, iluminada por luzes de noticiários de TV, os policiais entrando e saindo. Beaton ainda estava em liberdade. Pearl ainda estava desaparecida.

Bliss mudou de canal novamente. Ela estava pálida, sua boca uma pequena linha apertada.

“Archie vai encontrá-la”, disse Susan.

“Archie poderia ter matado você,” Bliss disse, sem mover os olhos da TV. Desde que o médico havia contado sobre o pedido que Archie tinha feito para forçá-la a sair da sedação, Bliss estava fervendo. Talvez se sua mãe pudesse ter tido a oportunidade de gritar com Archie, ela teria conseguido se esquecer disso. Mas Archie já tinha saído quando ela descobriu, então Bliss ficou limitada a resmungos de raiva.

“Ele sabia o que estava fazendo”, disse Susan, mas ela não tinha certeza se acreditava nisso.

Bliss se virou e olhou para Susan. Os músculos do pescoço de Bliss estavam tensos. Quando ela colocou a mão na perna de Susan, Susan podia senti-la tremer. “Não perca seu tempo com ele,” Bliss disse calmamente. “Há uma razão para o casamento dele não ter dado certo.”

Mal ela sabia, pensou Susan.

“Eu vou pegar um pouco de água”, disse Susan. Ela se levantou e foi até a cozinha. A cozinha de Leo tinha todos os eletrodomésticos de aço inox e ângulos

agudos. Ele estava fazendo chá. Sua camisa branca brilhante, com as mangas enroladas, e as calças pretas estavam impecavelmente passadas. Ele olhou para ela e sorriu. “Camomila”, disse ele.

Susan ergueu-se para sentar-se no balcão de granito preto, ao lado das duas canecas de cerâmica brancas que Leo tinha prontas para o chá. “Você tem alguma Cocaína?”, ela perguntou.

Leo ergueu as sobrancelhas. Ele pegou a chaleira elétrica e derramou água fumegante nas duas xícaras. “Você acha que é uma boa ideia agora?”

“Eu acho que é uma ideia perfeita agora”, disse Susan. “Eu preciso de um estímulo.”

Ele pegou uma colher e mexeu o saquinho de chá em uma xícara, depois o outro. Susan podia sentir o cheiro de camomila, picante e floral. “Acabou tudo,” Leo disse.

Ela cutucou-o no braço com o dedo indicador. “Você está mentindo.”

“Você acabou de sair do hospital, Susan.”

Susan empurrou-se para fora do balcão. “Então, vamos comemorar”, disse ela. Ela dirigiu-se para o quarto dele, e ele a seguiu. Ela sabia onde ele guardava um grama de vez em quando. Ela sabia que ele usava coca ocasionalmente. Ela não era estúpida. Ela abriu a gaveta de sua cômoda, e ele fechou a porta do quarto. Dentro da gaveta havia uma nécessaire de couro. Susan puxou-a para fora e abriu o zíper. A coca estava em um pequeno saco plástico, do tipo que você recebe em lojas de bijuterias. Havia também um canudo preto, com cerca de cinco centímetros de comprimento.

“Boas notícias”, disse Susan. “Parece que você tem alguma esquecida por aqui”.

Leo ficou parado na porta do quarto, com as mãos nos bolsos.

Ela bateu um pouco do pó branco para fora do saco sobre a madeira lisa escura da cômoda dele.

“Você não quer fazer isso,” Leo disse.

Susan ignorou-o, colocou o cabelo atrás das orelhas, apertou uma narina, e aspirou.

Ela recuou imediatamente - o nariz queimou e seus olhos lacrimejaram. Ela esfregou o nariz e saltou para cima e para baixo. “Caralho, como é forte”, disse.

“É pura,” Leo disse calmamente.

“Arranje-me um lenço de papel”, disse Susan, sacudindo uma mão.

Ele colocou um lenço na palma da mão dela. Ele era aquele tipo de cara, o cara com o lenço de pano.

Susan assoou o nariz e devolveu-lhe o lenço.

Ela realmente se sentia muito bem. Seus braços faziam cócegas. Seu cérebro estava quente. Ela sentiu como se estivesse recebendo mais oxigênio, como se um véu de neblina tivesse sido erguido. “Esta é uma *merda* muito boa”, disse ela.

“Archie vai me matar”, disse Leo.

“Por que você se importa tanto com o que Archie pensa?” perguntou Susan.

“Por que *você* se importa?” Leo respondeu.

Susan deu de ombros e virou-se. Sentia-se em movimento.

“Ele pegou o assassino da minha irmã”, disse Leo. “Nós temos uma amizade. Conheço-o desde sempre.”

“Ele nem gosta de você”, disse Susan. Ela disse isso em voz alta? Ela colocou a mão sobre sua boca. “Sinto muito.”

“Ele gosta de mim,” Leo disse. “Ele não gosta de mim com você.”

“Por quê?”

“Ele provavelmente podia prever este momento,” Leo disse.

“Eu encontrei a bolsa de ginástica.” Ela disse isso. Saiu sem querer. Isso é o que uma carreira de cocaína fazia - dava-lhe coragem. Ela colocou as mãos nos quadris para dar ênfase.

Leo piscou para ela, então exalou como se alguém o tivesse golpeado na barriga. Ele enfiou as mãos atrás da cabeça. “Merda”, disse ele. Ele estava cuspidando, sacudindo a cabeça. Ele parecia com raiva, ainda mais furioso do que ela pensava que seria. “Porra, Cristo, Susan. Eu lhe disse para não bisbilhotar”.

Sua reação fez Susan sentir-se na defensiva. “Você é um traficante de drogas”, disse ela, “tal como o seu pai.”

“Você tinha que tocar naquilo?” perguntou Leo. Ele estava andando, olhando para o chão. “Merda, eles vão procurar digitais.” Ele andou até ela e segurou-a pelos braços. “Você tocou no plástico?”

Susan estava confusa. “Procurar digitais? O quê? Não.”

Ele a soltou e se afastou.

“O que você fez com *aquilo*?” Susan perguntou.

Ele se afastou dela e começou a andar novamente. “Merda, não podemos ter essa conversa. Não agora.”

A gravidade disto estava penetrando nela. “O que você é?”, ela perguntou.

Seu olhar era agudo. “O que você achou que eu era?”

“Um advogado”.

Ele dirigiu um olhar cético para ela. “Com somente um cliente?”

O nariz de Susan estava escorrendo. Ela não queria pedir o lenço novamente. Ela fungou e limpou-o com a mão. “Era uma grande quantidade de cocaína, Leo.”

Os olhos de Leo se arregalaram um pouco. Foi rápido, mas ela percebeu. “Simmm”, disse ele.

Não era cocaína. Parecia com se fosse coca. “O que era?”, perguntou Susan. Ela não se sentia mais eufórica, apenas nervosa. “Era heroína?”

Heroína. Herói. Era estranho o modo como o cérebro funcionava. Talvez fosse a

cocaína. Talvez fosse a livre associação. Tudo o que Susan sabia era que até aquele momento se esquecera sobre o bilhete que sua mãe tinha deixado para ela, sobre Gabby Meester e a coluna Heróis da *Trib*. E agora ela se lembrava. E mais, ela lembrou que, quando ela e Bliss voltaram para casa, o bilhete tinha sumido. Estava ao lado do seu notebook, ao lado do telefone. E então ele não estava mais lá. Beaton tinha pegado. Porque era importante.

“Eu preciso do seu computador”, disse Susan.



CAPÍTULO 63

Archie olhou para a escuridão do quarto de Gretchen. As luzes do corredor faziam um retângulo de luz no chão no formato da porta. O quarto estava frio.

“Você está acordada?”, perguntou Archie.

“Sim”, disse Gretchen.

O interruptor de luz era no corredor, do lado de fora da porta. Archie acionou-o, e a porta no chão desapareceu quando o quarto se iluminou com a sua cor doentia institucional. Gretchen estava deitada de costas na cama. Ele tinha a sensação de que ela estava ali há muito tempo acordada no escuro.

“Gretchen Stevens”, disse Archie. “É um prazer.”

Ela não reagiu visivelmente a isso. Mas ele não estava perto o suficiente para ver qualquer mudança de expressão em seu rosto. “Que abelha ocupada você tem sido”, disse ela. Ela virou a cabeça e olhou para ele. “Eu não estava esperando por você. Ninguém veio para me amarrar.”

“Tive um longo dia,” Archie disse da porta. “Eu não liguei com antecedência.”

Ela acenou-lhe com a mão. “Venha e me atualize. Eu estou um pouco por fora”.

Archie caminhou até ela. Ela se ergueu um pouco mais na cama e apoiou-se nos cotovelos e ele sentou-se na beirada da cama. Ele podia sentir a sua proximidade.

A mão dela correu por suas costas e se enfiou pelos cabelos curtos na base do seu pescoço. “Conte-me sobre o seu dia”, ela pediu.

Seus ombros relaxaram sob seu toque e ele deixou sua cabeça cair para frente. “Seu velho amigo Colin Beaton colocou Susan Ward no hospital e sequestrou uma garota chamada Margaux Clinton. Dezessete anos. Uma criança adotada, assim como você.”

Ele olhou de soslaio para ela.

Ela deu um pequeno sorriso. “Ele não gosta deste nome agora.”

“Desculpe, Ryan Motley.”

Ela parecia diferente. Sua pele estava clara e seus olhos pareciam mais nítidos. A lentidão de seu discurso não existia mais. Ou ele estava imaginando isso?

Os dedos dela se moviam mais profundo em seu couro cabeludo, acariciando seus cabelos.

“Os Beatons adotaram você”, ele disse. “E você matou James Beaton. Foi ideia de Colin? Vocês fizeram isso juntos?”

“Isso foi doce”, ela murmurou. “Você quer colocar a culpa nele. Ele era o psicopata, e eu era a flor inocente, envolvida na carnificina.” Seus lábios se espalharam em um sorriso malicioso. “Sinto muito, querido. Papai Beaton foi todo meu”.

“Você transformou Colin em um assassino”, disse Archie.

“Mostrei-lhe como sobreviver - eu não sabia que ele era louco.”

Archie riu secamente. “Agora ele é o único louco?”

Gretchen se sentou de modo que ficou bem atrás dele, e ela colocou a cabeça sobre seu ombro e os lábios em seus ouvidos. Sua respiração quente vibrou contra o pescoço dele. “Ele está testando Deus”, ela sussurrou.

A Igreja do Cristo Vivo. Puristas bíblicos. “Ele acredita na cura pela fé”, disse Archie, entendendo. Gretchen torturou suas vítimas para sua própria diversão. Beaton torturava suas vítimas para que tivessem uma morte lenta, para dar-lhes o máximo de tempo possível para Deus entrar em cena “Ele tenta salvá-las.”

O rosto de Gretchen se iluminou de alegria. “Com *orações*. E eles morrem de qualquer jeito, é claro.” Ela arqueou uma sobrancelha. “Você acha que ele poderia compreender?.”

“Por que ele esculpiu os corações em algumas das crianças?”.

“É uma piada particular.”

“Não é muito engraçado.”

Ela deu de ombros e se recostou sobre seus cotovelos novamente.

Archie olhou ao redor do triste e úmido quarto. “Isto é melhor do que a prisão?”, ele perguntou.

“É melhor do que a injeção letal.”

“Preocupada porque os anjos não vão estar lá para cumprimentá-la?”

Ela piscou, olhou para o lado, e Archie não poderia dizer se ela estava realmente sentindo alguma coisa ou se ela estava apenas fingindo. Quando ela olhou para ele novamente, seus olhos eram suaves. “Deite-se ao meu lado”, pediu.

Archie olhou para a porta. Isso estava indo longe demais. Ele coçou a nuca. Ele podia sentir o peso de seu olhar. Ele tirou os sapatos, lentamente, e deixou-os lado a lado no chão. Então ele se estendeu a seu lado na cama, de modo que eles estavam ombro a ombro, quadril com quadril.

“Ajuda ficar tão perto de mim?”, ela perguntou.

Archie tentou não pensar sobre o calor em sua virilha. “Não realmente”, disse ele.

“Você está saindo com alguém.” Ela disse casualmente.

Ele sabia que ela estava jogando verde, lendo-o de alguma forma, mas ainda jogando com ele. “Estou?”, disse.

“Será que ela se parece comigo?” Ela vacilou no final da frase, e a correção era

clara: *Como eu costumava parecer?*

“Henry pensa que sim”, disse Archie.

“Bom. Eu quero que você seja feliz.”

Archie riu. “Não, você não quer.”

Ela sorriu e correu a ponta do dedo ao longo da cicatriz que ela tinha deixado em seu pescoço. “Você deveria ter me amarrado”, disse ela. “Eu poderia matá-lo. Você nunca sabe quando eu posso ter uma lâmina escondida na manga.”

“Por que me matar agora?”, perguntou Archie. “Parece anticlímax.”

Ela moveu um dedo de seu pescoço para os botões de sua camisa, para frente de suas calças e depois colocou a mão sobre sua pélvis. Ele ficou tenso.

Ela sorriu. “Você ainda gosta de mim.”

Ele sabia que era o que ela queria. Poder. Saber que ela ainda tinha domínio sobre ele.

Ela moveu a mão para a boca e chupou seus dedos, então dançou os dedos para baixo de sua camisa e deslizou seus dedos em suas calças. O fluxo de sangue em seu corpo o fazia sentir-se tonto. O calor de sua mão, a viscosidade de sua saliva.

Ele colocou a mão em seu pulso.

“Não”, disse ele.

Ele podia sentir o cheiro de sexo entre eles. Ambos ofegantes, suando naquela sala fria.

Ela puxou sua mão para fora da calça e se enrolou ao lado dele, com a cabeça em seu ombro. “Eu não planejei isso”, disse ela. “Nosso caso. Eu só queria entrar na investigação.”

“Isso deveria me fazer sentir melhor?”, ele perguntou.

“Isso provavelmente deve fazer você se sentir pior. Se eu tivesse planejado isso, você seria uma vítima dos meus ardis.”

“Desta forma, eu sou um culpado de merda”, disse Archie.

“Somos todos culpados”.

“Sim, bem, alguns de nós mais do que outros”, disse. Ele bocejou e esfregou seu rosto. “Eu não sei por que eu vim aqui.”

Ela levantou a cabeça e olhou para ele. “Eu sei. Você quer salvar a menina. Você acha que eu poderia saber onde eles estão, e você acha que se você for bom para mim, eu poderia dizer-lhe.”

Era isso.

“Você sabe onde eles estão?”, perguntou Archie.

Seu queixo estava em seu ombro, os rostos próximos. Ele podia ver os fios de vasos sanguíneos na parte branca dos olhos dela. “Eu preciso que você mate Colin”, disse ela. “Eu não quero que ele seja pego. Eu o quero morto.”

“Eu sou um policial, Gretchen”, disse ele. “Eu não poderia matá-lo mesmo se

tivesse a chance.”

Suas narinas inflaram. “Você acha que eu sou perigosa? Ele é duas vezes mais perigoso do que eu já fui. Ele tem feito coisas piores. Ele fará coisas piores.”

Ele pegou a cabeça dela entre as mãos e olhou-a nos olhos, procurando alguma expressão, alguma centelha de humanidade. “Você sabe onde ele está?”

Seu olhar não vacilou. “Diga-me que você vai matá-lo”, disse ela.

“Se eu pegá-lo, o Estado vai fazer isso por nós.”

“O Estado não me matou”, disse ela.

Archie roçou sua bochecha com o polegar. “Você é uma aberração do caralho, meu amor.”

“Prometa-me que vai matá-lo.”

Ele olhou para ela, ainda em busca do ponto de vista dela. “Mentimos um ao outro o tempo todo. Tudo o que dizemos não significa nada.”

“Eu vou acreditar em você”, disse ela. Havia uma qualidade urgente em sua voz que ele nunca tinha ouvido antes. Isso o irritou.

“Eu vou matá-lo”, disse ele.

Ela fechou os olhos. E ele deixou as mãos caírem.

Suas pálpebras levantaram. E ela fixou os olhos azuis dele. “Aonde você vai, quando Deus falha com você?”

E então ele sabia. Lowell Street. “À Igreja”, disse Archie. A casca do prédio queimado ainda estava lá. Qual o melhor lugar para se esconder? Ele balançou as pernas para fora da cama e enfiou seus pés nos sapatos.

“Querido”, ela disse. “Eu não sou louca.”

Archie já se dirigia para a porta. Ele olhou para ela enquanto fechava a porta atrás de si. Ela ainda estava sobre seus cotovelos, ainda olhando para ele. “Eu sei”, disse ele. E então ele apagou a luz e mandou-a de volta para as trevas.

Henry estava esperando no corredor. “Funcionou?”, perguntou.



CAPÍTULO 64

Susan sentou-se na beirada da cama de Leo, o notebook preto dele balançando em seus joelhos. Leo estava sentado ao lado dela, olhando para ela como se ela pudesse ter um ataque cardíaco a qualquer momento. Ela pesquisou todo nome que pode pensar em conjunto com a coluna Heróis. Jake Kelly. Ryan Motley. Todos os Beaton. Na verdade, ela nunca tinha digitado tão rápido. Mas ninguém, senão Gabby Meester apareceu.

Então ela pegou o telefone de Leo para chamar Lucy Trotter, a funcionária da *Trib* que montava a coluna Heróis semanalmente. Lucy contou que uma amiga de Gabby tinha ligado há alguns meses para fazer algumas perguntas sobre um formulário em que ela estava trabalhando, indicando Gabby para um prêmio que pagava 10.000 e tinha sido anunciado nos classificados do *Oregon Herald*. Então Susan tinha olhado a chamada para as indicações nos classificados do *Herald*, e lá estava. “Procura-se indicações para o prêmio Boas Notícias. 10.000 para o morador com o coração mais caridoso. Você colhe o que planta.”

“Filho da puta”, disse Susan.

O classificados do *Herald* fornecia um e-mail fictício para proteger a privacidade da pessoa que fazia a indicação. Mas você tinha que fornecer informações genuínas de contato, a fim de obter esse e-mail.

Susan ligou para Derek Rogers. Com os cortes no jornal, ele estaria trabalhando até tarde, cobrindo a sessão policial que ela uma vez esperou herdar. Ele era uma daquelas pessoas que se preocupavam com o seu trabalho, e provavelmente era por isso que ele ainda tinha um e ela não. Ele possivelmente usava uma gravata agora. Ela esperava que ele a ajudasse. Ela tamborilou com os dedos sobre suas pernas enquanto esperava. Ele atendeu depois de quatro toques.

“*Herald*”, disse ele, cansado.

“Sou eu”, disse Susan.

“Onde você está?” Derek perguntou, com uma voz vacilante. “Você está bem?”

“Estou ligando para lhe dar uma entrevista exclusiva sobre tudo o que aconteceu hoje.”

Houve uma longa pausa.

“O que você ganha com isso?”, ele perguntou.

Ele suspeitava de suas intenções desde que ela tinha parado de dormir com ele.

“Preciso de um favor”, disse ela. “Eu tenho o e-mail fictício para um classificado do *Herald* e eu preciso que você me envie por e-mail as verdadeiras informações de contato do cara.”

“Por que você está falando tão rápido?”, perguntou Derek.

“Estou animada”, disse Susan.

Ela viu Leo revirar os olhos.

“Eu vou ter que descer até os classificados”, disse Derek. “Vai demorar alguns minutos. O número que você está ligando está bloqueado. Dê-me o número para que eu possa ligar de volta.”

Susan olhou para Leo. “Não é meu telefone. Eu ligo para você quando você me enviar o e-mail com as informações de contato.”

Houve outra pausa.

Susan gemeu. “Juro por Deus”, disse ela.

“Ok,” Derek disse, e desligou.

Susan deslizou o computador fora de seu colo, levantou-se e dirigiu-se para a cômoda.

“Não”, disse Leo. “Sem chance.”

“Eu preciso de alguma coisa”, Susan disse, pegando o pequeno canudo preto. “Eu não quero ficar cansada.”

“Isso não vai ajudá-la a encontrá-la,” Leo disse.

“Você é muito hipócrita para alguém com uma bolsa cheia de heroína”, disse Susan.

Leo pegou o saquinho de cocaína, pinçado entre os dedos, e esvaziou-o no chão. “Ops”, disse ele.

A porta do quarto se abriu e Bliss enfiou a cabeça dentro “O que vocês dois estão fazendo?”, perguntou.

“Mamãe!” Susan disse, deixando cair o canudo. “Bata primeiro.” Ela se afastou da cômoda, do espelho, e do pó branco no chão. “E se estivéssemos fazendo sexo?”

“A sexualidade não é nada para se envergonhar, querida.”

Susan se encolheu internamente. “Alguma novidade na TV?”, perguntou.

“Nada”, disse Bliss.

“Você quer um pouco de chá?”, perguntou Leo.

“Eu quero um pouco de vinho”, disse Bliss.

Leo virou o olhar para Susan. “Eu já volto”, disse. Ele arrancou o celular de suas mãos e levou Bliss para a cozinha.

Susan sentou-se na cama e ficou apertando *atualização* até que o e-mail de Derek chegou. O anúncio tinha sido colocado por Ryan Motley. Havia um número de telefone e um endereço em St. Helens. O número de telefone era falso: 503-555-1212. Codificação de segurança do *Herald*, como de costume. Susan pesquisou o

endereço. Era uma igreja em St. Helens. A Igreja do Cristo Vivo.

No momento em que Leo voltou para o quarto, Susan estava vestida e tinha calçado seus sapatos.

“O que está acontecendo?”, Leo perguntou .

“Havia uma arma na bolsa da academia, você ainda a tem?”, Susan perguntou.

“Não”, disse Leo.

Susan ergueu as sobrancelhas. “Você tem outra arma?”

Leo não respondeu.

“Você tem?”.

Ele acenou com a cabeça.

“Pegue-a”, disse Susan.

“Eu estou com ela,” Leo disse.

Ela o olhou de cima a baixo. Ela não viu a arma.

Ele coçou a parte de trás de sua orelha. “Está no meu tornozelo”.

Claro, isso não era estranho. Carregar uma arma escondida. Susan torceu o cabelo molhado em um rabo de cavalo. “Nós precisamos ir”, disse ela.

Leo estava entre ela e a porta. “Para onde?”

“Há algo que eu quero dar uma olhada”, disse ela, tentando passar por ele.

Ele colocou as mãos em seus ombros. “Eu tenho que mantê-la segura”, disse ele. “Ordens do detetive Sheridan.”

Ela olhou para ele. Ela não sabia quem ele era. Ou em que ele estava envolvido. Neste momento isso não importava. O que importava era que ele tinha uma arma, e ela estava começando a suspeitar que ele sabia como usá-la. Ela olhou-o duro.

“Você quer que eu confie em você? Confie em mim.”

“E a sua mãe?”, perguntou Leo.

Susan retirou cada uma das mãos de Leo dos seus ombros, e, em seguida, fez sinal para que ele a seguisse. Ela foi até a cozinha, pegou uma faca de açougueiro do suporte de facas, e levou-a para a sala onde sua mãe estava levando um copo grande de vinho tinto à boca.

“Mãe, vamos sair”, disse Susan. Ela segurou a faca, pela ponta, e sua mãe a tomou. “Se alguém bater na porta, use isto.”



CAPÍTULO 65

O terreno em torno do que restou da Igreja do Cristo Vivo era traiçoeiro. A lua estava cheia, e os holofotes dos carros de patrulha lançavam luz ofuscante e sombras estranhas. Archie observava com Henry de trás do carro enquanto a SWAT do condado de Columbia rastejava lentamente para a frente, as lanternas navegavam sobre as ervas daninhas e o mato que cobriam o chão.

Archie tentou o megafone novamente. “Colin Beaton, aqui é a polícia. Venha para fora do prédio com as mãos atrás da cabeça.”

Não houve resposta.

A estrutura ainda estava de pé. Todos tinham estudado uma fotografia dela. O edifício de madeira tinha cem anos de idade, as janelas haviam explodido, o teto desabado. A pintura branca ainda era visível, escurecida pela fuligem.

“Parece assombrado”, um dos caras da SWAT tinha dito. E ninguém riu.

Archie odiava essa parte. Esperando na retaguarda com o seu colete de Kevlar, com o rádio da SWAT na mão estalando comunicações abafadas.

“Aproximando-se.”

“Na posição”.

“Entrando pela janela leste”.

Archie olhou por cima do capô do carro e viu os feixes das lanternas cortando a escuridão dentro da casa.

Henry puxou a trava da sua arma e liberou-a.

“Limpo”.

“Limpo”.

“Limpo”.

“Merda”, disse Archie.

“Senhor, não vejo ninguém aqui.”

Archie se levantou.

Ele pegou uma lanterna de um policial que estava perto e começou a caminhar em direção à igreja, tropeçando nos escombros do quintal. Ele ainda tinha o megafone na mão. Ele levou-o à boca e disse: “Não atirem, estou entrando.”

O comandante da SWAT estava esperando na porta da frente.

“Informações erradas”, disse o comandante.

“Continue procurando”, disse Archie.

O comandante se afastou para Archie poder entrar na igreja. Archie podia ver as estrelas através do teto e os flashes de luz da equipe da SWAT se espalharem por todo o edifício.

O comandante apontou a lanterna no sentido horário ao redor da igreja. As paredes interiores tinham sido despojadas de suas vigas. Era basicamente uma única sala. Não havia nenhum lugar para se esconder.

“Existe um porão?”, perguntou Archie.

“Fundação de tijolo e pedra. Ele não está aqui, senhor.”

Archie atirou o megafone no chão. “Maldito”.

Os feixes de lanterna congelaram.

Uma sombra apareceu por trás de Archie, e ele sentiu uma mão em seu ombro. Era Henry. “Você está na porra de uma igreja, Archie”, disse Henry.

Archie olhou para o céu noturno, as estrelas, a lua. “Desculpe”

Huffington chegou exatamente quando a SWAT estava desocupando a área. Archie estava no banco do passageiro do carro de Henry e Huffington parou seu carro patrulha ao lado dele, sua janela baixada.

Ela disse: “Da próxima vez que encenar uma invasão na minha cidade, me dê um aviso.”

“Não houve tempo”, disse Archie.

“Demora uma hora para chegar aqui”, disse ela.

Ela o pegou.

“Nós tínhamos uma pista que ele estava na igreja velha”, explicou Archie. “Ele não estava.”

“Mantenha-me informada, detetive”, disse Huffington. Ela apertou um botão em algum lugar e sua janela fechou, e então ela seguiu adiante pela rua.

Henry sentou no banco do motorista. “Ela está chateada?”, perguntou.

“Ela me lembra Susan”, disse Archie. Ele olhou para o relógio no painel. “Vamos”.

Henry se afastou do meio-fio e desceu a colina em direção à rodovia, enquanto Archie olhava para fora da janela.

“Há algo que Claire e eu estávamos querendo lhe dizer”, disse Henry.

As casas por onde passavam estavam escuras, com exceção do ocasional piscar da luz azul de uma tela de TV. “Ela está grávida”, disse Archie. “Eu estava pensando em dar os meus parabéns a vocês.” Ele estava pronto para dar um tapa nas costas do seu amigo, ou um aperto de mão, ou um desses outros gestos que homens dão uns nos outros em momentos como este, mas Archie se distraiu com algo que viu pela janela.

“Primeiro trimestre”, disse Henry. “Espere um minuto, você sabia?”

“Pare o carro”, disse Archie.

“O quê?”

Henry pisou no freio. Eles estavam na frente da nova Igreja do Cristo Vivo.

Archie olhou para fora da janela. A igreja estava escura, exceto pelos vitrais da capela-mor, que brilhavam em um padrão abstrato de vermelho e dourado. “Parece que tem alguém em casa”, Archie disse calmamente.

“Talvez eles estejam queimando o óleo da meia-noite.”

Archie abriu a porta do carro. “Talvez nós tenhamos ido para a igreja errada”, disse, saindo.

“Hey”, disse Henry, lutando para desprender o cinto.

Archie estava no meio do caminho, quando Henry alcançou-o.

Seus coletes de Kevlar estavam no porta-malas.

Archie tentou a maçaneta da porta principal da igreja. Elas estavam trancadas. As grandes portas duplas eram de carvalho, com ferragens caras. Archie foi até a porta do escritório. Como ele se lembrava, a porta era mais barata, com uma maçaneta de latão barato padrão. Ele tentou a maçaneta. Ela estava trancada. Ele pegou a carteira e vasculhou seus cartões procurando a flexibilidade certa, e depois escolheu um cartão de presente Starbucks. Ele puxou-o e deslizou-o ao lado da maçaneta da porta entre a porta e o batente.

“O que você está fazendo?” Henry assobiou.

Archie inclinou a parte do cartão que ainda estava exposto na direção da maçaneta da porta e disse: “Invadindo uma igreja.” Ele empurrou até que sentiu a lâmina do cartão passar pelo mecanismo. Então ele se inclinou contra a porta e moveu o cartão na direção oposta, até que o bloqueio estalou e a porta se abriu.

“Eu tenho certeza que você acabou de violar um mandamento”, disse Henry.

Ambos olharam para escuro e silencioso escritório.

“Vou entrar para dar uma olhada”, disse Archie, empunhando sua arma.

“Você quer que eu chame a SWAT de volta?” Henry perguntou.

“Se eu encontrar alguma coisa”, Archie disse, entrando.

Henry tirou sua própria arma e passou pela porta atrás de Archie.

“Você não tem que vir comigo”, disse Archie.

“Você acha que eu vou deixar você queimar no inferno sozinho?” disse Henry. “Só não atire no zelador.”

O escritório estava escuro, mas havia uma faixa de luz debaixo de uma porta interna, no canto esquerdo traseiro. Archie fez sinal para ele, e se dirigiram a ela, passando pelas sombras escuras de mesas e armários.

“Como é que você sabe como fazer aquela coisa com a porta?” Henry sussurrou.

“Eu vi na Internet uma vez”, disse Archie.

Tinham chegado à porta interna. Archie tentou a maçaneta. Ela estava

destrancada.

Archie olhou para Henry.

Eles prepararam suas armas.

Então a porta se abriu.

O Reverendo Lewis estava na porta, seu cabelo branco iluminado pelas luzes da capela, segurando um suéter ao peito, como se tivesse sido apanhado enquanto dobrava roupa na lavanderia. “Sim, senhores?”, disse.

“Jesus Cristo”, disse Henry, baixando a arma.

Archie não abaixou a arma dele. O cabelo na parte de trás do seu pescoço eriçou.

“Tudo bem, Reverendo?”, perguntou.

“Estou orando por aquela menina”, disse o reverendo Lewis. “Como você entrou aqui?”

“Bem, nós vamos deixá-lo em paz, Reverendo”, disse Henry.

Archie não se mexeu. “Podemos entrar e dar uma olhada?”

Os lábios do Reverendo estavam finos e pálidos. “Isso não é uma boa ideia”, ele disse.

Archie ergueu a arma de modo que ficou ao nível da testa do Reverendo Lewis.

“Afastese para o lado e deixe-nos passar”, disse Archie.

“Archie”, disse Henry em voz baixa, incrédulo. “Que porra é essa?”

O Reverendo abriu toda a porta e por um momento ele foi cercado pela luz. Archie olhou quando o Reverendo saiu do caminho para deixá-los passar. Archie entrou pela porta, a arma na frente dele.

O interior da igreja era moderno e arejado, com carpete bege de parede a parede e paredes brancas. Reluzentes bancos de madeira clara enfileiravam-se na frente da igreja. Um corredor com uma passadeira se estendia entre os bancos até os três degraus, também acarpetados, que levavam ao santuário. O tapete estava respingado com manchas de sangue, como se alguém tivesse sido arrastado, sangrando, até o santuário. No chão, Archie podia ver Pearl, apresentada como um sacrifício humano. Ela não estava se movendo.

Um homem de cabelos escuros no meio dos trinta anos estava no púlpito. Ele não tinha feito a barba do dia, e seu cabelo estava despenteado. Mas Archie reconheceu os membros longos e as feições sagazes do adolescente Colin Beaton. Havia um desespero tremendo nele, uma ansiedade quase palpável. Se Archie o tivesse visto na rua, teria assumido que ele era doente mental.

Na sala, saturando tudo, havia um cheiro insuportável de lírios. Enormes buquês de flores brancas foram colocados em urnas de bronze na frente da igreja e ao longo das costas dos bancos. Era assim que Colin tinha encontrado os lírios. Ele os havia roubado de igrejas. Um lírio faltando aqui outro ali, uma congregação provavelmente

nem notaria.

Colin acenou para Archie quando se inclinou para perto de um microfone e disse: “Venha orar conosco.” As palavras ecoaram na igreja, e Colin sorriu.

“Nós somos da polícia, Colin”, disse Archie. “Você está preso”.

“Reverendo Lewis,” Colin disse no microfone, aprofundando sua voz em uma paródia de autoridade. “É preciso retomar seus deveres espirituais.” Ele abriu os braços. “Pois eu vou restaurar a saúde em vós”, gritou no microfone: “e eu vou te curar de tuas feridas, diz o Senhor.”

“Fique onde está, Reverendo,” Archie latiu.

“Archie”, disse Henry.

Archie deu uma olhada para a esquerda. O Reverendo Lewis tinha deixado cair o suéter. Seu torso estava enrolado com fita adesiva que prendia algum dispositivo no peito.

Ninguém disse nada. Colin estava tão próximo do microfone que sua respiração estava amplificada. Era o único som na sala. Archie nunca tinha visto uma bomba de verdade de perto. Mas ele tinha certeza que estava vendo uma agora. Ele podia sentir o suor se formando em seu lábio superior, enquanto contava até cinco. *Um*. Mantenha a calma. *Dois*. Mantenha sua voz controlada. *Três*. Projete autoridade. *Quatro*. Construa um relacionamento. *Cinco*. Seja firme. “O que você fez, Colin?”, disse Archie.

Colin riu, e gritou ao microfone com uma explosão de ruídos de retorno e ecos que fez Archie recuar. “Há um celular no púlpito”, disse Colin. “Eu bato numa tecla e a bomba explode.”

Archie não conseguia ver as mãos de Colin ou o telefone. Mas isso não significava que ele não estava lá. Nos dias de hoje qualquer pessoa com uma conexão com a Internet pode descobrir como construir uma bomba com um detonador via telefone celular. Archie ergueu a arma, centrando a mira na testa de Colin. Quanto tempo demoraria para pressionar uma tecla em um celular? Um segundo? Metade de um segundo? Ele podia sentir o gatilho com o dedo. As pernas de Archie estavam na largura dos ombros, o cotovelo estava travado, sua respiração era estável. Tudo o que ele tinha a fazer era apertar.

“Você acha que pode me matar com um tiro?”, perguntou Colin, sua voz amplificada, reverberando através da igreja.

Archie exalou lentamente. Ele estava a cinquenta metros de distância de Colin, e Colin era um alvo inquieto, se mexendo. Archie não estava seguro para um só tiro. Mesmo Archie conseguindo atirar na cabeça dele, a mão de Colin podia apertar reflexivamente. Archie olhou para Henry, na esperança de que ele tivesse um melhor tiro, mas Henry balançou a cabeça. Eles precisavam chegar mais perto.

“Reverendo”, disse Colin. “Ore por nossa irmã.”

O Reverendo Lewis olhou para Archie e seus olhos se encontraram. Archie procurou nos olhos do velho por algum sinal de serenidade e fé, algo que o Reverendo pudesse se sustentar, mas tudo o que Archie viu foi medo. Os olhos do reverendo olharam para o teto, ou para o céu, ou para Deus, e, em seguida, ele abaixou a cabeça e correu pelo corredor e subiu as escadas, onde se ajoelhou diante de Pearl.

Ela estava tão quieta lá em cima, que fazia o peito de Archie doer. Ela não tinha feito um esforço para se mover desde que eles chegaram. Ela não estava amarrada. Ela estava inconsciente. Um braço pendia molemente fora do santuário, os dedos roçando o tapete. Archie não poderia dizer se as manchas escuras que ele viu em seu corpo eram sombras ou sangue. “Pearl?” Archie gritou. “Você pode me ouvir?”

A cabeça branca do reverendo Lewis estava dobrada em oração, uma de suas mãos na testa de Pearl. Ela não respondeu à voz de Archie ou ao toque do reverendo. Archie esperava que ela soubesse que o reverendo estava lá, que ela não estava sozinha.

Ele ergueu a arma alguns centímetros, reorientando seu objetivo. Archie tinha que tirar Pearl de lá. Ele tinha que fazer isso por Susan.

Colin estava olhando para a Bíblia aberta no púlpito, virando freneticamente as páginas com bordas douradas. Archie olhou para Henry, que estava buscando seu telefone no bolso.

Henry pronunciou a palavra, *Apoio*.

“Espere”, disse Archie. Colin olhou por cima da Bíblia. Henry tinha o telefone na mão. “Não”, disse Archie. Archie não sabia nada sobre bombas. Mas ele sabia um pouco sobre telefones celulares. Ele sabia que eles compartilhavam frequências.

“Se eu fosse vocês”, Colin disse: “eu desligaria seus telefones celulares. Quaisquer chamadas de entrada ou saída na frequência errada e o reverendo vai explodir.”

Não valia a pena o risco. Archie manteve sua arma levantada e deslizou sua mão livre no bolso, tirou o telefone e desligou. “Faça isso,” Archie disse para Henry.

Henry hesitou e, em seguida, fez uma careta e apertou o botão off.

Archie deu mais um passo para a frente, olhando para o cano de sua arma. Talvez ele não pudesse matar Colin com um tiro, mas Colin não precisava saber disso. “Isso não vai funcionar, Colin”, disse Archie. “Ela precisa de atenção médica. Não pode ser curada pela fé”.

Colin deixou o púlpito, e Archie seguiu-o com sua arma. O telefone de Colin estava em sua mão. O reverendo ainda estava orando sobre Pearl. Se a bomba fosse detonada, o reverendo levaria Pearl com ele. Colin caminhou até o santuário, ergueu os braços no ar, e disse: “Eis que Eu vos trarei saúde e cura, Eu vou curá-los, e vos revelarei abundância de paz e de verdade.”

Talvez se Colin Beaton nunca tivesse conhecido Gretchen Lowell, ou fosse introduzido na Igreja do Cristo Vivo ou tivesse um pai diferente, ele não teria matado ninguém. Mas Archie tinha certeza que ele ainda seria louco. Eles precisavam acabar com isso. Archie viu Henry começar a rastejar para a direita, em torno da parte de trás dos bancos, para que pudesse se mover para a frente ao longo da parede para obter um melhor tiro. Archie tinha que manter Colin distraído, mantê-lo falando, chamando a sua atenção para longe de Henry. Archie inclinou seu cotovelo um pouco, para manter a circulação fluindo para sua mão. Ele podia sentir a mão suando em volta do punho da arma. Seu braço doía. “Se ela morrer, terá sido você, e não Deus”, disse Archie.

O rosto de Colin se contorceu. “Ele disse que o espírito habitava em mim”, disse. “Ele mentiu.” Colin estava ofegante, com o rosto vermelho. Ele olhou para baixo, para o reverendo ajoelhado. “Perdoem-no: você disse. Você sabia o ele que estava fazendo conosco, e você não fez nada.”

Sua dor era tão crua que fez Archie querer desviar o olhar.

“Por favor, deixe-me levá-la a um hospital”, Archie disse, dando outro passo, a arma ainda apontada para Colin. “Ela é uma criança. Uma criança adotada, como Gretchen Stevens.”

Colin se endireitou e enxugou as lágrimas do rosto com a manga. “Gretchen está aqui?”, ele perguntou com uma fungada, espiando para os bancos vazios.

“Ela me mandou”, disse Archie. “Foi assim que nós soubemos você onde estava.”

Colin franziu a testa e olhou para o telefone na mão. “Eu pensei que ela viria”, disse ele com um triste aceno de cabeça. “Eu esperei por ela por tanto tempo. Eu lhe enviava mensagens”.

Archie podia ver Henry em sua visão periférica, avançando até a frente da igreja. “Você quer dizer os corações que esculpia nas crianças que você assassinou”, disse Archie. “E os lírios.”

“Eu pensei que ela viria desta vez”, disse Colin.

“Ela me mandou”, Archie disse. Ele travou os cotovelos e fixou seu olhar no cano de sua arma. “No lugar dela”.

Colin apontou para ele e uma luz pareceu surgir. “Eu sei quem você é”, disse ele. Ele levantou a cabeça e suas sobrancelhas se ergueram esperançosamente. “Ela disse alguma coisa sobre mim?”

Archie olhou e alinhou seu tiro. “Ela me pediu para matá-lo”.



CAPÍTULO 66

“É aqui”, disse Susan, olhando da janela do carro para o prédio baixo de tijolos que era a Igreja do Cristo Vivo. “Há uma luz acesa.”

Leo tinha um Volvo preto e seus detalhes em madeira envernizada brilhavam nas luzes púrpuras do painel. Ele apagou os faróis e o carro ficou escuro.

“Fique aqui”, disse ele, abrindo a porta.

Susan soltou o cinto de segurança para ir atrás dele. “Eu vou com você.”

Leo virou-se e inclinou-se para dentro do carro. Seu rosto estava sério. “Você acabou de sair do hospital”, disse. “Eu vou dar uma olhada. Espere aqui.”

Susan endureceu e acenou com a cabeça. Sentia uma dose de medo correr pelas costas. A ideia de correr atrás de Colin Beaton, novamente, não tinha realmente ocorrido a ela. Agora ela não podia tirar a imagem do facão de sua mente.

Leo fechou a porta do lado do motorista e Susan o viu caminhar ao redor do capô do carro, iluminado por um poste de luz. Ela abriu sua janela. “Espere”, ela chamou.

Ele virou-se para trás.

“Dê-me o seu celular”, disse ela, estendendo a mão pela janela. “Caso algo aconteça.”

Ele lhe atirou o telefone e ela o pegou. “Não baixe qualquer coisa”, disse ele. “E não fume no meu carro. Eu vou dar uma olhada ao redor e já volto.”

“Ouça você”, disse Susan. “Dar uma olhada ao redor. Olha quem anda assistindo programas policiais na TV?”

Leo ignorou-a e ela o viu caminhar em direção à igreja, até que ele estivesse longe o suficiente da rua desaparecendo na escuridão.

Foi naquele momento, ali sentada sozinha no carro escuro de Leo, que ela se lembrou de Derek. Merda. Ela ainda não havia ligado de volta. Ela digitou seu número no telefone de Leo. O telefone tocou algumas vezes e, em seguida, foi para a caixa de mensagens. Ele provavelmente estava dormindo. “Sou eu”, disse ela. “Eu sou uma idiota, eu sei. Desculpe. Ouça, meu telefone não está funcionando, mas você pode me chamar neste.” Ela recitou o número de Leo. “Mais tarde”.

Ela se acomodou no assento, olhou pela janela, e esperou.

E esperou.

Ela pegou o telefone e tinha quase terminado de discar o número de Leo antes de

perceber que ele não estava com o telefone dele, ela estava, então ele não atenderia a chamada.

Merda, pensou ela. Quanto tempo demora para olhar ao redor, afinal?

Ela saiu do carro e estava fechando a porta atrás dela, quando viu o Crown Vic estacionado uma dúzia de metros à frente deles rua abaixo. A marca, o modelo, a cor escura. A antena. Parecia o carro de Henry.

Susan ligou para Archie. Foi direto para a caixa de mensagens.

Ela olhou de volta para a igreja.

Então, ela deu a volta para o lado do motorista do Volvo, abriu o porta malas, e pegou uma chave de roda.

Ela não podia chamar Henry ou Claire ou qualquer outra pessoa na força-tarefa, porque ela não tinha todos os números memorizados, somente o de Archie. Bliss não tinha um telefone celular. Se ela ligasse para o 911, o que ela diria a eles? *Há uma luz em uma igreja e meu namorado traficante de heroína está demorando muito para dar uma olhada ao redor?*

Iria até lá.

Ela tinha que descobrir o que estava acontecendo.

Ela se dirigiu para a igreja, segurando a barra de ferro. Quando chegou perto, ela percebeu que a porta ao lado das portas duplas principais estava entreaberta.

“Leo?”, ela sussurrou.

Ela empunhou a chave de roda e empurrou a porta com o pé. O escritório estava escuro, mas podia ver a luz proveniente de outra porta, mais para dentro. Havia vozes também. Alguém reclamando.

Ela estava avançando em direção ao barulho, esforçando-se para ouvir as vozes, quando ouviu uma mulher atrás dela dizer: “Não se mova.”

O estômago de Susan se contraiu.

A voz disse: “Vire-se”.

Susan virou-se lentamente e viu-se piscando sob um feixe de luz.

O feixe baixou, iluminando a mulher por trás dele o suficiente para que Susan pudesse ver que ela era uma policial.

Uma policial! Susan quase riu, ela estava tão aliviada. Então se lembrou que tinha acabado de invadir uma igreja e estava segurando uma barra de ferro.

“Quem é você?”, perguntou a policial.

“Eu sou uma jornalista”, Susan disse rapidamente. “Eu vim aqui à procura de Pearl Clinton. Acho que meus amigos estão lá. Com um serial killer.”

A policial acenou para a barra de ferro. “Largue isso”, disse. “Nós vamos dar uma olhada.”



CAPÍTULO 67

“Ela não me quer morto”, disse Colin. Ele balançou a cabeça desafiadoramente, mas Archie podia ver o desespero em seus olhos.

“Ela acha que você é louco, Colin”, disse Archie.

“Mentiroso!” Colin gritou.

Colin levantou o telefone, como se fosse fazer uma chamada.

“Espere!” Archie exclamou.

“Archie!” Susan gritou.

A voz de Susan fez o estômago de Archie se contrair. O que ela estava fazendo aqui?

Ele não podia se virar, não conseguia tirar os olhos de Colin. Era tudo o que não podia fazer, correr para ela. “Susan?”, perguntou.

“Estou com uma policial”, disse ela. “Eu trouxe ajuda.”

“Colin”, disse uma severa voz feminina. “Você precisa deixá-los tirar essa menina daqui. Você está me ouvindo?”

Era Huffington. Archie sentiu-se inundado com alívio. Ela teria informado sua localização pelo rádio antes de entrar. Se ela não os contatasse novamente, sua delegacia iria enviar reforços. Agora tudo o que tinha que fazer era enrolar.

“Eu vi a luz”, disse Huffington. “Decidi checar.”

Colin estava fixado em Huffington, com a boca aberta.

“Ele tem o reverendo ligado a algum tipo de bomba”, disse Archie. Ele mantinha Colin em sua mira. Ele poderia não ser capaz de matá-lo, mas ele poderia machucá-lo.

Colin foi ficando cada vez mais aflito. Seu polegar pairava sobre o teclado do seu telefone. A presença de Huffington o tinha abalado. Ele sabia que estava em desvantagem. “Largue a arma”, ordenou a Archie. “Ou eu faço a chamada.”

“Você vai explodir-se, também, Colin”, disse Archie. O reverendo. Pearl. Colin. Eles estavam muito próximos.

Agora Colin estava tremendo incontrolavelmente, como se algo muito enrolado dentro dele houvesse finalmente se soltado. “Gretchen cuidou de nós”, ele protestou. Ele olhou freneticamente para Huffington. “Ela nos protegeu.”

“Ao matar seu pai?”, perguntou Archie. “Você tinha outras opções. O que quer que estivesse acontecendo, havia maneiras de conseguir ajuda.”

“A Igreja nos disse para perdoar”, Colin lamentou na direção de Huffington. “Você sabe quantas crianças morreram porque seus pais não rezaram bastante, não amaram Deus o suficiente?”, ele perguntou a Archie. “Onde estavam os policiais, então?”

“Nós estamos aqui agora”, Huffington disse atrás de Archie.

Colin piscou tristemente para Huffington. Os espasmos pararam. Seu corpo ficou imóvel. Algo tinha morrido em sua expressão. Seus braços estavam soltos. Seus olhos ficaram fixos. Somente seus lábios se moviam. Archie percebeu que ele estava orando. Ele estava se preparando. Ele iria detonar a bomba.

Não havia mais tempo.

“Olhe para mim, Colin,” Archie disse rapidamente. “Olhe. Eu vou baixar a minha arma.” Os lábios de Colin pararam de se mover e ele olhou para Archie com cautela. Archie só podia esperar que Henry estivesse perto o suficiente para alinhar um tiro, e que Colin tivesse, pelo menos agora, se esquecido dele. Mantendo os olhos fixos em Colin, Archie ajoelhou-se, bateu o polegar na trava de segurança da sua arma, e, lentamente, colocou-a sobre o tapete. Huffington estava atrás dele. Ela estava armada. Ela poderia cobri-lo. “Vê?” Archie disse a Colin. “Aí está. Eu soltei a minha arma. Eu vou levantar agora, ok? Ok, Colin?”

“Pearl está bem?” Susan gritou atrás dele.

“Susan, saia daqui agora”, disse Archie. “Huffington, tire-a daqui.”

“Eu só quero ver como ela está”, disse Susan.

“Colin” Huffington gritou, e ele virou-se na direção de sua voz, exatamente quando Henry disparou. Henry acertou no ombro, e Colin caiu para trás e seu telefone pulou de sua mão sobre o tapete. Colin gritou como um animal e, em seguida, estendeu a mão debaixo do altar e retirou-a com um facão.

Henry já estava subindo os degraus atrás dele, sua arma levantada. “Eu posso matá-lo daqui, Colin,” Henry gritou. “Você está me ouvindo? Solte o facão ou eu vou matá-lo, porra.”

Archie estava se agachando novamente para alcançar sua arma no chão, quando sentiu o cano de uma arma pressionado contra a parte de trás de sua cabeça.

O reverendo ainda estava orando. Pearl ainda estava no altar. A arma de Henry visava Colin. Colin estava em pé, sangrando, segurando o facão como um taco de beisebol.

Huffington havia chamado o nome de Colin para avisá-lo na hora do disparo mortal.

“Sinto muito, detetive”, disse ela.

Archie estava a centímetros de sua arma. Huffington chutou-a e ela deslizou sob os bancos. Ele virou-se, muito lentamente, sentindo o cano da arma dela desenhar uma faixa em volta da cabeça até que parou em sua testa. Então ele olhou para ela.

O ganho de peso mudou muito a sua aparência. Ela mudara o cabelo. Mas agora que ele sabia para quem olhava, ele podia *visualizar* os traços da garota.

“Você não quer fazer isso, Melissa”, disse.



CAPÍTULO 68

Susan estava fora de si. A policial que havia trazido para resgatar todo mundo estava agora segurando uma arma apontada para a cabeça de Archie. Ela podia ver Pearl, mas não podia chegar até ela. Ela precisava chegar até ela. Colin tinha o facão, mas ele estava ferido, ela podia ver sangue escorrendo pelo seu braço. Archie e Huffington estavam no centro dos bancos da igreja. Susan precisava chegar até lá. Ela apertou as costas contra a parede na qual tinha visto Henry se arrastar, e começou a avançar lateralmente.

“Fique de olho em mim, Melissa,” Archie disse a Huffington. “Proteja seu irmão. Mas deixe Susan e Henry pegarem a garota e o reverendo e saírem daqui”.

Susan continuou se movendo. Tentando não chorar de modo audível. Tentando não chamar a atenção para si mesma. Archie tinha chamado a policial de Melissa. *Melissa Beaton*.

“Diga ao seu parceiro para colocar sua arma no coldre, detetive”, disse Huffington.

Susan podia ver as costas de Henry, sua arma levantada desafiadoramente para Colin, cujo facão ensanguentado brilhava na luz.

Ela estava imóvel agora, com Huffington e Archie, ele ajoelhado na frente dela, a arma pressionada em sua cabeça. Parecia uma execução.

“Você não vai me matar”, Archie disse, olhando para a frente. “Você é uma boa pessoa, Melissa. Você colocou o passado para trás. Você se tornou uma policial para poder proteger as pessoas. Mesmo depois de tudo o que aconteceu com você aqui, você voltou a esta cidade para manter um olho nas coisas.”

“Eu não posso deixar você machucá-lo”, disse Huffington. “Não é culpa dele. Ele atira em Colin, eu atiro em você.”

As pernas de Susan estavam fracas. Ela não conseguia se mover. Ela estava congelada, observando a cena se desenrolar à sua frente.

Archie disse, “Atire nele, Henry.”

“Não!” Susan disse, se esquecendo de seu plano de ser furtiva.

“Aquela garota está morrendo, Melissa”, disse Archie. “Pearl vai morrer se não receber sua ajuda.”

Susan não sabia de onde Leo surgiu. De repente, ele estava ali, na sala. Ele estava segurando um lenço ensanguentado na parte de trás da cabeça com uma mão,

e na outra ele tinha uma arma. Ele não hesitou seu passo. Não mostrou qualquer surpresa ou horror diante da cena. Sua arma estava levantada no nível dos olhos. Ele estava olhando para o cano. Ele tinha Huffington como alvo.

“Ninguém atira em ninguém,” Leo disse.

Huffington olhou para ele e disse: “Eu sou uma policial.”

“Eu também,” Leo disse. E atirou no ombro de Huffington.

Huffington caiu de joelhos e, em seguida, caiu para frente sobre o tapete. Os ouvidos de Susan zumbiram com o tiro. Ela podia sentir o cheiro de pólvora. Ela tinha as mãos sobre o rosto e estava meio agachada contra a parede, espiando entre os dedos.

Colin estava gritando. Henry se lançou para ele e atirou-o ao chão. O púlpito tombou, e o microfone saltou descendo os degraus com um guincho mecânico. Colin soltou o facão, atirando-o contra o ar. Ele empalou em um suporte de vaso em forma de coluna, que caiu no chão, derrubando uma urna de bronze cheia de lírios ao seu lado. As flores saíram da urna e a urna rolou os degraus do santuário atrás do microfone. O suporte parou ao seu lado, o facão continuava enfiado nele.

Susan ergueu-se e correu ao lado da parede até as escadas para o santuário, lírios amassando-se debaixo dos seus pés. Sua visão estava embaçada pelas lágrimas. Henry tinha Colin de bruços, com os braços torcidos por trás dele - ainda lamentando. O reverendo não se mexia. Susan teve que desviar ao seu redor para chegar do outro lado do altar, quase tropeçando em suas panturrilhas.

Ela chegou até Pearl junto com Archie.

Quando Susan viu Pearl, ela quase foi inundada pelo alívio. Os olhos de Pearl estavam fechados, e seu corpo parecia sem osso e sem sangue. Eles haviam chegado lá a tempo. Eles não tinham minutos a perder. Ela estava ferida. Ela estava tão pálida e mole. Sua camiseta estava encharcada de sangue. Havia sangue por toda parte.

“Ela está morta”, disse Archie. Seu rosto contraído de dor por um momento e então ele desviou o olhar. Susan não entendia. Eles estavam lá agora. Eles poderiam resgatá-la. “Sinto muito”, disse Archie.

Morta? Mas Pearl não poderia estar morta. O reverendo ainda estava orando, ainda tagarelando sobre Jesus. Ele não tinha desistido. Por que Archie estava desistindo?

Susan balançou a cabeça. Isso não estava acontecendo. Archie estava errado. “Ela não está morta”, disse Susan. “Você pode salvá-la.” Ela pegou em seu braço e fê-lo olhar para ela. Podia fazê-lo entender, se ela pedisse o bastante. Archie a tinha trazido de volta dos mortos. Ela havia se afogado. Seu coração havia parado. Ela tinha estado clinicamente morta. E ele a salvou. Ele a trouxe de volta. “Assim como você me salvou”, disse ela.

Ele mal conseguia olhar para ela. Ela podia ver o quão difícil era para ele, o quanto ele estava lutando. “Ela está morta há horas”, disse Archie.

As pernas de Susan perderam a sustentação. Ela caiu de joelhos, e Archie pegou-a e baixou-a suavemente para o tapete, e ela cruzou a mão em torno de Pearl. Estava fria e seca, e não como uma pessoa real.

Henry tinha o joelho nas costas de Colin e estava segurando-o no chão.

O reverendo ainda estava orando. Susan queria que ele parasse. Será que ele não sabia? Ele não entendeu que era inútil?

“Reverendo Lewis,” Archie disse gentilmente. “Acabou. Precisamos tirar esse colete de você.”

O reverendo olhou para cima. Seus olhos estavam vermelhos. Suas mãos estavam cobertas do sangue de Pearl. “Perdoe-me”, disse ele para ninguém em particular.

“Aqui, reverendo,” Henry chamou. “Eu posso tirá-lo disso.”

Susan não conseguia parar de tremer. “Sinto muito”, ela sussurrou para Pearl. “Eu sinto muito.” Ela disse uma e outra vez. Então, ela sentiu o telefone de Leo vibrar em seu bolso. Foi por puro reflexo que ela puxou a coisa para fora. Era Derek. Ele tinha ajudado. Ela levou-o ao ouvido.

“Não”, gritou Archie.

Mas ela já tinha apertado o botão verde para atender a chamada.

Ela viu um flash de luz antes que ouvisse a explosão. Uma explosão de fogo laranja e preto seguido por uma explosão de estourar o tímpano. O chão tremeu. Ela ouviu vidro quebrando e o som de espirros de água na madeira. Algo quente e macio queimou o pescoço de Susan. Ela encontrou-se no tapete, os olhos espremidos fechados, tremendo, engasgando com fumaça. Ela manteve os olhos fechados, com medo de olhar. Ela podia sentir pedaços de coisas terríveis, coisas humanas quentes e moles contra sua pele e em suas roupas. O cheiro de carne e cabelo queimados fez seu estômago se contorcer. Quando ela tinha catalogado mentalmente seu corpo e tinha certeza de que todas as suas partes ainda estavam lá, ela abriu os olhos. O carpete bege estava enegrecido e pegajoso com sangue. Ela levantou as mãos dele, sentou-se e olhou em volta, atordoada, sua cabeça virando para as peças lisas de carne e cabelo e osso que pareciam cobrir tudo. Ainda havia fumaça.

Henry estava limpando gosma de corpo de seus olhos. Suas roupas estavam sangrentas. Suas sobrancelhas estavam chamuscadas. Ele havia sido jogado de costas pela explosão.

Colin tinha sumido. A explosão tinha sido apenas a oportunidade que ele precisava para escapar.

Susan olhou para Archie, a testa coberta com uma fina névoa de vermelho.

Ela não sabia o que dizer. De alguma forma, “desculpe” não parecia suficiente.

Archie ergueu o braço e limpou o sangue do rosto. “Você está bem?”, perguntou. Susan assentiu.

Archie olhou para Henry.

Henry estava se erguendo. “Eu?”, perguntou. “Eu estou fodidamente perfeito.”

Susan procurou por Pearl. Seu corpo estava salpicado com pedacinhos de carne e sangue do reverendo, como se alguém tivesse juntado camarão e sopa de tomate num liquidificador e, em seguida, se esqueceu de colocar a tampa antes de ligá-lo. Susan retirou algumas das partes maiores enquanto Archie ligava para o 911.



CAPÍTULO 69

Susan estava enrolada em um cobertor e se deitou curvada sobre si mesma em um banco da igreja, onde havia sido instruída a esperar até que um técnico de cena do crime pudesse recolher as provas que ficaram presas às suas roupas.

Havia, por suas estimativas, cem policiais agora na cena. Policiais da cidade. Policiais do Estado. Policiais do condado. FBI. A Guarda Costeira provavelmente estaria lá em um minuto.

“Alguma coisa?”, ela ouviu um deles perguntar.

“Ele devia ter um carro”, alguém disse.

Pearl ainda estava lá em cima, bem ali ao relento, enquanto estranhos tiravam fotos dela. Isso deixou Susan doente.

Archie caminhou até ela. Ele limpou a maior parte do sangue de seu rosto, mas ele ainda tinha algo de aparência vil em sua camisa manchada.

“Onde está o Leo?”, ela perguntou.

Archie sentou ao lado dela e inclinou-se para perto. Ela pensou, por um momento, que ele estava sendo carinhoso, oferecendo consolo ou algo assim. Mas seus olhos estavam demasiado sérios para isso. “Leo nunca esteve aqui”, ele sussurrou. “Eles estão vindo para tomar seu depoimento. Você emprestou o carro dele. Você veio sozinha. Entendeu?”

Susan conseguiu dar um aceno minúsculo.

Os paramédicos acenaram para Archie quando acabaram. Huffington estava sendo carregada em uma maca e estabilizada para o transporte. Ela estava fraca, mas ela queria conversar.

“Ela ficava perguntando por você”, um dos paramédicos, disse.

Huffington virou a cabeça, olhando para Archie.

“Eu estou aqui”, disse Archie. Ele poderia dizer que ela estava tendo dificuldade para enxergar. Ele sabia o que significava, a pressão arterial tinha subido rapidamente. Isso não era bom.

Huffington virou na direção do som de sua voz. “Eu devia a ela”, disse hesitante. *Ela.* A boca do estômago de Archie apertou. “O que você fez?”

Ele sentiu o aperto firme de Henry em seu ombro. “Nós precisamos conversar”, disse Henry. “Agora”.

“Melissa”, Archie disse, “o que você fez?”

Sua cabeça pendeu e ela perdeu a consciência. “Temos que ir”, um dos paramédicos, disse, levantou-a e começou a movê-la para a ambulância lá fora.

A mão de Henry ainda estava no ombro de Archie.

A igreja estava cheia de técnicos de cena do crime. Havia sangue e pedaços de corpo em todos os lugares. Tudo cheirava à morte.

“Gretchen”, Archie disse suavemente. Ele queria que Henry dissesse que ele estava errado, que Gretchen ainda estava presa, mas ele podia ver a verdade no rosto de Henry quando Henry parou ao lado dele.

“Ela escapou”, disse Henry. “Aparentemente, seu novo médico tirou dela a maior parte dos remédios. Limpou a cabeça da cadela. Ela cortou a garganta dele com uma lâmina de barbear, matou uma enfermeira, e saiu com as roupas e a identificação dela.”

Archie ergueu a mão para sua garganta e correu os dedos sobre a cicatriz lá. “Uma lâmina de barbear?”

“Eu mandei verificar o registro de visitas”, disse Henry. “As únicas pessoas autorizadas a vê-la são os funcionários do hospital e os policiais.”

Ele podia ouvir o lamento da sirene de uma ambulância deixando o estacionamento da igreja. “Deixe-me adivinhar”, disse Archie. “Huffington”.

“Ela esteve lá para vê-la um pouco antes da nossa última visita”, disse Henry.

Você nunca sabe quando eu posso ter uma lâmina escondida na manga.

Ela o tinha deixado viver. Novamente.



CAPÍTULO 70

Susan estava em outra sala de emergência com uma nova pulseira plástica de hospital. Ela tinha sido esfregada, raspada, e penteada, completamente esvaziada e lavada, teve suas roupas tiradas como evidência. O hospital estava congelado. Ela não tinha sentido tanto frio desde que Archie a tinha pescado para fora do rio Willamette. Ela estava sentada na cama, enrolada em dois cobertores grossos de algodão branco, imaginando quando alguém entraria para dizer-lhe o que fazer a seguir, quando Leo entrou.

Suas roupas estavam impecáveis. Exceto pelo sangue no cabelo na parte de trás da cabeça, ele não parecia estar ferido. Ele tinha saído antes da explosão. Ele havia deixado o local logo depois que atirou em Huffington.

“Quem é você?”, perguntou Susan.

Leo respirou fundo e colocou as mãos nos ombros de Susan. Ele estava olhando para ela como Archie fez algumas vezes. Como se ela fosse inocente. Ela não era inocente.

“Eu quero te levar para casa”, disse Leo. “Sua mãe vai estar aqui em um minuto. Ela trouxe roupas.”

Susan se afastou dele, se arrastando na cama. Ela podia sentir as lágrimas chegando, mas não podia detê-las. “A garota que eu supostamente tinha que manter em segurança está morta”, disse. Ela puxou seu cabelo molhado. “Dois homens com pinças e lupas cataram pedaços de cérebro do meu cabelo.” Então ela bateu no peito com a mão. “Um homem morreu por minha causa.”

Ela não era inocente

“Isso não foi sua culpa,” Leo disse. “Colin Beaton construiu a bomba.”

Os lábios de Susan tremiam. Ranho estava pingando de seu nariz. Ela precisava de alguém para lhe dar um abraço de uma vida. Ela só não tinha certeza de que esse alguém fosse Leo. Ela nivelou seu olhar para ele. “Quem é você?”

Ele olhou para a porta.

“Você é policial?”, perguntou Susan.

Ele olhou para ela. Suas mãos estavam nos bolsos. Ele ficou perfeitamente imóvel por vários minutos. Ela não disse nada. Ela só esperou.

“Departamento Anti Drogas”, Leo disse em voz baixa, imóvel. “Eu estou dentro da operação do meu pai. Ele tem policiais em sua folha de pagamento. Eu não posso

ser mencionado em qualquer um dos relatórios.”

“Archie sabia?”, perguntou Susan.

Leo olhou para o chão. “Ele me apresentou ao meu recrutador.”

Nada disso fazia sentido. “Mas ele não gosta de você.”

Leo olhou para cima. “Ele está tentando protegê-la”, disse ele. “De mim”.

A porta do quarto se abriu, e Bliss entrou correndo, tirou os tamancos, e subiu na cama ao lado de Susan. Bliss não usava qualquer maquiagem. Seus dreadlocks platinados pareciam um tufo de cordas difusas. Ela estava vestindo uma camiseta com a palavra *ateu* impressa no peito. Ela deitou a cabeça no ombro de Susan e tomou sua mão. Susan olhou para suas mãos juntas – tão parecidas. Palmas quadradas e dedos finos e curtos com unhas roídas até o sabugo.

“Ele a matou”, Susan disse, apertando os olhos fechados, ainda sem acreditar muito nisso.

Bliss começou a dizer algo, mas teve que parar, e Susan percebeu que sua mãe estava chorando. Bliss era uma chorona épica, capaz de esvaziar uma sala de cinema com seus gritos estridentes. Ela se dissolvia em lágrimas todos os anos no aniversário de John Lennon. Ela chorava durante as músicas de Joni Mitchell e soluçava quando via lagostas lutando em seu aquário no balcão de peixe. Desta vez, ela não fez nenhum som.

Susan se desfez. Soluços sacudindo seu corpo. Ela não podia falar, ela mal podia respirar. Ela suspirou e choramingou enquanto sua mãe a abraçava com força. Finalmente, exausta, Susan foi capaz de recuperar o fôlego e levantar a cabeça.

Leo ainda estava parado lá, esperando para levá-la para casa.

Bliss retirou o cabelo molhado do rosto de Susan com a mão que parecia tanto com a de Susan. Naquele momento, Susan estava cheia de amor por sua mãe. Bliss era enlouquecedora às vezes, mas quando chegava a hora, ela estava sempre lá quando Susan realmente precisava dela.

“Eu ouvi dizer que você explodiu um reverendo,” Bliss disse em um tom animado, conspiratório.

Susan piscou para a mãe, atônita. Então olhou para Leo. Ele encolheu os ombros de modo simpático. Ambos tinham pais embaraçosos.

“O quê foi?”, perguntou Bliss.

Susan suspirou e apoiou a cabeça na curva do pescoço quente de sua mãe. “Nada”, disse ela.



CAPÍTULO 71

Archie ficara acordado a noite toda ajudando a direcionar a caçada a Colin Beaton. A pequena delegacia de St. Helens tinha sido usada como base de operações. O edifício baixo e branco parecia o consultório de um dentista que tinha sido expropriado pelo governo. A busca por Gretchen Lowell tinha desviado alguns recursos humanos, mas ainda estava lotado por lá. Huffington morreu em cirurgia no hospital. Ela havia retornado à cidade há cinco anos, com um novo nome. Ela havia se casado e divorciado, na Califórnia, mas manteve o sobrenome do marido, e, em seguida, começou a usar seu nome do meio, Samantha, como primeiro nome. Com as mudanças de identidade voltar tinha sido fácil. Ninguém tinha pensado em conectá-la com a menina Beaton, adolescente magra que tinha partido há tantos anos antes, só para sucumbir ao câncer.

Sessenta policiais lotados naquele prédio, e nenhum deles ainda tinha pensado em retirar a fotografia dela da parede, debaixo do rótulo de bronze gravado com o título de chefe de polícia.

Eu devia a ela, Huffington disse.

Archie pegou uma xícara de café ruim, saiu e encostou-se à placa de concreto de 1,5 metros escrito *polícia* sobre o brasão da cidade. Havia uma casa residencial ao lado. Os vizinhos estavam na frente da entrada da sua garagem, boquiabertos.

Estava mais frio do que antes. A bandeira acima da delegacia sacudia com o vento.

O carro de Henry parou no meio da rua em frente da delegacia. “Entre”, disse Henry. “Eles o encontraram.”

Archie deixou sua xícara de café pousada na laje de concreto e entrou no carro.

Noventa policiais armados à procura de Colin Beaton, e tinha sido uma arrumadeira quem o tinha encontrado.

Quarto Seis. No Hamlet Inn.

Archie xingou-se por não ter pensado nisso.

Dois carros de patrulha haviam chegado quando Henry entrou no estacionamento do motel, e eles podiam ouvir as sirenes se aproximando de todos os lados por trás deles.

Um dos policiais uniformizados que já estivera na cena estava vomitando por

cima do corrimão do corredor do segundo andar.

Archie e Henry galoparam até os degraus, subindo-os de dois em dois. A porta do quarto balançava, aberta. Um carrinho de arrumação estava estacionado na frente. Pilhas organizadas de papel higiênico. Toalhas limpas. Archie tinha a sensação de que Colin não precisava de nada disso.

O policial que vomitou olhou para cima, seu rosto cinza, e disse: “Não vá lá.”

“Está tudo bem”, Archie disse a ele. “Eu já fiz isso antes.”

Archie parou na porta.

Henry deu um passo ao lado dele.

Eles não disseram nada por alguns minutos. Eles só olharam a cena. Havia um protocolo de levantamento de uma cena de crime, que era repetido a todos os policiais. Comece pela esquerda; verifique à direita. Olhe para cima; olhe para baixo. Não perca os detalhes. Mas às vezes a coisa no meio era tão perturbadora que você não podia tirar os olhos dela.

A cama king-size tinha sido despojada de seu lençol de cima e da colcha floral de poliéster, que estavam descartados no chão. O lençol de baixo, ainda na cama, estava tão encharcado de sangue que poderia ter sido vermelho.

Colin Beaton estava amarrado, nu, de braços abertos, à cabeceira e aos pés da cama com uma corda preta. Seu torso estava aberto, cortado de suas costelas ao seu osso pélvico. Seu abdômen estava afundado, o seu conteúdo extraído e, em seguida, espalhado ao lado dele na cama, como lixo de um açougue. Um emaranhado de intestinos. Um pedaço de fígado. Punhados de gordura e músculo. Sangue e bÍlis embebidos no lençol. O fedor era poderoso. Suas fezes haviam sido expulsas de seu intestino grosso e espalhadas em seu rosto. Moscas se arrastavam dentro e fora dele, ao longo de seu couro cabeludo, em torno de sua boca.

Ela não tinha apenas matado, ela tinha abatido e eviscerado.

Na parede, acima da cabeceira da cama, usando seu sangue, ela tinha desenhado um coração.

Archie podia ouvir vozes atrás dele, as pessoas corriam escada acima. Haveria dezenas de policiais lá dentro em um minuto. Ele se virou para o policial de rosto cinzento.

“Resguarde a cena”, disse ele.

O policial era jovem, em um uniforme de St. Helens. Ele tinha vômito no queixo.

“Com que autoridade?”, perguntou.

“Minha”, disse Archie.

“Este é um caso da Beleza Mortal”, explicou Henry. Ele entregou-lhe um cartão de visitas da força-tarefa. “Esse caso é nosso. Ninguém entra, além do nosso pessoal.”

O policial acenou com a cabeça e limpou o queixo. Ele parecia feliz por ter um

trabalho importante, uma maneira de se redimir.

Quando Archie e Henry entraram no quarto, Archie podia ouvir a voz do policial levantando-se com autoridade. *Beleza Mortal. Restrito. Força-tarefa*. Eles olhavam por onde pisavam. Archie esquadrinhou o quarto. Havia algo sobre a cômoda. Ao se aproximar, viu que era uma carteira vermelha suja. Archie pegou uma caneta do bolso e abriu-a. Ela estava vazia.

“O que é isso?” Henry perguntou.

“Jogue-me um saco de provas”, disse Archie.

Henry fez e Archie deslizou a carteira dentro do saco e selou. Debaixo da terra endurecida, ele mal conseguia distinguir um apagado monograma dourado. GS.

Quando Archie perguntou a Gretchen sobre o nome Gretchen Stevens, ela havia dito que Stevens estava morta. Ela a tinha enterrado em Sauvie Island, disse ela. De acordo com o arquivo sobre ela, quando Gretchen havia sido descoberta em St. Helens, ela estava sangrenta e suja. Ela tinha vindo da ilha, onde tinha enterrado seu passado. E agora ela tinha voltado, e desenterrou-o.

“É algo que ela enterrou há muito tempo”, disse Archie.

Archie levou a carteira para onde Henry estava ao lado da cama. A boca de Colin foi colada fechada. Seus olhos estavam abertos anormalmente, a pálpebra superior dobrada sobre os cílios. Ela tinha usado supercola, Archie percebeu, para manter os olhos de Colin abertos, para que ele não perdesse um minuto. Em seguida, fez uma incisão triangular para esculpir o nariz de Colin, no estilo de uma lanterna de abóbora de Halloween.

“Ele conseguiu o que queria”, disse Archie. “Ele viu-a novamente.”

Henry resmungou. “Ele não parece muito feliz com isso.”

“É verdade”, disse Archie.

Henry fez uma pausa e, em seguida, olhou em volta. “Onde está?”

“O quê, seu nariz?”, disse Archie. Eles não o tinham visto no tapete.

“Sim”. Henry inclinou-se para olhar embaixo da cama.

Archie estudou o rosto de Colin, sua bochecha, onde a carne estava abaulada para um lado, como um esquilo com uma noz. “Eu acho que está na boca”, disse Archie.

“Archie”.

Archie reconheceu aquele tom. Nunca era algo bom. Ele olhou para cima e Henry acenou para o peito de Colin Beaton.

Ele era pálido, com pelos castanhos espalhados. E sobre o seu mamilo esquerdo havia uma cicatriz em forma de coração, exatamente como a de Archie. Archie estava intimamente familiarizado com a vida marcada por cicatrizes. Ele conhecia seu aspecto quando ainda eram cruas, doloridas e frescas, ele conhecia seu aspecto meses mais tarde, quando elas eram rosa escuro e macias, e ele conhecia seu

aspecto depois que anos se passaram e elas cicatrizaram como um fio grosso de tecido rosa perolado. Colin Beaton tinha essa cicatriz há anos. Se Gretchen tinha esculpido sobre ele, ela fez isso muito antes de usar um bisturi em Archie.

“Você quer proteção?” Henry perguntou em voz baixa.

Archie suspirou e olhou para o coração que ela tinha desenhado com sangue na parede. Ele podia ver as impressões digitais dela nele, o caminho de suas mãos delicadas enquanto ela carinhosamente pintava com o sangue. “Se ela quisesse me matar”, disse ele. “Eu já estaria morto.”



CAPÍTULO 72

Quando Archie saiu do elevador, ele viu Susan sentada no chão em frente da porta de seu apartamento. Ela levantou-se quando o viu, e lhe deu um pequeno aceno.

“Henry disse que você estaria em casa logo”, disse ela. “Eu mandei uma mensagem para você.” Ela levantou um iPhone. “Eu tenho um novo telefone. Mesmo número. E eu consegui uma versão estendida para o meu artigo. O editor quer mais cinco mil palavras.”

Ele poderia dizer que ela estava chorando. Ela não estava usando maquiagem. Seu cabelo laranja estava puxado para trás em um rabo de cavalo apertado. Ela estava usando um vestido preto curto e sapatos Doc Martens prata. Mesmo no fim do verão, suas pernas ainda estavam pálidas.

Ele chegou até a porta e encostou-se. “Colin está morto”, disse. “Você e sua mãe podem voltar para casa.”

Ela assentiu com a cabeça. “Eu ouvi”.

Ela olhou para ele, como se ela quisesse que ele dissesse alguma coisa.

“Sim?”, ele disse.

“Leo me contou”, disse ela. “Pouca coisa”.

Pelo menos agora ela sabia. Ele queria dizer a ela o quanto ele lutou com isso, quantas vezes ele tinha considerado comprometer toda a operação do DEA. Ele queria que ela entendesse que não tinha sido uma decisão casual, não dizer a ela. Mas, é claro, ele não podia dizer nada disso. “Eu não posso falar sobre isso com você. Sinto muito.”

Ele se atrapalhou com as chaves. “Eu preciso dormir”, disse.

Susan inclinou sua cabeça contra a porta e olhou para ele. “Como é que você acha que Colin encontrou Pearl em nossa casa?”

“Eu não sei”, disse Archie. “Nós podemos nunca saber. Ele poderia tê-la seguido até lá, para começar.”

“Eles estão dizendo que Gretchen matou Colin”, disse Susan. Ela estreitou os olhos verdes, estudando-o. “Por que ela fez isso, Archie?”

Archie esfregou o rosto, as chaves ainda na mão. “Eu acho que ela tinha suas razões.”

“Será que ela vai matar você?”, perguntou Susan. Seus olhos estavam vidrados,

cheios de lágrimas. Ele podia vê-la lutando para não piscar.

Archie estava cheio de ternura por ela. Foi por isso que ela tinha ido até lá. Ela estava preocupada com ele. Ele ergueu a mão e tocou seu rosto. “Não.”

Seus olhos se arregalaram e então ela piscou os olhos e as lágrimas correram pelo seu rosto sardento.

Archie moveu a mão de seu rosto para seu cabelo laranja molhado e puxou-a para ele, e ela levantou a boca para a dele. Ele podia sentir as lágrimas no rosto, o calor de sua boca, sua língua. Seu cabelo úmido era espesso sob seus dedos. Ele moveu o braço ao redor das suas costas pequenas, e ela estendeu os braços ao redor da parte de trás do seu pescoço. Ele beijou-a suavemente. Foi preciso autocontrole. Seu corpo estava faminto por ela, e finalmente estar aqui, saboreando seus cigarros e café, o cheiro de seu doce shampoo e sabonete de menta, ele teve que manter-se consciente. Ele não queria ser rude com ela. Ele não queria que fosse como tinha sido com Gretchen.

Mas Susan parecia ter outras ideias. Ela levantou-se para cima na ponta dos pés, empurrando a língua mais fundo em sua boca, circulando sua língua e fazendo cócegas em sua garganta. Seus dedos arranharam a parte de trás do seu couro cabeludo e pescoço, em seguida, ao longo das bordas de suas orelhas. Ele moveu suas mãos por seu corpo até os quadris e apoiou-a contra a parede e, em seguida, levantou-a e pressionou seu corpo contra o dela, de modo que ela estava apoiada entre ele e a parede. Podia senti-la debaixo dele, a leveza dela, seus ossos do quadril e da pelve, o vestido amontoadado sob suas mãos, mal a cobrindo. Seu cérebro parecia estar zumbindo, suas mãos pesadas e desajeitadas.

Seu corpo inteiro estava tremendo. Ele beijou-a mais profundamente, desejando que pudesse se controlar. As mãos dela deslizavam sob os lóbulos das suas orelhas ao longo de sua mandíbula, os dedos contra suas bochechas.

Ele não estava tremendo, Susan estava.

Deixava-se, por vezes, se esquecer do quão vulnerável ela era.

Ele afastou sua boca da dela, e deu um passo para trás, e baixou-a para o chão.

Ela olhou para ele, confusa, as faces coradas, os lábios ainda separados.

Ele limpou a boca. O que ele fez?

“Sinto muito”, disse ele. Ele não tinha a intenção de fazer isso. Ele estava exausto. Ele não era ele mesmo. Ele não era forte.

“Por quê?”, ela perguntou.

Ele pressionou a testa na porta e tentou descobrir uma maneira de dizê-lo, como explicar a ela. Ele respirou fundo e, em seguida, virou-se para olhá-la, cara a cara.

“Porque eu me importo com você”, disse ele. “E isso não é uma boa ideia.”

Mas ela estava feliz. Ela estava radiante. Ela colocou a mão na frente de sua camisa. “Eu sei como você está ferrado. Eu não me importo.”

“Obrigado”, disse Archie.

Ela corou. “Você sabe o que quero dizer.”

“Isso não é uma boa ideia”, disse Archie. “Isso não deveria ter acontecido.”

“Eu sou adulta, Archie”, disse Susan.

“Eu ainda não a esqueci”, disse Archie.

Ele esperou.

O rosto de Susan caiu. Mas ela concordou. Ela pareceu entender. “Sua esposa”, disse ela.

Archie olhou para ela.

Os olhos de Susan se arregalaram. Então, ela desviou o olhar. “Oh,” ela disse.

“Sim”, disse Archie.

Archie estava de pé no balcão da cozinha bebendo uma dose dupla de uísque, quando ouviu uma batida na porta. Ele sorriu. Ele havia dito a si mesmo, que se Susan voltasse, mesmo depois do que ele disse a ela, ele iria deixá-la entrar, que ele poderia lhe dar uma chance. Mas quando ele abriu a porta, era Rachel, não Susan, que estava olhando para ele.

Ela estava vestindo seu robe de cetim branco, e ele tinha a sensação de que ela não estava usando qualquer outra coisa.

“Você está na TV”, disse Rachel. “O grande herói. Eu vim aqui como uma cidadã, para expressar a minha gratidão.”

“Sério?”, disse Archie.

Rachel passou por ele entrando no apartamento. “Eu pensei que começaria pelo seu pênis”, disse ela.

Archie quase engasgou com um gole de uísque. “Eu normalmente ganho apenas algum tipo de elogio.”

Ele fechou a porta e, quando se voltou para o apartamento, Rachel tinha deixado cair o robe e estava nua em sua sala de estar. Toda vez que Archie via o corpo dela, seus joelhos fraquejavam.

“Eu estava pensando em simplesmente ir para a cama”, disse Archie.

Rachel sorriu e molhou o lábio inferior com a língua. “Eu te encontro lá”, disse ela, se virou e foi para o quarto.

Archie olhou para o copo vazio na mão, e, em seguida, caminhou até o balcão da cozinha novamente e serviu-se de mais um pouco de uísque. Então tirou o coldre de seu quadril e colocou-o sobre o balcão ao lado da garrafa. E então ele tirou o telefone do bolso da calça. Ele tinha uma mensagem de texto de Susan, como ela dissera: *Chegando. Preciso te ver.*

Ele olhou todos os textos anteriores dela, todos eles relatando, deixando-o saber que Pearl estava bem; que tudo estava bem.

Archie levou o copo de uísque aos lábios.

Rachel colocou os braços ao redor de sua cintura por trás. “Por que está demorando tanto?”

Archie tomou outro gole de uísque. “Só terminando algumas coisas”, disse.

Ela virou-se em torno dele para que eles se olhassem, em seguida, ela se aproximou lentamente.

“Conte-me a história da tatuagem de coração de novo”, disse ele.

Ela colocou um dedo na boca dele. “Não faça tantas perguntas. Você quer transar ou não?”

Ele deixou seus olhos pousarem sobre ela. Seu cabelo loiro, olhos azuis, as maçãs do rosto e queixo, o mergulho de sua clavícula e a curva dos seios e quadris. “Você se parece com alguém que eu conheço, eu já te disse isso?”

“Sim”, ela disse. “Mas você não disse se isso era bom ou ruim.”

Archie considerou isso. “Um pouco dos dois.”

Rachel sorriu e levou a mão à boca e empurrou três dedos profundamente em sua boca e lentamente puxou-os para fora. Então ela levou-os para baixo da camisa de Archie e deslizou para dentro de suas calças.

“Você gosta disso?”, ela sussurrou.

Archie tomou outro gole de uísque.

“Muito”, disse ele.

Archie acordou com a suave cutucada de Rachel. “Seu telefone está tocando”, disse ela.

Ele pegou-o da mesa de cabeceira, olhou para ele, e sentou-se na cama, no escuro. Então ele levou o telefone até sua orelha. “Olá, Patrick”, disse ele.

“Você está bem?”, perguntou Patrick.

O garoto tinha visto a notícia. Ele parecia em pânico. Archie colocou os pés descalços no chão, levantou-se e caminhou até a janela do quarto. “Eu estou bem”, Archie assegurou.

O quarto estava escuro. A lâmpada do abajur vermelho estava desligada.

Archie olhou para fora da janela, para as estrelas no céu e as luzes da ponte sobre a cicatriz escura do rio Willamette. Edifícios na cidade brilhavam. A interestadual se estendia ao norte e ao sul. Postes de luz piscavam. Deste ponto de vista, de pé na sala escura, a cidade parecia mais brilhante.

“Eu estou pronto para dizer-lhe o meu segredo”, disse Patrick.

“Eu estou aqui.”

Patrick exalou um longo e triste suspiro. “Às vezes eu sinto falta dele”, disse. Archie ouviu as palavras engastarem na garganta de Patrick. “Às vezes eu quero que ele volte para me buscar.”

“Eu sei”, disse Archie. “Está tudo bem. Eu juro”, disse ele. “Você vai ficar bem.”

Archie queria acreditar que era verdade.



CAPÍTULO 73

Quando Archie acordou de manhã, Rachel tinha ido embora, e ele tinha uma dor de cabeça por causa do uísque. Ele tomou um banho, bebeu um pouco de café, vestiu-se, e dirigiu até Sauvie Island.

Era um dia lindo. O céu estava alto e brilhante. Estava tão claro que Archie podia ver a Cascade Range desde a ponte para a ilha. A maioria dos moradores de Portland amavam Sauvie Island. Situada entre o Rio Columbia, o Canal de Multnomah, e o Willamette, estava apenas a 16 quilômetros ao norte de Portland, mas tinha o seu próprio ecossistema de árvores, campos, áreas selvagens, praias, fazendas, casas, rios e charco. As pessoas iam lá para pegar framboesas, nadar no rio, caminhar, caçar, observar pássaros, e andar de bicicleta. Eles também iam lá para despejar corpos. As crianças se afogavam nas correntes ao largo da praia. Alguns anos antes, uma mulher tinha jogado os dois filhos pequenos da ponte para a ilha. Um morreu, o outro foi resgatado por alguém de uma das casas flutuantes que ouviu o que soou como um grito animal. Archie sentiu que nunca conseguia ver a ilha da forma como outras pessoas viam. Mas ele ainda poderia apreciá-la. Uma vez que você atravessava a ponte, parecia outro lugar, e ele gostava da maneira e da aparência dos campos e dos cavalos e das antigas fazendas.

Depois de uma boa conversa com Pennie na Associação Comunitária Sauvie Island, não foi difícil de encontrar o riacho com as árvores de carvalho ao lado do celeiro vermelho. Archie pegou à esquerda na saída da ponte e seguiu a Gilman Road por debaixo da ponte e ao longo do lado sul da ilha. Ele conhecia este caminho, pois era onde levava seus filhos, pelas plantações de abóbora e o labirinto de milho.

Ele encostou no marco de quilômetros que Pennie lhe falara e estacionou o carro. O riacho estava na propriedade agrícola, atrás de uma casa. Archie podia ver um pequeno bosque de árvores e um grande celeiro vermelho à distância. Parecia que não havia ninguém na casa da fazenda. As luzes estavam apagadas e não havia carros na entrada. Archie pulou a cerca de arame farpado e começou a andar. Quando ele chegou perto, o capim ficou mais alto. Estava acima de sua cintura, verde devido ao solo molhado. Ele avançou por ele sob as árvores. Estava quieto. Nenhum pássaro. O riacho era mais um pântano. A água parecia sombria e estagnada. Pequenas flores silvestres brancas surgiram nos lugares onde a grama não

cresceu. O chão era macio e molhado, fácil de cavar.

Ele não podia ver o seu carro a partir daqui. Algumas poucas ovelhas pastavam em um prado próximo. Nada se movia.

Archie sentou-se na base de uma árvore e esperou.

Depois de três horas ela apareceu.

Ela ainda o surpreendia.

Ele estava olhando para um pedaço de grama que tinha arrancado, torcendo-o em seus dedos, e, em seguida, olhou para cima e lá estava ela. Suas pernas estavam nuas. O vestido de algodão verde que ela estava usando era da mesma cor da grama. Ele se perguntou se ela tinha planejado isso.

“Você está esperando há muito tempo?”, perguntou Gretchen.

“Apenas algumas horas”, disse Archie.

Seu cabelo estava escuro agora, e puxado para trás. A maquiagem cobria qualquer mancha que ainda estivesse em seu rosto. Fora da camisola hospitalar, de vestido verde, seu corpo era curvilíneo e achatado em todos os lugares certos.

Ela tirou o par de grandes óculos escuros e arqueou uma sobrancelha. “Eu tinha que ter certeza que não era uma armadilha.”

“Não pense que eu não considere isso”, disse Archie.

Gretchen puxou uma correia e um corgi passeou pela grama e deixou-se cair ao lado de Archie.

“Eu penso em você mais como uma pessoa felina”, disse Archie.

“Era do Colin”, disse Gretchen. Ela agachou-se delicadamente do outro lado e passou a mão por toda a extensão das costas do corgie. “Ele matou a própria mãe, mas não conseguiu matar a porra do corgi”.

“Você matou Colin,” Archie apontou. “E não o corgi”.

Gretchen deu de ombros. “Colin estava tentando fazer com que eu o matasse há anos.” O corgi rolou sobre suas costas e olhou para Gretchen com adoração nos olhos castanhos. “O corgi queria viver”, disse ela, esfregando sua barriga.

“O que aconteceu entre você e Colin?”, perguntou Archie.

Gretchen ficou em silêncio por um momento. O vento moveu as folhas nas árvores acima deles. “Nós estivemos juntos por alguns anos”, disse ela. “E então eu o deixei.” Ela fez uma careta. “Ele se tornou um pouco difícil.”

“Eu que o diga”, disse Archie. Ela poderia ter matado Colin naquela época, deixá-lo inoperante, como ela fez com muitos de seus outros aprendizes. Ou ela poderia tê-lo matado quando ele começou a rotina de imitador. “Por que você demorou tanto?”, ele perguntou.

Ela nivelou seu olhar para ele. “Algumas pessoas são mais difíceis de matar do que outras”, disse ela.

Ele enrolou a folha de grama ao redor de seu dedo. “Você ouviu falar sobre

Melissa?”, perguntou.

Gretchen parou de acariciar o corgie. “Sim”.

As árvores formavam um dossel verde pálido. A luz do sol ainda manchando o riacho. Archie podia sentir a doçura fecunda da terra e da grama.

“Eu tentei salvá-la”, disse Archie.

“Ela teria sido presa”, disse Gretchen. “Foi provavelmente o melhor. Ela não teria ficado bem na prisão.”

“Não”, disse ele.

Ela levantou os olhos para ele, desafiando-o a dizer.

Todas as peças se encaixavam. A razão de Colin pensar que Gretchen viria para salvar Pearl. *Desta vez*, ele tinha dito. *Eu pensei que ela viria desta vez*. Gretchen não teve suas trompas ligadas até ter dezenove anos. *Ela diz que sua criança está em perigo*, o psiquiatra havia dito.

“Não Melissa”, disse Archie. “*Pearl*. Eu tentei salvar a sua filha.”

Seu rosto não se alterou. Não havia nenhum sinal de tristeza ou arrependimento.

“As pessoas morrem”, disse ela. “Você e eu sabemos disso mais do que a maioria.”

Archie esfregou os olhos. “A coisa sobre sua criança estar em perigo, eu pensei que fosse um de seus jogos. Mas isso sempre foi sobre Pearl. Os lírios que ele deixou nas cenas de crime. Lily. O nome que você deu a ela. Ele passou a matar adultos. Mas ele queria adultos puros, que fossem dignos o suficiente para serem salvos. Susan encontrou um anúncio que ele colocou no *Trib*. Foi assim que ele encontrou Gabby Meester. Alguém a indicou por suas boas ações. Mas ele matou Jake Kelly porque ele estava perto de Pearl.”

“Muito bem, detetive”, disse Gretchen.

O corgie virou-se em sua barriga e colocou a cabeça na coxa de Archie.

“Você tem que sentir alguma coisa”, disse Archie. Ele queria que ela sentisse alguma coisa. “Eu vi o que você fez com ele naquele quarto de motel. Você se importava com ele, mas você o massacrou pelo que ele fez com ela.”

“Eu desisti dela a um longo tempo atrás”, disse Gretchen.

No entanto, quando Archie teve seu primeiro encontro com Pearl, Gretchen tinha aparecido. Archie tinha pensado que ela estava observando-o.

“Você estava cuidando dela, porém, de sua própria maneira fodida”, disse Archie. Ele pegou outra folha de grama e olhou para ela. “Qual Beaton era o pai dela?”

Gretchen olhou-o de soslaio. “Nenhum”, disse ela. “Cheguei a St. Helens com esse pequeno projeto já em andamento.” Ela bufou. “Embora o velho Beaton rezasse para que eu abortasse. Uma espécie de aborto de fé.” Sua expressão endureceu. “O mundo ficou um pouco mais claro no dia em que eu o joguei pedaço por pedaço

naquele trem.”

“Você deveria ter me contado”, disse Archie. “Eu poderia ter feito mais para protegê-la.”

Ela olhou para longe, em direção ao prado.

Archie enrolou a folha de grama e atirou-a para o riacho. “Ela me deu um choque paralisante no ano passado.”

Gretchen voltou-se, sorrindo. “Eu acho que ela tinha um pouco de mim nela apesar de tudo.”

O corgie ganiu e apalpou a perna de Archie e ele estendeu a mão e coçou sua cabeça.

“Ela gosta de você”, disse Gretchen.

“Eu gosto de cachorros”, disse Archie. “Eles são relativamente simples.”

“Se eu tivesse dito a você, e você a salvasse, então todos saberiam”, disse ela. “Ela teria sabido. Imagine a sua vida.”

Archie estudou seu rosto. Empatia. Era uma coisa que os psicopatas não deveriam ter. Mas alguns deles ficavam muito hábeis em fingir. Ele não podia confiar em si mesmo com ela. Ele via coisas que não estavam lá. E ela o conhecia bem o suficiente para dar-lhe o que ele queria.

“Eu não posso imaginar”, disse ele. “O que é real para você.”

“Talvez seja por isso que você continua voltando. Talvez eu seja a única pessoa que você não pode entender.”

Archie pensou em Dusty Beaton, e quantas vezes, durante a obsessão da mídia com a Beleza Mortal nos últimos anos, ela provavelmente viu uma fotografia de Gretchen Lowell. Alguma vez teria conectado a serial killer na página central com a filha adotiva desajeitada que ela tinha tomado tantos anos antes?

“A Sra. Beaton sabe no que você se tornou?” Archie perguntou para Gretchen.

“Passei dois meses com ela”, disse Gretchen. “E floresci consideravelmente depois que sai”, acrescentou ela. “Mas a verdade é que eu acho que a velha puta não quis me reconhecer. Melissa era a chefe da polícia daquela pequena cidade. Ela não estava exatamente na clandestinidade. Eu vi sua fotografia em um jornal há quatro anos e eu sabia exatamente quem ela era. Dusty viu essas mesmas fotos de jornais, ela assistia ao noticiário local. Ela não conhecia sua própria filha. Aquela mulher sempre foi muito boa em não ver o que estava na frente dela. Na minha experiência, pessoas que mentem para si mesmas tanto tempo nem sequer sabem o quanto são cegas.”

Não foi até Gretchen dizer o nome de Melissa que Archie finalmente colocou a última peça do quebra-cabeça no lugar. “Tudo isso foi sobre Melissa”, disse ele. Ele tinha que dar crédito a Gretchen. Ela havia posto em marcha um conjunto complexo de eventos, e jogou com cada um deles perfeitamente. Mas Archie não

tinha sido seu alvo. “Você me mandou cavar o passado dos Beaton, sabendo a carnificina que surgiria, sabendo como Melissa reagiria. O destino de Pearl foi acidental. Você precisava de Melissa para tirá-la de lá. Você usou o resto de nós para levá-la a isso.”

“Melissa me devia”, disse Gretchen. “Ela sabia disso. Eu a ajudei a ver isso”.

“E Pearl?” Ela realmente significava algo para Gretchen, ou ela acabou sendo apenas uma isca?

“Eu não a amava”, disse Gretchen. Ela disse isso com naturalidade, sem malícia ou arrependimento. “Ela tinha dois anos.” Ela estava olhando através dele para algo distante. “E eu não poderia amá-la. Então, dei-a.” Ela inclinou a cabeça e se virou para ele. “Eu queria que ela tivesse uma vida.”

Ele procurou alguma coisa de Pearl nela, e ele podia ver algo na mandíbula e nas maçãs do rosto, no nariz delicado e na boca cheia. Um ano atrás, quando ele conheceu Pearl, ela tinha dezesseis anos, magra, jovial e com raiva. Aos dezessete anos, Pearl tinha crescido vários centímetros, desenvolvido curvas e preenchendo seu corpo de forma completamente diferente. Ela, como sua mãe, 'floresceu consideravelmente'.

“Você não matou nenhuma das crianças?”, perguntou Archie. “Aqueles que nós a acusamos de assassinar, as crianças mortas com a sua assinatura esculpida em seus peitos, aquilo era Colin tentando chamar sua atenção.”

“Isso é uma pergunta?”

“Sim”, disse Archie.

“Mentimos um ao outro o tempo todo, lembra?”, disse ela com um sorriso divertido.

“Diga-me”, Archie disse, “e eu vou acreditar em você.”

Ela olhou-o nos olhos. “Eu não matei nenhuma daquelas crianças.” Seu olhar era inabalável. Sua voz era firme. Não houve aumento do tom de voz, nem inquietação, nem pausas prolongadas ou piscar rápido. Nenhum dos sinais indicadores habituais.

Espere um minuto. “Nenhuma *daquelas* crianças?”, perguntou Archie. “Então você matou *outras* crianças?”

Ela franziu a testa. “Adolescentes contam?”

“Vamos dizer que não”, disse Archie imparcialmente.

Ela se inclinou para frente, até que seus rostos estavam a centímetros um do outro, os lábios dela quase tocando seus lábios, e ela arregalou os olhos. Archie adorava seus olhos. Eles eram tão azuis que quase brilhavam. “Então, eu sou tão inocente como uma rosa”, disse ela.

Ele acreditava nela.

Era, pensou ele, a primeira vez que ele se lembrava de acreditar em qualquer coisa que ela já tinha dito sobre qualquer coisa.

Sua respiração fez cócegas em seus lábios. “Como você sabia que eu estava dormindo com alguém?”, ele perguntou. Ele se perguntou o que faria se ela pressionasse sua boca contra a dele. Ele tentou não se mexer.

“Golpe de sorte”, disse ela. Ela levantou a mão e acariciou sua bochecha com as costas dos dedos. “Como eu disse, eu quero que você seja feliz.”

Ela se levantou, deu um puxão na coleira, e o corgi levantou e olhou para ela, sua atrofiada cauda abanando furiosamente. Archie podia ver a sombra de Gretchen na grama, o esboço de um ser humano, a menina que ela tinha sido.

“Adorei conversar com você, querido, mas eu tenho que correr. Encare isso, você tem sempre mais conteúdo quando está atrás de mim do que quando você me tem trancada. Eu acho que nós ainda vamos nos divertir muito.”

“Gretchen?”, disse Archie. Ela virou-se para trás. A brisa fez a grama vibrar e o vestido verde abraçar suas coxas. Archie desabotoou os três primeiros botões da camisa e empurrou a mão debaixo do pano, ao longo da cicatriz em forma de coração, até que seus dedos encontraram os pequenos pedaços de fita que seguravam o pequeno microfone no peito. Em seguida, ele puxou sua camisa para trás para que ela pudesse vê-lo. “Eu tenho uma confissão”, disse ele, segurando a camisa aberta para que ela pudesse ver o fio que ele estava usando.

Seus olhos se afastaram dele e vasculharam o perímetro. Eles estavam aqui há horas: FBI, a polícia do estado, a força tarefa de Archie, a SWAT. Eles tinham atiradores nas árvores. No raio de quatrocentos metros que Archie determinou, a área estava cercada. Todas as fazendas próximas foram evacuadas. O celeiro, a casa de fazenda escura – cada um estava cheio de agentes da lei. Naquele momento, Gretchen estava na mira de pelo menos dez rifles de alta potência. *Não pense que eu não pensei nisso.*

Por um momento, ele sentiu uma pontinha de arrependimento. Não porque ele preparou uma armadilha para ela - ela era uma assassina, ela merecia ser pega – mas porque ele tinha mentido para ela. Então ela virou-se para Archie, e piscou.

A explosão derrubou-o com força contra a árvore. Seja qual fosse o dispositivo, ela devia ter enterrado quando tinha desenterrado sua carteira e outros pertences. O chão na frente deles explodiu, enviando sujeira e pedras e lama pulverizada em todas as direções. A onda de choque ondulou debaixo de Archie como um terremoto. Aves dispararam gritando para o céu. O lamaçal espirrou. Folhas e galhos choveram das árvores. Archie se atrapalhou com a arma. Ele não podia vê-la. Havia uma parede de dor na cabeça, onde ele bateu com o crânio contra o tronco da árvore atrás dele. Seus ouvidos zumbiam. Suas roupas e rosto foram salpicados de lama. Ele tentou se levantar e caiu de volta para baixo e, depois, tentou novamente. O ar estava tão cheio de folhas que ele não podia ver. Ele sentiu alguém ao lado dele, segurando-o para cima. Era Henry.

“Você está sangrando”, disse Henry. “Continue sentado.”

“Onde ela está?”, perguntou Archie. Suas pernas eram geleia. As solas de seus sapatos escorregavam na lama. Então, ele podia ver as pessoas ao redor dele. Uniformes. Casacos do FBI. Coletes à prova de bala. Rádios crepitavam. Sua visão vacilou e ele deixou Henry tirar a sua mão do coldre e baixá-la de volta em segurança na terra. Os dentes de Archie doíam. Ele podia sentir seu próprio sangue na boca, onde ele tinha mordido a língua.

“Nós vamos encontrá-la”, disse Henry.

Ela tinha escapado.

Colin não aprendeu sozinho a fazer a bomba que tinha amarrado no reverendo, ele aprendeu a fazer a bomba com Gretchen. E agora ela tinha feito uma sozinha.

Archie levantou-se. “Eu estou bem”, disse a Henry. Manteve-se de pé, mantendo uma mão no tronco da árvore, ele examinou os prados, o riacho, a fazenda.

Havia uma ponte entre a ilha e o continente, e ela tinha sido isolada imediatamente. Mas havia água por todos os lados, e um barco poderia tirar alguém muito rápido.

Um helicóptero decolou de trás do celeiro e começou um padrão de busca por cima, achatando a grama longa e arrancando mais folhas em espiral das árvores. Os joelhos de Archie dobraram novamente e Henry o ajudou a voltar para o chão.

“Eles não vão encontrá-la”, Archie se ouviu murmurar.

Henry limpou um coágulo de lama no rosto de Archie. “Uma ambulância estará aqui em 10 minutos”, disse.

“Eu não preciso de uma ambulância”, disse Archie. As folhas no ar estavam estonteantes. Elas giravam ao redor como confete. Archie viu uma flutuando, deslizando suavemente de um lado para o outro até que pairou no ar ao lado dele, e então ele a pegou com sua mão suja. “Eu estou bem”, disse ele.

Ele ouviu um latido de cão, e olhou para cima. Em seguida, balançou a cabeça e riu.

“O que há de errado com você?” Henry perguntou.

“Ela me deixou o cachorro”, disse Archie.

Um policial de patrulha de cabelos vermelhos, chamado Whatley, apareceu com o corgi em uma guia.

“Encontramo-la no banco traseiro de seu carro, senhor”, disse Whatley para Archie. “As janelas estavam quebradas”, disse ele. “E nós encontramos isso.” Ele segurou um bilhete dobrado para Archie.

Archie abriu o bilhete. Foi escrito à mão na escrita perfeita de Gretchen.

Querido - algo para se lembrar de mim.

Archie mostrou a nota para Henry. Claire surgiu ao lado de Henry, enquanto ele estava lendo e passou o braço pelo dele. Foi um gesto informal e suave, mas para

eles foi uma exibição descarada de carinho público. Archie não pôde deixar de sorrir.

“Parabéns”, disse ele.

“Sério?”, disse ela. “Agora?”

O corgi latiu novamente. Archie ergueu a mão e Whatley colocou a alça da guia em sua mão. Ela se aproximou e se estendeu ao longo do comprimento da coxa de Archie e colocou a cabeça em seu joelho. Seu pelo estava salpicado com lama, também, e numa de suas orelhas tinha sangue. Ela gemia e Archie acariciou sua cabeça. Archie podia sentir o sol no rosto. As folhas que tinham chovido das árvores tinha coberto tudo com uma camada de verde brilhante.

“Nós estamos melhor sem ela”, disse ele.



TRADUÇÃO, REVISÃO E FORMATAÇÃO EPUB



AGRADECIMENTOS

Minha mãe, Maria Caim, me deu um grande presente quando eu era criança. Ela não levantou uma sobrancelha quando eu anunciei que estava escrevendo um livro. Eu escrevi um monte de "romances" no meu quarto. E eu provavelmente teria desistido se ela tivesse apontado o fato óbvio de que eu era uma criança e necessitava de orientação e devia praticar esportes. Hoje em dia é o meu grupo de escrita que me motiva: Chuck Palahniuk, Lidia Yuknavitch, Monica Drake, Cheryl Strayed, Mary Wyson-Haeri, Suzy Vitello, Diana Jordan e Erin Leonard. Sim, nós ainda nos reunimos semanalmente. Meu editor, Kelley Ragland, sempre faz meus livros ficarem melhores. E meu marido, Marc Mohan, é sempre a primeira pessoa a ler um manuscrito do início ao fim. Marc, eu acho que estou finalmente aprendendo a diferença entre Steel-aço e steal-roubar. Nossa filha, Eliza Fantastic, já está escrevendo livros por conta própria, embora "autor" está vários níveis abaixo de "dono de restaurante" em sua lista de aspirações. Eliza, este é o livro que eu estava trabalhando no sótão no verão anterior ao seu primeiro grau. Agradeço também ao meu agente, Joy Harris, e sua excelente equipe na Agência Literária Joy Harris, e para todos da St. Martin Minotaur, com um agradecimento especial a Andrew Martin, George Witte, Sally Richardson, Matthew Shear, Matt Baldacci, Matt Martz, Hector Dejean, e Nancy Trypuc. E, Ryan O'Neill, considere este o seu reconhecimento. Desculpe, eu deixei de fora um de seus "L's" no último livro. Por fim, agradeço a todas as pessoas que leem os reconhecimentos. Você sabe quem você é.

Sobre a Autora



Os primeiros cinco romances de CHELSEA CAIN com o detetive Archie Sheridan foram todos best-sellers conforme o New York Times. Além disso, é autora de Confissões de uma Adolescente Detetive, uma paródia baseada na vida de Nancy Drew, e vários títulos de não-ficção, ela nasceu em Iowa, cresceu em Bellingham, Washington, e agora vive em Portland, Oregon.

Visite-a em www.chelseacain.com